[illegible]

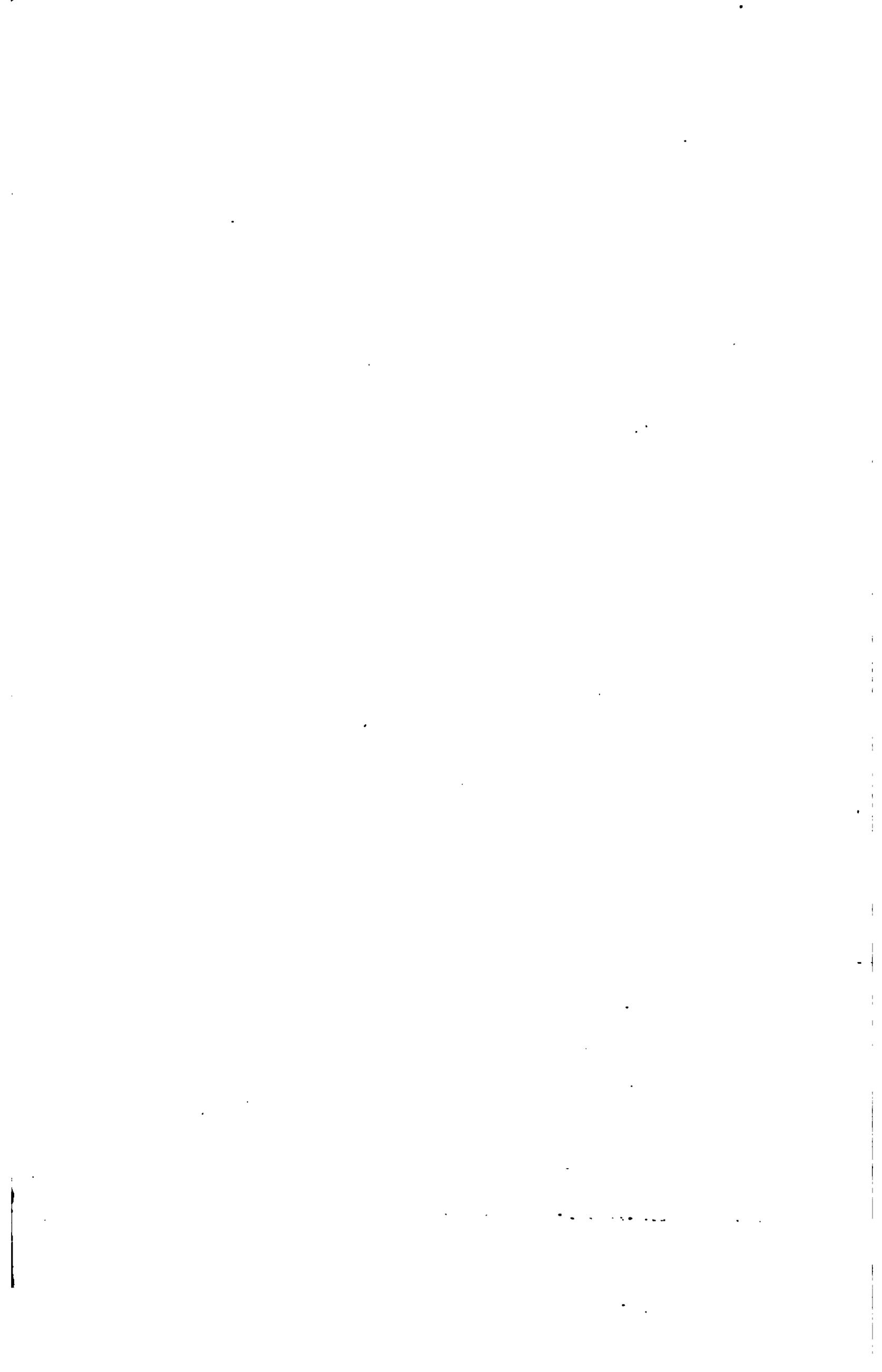
do Rio de Janeiro

Offerece o editor

ouvidor 97

OBRAS DE SENIO

O TRONCO DO IPÊ

TOMO I

SENIO

O TRONCO DO IPÊ

ROMANCE BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO

EDITOR PROPRIETARIO

B. L. Garnier. — Rua do Ouvidor n. 69

1871

I.

O FEITICEIRO

Era linda a situação da fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão.*

As aguas magestosas do Parahyba, regavam aquellas terras fertilissimas, cobertas de abundantes lavouras e extensas mattas virgens.

A casa de habitação chamada pelos pretos *casa grande*, vasto e custoso edificio, estava assentada no cimo de formosa collina, d'onde se descortinava um soberbo horisonte.

Assomava ao longe, emergindo do azul do céo, o dorso alcantilado da *Serra do mar*, que

ainda o cavallo a vapor não escarvara com a ferrea ungula.

Das abas da montanha desciam como sanefas e bambolins de verde brocado, as florestas que ensombravam o leito do rio.

A's vezes tardo e indolente, outras rapido e estrepitoso com a crescente das aguas que o entumeciam, assemelhava-se o Parahyba na calma, como na agitação, á uma python anti-diluviana colleando atravez da antiga selva brasileira.

Nas fraldas da collina á esquerda estavam as fabricas e casas de lavoura, a habitação do administrador da fazenda e as senzalas dos escravos. Todos estes edificios formavam um vasto parallelogramo, com um pateo no centro; para este pateo, fechado por um grande portão de ferro, abriam os cubiculos das senzalas.

Mais longe, derramados pelo valle, viam-se o monjolo, a bolandeira, o moinho, a serraria, tocados pela agua de um ribeiro que serpejava rumorejando entre as margens pedregosas.

A' direita da casa, onde se erguia a alva capellinha da fazenda, sob a invocação de Nossa Senhora, a collina declinando com suave depressão ia morrer ás margens do Parahyba. Desse

lado encontrava-se o jardim, o pomar, a horta, e varios sitios de recreio arranjados com muito gosto.

Si a natureza brazileira, toucada pela arte européa, perdia alli a flôr nativa e a graça indigena; em compensação tornava-se mais faceira.

Tudo isso desappareceu ; a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* já não existe. Os edificios arruinaram-se ; as plantações em grande parte ao abandono morreram suffocadas pelo mato ; e as terras, afinal retalhadas, foram reunidas a outras propriedades.

A gente do logar, tanto os fazendeiros e ricaços, como os simples roceiros e aggregados se preoccuparam muito durante algum tempo com o desamparo em que o dono deixava uma fazenda tão fertil e aprazivel.

Alguns attribuiam o facto singular ás seducções da côrte ; e protestavam interiormente não casar suas filhas com homem habituado ás delicias da Babylonia fluminense.

Outros que melhor conheciam o dono da fazenda abandonada desconfiavam de alguma questão de familia, e fallavam de certas complicações a respeito da herança do antigo proprietario.

A gente pobre inclinava-se mais á explicação de umas tres ou quatro beatas do logar. Segundo a lição das veneraveis matronas, a causa do desmantello e ruina da rica propriedade fôra o feitiço.

A fazenda do *Boqueirão* era mal assombrada; e em prova do que affirmavam, além de umas historias de almas de outro mundo, cem vezes resmoneadas entre os costumados biocos; mostravam de longe a cabana do pai Benedicto.

Esse argumento era peremptorio. Assim nenhum dos moradores passava naquelle sitio, que não estugasse o passo ou esporeasse a cavalgadura lançando um olhar de esguelha á velha cabana de sapé, e sentindo os cabellos se irriçarem com um subito calafrio.

Os espiritos fortes não faziam caso dessas abusões ; mas arranjavam-se de modo que nunca tinham necessidade de passar naquelles sitios depois do lusco-fusco ; salvo quando levavam bôa e alegre companhia.

E' natural que já não exista a cabana do pai Benedicto, ultimo vestigio da importante fazenda. Ha seis annos ainda eu a vi, encostada em um alcantil da rocha que avança como um promontorio pela margem do Parahyba.

Sahia d'ella um negro velho. De longe, esse vulto dobrado ao meio, parecia-me um grande bugio negro, cujos longos braços eram de perfil representados pelo nodoso bordão em que se arrimava. As cans lhe cubriam a cabeça como uma ligeira pasta de algodão.

Era este, segundo as beatas, o bruxo preto, que fizera pacto com o *Tinhoso*; e todas as noites convidava as almas da vizinhança para dansarem embaixo do ipê um *samba* infernal que durava até o primeiro clarão da madrugada.

Sabiam as matronas até o nome das almas do outro mundo que frequentavam a cabana do pai Benedicto, e tinham a honra de ser convidadas para o batuque endemoniado á sombra do ipê.

Havia quem as tivesse visto e reconhecido, quando se dirigiam, com trajo de phantasma em grande gala, para a morada do bruxo, *sub-delegado* de satanaz. Bem se vê que a autoridade policial da freguezia não estava nas boas graças das matronas.

Ignorante das relações intimas que entretinha o habitante da cabana com o principe das trevas; tomei-o por um preto velho, curvado ao peso dos annos e consumido pelo trabalho da lavoura;

um desses veteranos da enchada, que adquiriram pela existencia laboriosa o direito á uma velhice repousada, e costumam inspirar até a seus proprios senhores um sentimento de pia deferencia.

O pai Benedicto descera a rocha pelo trilho, que seus passos durante trinta annos haviam cavado, e chegou ao tronco decepado de um ipê gigante que outr'ora se erguêra frondoso na margem do Parahyba. Pareceu-me que abraçava e beijava o esqueleto da arvore; depois sentou-se com as costas apoiadas no tronco; ahi ficou aquecendo-se ao sol do meio dia como um velho jacaré.

Approximei-me para pedir-lhe agua mais fresca do que a do rio. Mostrou-me um fio crystalino que manava da rocha viva e deu-me excellentes limas e laranjas.

Curioso de ver de perto o tronco do ipê, que o preto velho tratara com tanta veneração, descobri junto ás raizes pequenas cruzes toscas, ennegrecidas pelo tempo ou pelo fogo. Do lado do nascente, n'uma funda caverna do tronco, havia uma imagem de Nossa Senhora em barro, um registro de S. Benedicto, figas de páo, fei-

tiços de varias especies, ramos seccos de arruda e mentruz, ossos humanos, cascaveis e dentes de cobras.

— Que quer dizer isto, pai? perguntei-lhe eu apontando para as cruzes.

O velho só abriu os olhos, toscanejando, e murmurou com a voz cava:

— Boqueirão!...

Como bem se presume não entendi.

— Você vive só n'este logar?

Levantando as mãos, invocou o céo em testemunho de seu isolamento; e outra vez resmoneou como um echo roufenho:

— Boqueirão!...

Dessa vez julguei comprehender. O velho estava caduco.

Acommodei-me á sombra sobre a relva para esperar que o sol descambasse. O preto de seu lado, como um instrumento perro a que houvessem dado corda, começou a cantilena soturna e monotona, que é o eterno soliloquio do africano. Essas almas rudes não se comprehendem a si mesmas sem fallar para ouvirem o que pensam.

A brisa trazia-me por lufadas trechos da

cantilena, a que eu procurei, mas em vão, ligar um sentido.

O sino de uma fazenda soôu ao longe repicando meio dia. O preto velho ergueu-se a custo e com o passo tropego e lento seguiu por um espinhaço do proximo rochedo que vinha serpejando como uma grossa raiz, morrer á alguns passos do tronco do ipé. Acompanhei com os olhos o seu andar vacillante sobre o dorso aspero da pedra, até que sumiu-se n'uma garganta do fraguedo.

Já tinha esquecido o preto e pensava nos cuidados que deixara no Rio de Janeiro, quando feriu-me o ouvido uma voz cava e profunda que proferia estas palavras :

— Perdôa, perdôa !...

O mais estranho era que as palavras sahiam das entranhas da terra, e rompiam mesmo do chão que eu pisava. Si não fosse meio dia, a hora dos esplendores e das maravilhas da creação, talvez meu espirito se deixasse levar das superstições que infestavam o lugar. Mas feitiçaria com o sol a pino, e a natureza a sorrir, pareceu-me um contra-senso.

Algumas velhas raizes do ipé, resurgindo á

flôr da terra, como succede com as arvores annosas, tinham sido carcomidas pelo caruncho; e formavam brocas profundas que se entranhavam pelo solo. Quando eu fazia essa observação, conjecturando que as palavras talvez houvessem partido desse tubo natural; ouvi outra vez a voz subterranea que reboava:

— Perdôa, perdôa, senhor!

Além de confirmar a primeira observação, conheci que a voz era do preto, e transmittia-se por um phenomeno natural proveniente da construcção geologica do sitio. Seguindo a direcção que tomara o pai Benedicto, fui achal-o mettido em uma especie de furna que havia no rochedo, inclinado ou quasi cahido de bruços sobre uma pedra humida, coberta de limo e parasitas.

Ainda os labios grossos e tremulos do ancião balbuciavam as mesmas palavras que eu ouvira; e as repetiram por muito tempo até que ali ficou extatico e immovel.

Que mysterioso crime se commettera naquelle sitio, para o qual tantos annos passados ainda o negro velho implorava o perdão á memoria de seu fallecido senhor?

Mal sabia eu então que assistia ao epilogo melancolico de um drama, que mais tarde teria de desvendar.

II

O PASSEIO.

Na manhã de 15 de janeiro de 1850, sahia da *casa grande*, na fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão*, um grupo de tres crianças, acompanhadas por duas mucamas e um pagem agaloado.

Eram duas meninas de onze a doze annos, e um menino de quinze.

— Vem, Adelia; disse uma das meninas convidando a outra a acompanhal-a na corrida.

— Não gosto de correr!

— Nhanhã Alice, olhe o que sinhá recommen-

dou! disse por desencargo de consciencia uma das mucamas, que se deixou ficar bem tranquilla.

— Ella não faz caso!.. murmurou com indifferença o menino observando a corrida de Alice.

— Você bem viu, nonhô Mario, quando sinhá recommendou que não corresse. Não foi? Depois... Ai! Eufrosina é que teve a culpa.

— Iaiá Adelia, é que não gosta destas cousas: accodiu outra mucama. Lá de uma polka ou de um galope, no baile, isso sim; não é iaiá?

Adelia suspirou:

— Ah! O meu querido Rio de Janeiro!

— Ali é que se póde viver! tornou a mucama.

O pagem que vinha se requebrando com desejo de encartar sua palavrinha disse:

— A ultima vez, que estive lá com meu senhor barão nos divertimos muito.

— Sae-te daqui, Martinho! Quem conta com moleque; disse a Eufrosina; e depois de inflingir essa correcção ao pagem, voltou-se para a collega, mucama de Adelia. Mas Felicia, isso de baile sempre, sempre, tambem cança.

— A mim, não cança; respondeu Adelia com uma voz cheia de melodias.

— Pois a mim aborrece-me! asseverou Mario com ar importante.

— E' porque ainda não viu!

— O barão tem dado muitos, ainda ultimamente nos annos de...

O menino parou como si o labio lhe recusasse a palavra; e com um meneio da fronte designou a direcção em que sumira-se a outra menina.

— Nos annos de nhanhã Alice! acodiu Eufrosina completando o pensamento.

— Mas... acodiu Felicia hesitando; e trocou um olhar com Adelia.

Mario sorprehendeu esse olhar:

— Entendo...

— Meu padrinho é muito rico, atalhou Adelia; mas o baile do Cassino!...

— E' verdade; o baile do Cassino! repetiu a mucama como um echo.

— Entendo, continuou Mario; ha mais luxo, mais riqueza; e portanto mais impostura e mentira.

A mucama deu um muxocho, que obrigou o menino a medil-a de alto á baixo.

Adelia chegou-se a Mario; e pousando-lhe a mão no braço, disse com um sorriso encantador.

— Deixe estar que ainda havemos de dansar uma contradansa no Cassino? Quer ser meu par?

E' escusado advertir que nem Adelia, nem Felicia, tinham assistido ao Cassino; mas como a mãi da menina frequentava essa sociedade, e ellas a viam muitas vezes preparada para o baile, fallavam como quem tivesse perfeito conhecimento da cousa.

Nesse momento Alice aproximava-se de volta da corrida, e ouvira as ultimas palavras da amiguinha:

— Mario não dansa.

O menino lançou-lhe um olhar frio:

— Com certas pessoas!

— Comigo, não é?

— Principalmente.

— Muito obrigada; respondeu Alice com um sorriso.

— Não tem de que; não me deve nada.

— Está bom; não vão brigar: acodiu Adelia com meiguice.

— Não tenha susto, Adelia! Eu não me zango com elle.

— Não vale a pena!

Não se póde exprimir a amarga ironia com

que Mario pronunciou estas ultimas palavras. Sua mão crispada por um movimento de colera, cahiu sobre o tronco de um arbusto e espedaçou-o.

Alice afastou-se com timidez, enlaçando o braço pela cintura de Adelia.

— O homem está zangado, mesmo deveras! observou o pagem.

— Deixal-o! disse a Eufrosina.

— Estes meninos da roça são mesmo assim. Está que na côrte a gente não vê destas cousas. Meninos tão bem ensinadinhos, que é um gosto!

Esta profunda observação á respeito da educação dos meninos fluminenses partiu como já se presume da Felicia, criola carioca, das mais pernosticas e sacudidas como dizia o Martinho, pagem do barão.

Mario não ouviu estes commentos á respeito da sua zanga repentina e inexplicavel. Desviando-se da alléa do jardim, por onde seguiam os outros, isolou-se do grupo; e por algum tempo não fez outra cousa, sinão fustigar as folhas e flores, com um pedaço do arbusto que lhe ficara nas mãos. Parecia deleitar-se com essa destruição; á medida que as rosas mais lindas juncavam o chão desfolhadas, a phisionomia do tra-

vesso rapaz adquiria a fria placidez, que era sua expressão ordinaria.

Entretanto as duas meninas atravessavam o jardim.

Alice, a mais esbelta das duas, tinha certa vivacidade e petulancia que revellavam a flor agreste, cheia de seiva, e habituada á se embalar ao sopro da brisa, ou á beber a luz esplendida do sol. Seus cabellos de um louro cendrado, encrespando em opulentos aneis, voavam-lhe pelas espaduas, e ás vezes com a mobilidade da gentil cabeça escondiam-lhe o rosto como um véo. Nessas occasiões com um simples e gracioso meneio da fronte ella atirava sobre os hombros a nuvem fragrante que lhe sombreava o rosado das faces.

Quem lhe via os grandes olhos velutados de azul, sempre limpidos e serenos, e os labios mimosos sempre em flor; comparava naturalmente essa alma pura a um lago sereno engastado em um berço de boninas e cuja onda limpida é apenas frisada pela aza diaphana do silpho, pela petala da flor ou pelo suspiro da aragem.

Seu passo era agil, rapido e subtil como o passarinho, de que tinha a volubilidade e a gentile-

za. Ella desferia de si ao mesmo tempo tres movimentos; cantava, corria e dançava.

Adelia, de talhe menos delgado, parecia comtudo mais elegante; suas fórmas harmoniosas tinham a graça da rosa nascente. Havia em sua belleza um certo ar de languidez, que se nota nas flores dos jardins, assim como nas moças creadas sob a atmosphera enervadora da cidade.

Ao contrario da amiguinha, ella trazia os cabellos negros presos em uma rede de fios de ouro, e toucados com certo esmero. Si algum annel se escapava para brincar-lhe na face, a mãosinha mimosa calçada por fresca luva côr de pinhão, movia-se com um gesto mavioso de infinita graça, e restituia o captivo rebelde á sua doce prisão.

Os labios não sorriam á miude; ao contrario pareciam preferir a seriedade, que punha em relevo a extrema perfeição da boca, e davam-lhe certo ar de faceira gravidade, encantador naquellas feições de doze annos. Quando porém o sorriso lhe enflorava os labios, era como si uma aureola de graça e esplendor lhe cingisse a fronte.

A mesma differença se notava nos trajos das duas meninas, embora fossem feitos na côrte, da

melhor fazenda, e pela mesma modista. O vestido de popelina azul da primeira era como o hymen que fecha o botão e não o deixa abrir-se em flor. O vestido da outra, de sarja verde com enfeites de velludo castanho, era ao contrario o calix delicado da flor que se espandia em toda a louçania.

Adelia trazia um mimoso chapellinho de sol da mesma côr do vestido, e um leque de aspas de marfim: seu pesinho, calçado com uma botina de duraque, pisava a relva ou as folhas com tanta delicadeza como si roçara pelo mais fino tapete.

Alice, essa não tinha nem umbella nem leque: seu rosto afrontava os raios do sol, como o seu cothurno de cordovão calcava as asperezas do caminho. Para abrigar-se do sol ella trazia apenas um chapéo de palha de abas largas, mas em vez de pol-o á cabeça, tinha-o suspenso ao braço esquerdo pelas fitas transformando-o assim em uma especie de açafate, destinado a receber flores, fructos, cocos, besouros, pedrinhas e toda a mais abundante colheita do passeio.

Quem visse as duas meninas, acharia sem

duvida mais bonita Adelia, porém gostaria muito mais de Alice.

Mario, esse não era bonito sobretudo para sua idade. Tinha uns olhos pardos muito grandes e profundos; nariz aquilino: e boca sempre ligeiramente frisada por um impertinente desdem. O talhe era bem comformado; e seria elegante si não fossem o andar rijo e os movimentos bruscos.

Quando se observava aquelle menino e via-se o meneio altivo com que elle atirava a cabeça sobre a espadua, o gesto frio e compassado, a ruga precoce que lhe sulcava o sobrolho e a expressão desdenhosa do labio crespo, não se podia o observador eximir á um sentimento de repulsa. Parecia que essa creança de quinze annos já se julgava com direito de despresar o mundo, que nem conhecia, e os homens de que elle era apenas um projecto.

Entretanto com a continuação do exame aquelle sentimento de repulsa diminuia. Havia nessa phisionomia um quer que seja que atrahia máo grado; advinhava-se na fronte larga uma intelligencia vigorosa; e vinha como um vago presentimento, de que a expressão es-

tranha de seu rosto não era outra cousa sinão o confrangimento dessa alma superior.

O trajo do menino embora novo e aceiado, indicava logo de primeira vista, pelo córte como pela fazenda, que havia entre elle e as duas companheiras de passeio muita differença de posição e fortuna.

III.

ESPINHO DE ROSA.

Alice, sob pretexto de mostrar certa rosa muito bonita a Adelia, fizera uma volta com disfarce para approximar-se de Mario, que se isolára do grupo.

A menina conhecia o companheiro e sabia que si não se reunissem a elle, deixando passar desapercebido o incidente, Mario com certeza abandonaria o passeio projectado, e sumir-se-hia pelo resto do dia.

— Olha, Adelia! Não é tão bonita?

— Muito! Parece uma flôr de setim!

A flor que as duas meninas admiravam com tanto enthusiasmo, era uma variedade da rosa-

musgo, que ou por capricho da natureza, ou por um processo de jardinagem, reunia o avelludado das folhas da camelia ao gracioso das petalas crespas e fragrantes da outra especie.

— Onde ficará melhor, no cabello ou no seio? perguntou Adelia.

— No seio, iaiá, é mais da moda! acodiu a Felicia, como quem na materia fallava de cadeira.

— Quero uma!

Tendo manifestado o seu desejo, Adelia voltou-se para Mario, com certo modo senhoril. O menino comprehendeu; quebrou o talo de uma das rosas mais bonitas, e lh'a deu; não como acto de galanteria, mas simplesmente como uma fria condescendencia.

— Ai! Tem tanto espinho! gritou Alice retirando a mão que tentara colher outra rosa.

Mario ficou impassivel.

— Tire uma para Alice; disse Adelia.

— Denguices! murmurou o menino.

— Denguices!... Veja!

E Alice mostrou queixosa a ponta mimosa do dedo, onde burbulhava uma gotta vermelha.

— Ahi está o que nhanhã queria, era isso mesmo.

— Não é nada, Eufrosina. Um bocadinho d'agua; disse o pagem correndo para o repuxo.

Mario tinha tirado uma segunda rosa, mas não se resolvia a da-la á Alice; foi preciso que esta entre um sorriso e um receio lh'a tirasse da mão timida. O menino ficára immovel e pallido, com os olhos fitos na gotta vermelha que borbulhava no dedo de sua companheira. De repente apoderando-se da mãosinha mimosa com um gesto arrebatado, sugou o sangue até estancalo como faziamos nós em criança quando nos feriamos em alguma travessura.

Alice olhava-o sorrindo e já esquecida da dôr. Encontrando o olhar da menina, Mario com o mesmo arrebatamento largou-lhe a mão; e envergonhado, quasi arrependido do que fizera, continuou a fustigar os arbustos, applicando tambem por diversão uma cipoada nas canellas do Martinho.

A menina trançando a rosa nos cabellos, disparou em nova corrida.

— Nhanhã Alice, onde vae? Olhe o que já succedeu!

— E' escusado, disse Mario. Não se emenda. Quanto mais você gritar mais ella corre.

— Gosto de correr! Que tem isso agora? exclamou Alice voltando-se.

As crianças deixaram o jardim, atravessaram a horta, e entraram no vasto e sombrio pomar.

Seriam dez horas da manhã; fazia um bello dia de sol, mas bafejado por fresca viração. As aguas do rio tinham a côr e o brilho da esmeralda; o céo estava acolchoado desse azul diaphano e macio, onde o olhar repousa deliciosamente, como em cochins de seda.

Um enxame de passarinhos de diversas côres esvoaçava chilreando entre as larangeiras; e no meio desse concerto harmonioso, destacava como a rutilação do diamante entre as scintillações do cristal, a nota opulenta e sonora do sabiá; longe, formando o sombreado da esplendida melodia, resoava a endeixa plangente da jurity.

As crianças, e mais ainda os escravos, conservaram-se completamente indifferentes á belleza desse quadro, que a natureza tropical coloria ao mesmo tempo de luz e harmonia.

Naquella idade, e naquella condicção, de

ordinario o sentido preponderante é o do paladar; por isso de todas as magnificencias da vegetação vigorosa, o que elles viram e admiraram, foi o dourado das bellas laranjas selectas; o rôxo dos figos e abacates; o vermelho dos bagos da romã; o amarello das goiabas e araçás; o preto das uvas e jaboticabas temporans; e o louro acerejado das mangas, que rescendiam.

Alice quiz por força trepar em uma goiabeira para colher um cacho de uvas da alta parreira. Houve porém desta vez uma opposição geral á travessura.

— Nhanhã, isto são modos? Tomára que sinhá saiba; exclamou a Eufrosina.

— Onde já se viu uma menina trepar nas arvores? No Rio de Janeiro só quem faz isso é menina á tôa! observou a Felicia.

O pagem tambem sahiu-se:

— Eu tiro, nhanhã; diga o que quer, que eu tiro. Uma moça faceira tem seu pagem para servir a ella.

— Não trepe, Alice; não é bonito; estraga as mãos e póde romper seu vestido; disse Adelia.

Mario limitou-se á sua habitual ironia:

— Ora !... Deixe trepar não faz mal ! E' filha de barão... não cahe... tem muito dinheiro !...

Alice foi obrigada a renunciar á seu projecto e resignou-se a comer as uvas tiradas pelo pagem, o que as tornou muito menos gostosas.

Ha nada para uma criança que se compare ao prazer de saborear uma fructa adubada com o sainete da travessura ?

A travessura é a pimenta do reino, que os meninos deitam em seu melão, esse pepino doce, essa indigestão natural que a terra, mãi carinhosa, tem o cuidado de preparar para os estomagos desejosos de emoções fortes.

Eu comparo o estomago que digere um melão, ao Hercules da mythologia esmagando a hydra de Lerna; ao celebre caçador goiano que estrangulou um tigre com as mãos; e a meu patricio capitão-mór Filgueiras, esse heróe das lendas cearenses, que abatia um touro com um murro; trazia um canhão por bacamarte, e finalmente suspendia o seu possante cavallo agarrando-se á um galho de gamelleira com os pés traçados por baixo da barriga do animal.

Era justamente um melão, que Alice lobri-

gara longe, no meio da folhagem. Lançar fóra as uvas, correr para a fructa e trazel-a; foi movimento tão rapido, que os outros só o perceberam, quando a viram de volta abraçada com o melão.

— Nhanhã, para que este melão?

— Para comer, Eufrosina! Que pergunta!

— Eu vou chamar, sinhá; porque só ella póde com nhanhã.

Entretanto Alice procurava abrir o melão, batendo contra a ponta de um ramo quebrado.

— Uma menina, Felicia, que não póde tocar em fructa, que não adoeça; vae logo comer melão!

Adelia, apezar de sua delicadeza de menina cortezã, não pôde esquivar-se á tentação das bellas fructas. Quando o pagem Martinho lhe trazia alguma goiaba ou figo; ella segurando-a na pontinha dos dedos enluvados, voltava-se para a mucama:

— Fará mal, Felicia?

— Deixe ver, iaiá.

A Felicia tomava então a fructa, que cheirava e abria ao meio comendo uma banda dava a outra a Adelia:

— Póde comer, iaiá! Está muito gostosa.

Naturalmente a Felicia alguma vez, escutando á porta da sala, ouvira dizer que o medico dos soberanos tinha por encargo do officio provar as regias iguarias antes de serem servidas á seu amo. Na sua qualidade de mucama, incumbida de velar sobre a formosura e o bem estar da menina, ella considerava-se obrigada a partilhar com a iaiá, todas as golozinas.

A respeito dos presentes de festa, o encargo da mucama era ainda mais pesado: ella tinha como dever comer o mais depressa possivel os confeitos e amendoas, para esvasiar as caxinhas, que Adelia destinava ás roupas das bonecas.

— Quer um pedacinho, Adelia? perguntou Alice devorando o melão.

— Não; respondeu a amiguinha com um gesto de espanto.

De repente ouviu-se uma voz gritar do alto:

— Quem quer jambo? Lá vae!

Sorpresos, só então perceberam todos que Mario se havia sumido.

Tendo discorrido um momento pelo pomar,

mirando as fructas e visitando com o olhar os ninhos seus conhecidos; o menino sacudiu o corpo com um movimento semelhante ao do cysne ou outro passaro aquatico, que depois de mergulhar arrufa as pennas para expellir as gotas d'agua.

Então com um geito rapido atirou sobre a relva o chapéo de feltro escuro e o jaleco de brim; deu um salto para agarrar um ramo; e grimpou pelos galhos das arvores com a ligeireza do macaco.

Depois de muitas evoluções arriscadas pelos mais altos ramos; o menino passara da copa de uma jaqueira para o cimo de um jambeiro, caminhando sobre um galho quasi horisontal, sem procurar o menor apoio com as mãos, que elle estendera para manter o equilibrio.

Advertidas pelo grito, as meninas descobriram o companheiro suspenso nas grimpas do jambeiro, quarenta palmos acima do chão.

— Humh!... Aquelle quando começa, tem que se lhe diga! resmungou o pagem.

Adelia sentiu uma vertigem de ver o menino em tão grande altura. Alice ao contrario bateu palmas áquella travessura, que ella não

poderia fazer, mas applaudia nos outros. Soltando gritosinhos de prazer, começou a pular sobre a relva, apanhando os jambos que Mario atirava.

— Gente! Este mocinho é doudo! murmurou a Felicia.

— Desça, eu lhe peço! disse Adelia, cobrindo os olhos com a mão.

— Quem é que póde com aquelle menino?...

— Nem sua mãi delle!

— Nem o pai, si fosse vivo! Olhe, Felicia, ninguem imagina, não... Você já viu assim um cabritinho, que está amarrado todo o dia e que se solta de tarde... Lá vae.. prum, prum, prum, saltando, que ninguem mais lhe põe a mão em cima,.. Pois olhe, é mesmo como o bixinho.. Ohi!...

Esta vigorosa interjeição, com que a Eufrosina acabou dramaticamente a sua comparação poetica do cabrito, foi arrancada por uma jaca madura, que esborrachando-se na cabeça, cobrira-lhe toda a cara, pescoço e hombros, de bagos amarellos.

— E' para te adoçar a lingua! disse a voz sarcastica de Mario.

— Ih ! Que marmellada !.. gritou o pagem.

O menino ouvira as palavras da mucama, e ali mesmo ao alcance da mão achára a sua vingança.

A figura de Eufrosina, coberta de bagos de jaca, era a mais grotesca possivel. Assim Alice não se conteve; as volatas de sua risada argentina repercutiram pelo pomar, e se casaram ao canto dos passarinhos.

— Ora vejam só! dizia a mucama, si isto não é mesmo para a gente fazer uma... Depois, ai! que Eufrosina é má. Deixe estar, Sr. Mario, que chegando em casa, Sinhá D. Francisca hade saber. Oh! si hade!

Quando a parda fallava, os bagos de jaca escorregando lhe entravam pelos olhos e pela boca, sem contar as moscas, atrahidas pelo mel da fructa; d'ahi uma serie de caretas, cada qual mais exquisita.

— E' pomada para alisar o pixaim! gritou Mario.

O riso é contagioso. Ninguem pôde resistir. O Martinho apertava as ilhargas e trinava como um frango:

—Qui-qui-qui! Pomada de jaca!... Qui-qui!... Para alisar o pixaim.

Adelia e a collega de Eufrosina, a mucama cortesã, riam-se conforme a moda, com esses ritornellos, que tornam a gargalhada da gente do tom uma especie de peça musical, uma cavatina ou valsa. Ellas tinham imitado essa prenda de D. Luiza, a mãi de Adelia.

Diante da fuzilaria de risadas, a Eufrosina bateu em retirada.

— Desaforo! Vou fazer queixa á Sinhá! Eu sou sua mucama della, sua mucama de estimação; não é para ser tratada assim. Si não presto mais, então me vendam!... Depois é que hão de ver! Ai, a Eufrosina, aquillo sim, era uma bôa rapariga! Coitada! Aonde andará ella?... Ora bem descançada de minha vida! Senhor bom é o que não falta!

Assim resmungando lá se foi a parda, tangida pelas risadas das meninas e pelos assobios estridentes de Mario, com quem o pagem Martinho fazia dúo, embora sentisse já de antemão lhe arderem as orelhas, com os arrepellões que a mãi não lhe deixaria de applicar, á pedido da mucama.

Logo que se desvaneceu a lembrança do comico incidente, a Felicia perguntou:

— Então a gente vae indo, ou espera aqui pela Eufrosina.

— Vamos! exclamou Alice.

— Esperar, qual o que! acodiu o pagem. Acompanhe você sua iáiá; eu cá tomo conta de nhanhã D. Alice.

— Mas, observou Adelia, onde é mesmo este passeio? Ainda fica muito longe?

— Não! Muito perto; é ali, no fim do pomar.

— E' que o sol já está ficando muito quente! objectou a Felicia.

— Tem sombra muita até lá! respondeu Martinho.

— Mario, você não vem? gritou Alice para o menino.

— Caminham com meus pés?

— Ora assim não tem graça?...

— Ah!...

Adelia soltou esta exclamação vendo o menino atirar o corpo, suspender-se ao galho pelas mãos, e balançar-se como um fructo ao sapro do vento.

— Jesus! Que estrepolias!

— Eu lhe peço, Mario ; não faça isto ! Desça ! disse Adelia supplicante.

O menino começou a cantarolar.

IV.

TRAVESSURAS.

O caracter de Mario tinha aquella singularidade, que frisara perfeitamente a comparação rustica da Eufrosina.

Esse menino frio, de poucas palavras, movimentos graduados, que parecia querer tomar uns ares ridiculos de homem serio; essa natureza de ordinario inerte ou pelo menos tolhida; tinha intermittencias incomprehensiveis, durante as quaes se operavam as expansões energicas e vigorosas de seu organismo.

Era o gamo, condemnado por muito tempo á immobilidade, que uma vez solto, arroja-se por despenhadeiros e precipicios. Nada o de-

tinha então; arrostava o perigo e vencia o obstaculo com agilidade e impavidez admiraveis. Havia n'esse corpo uma superabundancia de seiva, que precisava desperdiçar, para não ficar soffocado. Depois voltava á sua habitual calma e sisudez.

Embora essas alternativas fossem o effeito de uma idysioncracia moral, filha da natureza e tambem da educação, comtudo Mario já governava seu caracter; o que promettia para mais tarde o homem de boa tempera, capaz de grandes commettimentos.

Assim o menino podia conter por muito tempo, como já havia succedido, as expansões de seu organismo; perseverando, á força de vontade, na sua habitual frieza e desdem, apesar das tentações que o provocavam, e do viço infantil que o impellia.

Mas succedia naturalmente, que depois de uma dessas abstinencias, não havia uma expansão, e sim uma explosão. Era como si o menino tivesse encerrado no corpo um fluido electrico, que procurasse desprender-se por successivas descargas.

Depois de uma gymnastica desesperada sobre

os mais finos galhos das arvores; Mario para rematar esse primeiro acto da sua representação acrobatica, lançou-se da grimpa do jambeiro e desceu ás cambalhotas, suspendendo-se ora nas mãos ora nos pés.

Afinal pozeram-se as meninas de novo á caminho.

Adelia conservando ainda uma ligeira pallidez do susto que lhe causara a descida de Mario, voltou-se para o menino com uma expressão de gentil severidade, que dava a seu bello rosto de criança muito encanto:

— Quando Alice corria no jardim, você não achou bom.

— Oh! ellē sempre acha ruim o que eu faço! accudiu Alice com o seu doce e franco sorriso.

— Vamos; diga!

— Não me lembro; respondeu Mario com indifferença.

— Ora não se lembra; e ha bocadinho quando ella quiz trepar na goiabeira?... Você tambem ralhou com ella; e depois fez muito peior. D'aquella altura pendurou-se em risco de morrer.

— Nada se perdia! disse Mario com desdem.

— Mas então você não póde fallar de Alice.

— Ella é rica, tem seu pai e sua mãi, que haviam de chorar muito si qualquer cousa lhe acontecesse; ha de ter uma vida feliz. Mas eu!... Um pobresinho, que já não tem pai e vive á custa dos outros, que faz n'este mundo ?

— Mario! disse Alice com exprobração.

— E sua mãi? interrogou Adelia.

— Minha mãi, coitada, pouco tem de viver: bem ouvi o medico dizer. Por ella já tinha ido reunir-se a meu pai no céo; é por mim só, que se resigna a estar ainda separada delle. Quando eu me lembro disto... O melhor é não fallar n'estas cousas.

— Vamos conversar sobre o casamento de D. Elisa com o Sr. Oscar, e do baile que ha de haver; sim ? Disse Felicia.

— Quando será o casamento? perguntou Adelia sorrindo.

— Amanhã, sem falta.

— Eu tambem sou convidada? perguntou a Felicia.

— Está entendido.

— Hade ser uma festa! exclamou Alice, batendo palmas.

— A noiva é bonita já se sabe; disse a mucama.

— Muito, e tão mimosa!... Como Adelia!

— Como você, Alice, ella tem os olhos azues!

— Não se falla da côr dos olhos, mas da graça e das maneiras. D. Elisa é uma moça da côrte, que anda no rigor da moda; parece que chegou de Pariz. Tão faceira!

— E você não é, Alice?...

— Não tenho de que, Adelia.

— Ande lá, e esse rostinho de anjo? disse a amiguinha cingindo-lhe a cabeça loura com o lindo braço, e beijando-a na face.

Alice corou e retribuiu a caricia.

— Mas gentes, o noivo? Ainda não se disse uma palavra do noivo; que ingratidão!

— Bonito moço! E tem talento, como Mario! respondeu Alice.

— Gostaria mais que elle se chamasse Fernando.

— Oh! Adelia, Oscar é um lindo nome.

— Fernando é mais lindo: *O' mio Fernando!* como mamãi canta.

Nesta conversação Mario não tomou a minima parte. Tendo chegado ao fim do pomar, e descoberto um ninho de anum, escondido na

folhagem de um jequiá, operou segunda ascenção em busca dos lindos óvos azues.

Ao descer succedeu-lhe um fracasso; prendeu-se uma ponta de galho seco á manga do jaleco e abrio-a ao meio, pondo-a a moda do tempo de D. João 2.°

— Ahi está em que dão as travessuras ? disse Adelia.

— Não faz mal ; redarguiu o menino enrolando a manga rasgada.

— Si faz ! observou a Felicia. O Sr. ainda agora disse que era pobre : quem é pobre não estraga a roupa assim. Depois mamãi é que tem o trabalho.

— Não é ella que paga ; é o Sr. barão.

— Por isso mesmo ; deve poupar para que elle não faça muita despeza.

Mario sorriu de um modo singular:

— Oh ! elle gosta que eu estrague, para mostrar a sua generosidade !

—E' porque papai estima á você como um filho !.. disse Alice fitando nelle os grandes olhos azues, com uma expressão de terno ressentimento.

— Eu cá sei !

— Ah! que lindos! disse Adelia admirando os óvos de anuns.

— Não é verdade, Adelia?

— O que?

— Papai não estima a Mario como a um filho?

— Meu padrinho sempre o diz.

— Está bom, está bom, soltem-me; disse Mario soffrego.

Esta intimação era feita á Alice que desenrolara a manga rasgada, e procurava arranjal-a com alfinetes.

Nesta occasião chegou ainda açodada, e a todo o panno, a parda Eufrosina. Quando o Martinho viu-lhe a gaforinha despontar ao longe, lançou em torno de si um olhar para estudar o terreno, e tomar posição que facilitasse a retirada honrosa; porque o pagem sabia por experiencia que em taes circumstancias, a parda servia de batedor ao tio Leandro ou á comadre Vicencia, illustres progenitores do pimpolho.

Desta vez porém se illudira. A Eufrosina vinho só; chegando junto ao grupo, tomou uma attitude importante, propria do caso, e disse:

— Sinhá mandou dizer que volte tudo para casa e já. Acabou-se o passeio.

Diante da ordem tão peremptoria, ficaram todos passados, até Adelia e sua mucama que embora não mostrassem antes grande enthusiasmo pelo passeio ; eram agora excitadas pela contrariedade. Só Mario protestou uma desobediencia positiva :

— Eu heide voltar quando quizer !

— Sinhá D. Francisca está chamando vosmecê.

— Não ouço; disse Mario escarnecendo.

— Ella mandou chamar por mim !

— Não me contes historias !

— Mas, Eufrosina ; mamãi me deu licença para ir ver vóvó preta, que está doente.

— Não sei disso, nhanhã ; eu obedeço ao que me mandam.

— Como foi que mamãi disse ?

A parda titubeou :

— Peta !... gritou Mario. Ella não passou do jardim, e vem com estas invenções para ver si alguem fica com medo !

— E' verdade !..Esta Eufrosina escorrega como que !... observou o pagem.

— Vem, vem te metter, safadinho !

O Martinho recuou deante das cinco unhas, que elle tinha a honra de conhecer.

— Ih !... Está damnada ! Foi apanhada com a boca na botija !

— Quando chegares á casa has de ver.

— Mentira só !...

— Mas então em que ficamos ? perguntou Adelia.

Alice hesitou :

— Si mamãi mandou !...

— Não mandou nada, nhanhã ; acodiu o pagem.

— Fica por minha conta, disse Mario. Vamos; em frente, dobrado, marcha. Rufa tambor.

O Martinho não se fez esperar ; fazendo tambor de um embrulho que trazia embaixo do braço, e vaquetas dos dedos, rompeu a marcha :

— Rú ! -tru ! Rato na casaca, camondongo no chapéo ! Rú ! -trû ! Rato na casaca, camondongo no chapéo.

Mario seguiu commandando a fileira que se compunha das duas meninas e da Felicia. Ao mesmo tempo fazia elle as vezes de pifaro, que imitava perfeitamente com o assobio.

Quanto a Eufrosina, ficou atraz como bagagem pezada. A mucama de estimação da baroneza estava em dia de caiporismo. Depois do grotesco accidente da pomada de jáca ; tudo lhe corria mal.

Tendo partido como uma furia para queixar-se á senhora das artes do nhonhô Mario e desaforos do pagem ; resolvida a obter reparação completa ou a pedir venda; a Eufrosina pela preocupação em que estava, não viu uma pedra no caminho, e deu uma formidavel topada.

Não ha nada para chamar á terra um espirito que paira nas mais altas regiões, como seja uma topada. A Eufrosina sentou-se sem querer, e apertando o dedo com a mão direita absorveu-se nessa dor de unha machucada, que representa na escala da dor o papel do *dó* sustenido do famoso Tamberlick, na solfa musical.

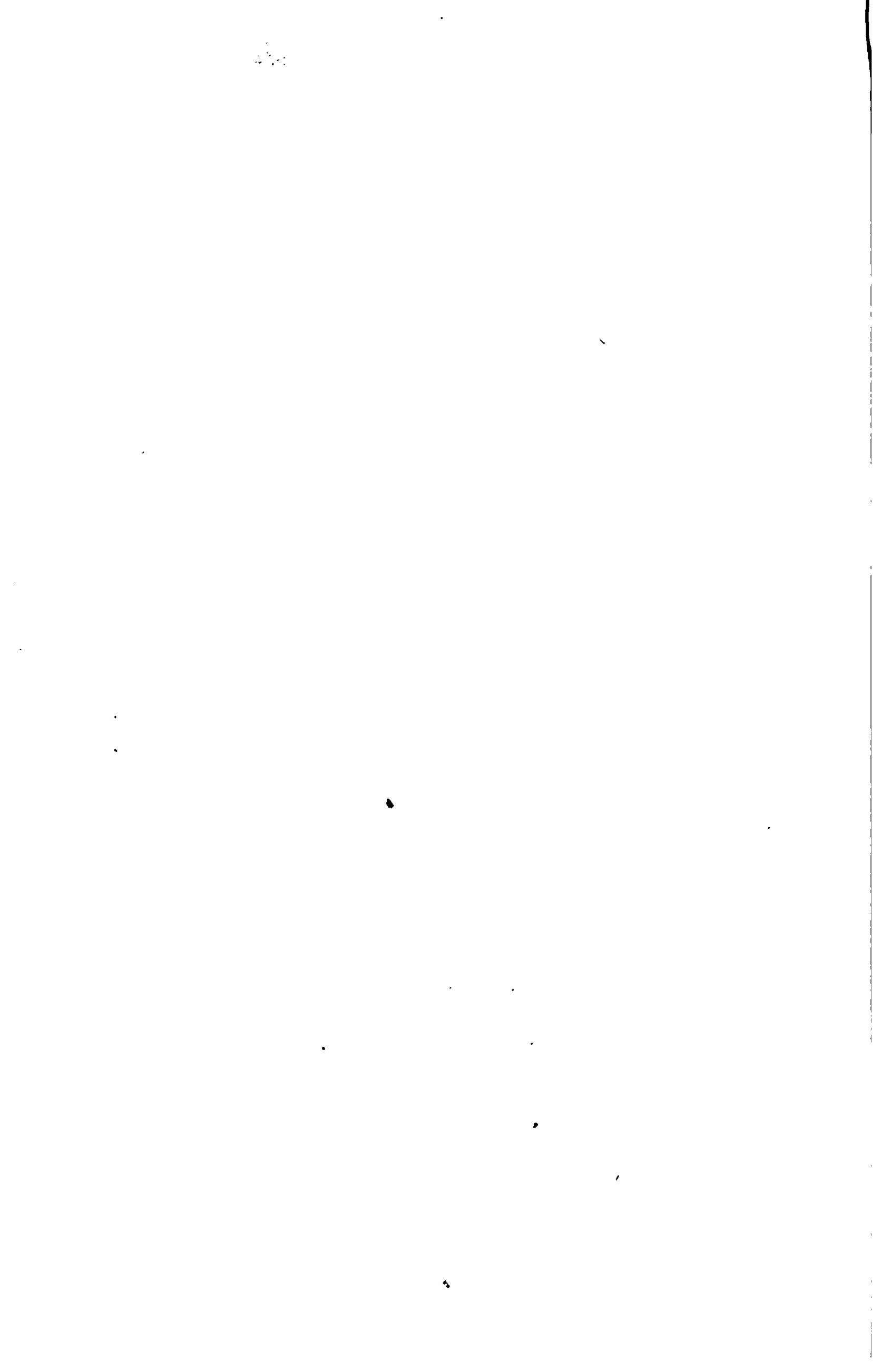
Quando pôde andar, a parda com o pé afogueado, mas por isso mesmo com a cabeça mais calma, reflectiu que no fim de contas o mais prudente era esquecer a aventura. Primeiramente ella comparara o menino a um cabritinho ; e o barão, sabedor do caso não havia de gostar dessa licença poetica. Depois o negocio da jáca era tão

ridiculo, que em vez de ralharem com o menino e castigarem o pagem; eram capazes de rir á custa della.

Por estas razões, assentou de retroceder; inventando porém a mentira que sabemos, como um pretexto para voltar e tomar ao mesmo tempo uma desforra. Depois de lavar no tanque proximo a cabeça e o pé; tomou na direcção em que viera.

Sua intenção era, quando as meninas contrariadas pela ordem já viessem de volta, ella triumphante e generosa conceder o perdão; e consentir que continuassem o passeio.

Mas a esperteza de Mario desconcertou-lhe o plano; collocando-a de novo em posição ridicula.

Já se vê pois que a Eufrosina tinha razão de estar massada.

V

TIA CHICA

O sitio em que estavam agora as crianças era de uma belleza agreste, porém magestosa.

Abria-se ali uma pequena varzea que de um lado o rio cingia como um braço, e do outro a floresta sombreava, como verde pallio cobrindo a linda espadua de uma nympha. Algumas arvores, que se tinham separado da mata, errantes e solitarias, erguiam-se aqui e ali pela varzea.

O sol, derramando torrentes de luz sobre o descampado, dava ao esmalte da relva ondulações de ouro e fazia reverberar as aguas do Parahyba, como borbotões de fogo.

Entre os solitarios da varzea, destacava um

frondoso ipé. Monarcha da floresta, alçando com soberba a regia corôa de esmeralda, parecia preceder a selva, que o rodeava como sua côrte submissa e respeitosa. Não era então o tronco decepado que vi muito depois; estava em todo vigor, embora se notasse já, na cruz onde se abriam as ramas, uma caverna feita pela carcoma.

No fim da planicie corria uma cadeia de penhascos, que descia verticalmente das altas collinas e submergia-se no leito do rio. O mais saliente desses penhascos sustentava na encosta uma cabana de sapé. De longe e visto de perfil, o rochedo parecia um tropeiro, derreado sobre o pescoço da mula e carregando ás costas sua maca de viagem.

Nas abas dessas collinas de granito, do lado opposto á margem do rio, notava-se a vegetação especial, que revella a existencia das aguas dormentes e profundas. Talvez para os outros os nenuphares e as plantas que vivem á borda dos lagos, não tenham como para mim, uma expressão melancolica e absorta. O mesmo succede com os passaros aquaticos; todos elles são taciturnos e graves.

Essa vaga tristeza é congenita das profundidades. Encontra-se nos abysmos da terra,

assim como nos abysmos da alma. Um espirito concentrado e recondito tem pensamentos e sorrisos que boiam á superficie como essas nimphéas, cobrindo de flores magnificas um pégo de afflicção e martirio.

Tudo indicava que ali nas fraldas do rochedo havia uma lagôa ; mas não se podia chegar ás margens nem vêr as aguas porque um muro de pedra secca, já coberto de musgo e orchidéas, impedia a passagem do lado por onde as fragas do rochedo permittiriam o accesso. Muito zelo tinha daquelle sitio seu proprietario ; pois além do vallo, havia um duplo renque de espinheiros, enleiados de cipós, cujo fim era proteger o muro contra qualquer projecto de escalada, e até esconde-lo á vista.

O improvisado pelotão de Mario entrou galhardamente pela varzea, com rufo de caixa, mas reduzido apenas ao commandante e ao tambor. Adelia, arrependera-se logo da condescendencia, impropria de uma mocinha do tom : a mucama não quiz ficar atráz. Quanto á Alice, a sua natureza de colibri não a deixava sujeitar-se á esses brinquedos estudados. A travessura da linda menina era uma inspiração, um adejo gracioso.

— Alto frente ! Apresentar armas ! gritou Mario.

O Martinho, fino na manobra, transformou-se immediatamente de tambor em soldado de fileira. Levantou verticalmente o braço esquerdo como si fosse cano da espingarda, e estendeu a mão direita na altura da supposta coronha.

— Tarara-ram ! Tarara-ram ! Tarara-ram, tram !...

E ei-los a tocar o hymno nacional com acompanhamento de zabumba e trombone.

O importante personagem, honrado com essa continencia militar, era um preto, que assomara á porta da cabana de palha, trazido naturalmente pelo rufo da caixa e pelo gazeio dos meninos.

Quando elle viu quem se aproximava, voltou-se e disse para dentro :

— Olha, mãi; é nhanhã que vem visitar á você !

— Bemdito sejas, meu menino Jesus ! respondeu uma voz doce e arrastada.

Entretanto proseguia a continencia :

— Viva papai Benedicto ! gritou Mario.

— Viva !... berrou o Martinho dando no ar uma cambalhota.

— Viva, o rei do Congo!

— Viva! responderam todos.

— Obrigado, meu branco, obrigado.

Isto dizia o preto descendo a ladeira, e parando a cada passo para curvar-se, abrindo os braços e beijando as duas mãos em signal de agradecimento.

— Este meu nhonhô quer zombar de seu negro velho!.. Zomba, zomba, não faz mal! Eu gosto de vêr você contente, contente, rindo com a camaradinha!

E o bom preto expandia-se de jubilo, mostrando duas linhas de dentes alvos como jaspe. Ser motivo de alegria para esse menino que elle adorava, não podia ter maior satisfação a alma rude, mas dedicada do africano.

A' meio da ladeira, encontrou-se pai Benedicto com Mario, que saltou-lhe ao pescoço.

— Assim, meu nhonhô, abraça seu negro. Mais!... dizia Benedito suspendendo nos braços o menino.

— Eu trouxe uma cousa para você Benedicto! murmurou-lhe Mario ao ouvido.

— Da cá, nhonhô: exclamou o preto ajoelhando para receber o presente.

— Logo ! disse rapido o menino lançando um olhar desconfiado para as companheiras que se aproximavam.

Benedicto comprehendeu :

— E sinhá D. Francisca, está melhor, meu nhonhô ? perguntou o preto com interesse.

— Ella diz que está ; mas...

O olhar triste do menino acabou a frase.

Alice chegava com Adelia e as mucamas :

— Adeus, papai Benedicto ; como vae vovó?

— Chocando, chocando, nhanhã ! Emquanto não tirar aquella cafifa do corpo, não fica bôa !

A cafifa da tia era um rheumatismo chronico, mas de accessos periodicos, que a punham de cama e tolhida por muitos dias.

— Eu vim visitar a ella. Mamãi mandou.

— Deus lhe pague, nhanhã. Vae ; ella hade ficar muito contente.

A linguagem dos pretos, como das crianças offerece uma anomalia muito frequente. E' a variação constante da pessoa em que falla o verbo ; passam com estrema facilidade do *elle* ao *tu*. Si corrigissemos essa irregularidade apagariamos um dos tons mais vivos e originaes dessa frase singella.

Quando as meninas entraram na cabana, Mario que as acompanhara com o olhar, tirou do seio um pequeno embrulho enrolado em um lenço. Dentro havia uma moedinha de prata de cunho antigo que valia uma pataca, e um pequeno registro de S. Benedicto.

O preto recebeu o mimo de joelhos, e como si fosse uma reliquia sagrada. Não é possivel pintar a effusão de seu contentamento; nem contar os beijos que deu nas mãos de Mario e nos presentes, ou as ternuras que na sua meia lingua disse ao santo e á moeda.

Cumpre advertir que pai Benedicto não era d'esses pretos, que suspiram pelo vintem de fumo; elle gozava de certa abastancia, devida á seu genio laborioso, e ás franquezas que lhe deixava o senhor. Seu reconhecimento não tinha pois mescla de interesse; era puro gozo de saber-se lembrado e querido pelo menino.

De seu lado Mario gozava tambem d'aquelle prazer que elle causara, e que por uma especie de refracção communicava com sua alma. A expressão terna que se derramava agora na sua phisionomia, era muito rara. Para trazer ao preto aquelle insignificante presente elle

fizera o sacrificio de muitas d'essas ambições infantis, que sonham com uma caixa de soldadinhos de chumbo, ou com uma carta de bichas: ambições tão ardentes, porém menos funestas, do que a dos meninos de cabellos brancos pelos soldadinhos de chumbo que se chamam correios de ministros, e pelas bixas que se chamam salvas de artilharia.

Pai Benedicto era um preto alto e robusto. Ordinariamente grave e tristonho, a idade que, já andava pelos sessenta, o natural temperamento, e especialmente sua qualidade de feiticeiro, o dispunham ao recolhimento e constante preocupação.

Mas havia uma força bastante poderosa para arrancar ao seu natural essa alma robusta; era a affeição de Mario. Nada mais interessante, do que ver o negro atletico dobrar-se ao aceno de um menino; lembrando um d'esses enormes cães da Terra-Nova, que se deixam pacientemente fustigar por uma creança, mas estrangulariam o homem que os irritasse.

Entrando na cabana, Mario achou Alice e Adelia sentadas á cabeceira de tia Chica.

— Benza-a Deus! Cada vez mais bonita! dizia a preta. Eufrosina, você tenha muito cuidado com minha nhanhã.

— Bonita, vóvó, e esta carinha! Não dá vontade de beijar? disse Alice passando a mão por baixo do rosto de Adelia e atrahindo-o a si para imprimir-lhe os labios.

— Me deixe, Alice!

— E' mesmo um amor de bonita! Mas minha nhanhã!...

— Ambas são muito bonitas, não é tia Chica? disse Eufrosina.

— São duas flores; o lyrio e a rosa, acodiu a espivitada da Felicia.

— E' verdade; bonitas que não tem mais para onde! Mas esta mocinha é a afilhada de meu senhor, não é, nhanhã?

— E' Adelia, é!

— Como está crescida!

— Veio passar estes tempos comnosco, porque o pai tem andado doente.

— Adeus, vóvó; está melhor? disse Mario adiantando-se.

— Melhorzinha, nhonhô Mario, parece que Nosso Senhor ainda não me quer.

— Hade ficar bôa logo; eu já resei a Nossa Senhora! exclamou Alice.

— Reza, reza nhanhã. Deus lhe ha de pagar.

Dizendo isto, a tia Chica descobriu o marido em pé na porta da cabana.

— Olha, calunga; você ainda não viu o presente que nhanhã me trouxe. Como eu vou ficar chibante, hem!

Emquanto Benedicto, examinava gabando o vestido e o chale de lã bem como um adereço de missangas azues, que Alice trouxera para sua vóvó preta; Chica pela terceira ou quarta vez julgou-se obrigada a abraçar a menina e beija-la com effusão:

— Está com inveja, calunga? disse a preta sorrindo para o marido.

— Tambem eu tive quem se lembrasse de mim; não foi você só.

— Ah! deixa ver!

— Não se mostra.

Mario agradeceu ao preto com um olhar aquella reserva.

— Não é capaz de ser tão rico nem tão bonito como o meu? replicou a tia Chica.

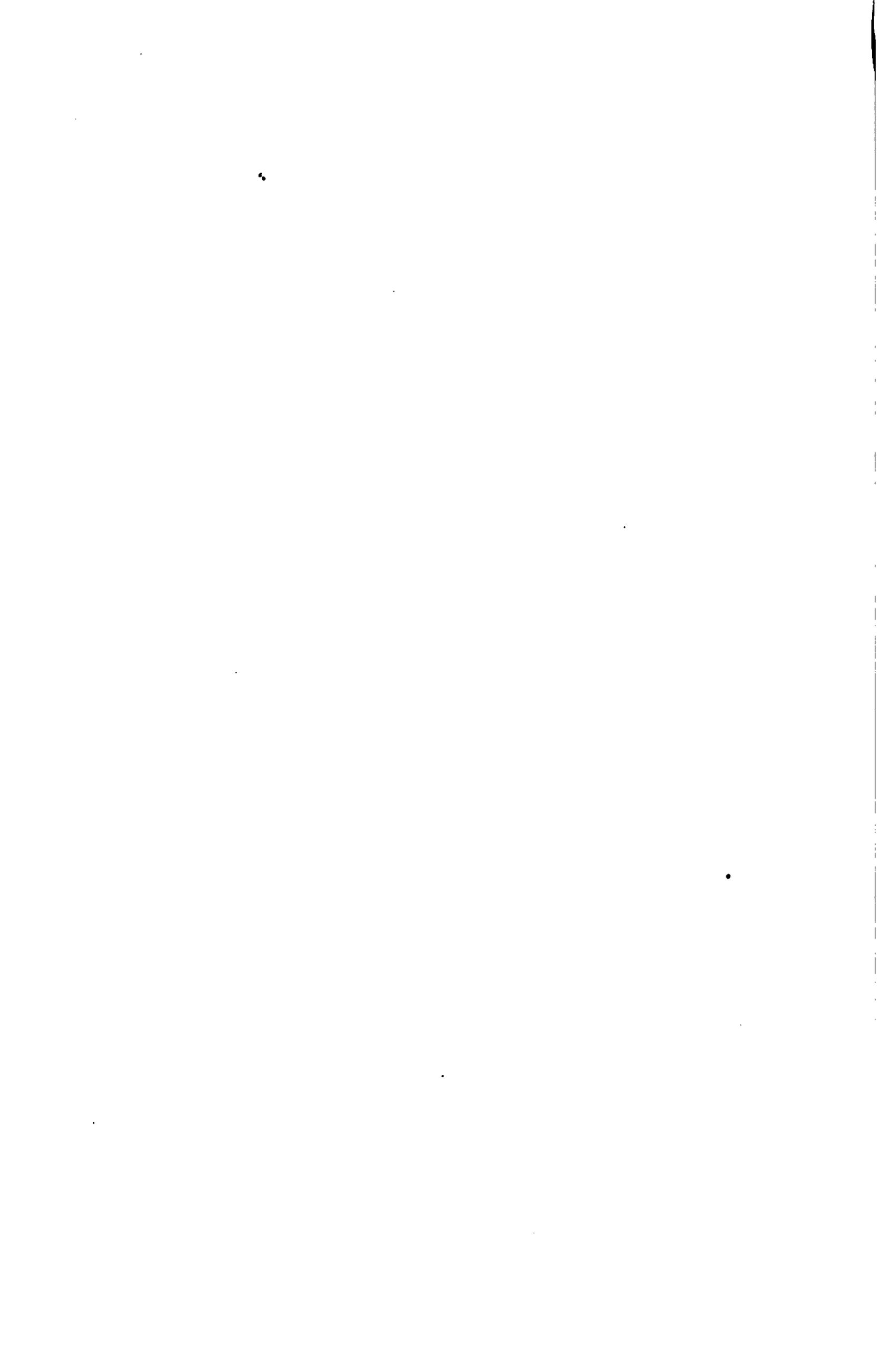
— Mais!...

— Não, Benedicto, você não tem razão. Eu sou pobre; não posso dar presentes ricos, como a filha de um barão!

— Mario, vóvó não quiz dizer isto! Estava brincando!

— Mas, nhonhô Mario... eu...

— Está o que succede, mãi; não era melhor ficar ahi com sua lingua bem socegada: observou Benedicto acompanhando o menino que sahira bruscamente.

Chica ficára atordoada. Sua intenção fôra apenas metter o marido em brios para mostrar o presente que recebera e satisfazer-lhe assim a curiosidade. O effeito imprevisto de suas palavras a sorprenhendeu dolorosamente.

VI

HISTORIA DA CAROCHINHA

As meninas merendaram na cabana.

Embora preza na cama, Chica não se esqueceu de cumprir o dever da hospitalidade.

Tirou d'uma prateleira suspensa ao lado do cama umas latas e cestas, cheias de biscoitos, rosquinhas, beijús e fructas; o pagem foi buscar a agua fria da rocha; e a Eufrosina pôz a mesa sobre um banco largo.

Tudo nessa habitação revelava o mais apurado aceio; a roupa, apezar do grosseiro tecido, cegava de alvura; a louça, até nos logares desbeiçados, era tão limpa que parecia recentemente quebrada.

— Merenda, minha nhanhã, um bocadinho. Estas rosquinhas de gomma foram feitas mesmo para lhe mandar. Mas eu estou aqui amarrada nesta cama pelo rheumatismo e pai Benedicto tem sua obrigação!... O que a gente ha de fazer?

Durante a merenda, o silencio das vozes tornou mais sensivel um surdo rumor, que desde principio se ouvia na cabana. Parecia o echo subterraneo do fremito das ondas batendo em alguma praia muito remota.

— Que barulho é este? perguntou Adelia applicando o ouvido. Será algum carro que vem da côrte?

— Ah! quem dera! exclamou a Felicia.

Alice abaixou a voz e disse com um tom receioso e triste:

— E' o boqueirão.

— O boqueirão?...

— Sim; onde morreu o pai de Mario.

— Cala a boca, nhanhã, não falla nisso. Depois, olha lá! ponderou a Eufrosina.

— Ah! já sei; exclamou Adelia; é um buraco muito fundo.

— Não; respondeu Alice. E' um palacio en-

cantado que ha no fundo da lagôa... onde mora a mãi d'agua.

— Como é que você sabe?

— Vóvó é que me contou uma vez.

Alice tornou para junto da preta, a qual se conservara inteiramente estranha á conversa, preoccupada ainda com as palavras que haviam agastado a Mario.

— Conta a historia da mãi d'agua, vóvó!

— Ora, nhanhã, eu nem me lembro mais.

— Para Adelia ouvir! Sim, vóvó, sim!

— Já esqueceu! Faz tanto tempo que eu ouvi a minha senhora velha D. Generosa, aquella santa que Deus tem na sua gloria entre seus anjos.

— Era vóvó de mamãi! disse Alice para Adelia.

- Faz tanto tempo que eu ouvia ella con-tar a sinhá, quando era mais pequena que nhanhã. Sinhá não queria dormir, e então sinhá velha sentava-se junto da cama, com a cabecinha tão branca como capucho de algodão, e começava... Deixe ver se me alembro nhanhã. Ah! Foi um dia....

Os restos da merenda foram completamente

abandonados á golodice do Martinho, o qual na sua qualidade de pagem de boa sociedade, sabia que nada apura e afina as ouças como um estomago repleto. Os outros movidos pela curiosidade cercaram o catre de Chica:

— « Foi um dia uma princeza, filha de uma fada muito poderosa, e do rei da Lua, que era o marido da fada.

« Sua mãi tinha feito a ella rainha das aguas, para governar o mar e todos os rios, todos.

— O Parahyba tambem, vóvó?

— Já se sabe; todos os rios do mundo.

— E era bonita a princeza?

— Não se falla. Era uma virgem Maria. Os cabellos verdes, tão verdes, chegavam até os pés e ainda arrastavam; nhanhã não tem visto aquelles fios muito cumpridos, que as vezes andam boiando em cima d'agua; a gente chama limo; são as tranças della.

— Tão bonito! Cabellos verdes, não é? Eu queria ter! disse Alice.

— Mas tia Chica, quando ella nada, não se vê?

— A princeza?... As vezes, quando a agua está dormindo, ella se deita assim debruços para olhar o céo. Tem saudade das irmãs.

— Que são as estrellas? acrescentou Alice.

— E' nhanhã!

— Como são os olhos della? perguntou Adelia.

— Aposto que são verdes como os cabellos?

— Verão que são bem pretos!

— Os olhos não tem cor; é assim como uma claridade da lua que está cegando a gente.

— Está bom; ninguem atrapalhe mais! recommmendou Alice.

— « Pois a mãi d'agua, como era assim tão bonita, foi adorada por muitos principes, que todos queriam casar com ella; mas seu coração já pertencia a um rei, lindo como o sol. Dizem mesmo que era filho delle.

« Aqui, sinhá velha contava como houve muitos combates, e como o rei, filho do sol, sahiu sempre vencedor e alcançou a mão da princeza; e depois as festas que se fizeram, que foi uma cousa de abysmar. Mas essas historias de branco, eu não sei não, minha gente; façam de conta que foi assim uma cavalhada, como houve na villa pelo S. João passado.

— Ah! já sei, a mascarada! observou Martinho.

— « Houve muita alegria pelo casamento, luminarias, foguetes. Nunca se tinha visto festa assim; e durou nove dias e nove noites, que ninguem descançou. Ao cabo desse tempo partiu o rei para seu palacio, levando comsigo a princeza. E esta dizia ao marido que tres mezes do anno havia de passar com sua mãi, a fada; e o resto do tempo com elle, seu marido. O rei que lhe queria muito, ficou triste; mas era tão bom, que consentiu; porque elle pensava que si ella não fosse boa filha, não seria boa mulher, nem boa mãi. E esse tempo que ella estava ausente passava com a mãi embaixo d'agua, no seu palacio de diamantes.

« Assim viveram muitos annos, tão felizes, que era um contentamento para toda gente; e a rainha deu um filho ao rei, o menino mais bonito que já se viu. O pai o adorava; a mãi morria por elle; e todo o mundo quando olhava para o menino ficava mesmo captivo.

A preta fez uma pausa.

— Não me alembro mais!

— Ora, vóvó! disse Alice queixosa.

— Ah! sim! Chegando o tempo em que a princeza ia visitar sua mãi, quiz levar o principe;

mas o rei lhe pediu tanto e rogou, que ao menos deixasse metade de seu coração e não lhe levasse todo!.. Ella teve pena e deixou o filhinho, sabe Deus com que dor, e depois de recommendar muito e muito ao rei que tivesse cuidade nelle.

« A fada, mãi da princeza, estava encantada. Quer dizer, nhanhã, que o rei das fadas tinha mudado a ella em uma flor; essa flor grande, muito alva, que nasce em cima d'agua.

— Coitada! Porque?

— « Não se sabe. Então a princeza não achando sua mãi della, e pensando que lhe tinha succedido uma desgraça, poz-se a procura-la por toda a parte, perguntando; « Peixinhos do rio, conchinhas do mar, vistes minha mãe, por quem eu choro mais pranto que as aguas em que nadaes?—» Ninguem respondia; até que afinal o rei das fadas teve pena della, e vendo-a tão formosa, perdôou a mãi. Com que alegria ellas se abraçaram; e logo se puzeram ambas á caminho navegando em uma concha de perola e ouro, anciosas de ver, a rainha, seu caro esposo e filho; e a fada, seu lindo neto.

« Tinha se passado muito tempo, para a gente da terra, que para as fadas não ha tempo. O rei

quando viu que a rainha não voltava, ficou desconsolado e triste de sua vida; mas havia na côrte gente malfaseja que começou a espalhar certas cousas; que a rainha se tinha namorado de um principe do mar, muito bem parecido. Como as cousas más sempre se acreditam, o rei desesperado quiz vingar-se, e casou-se com outra princeza, que estava muito longe da primeira. A madrasta, toda cheia de si, logo mandou o principe, filho da princeza das aguas, para a cosinha, como si fosse um criado.

« Um dia que o principe vinha, todo sujo de carvão, carregando lenha do matto, encontrou com a princeza do mar que chegava: elle não sabia quem era, ainda que ficou abysmado com sua belleza; mas ella logo o reconheceu e abraçou chorando.

« Então soube o que se tinha passado; e sem querer mais ver o ingrato que a tinha esquecido, sumiu-se com o filho de seu coração no fundo do mar. Por sua ordem as aguas começaram a subir, a subir e affogaram o palacio, o rei, a nova rainha, e todos que tinham dito mal della.

« De tempos em tempos ella vem á terra para affogar a gente, e todo o menino que en-

tra no rio, ella agarra para servir de criado ao filho. Tambem de noite, quando alguma criança chora e afflige sua mãi; ella a carrega para o fundo d'agua. Aqui está, nhanhã; é o que me alembra.

—Muito bonita historia!

—Mas, vóvó, e o boqueirão?

—Isto não é da historia. Era sinhá velha, que dizia... Como aqui no boqueirão sempre estava succedendo desgraças, ella dizia que a mãi d'agua morava na lagoa; e que assim no lugar onde tem mais sombra ás vezes se vê ella olhando e rindo com tanta graça, Senhor Deus, que a gente tem vontade mesmo de se atirar no fundo para abraçal-a.

—Mas era para metter medo a mamãi que ella dizia? perguntou Alice.

—Era, nhanhã!

—Então esse boqueirão é muito perigoso? observou a Felicia.

—Tanta gente que tem morrido ahi! disse a Eufrosina.

—Olha!... Basta metter a ponta do pé dentro, e elle faz glû!... assim!

O Martinho representou aó vivo o boqueirão;

fazendo a goela o papel de sorvedouro, e simbolisando uma banana a victima tragada pelo abysmo.

—Passa fóra! disse a Felícia.

—E não se pode ver de longe? perguntou Adelia.

—Qual! Meu senhor não quer que ninguem vá lá. Como succedeu aquella desgraça ao amigo delle tão do peito, o Sr. Figueira, pai de nhonhô Mario... Coitado tão bom homem!... Porisso meu senhor logo que tomou conta da fazendo mandou tapar tudo que nem se pode ver mais a lagoa.

—Então ninguem, ninguem, vai lá? perguntou Felicia.

—Só pai Benedicto, que vai rezar por seu defunto senhor moço delle!

Alice que ficara um instante pensativa ergueu-se de chofre:

—Vóvó, eu vou ver a minha gallinha. Já tem muitos pintos?

—Qual, nhanhã, a trovoada matou tudo. Uma ninhada tão bonita que tirou na quaresma!

Alice penetrou no interior da cabana.

—E como morreu o pai de Mario? perguntou Adelia.

—Quem sabe, sinhasinha? Foi uma noite... Elle veio ver o pai, que já estava muito doente. Passando por aqui disse a seu pagem delle, que esperasse, emquanto vinha fallar uma cou sa com pai Benedicto. Tudo isto era aberto. Parece que errou o caminho e foi dar dentro da lagoa.

—Jesus!...

—Quando o pagem acodiu já não se via senão o cavallo que estava labutando. Mas do Sr. Figueira nunca mais se soube: no outro dia procurou-se tudo; só se encontrou o chapéo nas folhas de aguapé!

Pai Benedicto assomou á porta da cabana.

—Mãi, cala sua boca. Você não se emenda ainda não, hem! Olha! Coruja está piando no mato; assim mesmo com dia claro. Não chama mais desgraça, não!

Com effeito uma coruja assustada soltava o lugubre estridulo, que não deixou de impressionar as pessoas reunidas na cabana.

—Que tem fallar nisto, pai Benedicto? acodiu a Felicia.

—Não tem nada, rapariga! murmurou ó preto velho, voltando o rosto para esconder uma lagrima que esmagou com as costas da mão.

—Eu não disse que era senhor moço delle?.. murmurou tia Chica á meia voz.

—Ah!...

—Fazem dez annos, e é aquillo mesmo! disse tia Chica apontando para o marido.

—E' porque, disse pai Benedicto com a voz grave e triste; ainda não se passou uma noite só que eu não visse meu senhor em pé olhando para mim com aquelle modo de bondade que elle tinha. Eu ouço elle chamar « Pai Benedicto! Pai Benedicto! » Depois vae seguindo até lá na varzea; mostra o tronco do ipé; e caminha para o boqueirão...

O pai Benedicto calou-se arrependido de ter fallado; e concentrou-se em profundo silencio. Debalde as pessoas presentes o interrogaram; não poderam obter a menor resposta.

VII.

PAI BENEDICTO.

A palhoça do marido da tia Chica era bem antiga e tinha antes delle pertencido a outro.

Esse primeiro dono foi um negro cambaio, que ali viveu desde tempos remotos, quando a fazenda não passava de uma roça á tôa com um velho casebre e alguma plantação de mandioca e milho.

O aspecto disforme do negro, e o isolamento em que vivia naquelle sitio agreste em meio de asperos rochedos, incutiram no espirito da gente da visinhança a crença de que o pai Ignacio era feiticeiro. Realmente elle tinha

todos os traços que a surperstição popular costuma attribuir aos bruxos.

Desde então nenhuma catastrophe se deu por aquella redondeza, nenhum transtorno occorreu, que não fosse lançado á conta da mandinga do negro. Si um roceiro cahia do cavallo e quebrava a perna; si alguma dona de casa se queimava no taxo de melado ou no forno a fazer beijú; si dava a peste nas gallinhas ou chochava o grão na espiga do milharal; não tinha que ver; era feitiço; e as vozes se uniam em uma só praga e esconjuro contra o bruxo do inferno que incafifava a todos e a tudo.

Era porem especialmente ao boqueirão que, segundo as beatas do lugar, presidia o pai Ignacio; collocado pelo inimigo de proposito naquelle sitio para enganar os viajantes e atiral-os no remoinho. Cada alma que o feiticeiro assim entregava em peccado mortal e sem confissão ao inferno; eram mais dez annos de vida que o diabo lhe deixava; por isso já andava elle seguramente pelos cento e vinte, sinão mais; pois a parteira que passava por ser pessoa mais velha do lugar, o tinha visto em

pequena já assim como elle estava de cabeça russa.

Quem não se achasse em estado de graça, bem confessado e commungado, não devia pois arriscar-se nas proximidades do boqueirão; porque com certeza lá ficava em baixo d'agua por uma vez. Não havia santo, nem oração, que o salvasse das manhas do bruxo, fino como um azougue, e capaz de enganar ao proprio diabo, seu mestre delle.

Ou porque o feiticeiro não achasse mais alma penada para á custa della ganhar um suplemento de vida, ou porque se aborrecesse deste mundo; o caso é que um dia desappareceu e ninguem mais soube novas delle.

Já então havia a roça, desde annos, passado para outro dono, que fez della uma bonita fazenda.

Esse novo proprietario, que era Figueira o avô de Mario trouxera varios escravos e entre elles um molecote de nome Benedicto, collaço e pagem do filho José. Pelo tempo adiante o mancebo casou-se e retirou-se da fazenda agastado com o pai; Benedicto que já tinha mais de quarenta annos, era captivo ; não pôde acom-

panhar o senhor moço, como lhe pedia o coração.

A casa onde vivera feliz tornou-se para elle insupportavel ; começou a ausentar-se da senzala para onde o tinham mandado, e a faltar ao trabalho. Succedendo ficar sem dono a cabana do rochedo, pediu ao senhor que o deixasse morar ali ; no que não houve difficuldade.

Com a palhoça, Benedicto herdou a reputação de feiticeiro do pai Ignacio ; sobretudo depois que novos desastres se deram no boqueirão. Embora não tivesse o novo habitante a fealdade carecterisca da profissão, a gente do logar estava tão acostumada a contar com um mandingueiro para explicar as desgraças e revezes ; que não podia dispensar esse personagem importante de suas historias da carocha.

E pois, como Benedicto era um bonito negro, de elevada estatura e phisionomia agradavel; as beatas inventaram outro Benedicto á sua feição. A dar-se credito á palrice das taes velhas, aquelle preto bem apessoado em sendo meia noite virava anão com uma cabeça enorme, os pés zambros, uma corcunda nas costas, vesgo de um olho e torto do pescoço.

Era o pacto que tinha feito com *seu mestre*; de não parecer de dia qual era á noite.

Segundo outros, esse Benedicto não era outro, senão o mesmo pai Ignacio, ou para melhor dizer um rebutalho do inferno que tomara figura de negro para tentar a gente cá na terra. Embora objectassem alguns que antes do preto velho desapparecer, já o outro existia na fazenda, onde fôra visto ainda molecote; acodiam as comadres que o inimigo sabia fazer as cousas; sumira o pagem antes de tomar-lhe a figura. A prova era que Benedicto, sempre tido como bom captivo, dera ultimamente em ruim e até fujão.

Em face de razões tão peremptorias, ficou o Benedicto tido e havido por feiticeiro. Todos se temiam delle; mas não faltava tambem quem recorresse a seu poder sobrenatural para cura de certas enfermidades, para descobrimento de cousas perdidas, e realisação de occultos desejos.

Por mais que se excusasse, força lhe foi recorrer ao arsenal de bruxarias deixado pelo pai Ignacio, e satisfazer aos rogos dos parceiros. Algumas cousas que disse, aconteceu sa-

hirem certas, e tanto bastou para augmentar a fé na sua mandiga.

Pai Benedito porém era um feiticeiro de bom coração. Em vez de usar de seu poder para soprar intrigas e desavenças, ao contrario servia de conciliador em todas as brigas que se davam entre os pretos da fazenda; aconselhava os parceiros nos casos de aperto por alguma falta; e apadrinhava o fujão perante o antigo senhor que o tinha em grande estima e muitas vezes o ia visitar na sua cabana. Quanto ao novo, não o tratava com a mesma amisade; mas rara vez lhe recusava o que pedia.

Esse ultimo dono da fazenda trouxera tia Chica, ama que fôra da mulher. Benedicto agradou-se della; e casaram-se.

Desde então viviam os dous na palhoça muito satisfeitos um do outro. Tia Chica depressa conformou-se ás feitiçarias do marido; assim como pai Benedicto se acostumou ao rheumatismo da mulher. As unicas rezingas que havia entre elles eram á proposito de Mario e Alice.

Ambos se desvaneciam de serem um tanto

ascendentes de seus predilectos. Benedicto como fôra pagem grande do pai de Mario em criança, considerava-se até certo ponto avô do menino. Da mesma fórma tia Chica que tinha criado a mãi de Alice, olhava para esta como si fosse em parte sua netinha.

Cada um exaltava o seu idolo, com enthusiasmo ardente e exclusivo; d'ahi nasciam as zangas e as brigas ; porque nenhum queria admittir que houvesse quem se podesse comparar, quanto mais exceder, ao objecto de suas candongas.

Tinham decorrido alguns instantes depois das palavras proferidas por Benedicto á respeito de seu fallecido senhor moço. Ninguem se animava a quebrar o silencio que deixara a voz grave e triste do preto, quando Eufrosina lembrou-se que era tempo de voltar á *casa grande* e exclamou percorrendo o aposento com um olhar inquieto :

— Gentes ! Quéde nhanhã Alice ?

— Está vendo as gallinhas ; respondeu tranquillamente Chica.

— Ha tanto tempo !

— Nhanhã !... Nhanhã Alice !... gritou Eufrosina para o interior.

Alice não respondeu :

— Entra, Eufrosina ! disse Chica vendo que a mucama hesitava.

A cabana tinha além do primeiro repartimento mais tres divisões, a ultima das quaes abria para um terreiro fechado entre paredes de rocha viva. De um lado havia uns degráos que iam ter á margem do rio; do lado opposto via-se uma fenda que dava passagem para a lagôa, e parecia antes uma grota do que uma sahida.

No fundo uma cerca de varas formava um pequeno gallinheiro, bem provido ; o que depunha á favor dos talentos caseiros de tia Chica.

Em curto momento percorreu a Eufrosina o terreiro, e o resto da cabana, chamando pela menina. Voltou assustada ao ultimo ponto :

— Não está no terreiro !

— Hade estar ahi dentro mesmo.

— Corri tudo.

— Mas si ella não sahiu ainda ?

— Querem ver que nhanhã se escondeu para metter susto á gente ! observou o Martinho.

— Nhanhã Alice! Eu não gosto destas graças! dizia a Eufrosina procurando.

Pai Benedicto sentado á um canto com a fronte

apoiada sobre os joelhos na posição de um idolo africano, e absorvido em profunda cogitação, conservara-se inteiramente alheio ao que passava na cabana. Mas afinal a agitação produzida pela ausencia incomprehensivel de Alice, chamou-lhe a attenção.

— O que é ?

— Nhanhã Alice que não apparece.

— Foi lá no terreiro ver a gallinha della, e agora ninguem sabe onde está; disse a Chica tremula de inquietação, mas fazendo um esforço para erguer-se da cama.

— Lá no terreiro ?... perguntou o preto velho com a voz lenta e surda.

— Sim !

O talhe elevado do negro foi se desdobrando vagarosamente, até erigir toda estatura. Seus labios murmuravam palavras entrecortadas, impossiveis de entender. Resava ou fazia uma imprecação á algum espirito invisivel.

Nesse momento derramou-se na cabana um som que podia ser gemido, ou talvez exclamação de sorpreza a que o echo tivesse repassado de certa modulação plangente.

Chica já de pé e apoiada á um bordão para ir

ella mesma procurar sua querida nhanhã, cahiu como fulminada sobre o leito. Os outros ficaram atados pelo terror, incapazes de uma resolução.

Só Benedicto arrojou-se com impeto ao terreiro da cabana.

VIII

A MÃI D'AGUA.

Descendo-se da cabana pela vereda tortuosa que serpejava entre as pedras, dava-se em um pequeno lago, alimentado pelas aguas do rio.

As margens cobertas de plantas aquaticas eram cingidas pelos alcantis do rochedo, que derramavam sobre as aguas profundas uma sombra espessa. A' superficie do lago lastravam as nimphéas abrindo os brilhantes calices brancos, azues e escarlates.

O halito da brisa frisava, achamallotando, o azul das aguas, que pareciam ter como as vagas do mar um fluxo e refluxo, porém muito mais brando. Junto ao rochedo onde estava a cabana,

em um seio que formava o lago, a agua parecia adormecida e completamente immovel. Ahi o sopro da aragem nem embaciava o espelho sempre liso e brilhante; apenas, a não ser illusão da vista, percebia-se uma leve ondulação concentrica.

A extrema velocidade desse movimento espherico era justamente o que produzia a illusão. Quem não observasse o phenomeno com bastante attenção, affirmaria sem duvida que ali era, não o eixo do turbilhão, mas o remanso das aguas, o seu regaço, onde vinham adormecer as ondinhas da margem.

A's vezes a face do lago se arrendondava suavemente, e abria uma covinha mimosa, semelhante á que forma o sorriso no rosto de uma moça bonita. Misero de quem, descuidoso, prendesse os olhos ás caricias que borbulhavam ali.

A onda, que, Shakspeare comparou á mulher na constante volubilidade, ainda se parecia com ella na voragem daquelle sorriso. Si na borbulha d'agua se aninhava a morte como um aljofar gracioso, que estava namorando os olhos; tambem assim a alma do homem se embebendo na covinha de uma face

gentil, é submergida pelo abysmo infindo, onde o tragam as decepções crueis.

De um lado da bacia notava-se uma grande pedra quadrada em forma de lage com uma borda levantada á guisa de parapeito, e uma saliencia encostada ao rochedo, figurando um divan. Era obra da naturesa, mas aperfeiçoada outrora pela arte que talvez aproveitasse o logar para ponto de recreio.

A essa pedra chamavam na fazenda, a *Lapa*. Ella ficava exactamente na base do mais alto e mais aspero dos rochedos, o qual prolongava sobre o lago uma ponta abrupta semelhante á uma crista. Esse docel de granito, com suas franjas verdes de parasitas e orchidéas tornava ainda mais umbroso o rebojo do lago, que só naquellas horas da sesta, recebia directamente alguns raios do sol.

Ahi na *Lapa* ia dar a vereda tortuosa que descia do terreiro da cabana; e continuava enredando-se nas moitas que vestiam as margens da lagôa. Na direcção da varzea podiam-se ver ainda os vestigios de algumas pilastras de alvenaria que denotavam ter ali existido em outro tempo alguma construcção ligeira.

Tal era o sitio que uma tradicção de familia cercava de tão supersticioso terror. Seu aspecto embora ressumbrasse doce melancolia, era tão sereno e placido que estava bem longe de justificar a má reputação.

Desde muito tempo Alice, curiosa como toda a criança, desejava ardentemente ver esse logar que parecia-lhe prender-se estreitamente á existencia de sua familia; pois embora de ordinario se evitasse fallar do *Boqueirão*; o facto é que estava sua lembrança viva sempre no espirito das pessoas que a rodeavam.

Por diversas vezes, vindo á casa de sua vóvó preta, a menina cogitara meios de esquivar-se furtivamente e satisfazer sua curiosidade. Ella indusira de certas palavras ouvidas casualmente, que da cabana havia uma passagem, por onde Benedicto descia a lagôa para « banzar sobre a morte de seu senhor moço. » Assim dizia a Chica. Anteriormente, brincando no terreiro de sua vóvó preta, a menina tinha reparado na abertura da rocha.

Naquelle dia pareceu-lhe favoravel o ensejo. A tia Chica estava presa á cama e não podia como costumava seguil-a por toda a parte; Bene-

dicto sahira com Mario e finalmente a presença de Adelia e de sua mucama Felicia distrahiam a attenção das outras pessoas.

Si perdesse essa occasião nunca mais alcançaria o que tanto desejava.

Obter a realisação desse desejo da condescendencia das que a acompanhavam, era cousa em que nem pensava. Conhecia as ordens severas de seu pai : e sabia como eram respeitadas e obedecidas.

A historia da *mãi d'agua* ainda mais exaltou a imaginação infantil de Alice. Desappareceram as hesitações ; sob pretexto de ver sua gallinha, ganhou o terreiro, e desceu pela vereda tortuosa até a *Lapa*.

O receio de que a sorprehendessem e o respeito supersticioso que lhe infundia aquelle sitio faziam palpitar com força o lindo seio, desmaiando e accendendo alternativamente as duas rosas da face.

Aproximando-se subtilmente da *Lapa* a menina se debruçou no parapeito de pedra, para ver a lagôa, porém especialmente a *mãi d'agua*. Seus olhos, depois de vagarem algum tempo pelas margens da bacia, fitaram-se com do-

brada attenção no tanque formado pelo rochedo.

A principio ella só viu o espelho chrystalino, onde sua imagem se reflectia, como o rosto diaphano de alguma naiade. Pouco depois teve um ligeiro sobresalto e estendendo o collo, murmurou sorrindo :

— Lá está !

Com effeito distinguia-se no fundo do lago, mas vagamente, o busto gracioso de uma moça, com longos cabellos annellados que lhe cahiam pelas espaduas. A ondulação das aguas não deixava bem distinguir os contornos, e produzia na vista uma oscillação continua.

Seria a sua propria imagem que mudara de logar com seu movimento ? Alem de apparecer o busto de mulher muito distante, tinha a cabeça voltada em sentido opposto.

Alice quedou-se, com os olhos fixos e immoveis para não perder o menor movimento da fada. As vezes sentia uma vacillação rapida na fronte; mas era uma impressão fugitiva; passava logo.

Pouco á pouco a figura da *mãi d'agua*, de sombra que era foi se debuxando á seus olhos. Era moça de formosura arrebatadora ; tinha os cabel-

los verdes ; os olhos celestes, e um sorriso que enchia a alma de contentamento ; um sorriso que dava á menina vontade de comel-o de beijos.

Alice viu a moça acenar-lhe docemente com a fronte, como si a chamasse. A principio não quiz acreditar ; tomou por uma illusão, mas tantas vezes o movimento se repetiu; tantas vezes a moça lhe accenou graciosamente com a cabeça que não pode mais duvidar.

A *mãi d'agua* a chamava ; e ella teve desejos de atirar-se em seus braços. Mas a fada estava no fundo do lago; sua mãi podia chorar; as outras pessoas sabendo ficariam com medo. Ella não, não tinha medo. A moça lhe sorria com tanta doçura e bondade !...

Em vez de querer-lhe mal, havia de fazer-lhe tantos carinhos, contar-lhe cousas muito bonitas do reino das fadas e dar-lhe talvez algum condão, que a protegesse ; que obrigasse Mario a lhe querer bem, e a não ser máo para ella.

Nesse momento chegou-lhe trazido pela brisa o echo das vozes que a chamavam. Pareceu-lhe que a puxavam docemente e ião arrancal-a ao en-

canto daquella miragem. Mas resistiu apoiando fortemente os braços sobre a pedra.

Não ouvia mais nada, nem se apercebia do lugar em que estava. O lago, o rochedo, as plantas, tudo desaparecera, ou antes se transformara em um palacio resplandecente de pedrarias. No centro elevava-se um throno que tinha a forma de um nenuphar do lago; mas era de nacar e ouro. Ahi sentada em cochins de seda, a moça abria os braços para apertal-a ao seio.

A menina teve um estremecimento de prazer. Hesitou comtudo por um melindre de pejo; mas o vulto de Mario perpassou nos longes d'aquella miragem arrebatadora; e a moça do lago outra vez sorrio-lhe, atravez d'aquella imagem querida. Então, Alice, attrahida pelo encanto, foi se embeber n'aquelle sorriso como uma folha de rosa banhando-se no calice do lirio que a noite enchera de orvalho.

Ouvio-se um soluço da onda, e um ai sentido. O soluço expirou ali mesmo, sopitado pela voragem que se abrira. O gemido repercutido pelas fragas foi derramar a afflicção na cabana.

Na desgraça que acabava de succeder nada

havia de sobrenatural. A menina fôra victima da attracção que exerce o abysmo sobre o espirito humano.

Aquelle seio profundo, que parecia o remanso do lago, era ao contrario o vortice de um profundo remoinho das aguas, que se engolphando por algum abysmo cavado na rocha, giravam sobre si mesmas com uma velocidade espantosa.

A abobada da caverna onde as aguas se precipitavam era naturalmente o cimo do penhasco onde estava a cabana, porque só nesse ponto se escutava bem o surdo fragor da catadupa. A' margem do lago muitas vezes nada se ouvia, e outras distinguia-se apenas um ligeiro susurro, como o da brisa ramalhando entre as folhas dos pinheiros.

Alice, debruçada sobre o parapeito de pedra, não percebera que fronteira a ella havia na rocha uma face concava coberta de crystalisações que espelhavam o seu busto gracioso, do qual só a parte superior se reflectia directamente nas aguas.

'Esse busto refrangido pela rocha, e reproduzido pela tona do lago, apresentou aos olhos de Alice, a sombra ainda vaga da mãi d'agua.

Depois quando uma restea de sol esfrolou-se em espuma de luz sobre a fronte limpida da menina; e um raio mais vivo scintillando nas largas folhas humidas da taioba, lançou as reverberações da esmeralda sobre os louros cabellos; o busto se debuxou e coloriu.

Tudo o mais foi effeito da vertigem causada pela fascinação. O torvellinho das aguas produz na vista uma trepidação que immediatamente se communica ao cerebro. O espirito se allucina, e sente a irresistivel attracção que o arrasta fatalmente. E' o magnetismo do abysmo; o iman do infinito que attrahe a creatura, como o polo da alma humana.

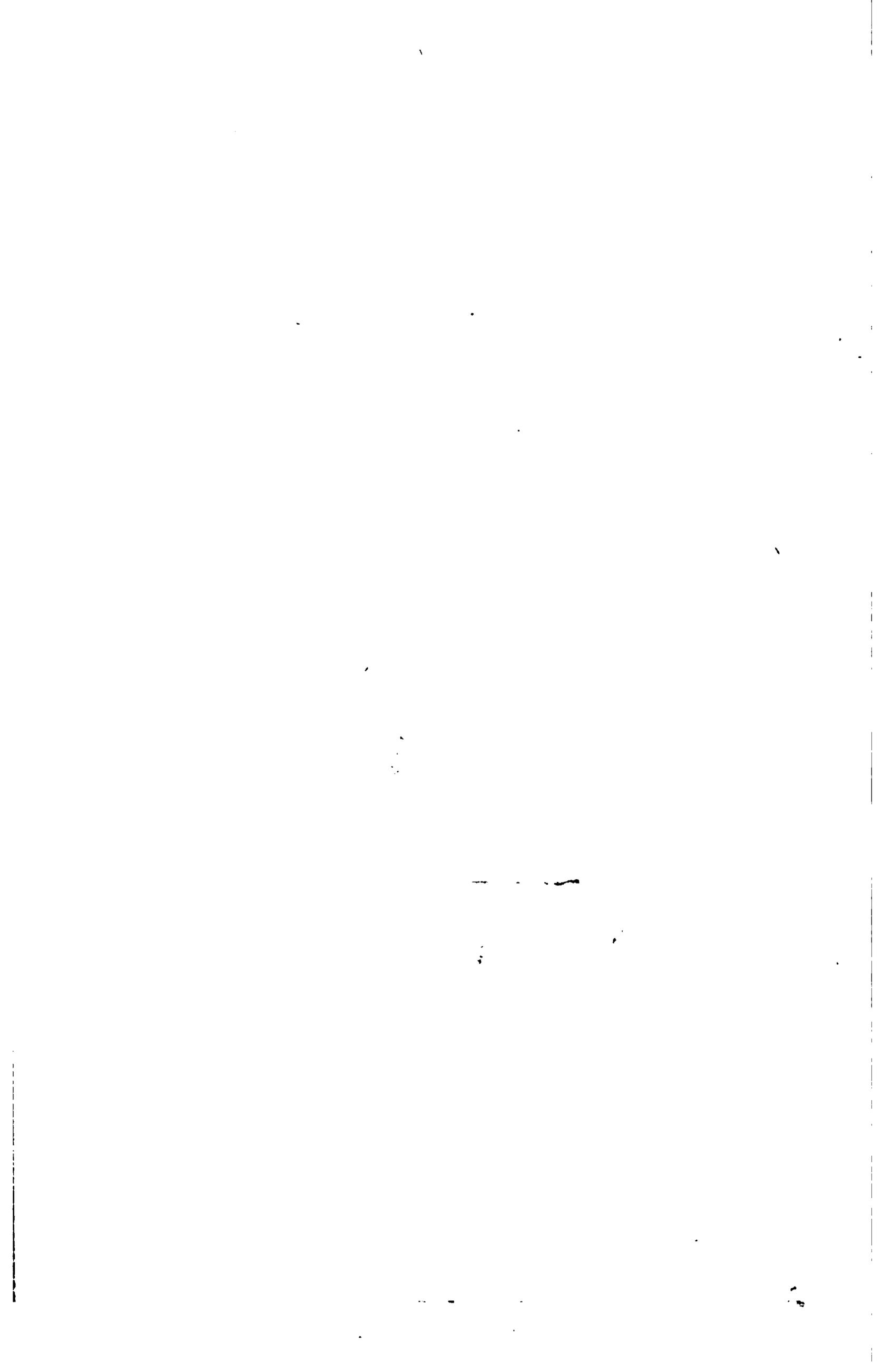
Si Alice não tivesse uma natureza forte e vivace; si a vida no campo, ao ar livre, não lhe dessem firmeza ao caracter e seiva ao coração; houvera sem duvida cedido ao primeiro atordoamento, e recuaria a tempo de evitar a catastrophe.

Chegando ao terreiro, Benedicto galgou de um salto a escarpa da rocha que se levantava do lado da lagôa. Abaixando os olhos para o remoinho não viu mais do que uma facha azul que scintillou á seus olhos como

um relampago e sumiu-se. Era o vestido de Alice.

— Ah !...

O peito largo do africano respirou profundamente, como si lhe houvessem tirado de cima um rochedo.

A onda, que abrira a fauce enorme para tragar sua victima, fechou-a de novo, e alisou-se placida e fria como a lapida de um tumulo.

IX

CASTIGO.

Mario deixando bruscamente a cabana descera á varzea, e caminhando a tôa chegara ao tronco do ipê.

Parado ahi, começou a olhar para as cruzes pretas, que já então existiam. Não se sabia ao certo quem ahi pozera aquellas cruzes, embora as suspeitas recahissem sobre pai Benedicto.

Dava-se porém a circumstancia de serem alguns desses toscos monumentos funebres consagrados á cinzas desconhecidas, de data muito remota ; quando talvez o preto velho, habitante da cabana, ainda não tinha deixado os areaes de sua patria africana.

Havia á este respeito uma tradição. Dizia-se que em succedendo uma desgraça no boqueirão, logo apparecia mais uma cruz á sombra do ipê, indicando a sepultura do infeliz tragado pela voragem.

Ora o mysterio tornava-se ainda mais profundo com o facto muitas vezes verificado do desapparecimento da victima arrebatada pelo remoinho. Alem de outros casos citava-se especialmente o do pai de Mario, em que todos os esforços empregados durante muitos dias foram inuteis. Tudo sumira-se ; o homem e o cavallo; o ventre do abysmo devorou tudo ; só escapou o chapéo, que o vento ou o acaso atirara sobre as largas folhas das plantas aquaticas.

Como pois o mysterioso coveiro achava o cadaver das victimas para dar-lhes sepultura ao pé do tronco ?

Houve quem duvidasse que as cruzes indicassem o jazigo real das pessoas affogadas na lagôa. Na opinião desses o tronco do ipê era apenas como um negrologio rustico e simbolico das successivas catastrophes succedidas no boqueirão. Semelhante duvida estimulou alguns mais ani-

mosos a verificarem o facto; mas a tentativa abortou.

A's primeiras escavações, uma voz terrivel gelou-as de pavor. Entretanto essa voz não pronunciara mais do que uma palavra:

— Espera!

Nessa palavra porém havia uma ameaça espantosa, fulminada pelo céo, ou vomitada pelo inferno. Apos a palavra, a mente horrorisada viu surgir uma legião de phantasmas. Fugiram todos assombrados ante a visão medonha.

Contentaram-se pois com os indicios, tirados da circumstacia de ser o ipê visitado pelos urubús sempre que uma nova cruz apparecia fincada na sombra da arvore.

Mario conhecia esta tradicção, que avivou-se em seu espirito, e o preocupou durante o tempo que esteve á olhar para os funebres emblemas. Ahi nessa posição, pensativo, com a fronte vergada, foi Benedicto encontrar o estranho menino, cuja intelligencia precoce parecia desenvolver-se ao influxo de um soffrimento intimo:

— Quem sabe si eu tambem não hei de ter

a minha cruz aqui ? disse elle com um sorriso indefinivel.

— Nhonhô !...

— Ali, perto daquella !...

O menino apontou para uma cruz, que se destinguia das outras por uma circumstancia quasi imperceptivel : era uma serie de pequenos talhos de faca dados na base,em uma das quinas. Contavam-se onze, sendo o superior muito recente, talvez daquella manhã.

Mario acreditando na tradicção, suspeitava que esse era o jasigo de seu pai. Benedicto por elle interrogado esquivava-se, affirmando que nada se podia saber á tal respeito ; porém o menino, embora se calasse para não affligir o velho , perseverava em suas suspeitas com a firmeza e tenacidade proprias de seu caracter.

Elle tinha por diversas vezes sorprehendido o olhar triste que o escravo fitava naquella cruz ; e notando que fronteiro a ella o chão estava mais solido e batido, attribuia isso aos joelhos de Benedicto, resando á miude pela alma do antigo senhor moço.

Vendo o gesto do menino que apontava naquella direcção, logo depois de palavras tão

sinistras, o velho africano sentiu a alma dilacerar-se.

— Não falla assim, meu nhonhô ! Você não tem pena de seu negro velho ?

O menino parecia concentrado :

— Foi hoje : não foi Benedicto ?

— Foi meu nhonhô; mas não se lembre disto agora, venha brincar com as camaradinhas.

— Não : deixa-me.

O menino permaneceu immovel diante da cruz; e o preto velho, encostado ao tronco do ipê cobria-o com um olhar de compassiva ternura, repassado comtudo de respeito. Naquelle momento dessas duas almas a viril era da criança; a infantil era a do velho.

— As vezes tenho vontade de ir ter com meu pai, para que elle me explique... o que eu não posso entender. Uma cousa, que eu penso, mas talvez não seja !... E' isto que me faz máo para os outros !

— Aquella mãi ! murmurou o preto. Podia estar com sua boca bem fechada. Ninguem perguntou a ella si sua nhanhã era rica e meu nhonhô pobre ! Deixe estar que eu ainda hei de vel-o muito, muito rico !

— Que importa ser pobre ! Os pobres são ás vezes mais felizes com seu trabalho do que os ricos com seu dinheiro.

— Eu sei que nhonhô não se importa ; mas tambem quando a gente pensa que esta fazenda do Boqueirão é toda a riqueza de meu defuncto senhor, que devia pertencer á nhonhô Mario, de repente passou para os outros, quando a gente menos cuidava!... E tudo por que meu defuncto senhor em velho deu para jogar, jogar...

— E foi por isso, Benedicto ? Foi porque meu avô jogou ?

Fazendo essa pergunta o menino fitou no rosto de Benedicto um olhar ardente, que fascinou a pupila do negro, obrigando-o a abaixar as palpebras.

—E' o que todo o mundo diz, nhonhô !

—Bem sei. Mas pensas tu que tambem isso me afflige de não possuir a riqueza que foi de meu avô e devia ser de meu pai? Este mundo é assim mesmo, Benedicto ; uns ganham, outros perdem. Quem sabe si eu ainda não hei de ser rico, apezar de nascer pobre.

— Hade, nhonhô, hade ; eu tenho uma cousa que me diz aqui dentro no coração !

— O que me desespera é viver á custa dos outros. Ninguem sabe o que a gente soffre; então mamãi, coitada! não se queixa, mas chora ás escondidas, que eu bem sei.

— Ah! minha sinhá moça! exclamou o negro velho deixando pender a cabeça no peito e descahindo os braços ao longo do corpo, emquanto as lagrimas saltavam-lhe em bagas.

— Mas isto não é nada, Benedicto. Quando eu penso que essa riqueza era mesmo de meu pai, e si elle não morresse, minha mãi não havia de viver de esmolas, aqui onde devia ser senhora...

O negro sentiu uma vibração intima, e seu grande talhe estremeceu como a lamina de uma espada, segura pela ponta. Recobrando-se porem dessa emoção, que escapou ao menino possuido de seus proprios sentimentos, acodiu com a voz calma:

— Nhonhô se engana. Eu estava sempre na casa grande e vi como foi tudo.

— Está bom! disse Mario, affastando-se contrariado.

— Onde vae?

— Brincar sózinho!

Uma suspeita laborava no espirito desse menino, que alterava o seu genio, e enrijando a tempera de seu caracter, ao mesmo tempo repassava de fel sua alma. Elle acabava de manifestar seu intimo ao preto velho, unica pessoa com quem se abria; porque para a propria mãi se mostrava reservado, receiando affligil-a e aggravar sua molestia.

Dissuadido pelo negro de uma maneira tão positiva, parece que devia aplacar-se aquella turbação de seu espirito. A pobreza de sua mãi e delle era o resultado de uma causa conhecida, inteiramente alheia á morte de seu pai, o fallecido Figueira. Podiam, portanto, sem repugnancia aceitar a generosidade de seu protector.

Mas havia dentro delle uma força irresistivel, que repellia a denegação do preto e lhe embutia no coração cada vez mais profunda a suspeita, que elle quizera arrancar. Quem não sabe o vigor desses preconceitos, sobretudo nos caracteres reconcentrados? Nesses espiritos uma duvida é a gôta acre que uma vez cahindo sobre a lamina de aço polido, primeiro embota-lhe o brilho, depois forma a leve mancha

de ferrugem, que lastrando corroe todo o metal.

Mario affastou-se rapidamente. O preto acompanhou-o de longe com os olhos até desapparecer atraz de uma escarpa do rochedo, na margem do rio. Então seguiu para a cabana onde o vimos entrar pouco antes e interromper tia Chica. Cheio como ia das recordações tristes daquelle dia e daquelle lugar, deixou escapar algumas palavras de que se arrependeu.

Arrancado á suas scismas pelo gemido angustiado que repercutira na cabana, o velho africano quando se arremessou para o terreiro, ia póde-se dizer, estringido por uma só idéa horrivel, que esmagava-lhe o cerebro e lhe estrangulava o seio.

As palavras a pouco proferidas por Mario com os olhos fitos na cruz que indicava o jazigo de seu pai, retiniam no cerebro do africano como o estalo da rocha si batesse no seu rijo craneo.

Aquella lembrança do menino fallando de ter tambem ali sua cruz, e sobretudo o tom profundo com que exprimira o desejo de reunir-se a seu pai; tudo isto e a tristeza de

Mario quando o deixára, passou pelo espirito revolto do africano, de relance, mas como uma visão horrivel, no fundo da qual elle via ou antes revia..

O que?

O medonho abysmo que outrora aos raios de uma lua de inverno, abrira a immensa cratera para devorar em um apice, aquillo que mais amava neste mundo.

Quando, pois, ao primeiró olhar lançado sobre o remoinho elle conheceu que não era Mario a victima, sahiu-lhe sem querer do seio aquelle amplo e longo respiro.

Mas logo cahiu em si. Seus olhos se ergueram do abysmo ao céo, e ahi se engolfaram cheios de uma expressão indefinivel. Que passava nessa alma para assim transfigurar o rosto grosseiro do escravo? Era dôr, era espanto, era uncção; ou tudo isso reunido?

Quem o póde saber?

A grande estatura do negro, de pé sobre o rochedo, illuminada em cheio pelo sol, e moldurada pela natureza agreste que o rodeava, era digna de um cinzel.

— Castigo do céo!.. balbuciavam surdamente seus labios.

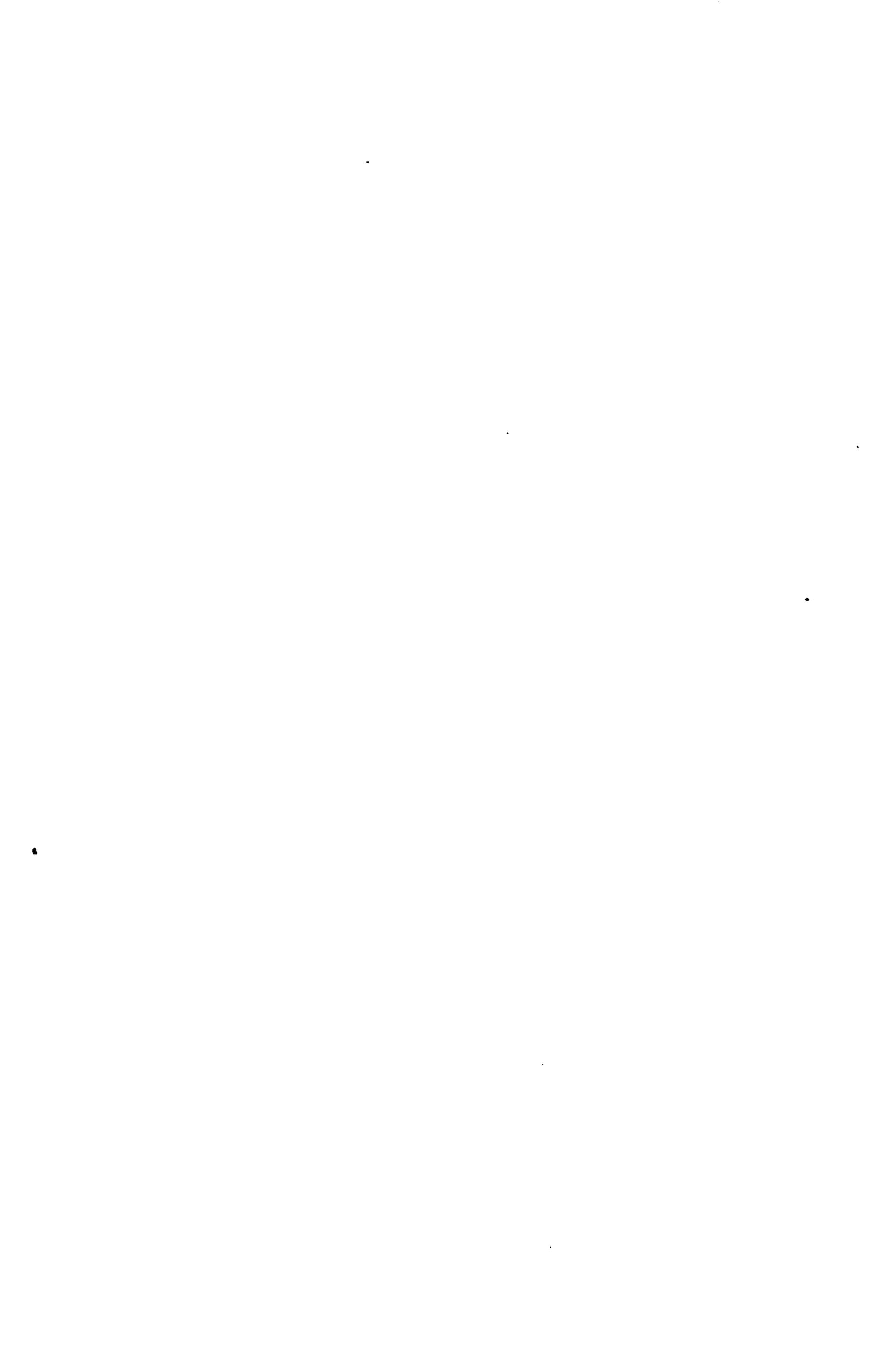
Tudo isto foi rapido como o pensamento; não durou o espaço de um minuto. Mal a palavra expirava nos labios de Benedicto, que uma voz subita e vibrante estrugiu nos ares:

— Meu pai!..

Na posição em que se achava, Benedicto dava as costas á christa do alto rochedo, que lhe ficava sobranceira de muitos pés. Voltando-se immediatamente ao som da voz, não viu sinão surgir um vulto, volver sobre si mesmo, e despenhar-se do alto.

Era Mario. O menino acabava de precipitar-se no vortice mesmo do remoinho; e desapparecera submergido pela onda, que seu corpo velozmente impellido pelo arremesso retalhara apezar da correnteza.

A alta estatura do africano rodou como uma arvore ennovelada pelo tufão, e desabou em terra. Seu corpo foi rolando pesadamente pela encosta, até que as moitas de espinheiros bravos o retiveram suspenso sobre a voragem.

Além repercutia surdamente o estrepito de um cavallo a galope.

X

DOIS AMIGOS

No anno de 1850, a fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão pertencia ao Barão da Espera.

O modo porque o barão tinha adquirido essa propriedade, e especialmente a rapidez com que enriquecêra, sorprehenderam as pessoas do lugar, sobretudo aos fazendeiros que o conheciam desde a infancia.

Joaquim de Freitas era filho de um simples administrador de fazenda ; na idade de treze annos ficára orphão e em extrema pobreza. Seu pai o tinha posto em um collegio de Vassouras, onde ia desenvolvendo o talento natural, e adquirindo instrucção notavel para seus annos.

No collegio muito se affeiçoára por elle outro menino, filho do commendador Figueira, o mais rico fazendeiro daquella redondeza, então proprietario do *Boqueirão.*

Esse fazendeiro respeitavel, sabedor do desamparo em que ficára o menino e da amisade que lhe tinha o seu José, tornou-se protector do orphão : e a sua custa o manteve no collegio até a idade de desoito annos.

José Figueira era mais velho do que Joaquim de Freitas, cerca de tres annos. Tinham genios oppostos, o que de algum modo concorria para liga-los ainda mais estreitamente. O primeiro communicava a seu amigo certa paciencia e serenidade de animo, que deviam fortalece-lo contra as decepções e contrariedades ; o outro ambicioso, ardente e ousado infundia na natureza placida de seu amigo o calor necessario para reanima-la.

Com a protecção do commendador e do filho, pôde Freitas ajuntar modica somma, que lhe serviu para estabelecer na villa uma pequena casa de negocio, dirigida por um moço portuguez. Quanto á elle, a amisade de José Figueira o retinha na fazenda, ou em passeios pela visinhança

e pela côrte ; occupação esta mais conforme á sua indole.

Figueira casou-se aos vinte e seis annos. Porisso não resfriou a affeição dos dois camaradas de collegio : ainda que o amor reclamasse uma parte do tempo antes exclusivamente consagrado á amisade.

De seu lado Freitas pensou tambem no casamento ; mas para elle, moço pobre, o casamento era toda a esperança, todo o futuro ; era a riqueza tão ardentemente ambicionada. Assim teve o cuidado de pôr em dieta o coração, fiando sua sorte unicamente de um porte elegante e de um rosto distincto que realçavam olhos muito expressivos e bastos anneis do fino cabello preto.

Elle tinha noticia de todas as filhas de opulentos fazendeiros, que havia nos municipios do sul ; e esperando que uma circumstancia feliz preparasse a realisação do sonho dourado, de sua parte não perdia occasião de adorar o idolo, *moça rica*, sob qualquer forma que se revellava á seus olhos.

Loura, castanha, ou morena, rosada, alva ou pallida ; alta, baixa ou mediana ; bonita,

feia, ou simpathica ; espirituosa, parva ou apenas ignorante; não se dava ao trabalho de escolher. Rendia culto a qualquer dessas encarnações do dote.

Mas o coração é um importuno que apparece quasi sempre onde não o chamam. O Freitas viu em uma festa, D. Julia, filha de uma viuva pobre e ficou ali mesmo captivo de sua formosura. Debalde lutou para arrancar esse amor funesto, que vinha derrocar todos os seus castellos, justamente quando elles pareciam prestes á se realisarem. Foi vencido e subjugado pela paixão, que o atirou como um escravo aos pés da moça.

Por esse tempo occorreu um acontecimento, que devia exercer sobre o amigo e protetor do moço uma influencia bem funesta.

O commendador Figueira, apezar de ser homem de sessenta annos, e viuvo havia mais de vinte, por um capricho de velho casou-se com uma sobrinha que educara. Esse casamento inesperado alterou as relações entre o pai e o filho : além da desigualdade da união dava-se a circumstancia de estar José mal com a prima, a quem tinha em conta de enredeira e accusava de o ter intrigado com o pai.

Mal haviam decorrido tres mezes, que a arrogancia de D. Alina, orgulhosa com sua nova posição, forçou o enteado a retirar-se da casa paterna. Este facto, habilmente explorado pelo genio intrigante da madrasta, ainda mais indispoz o espirito do commendador Figueira contra o filho, aquem chegou a attribuir projectos sinistros á respeito de sua existencia.

Levadas as cousas á este ponto, cessaram completamente as relações de familia. José Figueira, que até então se empregara exclusivamente no serviço da fazenda augmentando o patrimonio que devia um dia pertencer-lhe como filho unico; victima de sua lealdade, ficou reduzido a ganhar a vida pelo trabalho e á acceitar o auxilio de alguns fazendeiros áquem indignára o procedimento do commendador.

Nestas estreitas circumstancias lembrou-se o moço, que sua mãi devia ter-lhe deixado por legitima uma parte dos bens do casal na epocha de seu fallecimento. Até então não se preocupara com isso ; e nunca durante tantos annos fizera á seu pai a menor allusão á esse respeito. Nem mesmo sabia se haviam feito inventario e par-

tilhas ; confiava tudo da honradez proverbial do velho fazendeiro.

A situação porém era outra agora. Estava reduzido á penuria, e tinha não só de sustentar-se com decencia, como de prover ao futuro incerto de sua mulher e filho : Mario contava então dois annos ; e o pai muitas vezes embalando o berço do menino para o acalentar, enxugava a furto as lagrimas que lhe rolavam pelas faces e iam humedecer as brancas faixas.

Obteve José Figueira de um fazendeiro,amigo intimo do pai, o favor de fallar-lhe sobre a questão do inventario. O commendador declarou positivamente que na occasião do fallecimento de sua primeira mulher elle não possuia mais do que dividas,pagas depois com os lucros das colheitas. Si o filho duvidava disso, lhe pozesse demanda, que havia de provar em juizo o que dizia. Concluiu pedindo ao amigo que não lhe fallasse mais do filho ingrato, ao qual elle já fazia muito em não desherdar. O commendador não fallava certamente da desherdação solemne por testamento, nos casos da lei ; mas desse meio indirecto de que usam muitos pais, collocando simuladamente os bens em nome de terceiro.

D. Alinia por muitas vezes tinha insistido na necessidade de tomar essa medida: seus esforços haviam redobrado desde que dera á luz um menino, mais velho anno e meio que Mario. O commendador porém resistia ; a voz do sangue apezar de tudo ainda repercutia em seu coração.

Sabia-se geralmente pelas murmurações dos escravos o que á este respeito occorria na *Casa grande*, e referiam-se até com todas as particularidades, as altercações violentas que haviam frequentemente entre marido e mulher. O commendador estava soffrendo a punição da leviandade de seu casamento.

José Figueira continuava á viver pobremente, trabalhando com o proprio braço. Graças á seu genio laborioso, á sua calma preserverança, e ao auxilio de um fazendeiro generoso que emprestou-lhe dez contos de reis ; tinha esperança de crear ao cabo de alguns annos a abastança para a familia e de garantir o futuro.

Freitas andava depois de certo tempo um tanto arredio, naturalmente por causa dos olhos de D. Julia, que o traziam atribulado entre penas e esperanças. Embora occupado de todo na labutação da roça, comtudo Figueira sentia as vezes

a ausencia do amigo de infancia, especialmente á noite, na hora do repouso e serão de familia, quando é tão grato vasar em seio dedicado a confidencia dos proprios trabalhos, e beber em palavras sinceras e leaes a coragem para a luta.

Essa hora porém Freitas a passava em casa de D. Isabel, mãi de Julia, curtindo magoas e desesperos á troco de umas fagulhas de esperança com que o acalentavam de tempos em tempos. Algumas noites, quando se recolhia á deshoras, protestava não voltar mais ; e no dia seguinte era dos primeiros que chegavam.

D. Julia teria então vinte annos ; era realmente uma belleza. As pastas dos finos cabellos e os grandes olhos pareciam talhados em veludo negro, e embutidas no jaspe de sua tez branca e macia. Tinha a boca lindissima, e as formas correctas e harmoniosas de uma estatua grega. Si alguma cousa se podia notar nesse typo de formosura era a frieza que lhe amortecia as feições.

Filha de uma viuva pobre, tendo de seu apenas a Chica, preta que lhe servira de ama : Julia da mesma forma que Freitas depositara toda sua esperança no casamento; tambem para ella,

o sonho dourado da juventude fôra o dote ; e o coração não passava de um travesso áquem se perdoariam os caprichos,emquanto não podessem comprometter o futuro ; pois do contrario não haveria remedio senão pô-lo de jejum, á pão e agua.

O acaso, que as vezes toma ares de zombeteiro, reunia essas duas creaturas possuidas de igual pensamento, eivadas da mesma ambição ; e não contente de as pôr em face como espelho uma da outra, fez que se amassem, ellas que fugiam do amor, como de um fatal contratempo. Mas nenhuma, cedendo a affeição, renunciou á esperança tão affagada do casamento rico.

Bem se avalia pois das torturas porque havia Freitas de passar na casa de D. Isabel, ponto de reunião dos moços da visinhança, attrahidos pela belleza da moça. Julia graduava sua amabilidade e ternura pela riqueza de cada um desses portadores de dote de todos os moldes e feitios. O namorado, esse na sua condição de superfluidade agradavel, vinha em ultimo lugar ; apenas lhe tocavam uns sobejos de agrados e carinhos, quando os candidatos mais graduados não se mostravam exigentes, ou se retiravam cedo.

Julia mostrou-se muito superior á Freitas na realisação de seu plano ; ao passo que este se deixava arrastar muitas vezes pela paixão que tinha á moça, ella sempre calma e paciente não vacillava e proseguia incessantemente para o alvo de sua vida : o casamento rico.

Mas em todo esse trama laboriosamente urdido para colher um dote, a moça não era sinão o instrumento de D. Isabel que a movia como á um authomato. Habituada desde criança á obrar e a pensar pelo influxo da mãi, Julia chegando aos desoito annos longe de emancipar-se dessa tutella ainda mais subordinou-se á ella. Sua natureza fria, incapaz de impulsos ardentes, si alguma vez se aquecia com um raio de paixão, cahia logo prostrada e exhausta, sob a vontade a que por ventura tentava subtrahir-se.

D. Isabel nutriu e acalentou o coração da moça, como tinha feito outrora á criancinha de collo ; e porisso Julia amava quando, como e á quem, a velha desejava. Era esta quem de vespera traçava o programma dos namoros da filha no dia seguinte ; quem dava o plano de certas arrufos e esquivanças proprios para atear a chamma de algum apaixonado ; quem fornecia

á filha diversos modelos de attitudes encantadoras para receber uma declaração de amor.

Si a paixão de Freitas pela filha incommodasse D. Isabel, ha muito tempo que Julia teria deixado de prestar attenção ao mancebo ; mas ao contrario entrava nos calculos da velha entreter essa affeição, que ella considerava ao mesmo tempo um auxiliar util, e uma reserva prudente.

Como auxiliar, o namorico da filha com o Freitas, habilmente dirigido, servia para á proposito excitar o ciume, um dos mais fortes condimentos do amor. Por outro lado, D. Isabel julgava conveniente não desprezar a probabilidade de casamento com um moço, como Freitas, que de um instante para outro podia enriquecer e assim guardava essa carta para o caso de falharem as outras.

Não era debalde que D. Isabel, ficando viuva na idade de 50 annos e com uma filha moça, em vez de permanecer na corte, foi viver na roça, em uma casa que lhe viera de herança paterna. As amigas a censuravam muito por esse passo, que em sua opinião compromettia o futuro de D. Julia. Mas a mãi tinha confiança na sua habilidade e na belleza da filha.

Ella sabia que na côrte teria de luctar com a concurrencia immensa que já então havia na acquisição dos portadores de bons dotes ; e porisso devia procurar um mercado onde não podesse temer competencias.

XI.

DESASTRE.

Estava José Figueira a trabalhar de fouce na sua roça, quando lhe chegou de casa a noticia de achar-se doente e muito mal o commendador.

Ouvindo essa noticia, o filho tudo esqueceu para lembrar-se unicamente que o enfermo era seu pai. Correu á casa, e montando á cavallo dirigiu-se para a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* que distava cerca de tres leguas. Ao approximar-se porém, o impulso que o trouxera ia-se desvanecendo ; e insensivelmente a mão colhendo as redeas demorava o passo do animal.

— Elle pensará que vim trazido pelo interesse.

Nisso Benedicto, que o avistara da cabana, corria para elle com as maiores demonstrações de alegria. O preto conservava pelo senhor moço a mesma ardente affeição ; e não se passava semana que elle não fosse duas vezes pelo menos vizital-o em sua casa, e levar um cêsto de fructas, um molho de canna, ou qualquer outra cousa para Mario a quem apenas começavam a dispontar as presas.

— Como está meu pai, Benedicto ?

Apagou-se a alegria do preto, vendo o pezar que resumbrava no semblante de José Figueira, e recordando o acontecimento que havia esquecido no alvoroto de vêr seu querido senhor moço.

— Cahiu doente ha tres dias, mas não ha de ser nada de cuidado, nhonhô ! disse o preto com voz baixa e desviando os olhos.

— Sei que elle está mal !

— Vmc. vai lá ?

— Não ! disse José Figueira. Vinha com essa intenção ; mas tenho medo que elle zangue-se por me vêr e peiore.

Apenas o senhor moço afastou-se, Benedicto foi á *Casa grande* tomar a benção ao commendador e saber como elle ia. Encostado no braço da

cama do enfermo, espreitou o momento favoravel para contar-lhe o que occorrera naquella manhã. D. Alina, que desconfiava do preto, veio interrompel-os ; mas o enfermo commovido teve tempo de murmurar ao ouvido do escravo fiel :

— Dize a elle que venha abraçar-me...

Na mesma noite José Figueira recebeu de Benedicto o recado do pai e partio para a *Casa grande*. Parece que a entrevista teve logar em segredo, e que seguiram-se outras á mesma hora adiantada da noite.

Infelizmente voltando de uma dellas, na noite de 15 de Janeiro de 1839, José Figueira errou o caminho e precipitou-se no boqueirão. Ao choque produzido pela noticia de semelhante desgraça, o commendador que estava agonisante não pôde resistir e expirou tendo sobrevivido ao filho apenas dous dias em que não deu accordo de si.

Com espanto dos fazendeiros e até dos correspondentes da Côrte, descobriu-se que em vez de ser um dos homens mais ricos do logar, como todos acreditavam, era ao contrario pobre, e muito pobre. Estava crivado de dividas que absorviam todos os seus bens.

Attribuiu-se a ruina do commendador ao jogo, paixão que dominara o espirito do velho durante os ultimos tempos: « Sem duvida, disiam as comadres do logar, para disfarçar os amargores de boca e as zangas que lhe causava a enfunada da mulhersinha. »

Si a ruina do commendador sorprehendeu geralmente, maior admiração houve ao saber-se que um dos principaes credores do fallecido era Joaquim Freitas, a quem estava hypothecada a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* no valor de cem contos de réis. E' verdade que o moço apresentava-se como procurador de varios capitalistas da praça do Rio de Janeiro, associados para o fim de empregarem alguns fundos em emprestimos á lavoura com a devida segurança.

Esta circumstancia bem provada como estava, explicou o facto muito naturalmente; mas a impressão da subita mudança de fortuna do Freitas, perdurou: e se avivava sempre que sua prosperidade nascente tomava um novo incremento.

Apenas se liquidou a successão do commendador e Freitas tomou posse da fazenda, teve logar seu casamento com D. Julia. A este respeito

contava-se um incidente curioso, e que por algum tempo deu thema ás conversas da villa.

Dias depois da morte do commendador e do filho, estava Freitas em casa de D. Izabel ; o moço conservava a mão direita mettida no peito do collete, pretextando um talho que déra com a canivete ao aparar uma penna. A concurrencia era pequena ; estavam ausentes os candidatos festejados; tocava pois a noite ao Freitas, o que raras vezes succedia.

D. Isabel tinha presentido alguma cousa no porte e no olhar de Freitas ; assim recommendou á filha que fosse meiga e affectuosa. Julia entregou-se pois á sua inclinação ; e Freitas em um momento de ternura conversando á janella aproveitou-se de uma occasião em que não reparavam nelles para tomar a mão da moça e beija-la.

Julia disparou a rir, chamando assim a attenção das pessoas que estavam na sala. Freitas sorprezo ao ultimo ponto, não comprehendia ; quando de repente um gesto da moça, suffocada de riso, o tornou livido como um lençol. Escondeu rapidamente a mão, porém era tarde ; já todos tinham visto o que elle tanto insistira em occultar.

O dedo indice, quebrado violentamente, enroscava-se como um parafuso, projectado em sentido inverso, de modo que estendido o braço a ponta desse dedo em vez de apontar além, apontaria para seu proprio dono.

Este aleijão, que mais tarde Freitas attribuiu a uma queda desastrada, fôra a causa da hilaridade da moça.

D. Isabel reprovou muito a imprudencia da filha e com razão, porque uma semana depois começou a divulgar-se a noticia da subita riqueza de Freitas. Mas o moço, além de apaixonado, tinha agora á vingar seu amor proprio offendido ; era preciso que Julia, a orgulhosa Julia, fosse sua mulher ; mal sabia elle que esse orgulho,como todos os outros sentimentos da moça, não era mais do que reflexo da vontade materna.

D. Alina, a viuva do commendador que esperava ficar senhora da fazenda e de toda mais riqueza com exclusão de José Figueira, viu-se reduzida a uns vinte contos de reis que póde salvar em joias. Ella que devia andar bem ao facto do estado da casa, foi segundo affirmaram das mais sorprehendidas ; e não cessava de gritar que seu

marido tinha sido roubado. Constou que fora a côrte consultar advogados sobre uma demanda á propor; mas a cousa deu em nada.

Quanto á viuva de José Figueira, essa ficou em triste condição. A morte do marido destruiu o que seu trabalho havia começado: as terras abandonadas nem deram para pagar os dez contos de reis do emprestimo: foi preciso que o credor em attenção á desgraça da pobre mulher, lhe perdoasse o resto da divida.

Freitas mostrou-se nesta emergencia digno, pela gratidão e pela generosidade, da fortuna que o elevara. Deu amparo á viuva e filho de seu amigo de infancia, chamando-os para a fazenda, onde foram habitar a antiga casa do administrador.

A D. Alina, tratou-a com todas as considerações; e de vez em quando a suppria com dinheiros, que ella ia gastar na côrte em fitas e rendas, sinão serviam para rehaver os diamantes já tantas vezes empenhados.

Estes factos, divulgados pelos parasitas de Freitas, e habilmente adornados de elogios, criaram uma merecida reputação de nobresa d'alma e elevação de caracter; reputação que mais

tarde devia realçar um rasgo de philantropia.

Lamentando as catastrophes que annualmente causam as enchentes do Parahyba, o fazendeiro criou com avultado dispendio um serviço especial para nessas occasiões acudir aos infelizes naufragos, arrancal-os a torrente, e salva-los da morte e ruina total.

Não foi porém sua reputação e philantropia que lhe valeram o titulo de barão, e sim a somma redonda de doze contos de reis que deu para o hospicio de Pedro II : sumptuoso edificio, que sob a augusta invocação tem servido de lenitivo á loucura de uns e á vaidade de outros.

A riqueza e importancia de Freitas criaram-lhe invejosos e inimigos. Houve quem fomentasse suspeitas a respeito da origem de sua fortuna. Chegaram até á insinuar que José Figueira fora victima de uma espera,junto ao boqueirão, onde tinham lançado o corpo para dar ao assassinato a apparencia de um simples desastre.

A gente da villa porém não dava peso á semelhantes enredos.

XII

O CONSELHEIRO.

A' hora, em que os meninos chegavam á cabana, estavam reunidas na varanda da *Casa grande* varias pessoas.

Ao redor de um mesa de junco no centro da sala, conversavam tres senhoras vestidas com muito apuro e elegancia. A mais alta era a baroneza, mãi de Alice, senhora de muita formosura, embora fria e sem expressão. A' direita ficava-lhe D. Luiza, mãi de Adelia, uma das estrellas do Cassino naquella epocha. A' esquerda movia-se na poltrona com uma volubilidade nervosa, o talhe delgado de D. Alina, cuja magresa extrema desapparecia sob uma nuvem espessa de fitas, babados e filós.

A baroneza abanava-se com um rico leque de madreperola ; D. Luiza arranjava em ramalhete as violetas espalhadas sobre um lenço de fina cambraia. D. Alina gesticulava.

A alguma distancia deste grupo, junto á janella estava sentada uma senhora desfeita e pallida; vestida de preto e com extrema simplicidade. Era D. Francisca, viuva de José Figueira e mãi de Mario : trabalhava em malhas de lã ; e constantemente volvia os olhos á janella, alongando-os pela encosta da collina, onde se desdobravam até a margem do rio o jardim, a horta, o pomar e a varzea. Naturalmente seu pensamento acompanhava o filho no passeio.

— Não sei o que me vae acontecer ! Tenho um aperto de coração ! murmuravam seus labios descorados.

N'uma das extrèmidades da varanda passeiava distrahido um homem de boa presença, alto e robusto. A cabeça, que elle as vezes erguia por um esforço, ia á pouco e pouco insensivelmente descahindo sobre o peito.

Era o barão.

Tinha uma sobrecasaca de casimira escura abotoada, no peito da qual mettia a mão direita. Este

habito, contrahira elle desde muitos annos para disfarçar o aleijão da mão direita. Outr'ora vaidoso de sua bonita mão, sentia agora desgosto profundo por causa desse defeito; e diversas vezes pensara em sujeitar-se a uma operação para amputar aquelle membro inutil e ridiculo. Mas cousa singular, elle de coragem provada, tinha medo!

— Estou arrependida depois que deixei Adelia ir a esse passeio: dizia D. Luiza lançando um olhar para a janella. O sol já está tão quente!

— A senhora tambem tem tantos cuidados com sua filha, D. Luiza; é de mais; acodiu D. Alina.

— Eu não sou assim com Alice, quero-lhe muito bem, mas deixo-a brincar a seu gosto; observou a baroneza.

— Pois olhe, baroneza; pelo meu gosto, Adelia não ia a parte alguma sem mim. Olhos de mãi sempre vêem mais!... Felizmente minha filha é muito boa menina; não podia ser melhor; conta-me tudo. Não é capaz de fazer a menor cousa sem minha licença; nem mesmo comer uma bala.

— Isto é o que a senhora pensa!

— Póde acreditar, D. Alina.

— Mas o que você ganha com isso, D. Luiza? Affligir-se á tôa por qualquer cousinha de nada. Si Adelia voltasse agora e lhe disesse — « mamai eu comi uma fructa quente ». Ai! minha filha vai adoecer! E no fim de contas não passava do susto.

— Mais assustada fico eu, não sabendo o que ella faz.

— Eu penso como a baroneza. O meu Lucio tem bastante juizo: e entretanto eu não estou a cada momento a ralhar com elle e a atormenta-lo.

— Nem eu com Adelia!...

A discussão promettia prolongar-se. O assumpto não podia ser mais vasto e importante. O verdadeiro systhema de educação é um problema muito estudado, mas ainda não resolvido de uma maneira satisfactoria.

D. Luiza e a baroneza sustentavam cada uma a opinião mais conforme com sua indole; não indagavam si essa opinião era a melhor para formar o coração e espirito da filha; bastava que fosse a mais commoda e agradavel á mãi.

D. Luiza, espirito curioso, natureza vivaz, que

precisava de um elemento para sua actividade incessante, tinha necessidade de occupar com a filha todo o tempo que lhe deixavam os bailes e theatros. Ella obedecia assim ao mesmo tempo ao estimulo do amor materno, e á uma condicção de seu organismo.

A baroneza ao contrario, espirito indifferente, natureza inerte, não tinha energia bastante para animar sua propria existencia, quanto mais para disperdiçar em disvellos incessantes pela filha, que sem isso crescia bonita e sempre alegre. Ella amava a Alice como se ama na idade do egoismo, sem extremos, com uma igualdade calma e inalteravel.

Quanto á D. Alina, não tinha opinião sobre este, como sobre qualquer outro assumpto. Aquella mulhersinha mirrada e titilante não passava de um cartão para amostras de rendas e fitas ; fóra disso só sabia intrigar. Adoptou a opinião da baroneza, porque era a da dona da casa, onde ella acabava de chegar com- tenção de passar algumas semanas. Tres dias depois, talvez já não fosse capaz daquella fineza.

— Venha decidir a questão, Sr. conselheiro ! exclamou D. Alina para uma pessoa que entrava.

Era um homem que orçava pelos cincoenta annos, baixo e calvo, de rosto largo e feições grosseiras mas não vulgares. A fronte proeminente e espaçosa parecia debuxada no chinó frisado que lhe cobria a craneo despido. De vez emquando um riso mordaz perpassando-lhe nos labios aprofundava os dois sulcos das bochechas, e derramava em seu rosto a expressão desse frio sceptismo, que atira o homem na materialidade para crer e sentir alguma cousa.

Gozava Lopes da reputação de um dos mais brilhantes talentos politicos daquella épocha; o que lhe valera o titulo de conselheiro, então menos relaxado do que actualmente. Seus amigos acreditavam qne na primeira organisação lhe seria confiada uma pasta, e das mais importantes. Quando se fallava nisso, o futuro ministro regorgitava de importancia, e derramava em torno um ar de protecção. Nesse tempo ainda não tinham os politicos adquirido o sestro das loureiras, que mostram desdem pelo que mais cobiçam.

A amisade intima que existia entre o conselheiro e o barão datava de muitos annos e nascera de uma circumstancia curiosa, que naturalmente foi revelada pelo ministro de que trata a

anecdota. Ha tanto ministro leviano hoje em dia, que não admira já existisse a semente naquelles tempos mais atrazados.

Quando o barão pretendeu o titulo, pensou que o seu rasgo de philantropia, embora não servisse para alcançar-lhe o despacho, sómente devido aos doze contos de réis, dava-lhe comtudo direito a escolher a denominação do baronato. Por isso escrevera ao correspondente incumbido de effectuar a transacção, recommendando-lhe com instancia que obtivesse o titulo de *Barão do Soccorro*.

O correspondente cumpriu fielmente a recommendação; mas surdiram difficuldades que obstaram a conclusão do negocio. Foi então que no gabinete do ministro se passou esta scena.

A Excellencia preparava a pasta para o despacho da noite. Lopes que era intimo do ministro e mediante 500$ mensaes pagos pelas despezas secretas o deffendia na imprensa em artigos bombasticos, fumava recostado familiarmente em uma cadeira de balanço.

— Eis aqui um negocio que me está dando que fazer!.. disse a Excellencia voltando-se para mostrar certo papel.

— Alguma complicação? perguntou Lopes

quebrando na ponta do botim a cinza do charuto.

— Um fazendeiro do sul da provincia, o Joaquim Freitas que deseja ser barão...

— Hanh !..

— Conhece-o?

— De nome apenas.

— E' a primeira influencia eleitoral do collegio; além disso deu doze contos de réis para as obras do Hospicio. Mas o *homem* embirrou ! A principio não queria dar mais do que uma commenda ; por fim como já se tinha recebido o dinheiro, e podia haver um escandalo, consentiu no baronato; porém não apparece nome que sirva. Já corremos todos os santos da folhinha, e todos os rios da provincia... O Freitas insiste por *Barão do Soccorro*; mas eu já me contentava em faze-lo barão de qualquer cousa. Ha dois mezes que estou nesta lida.

— Tive agora uma idéa, excellentissimo. Proponha *Barão da Espera* ; disse Lopes com um sorriso prismatico.

— Da Espera... Porque?

— O Freitas mora pelas margens do Parahyba; e como nos rios sempre ha uns pontos chamados

esperas, onde as canôas se abrigam emquanto passa a força d'agua....

Ergueu-se discretamente um canto do reposteiro, e o correio participou achar-se na sala o senador X, parlamentar muito distincto, que mudava de partido regularmente duas vezes no anno : ao abrir-se a sessão declarava-se opposicionista e pouco antes de encerrar-se dava sua adhesão ao governo.

O ministro sahiu promptamente para não fazer esperar tão importante personagem, que pertencia a uma classe de homens politicos muito apreciada em S. Christovão. A mão que fabrica os titeres do theatrinho parlamentar, tem rasão de preferir essas creaturas de cêra, que o menor calor derrete, ás almas de tempera que o fogo eurija em vez de embrandecer.

No dia seguinte publicou-se o despacho do *Barão da Espera.*

O ministro apenas avistou Lopes nos corredores da camara correu a elle pressuroso:

— Que bôa idéa !.. Parece que deu-lhe no gôto ; e não estava em dia de indulgencia ; ao contrario.

Nos labios do conselheiro Lopes perpassou o

mesmo sorriso prismatico da vespera, mas dessa vez o raio da ironia era mais scintilante.

— Excellentissimo, disse elle sentenciosamente ; os ministros fazem programmas, e os reis epigrammas.

— Como assim ?

Lopes cochichou ao ouvido da excellencia que a principio enfureceu-se ; mas tomando a cousa em ar de chalaça, desabotoou o sobrolho em uma gargalhada.

Lendo o *consta-nos* do *Jornal do Commercio*, Freitas ficára desesperado ; e veio á Côrte resolvido a renunciar ao titulo e reclamar seu dinheiro. Afinal pôde obter uma audiencia do ministro, e expôr-lhe sua pretenção de vêr corrigido o engano, ou desfeito o trato e restituido o preço.

Entendia Freitas e com boa rasão, que tendo offerecido doze contos de réis á vista pelo titulo de *Barão do Soccorro*, e não por outro qualquer ; o governo devia dar-lhe o objecto comprado, ou declarar que não podia aceitar a offerta, fazendo de sua parte contra proposta.

Assim costumava o fazendeiro tratar a venda dos cafés ou a compra de escravos ; e suppondo

que a base das transacções mercantís, quer se façam na praça do commercio, quer no gabinete do ministro, é a boa fé, não duvidou um instante da justiça de sua reclamação.

O ministro porém provou-lhe que elle estava muito atrazado em politica.

— Meu caro Sr. Freitas, como seu amigo que me prézo de ser devo usar de toda a franqueza. O senhor labora em um engano, quando suppõe que o governo vende titulos, e que pelo facto de dar doze contos de réis. qualquer tem direito a ser barão.

— Mas, Sr. conselheiro, foi o que me disseram !

— Illudiram-n'o. Dando doze contos de réis o cidadão presta um serviço e fica habilitado a ser remunerado com uma graça. Essa graça pode ser um habito, uma commenda ou um titulo, do nome que approuver ao governo, o qual não recebe condicções. O Sr. desejava ser *barão do Soccorro* : Sua Magestade entendeu em sua sabodoria que devia faze-lo *barão da Espera.* Tome o meu conselho ; vá agradecer-lhe, e não se occupe mais com isso. Não é bom reviver certas cousas !..

O ministro concluio com um sorriso misterioso, apertando a mão do Freitas :

— Entende-me ?

— Não excellentissimo, não entendo !

— Ora !.. Conhece o conselheiro Lopes ? Elle fallou-me em certos boatos... calumnias bem sei ! Mas em todo o caso o melhor é deixar esquecer estas cousas.

O novo barão sahiu livido de cholera semduvida ou de indignação ; mas não deu andamento á sua reclamação.

Dias depois um amigo a seu pedido o apresentou ao conselheiro Lopes ; e tal sympathia sentiram mutuamente, que se tornaram intimos, e se uniram espiritualmente pelos laços de um mutuo compadresco.

O conselheiro foi padrinho de uma primeira menina que o barão perdera e não tendo outro modo de retribuir a fineza convidou o amigo para chrismar Adelia, sua filha unica.

Com o conselheiro entraram na varanda varias pessoas, hospedes do barão, que tinham ido depois de almoço dar uma volta pela fazenda. Notavam-se entre outras, a volumosa e repolhuda reverencia do padre Carneiro, vigario da fregue-

zia ; a exigua estatura do capitão Tiburcio, subdelegado vitalicio no dominio conservador ; e finalmente a figura esguía e exotica do Sr. Domingos Paes inserida em umas calças de lila preta e brochada com um fraque justo côr de rapé.

O conselheiro que se dirigia a uma cadeira de balanço voltara-se ouvindo a voz de D. Alina.

— Qual é a questão, minha senhora ; respondeu approximando-se da meza,

— Meu marido ?.. Ha de ser contra mim não tem que vêr !

— Si não tiver rasão, Luizinha.

— Ainda que tenha !

— A questão é esta : disse a baroneza e expôz a materia.

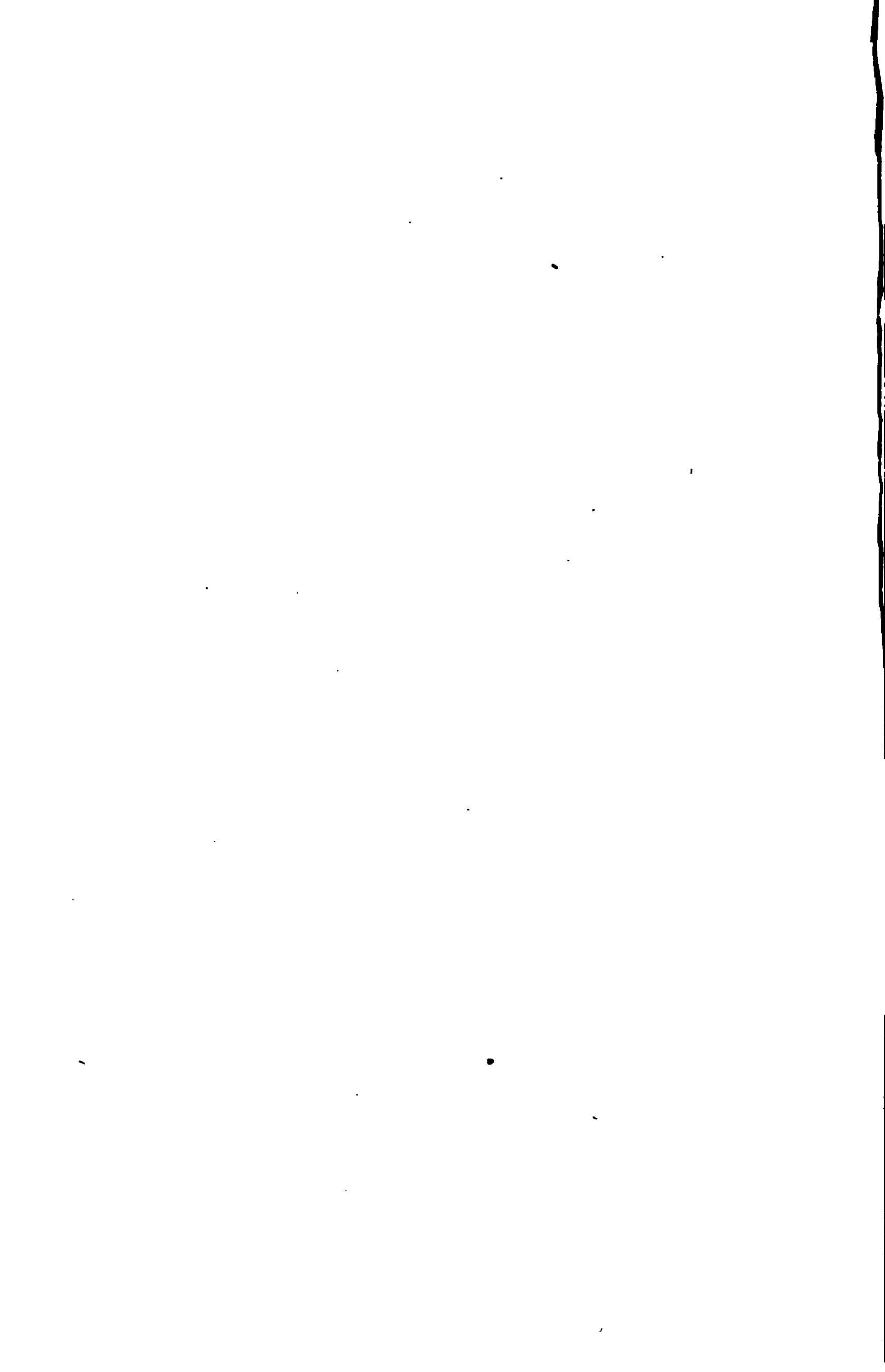
O conselheiro brincando com os berloques do relogio, gesto sobrio e modesto que preludiava seus discursos na camara, exprimiu-se nestes termos :

— Não sou o mais competente sem duvida para decidir em materia tão delicada. A respeito de educação, tenho para mim que o coração da mãi mesmo ignorante tem mais talento do que a cabeça do homem, embora de elevada in-

telligencia. Entretanto sempre direi minha opinião. Eu entendo que uma menina é uma flor, com uma differença, que o perfume desta é alma naquella. Ora si a flor silvestre é mais forte e vivaz, não tem de certo a perfeição e a graça da flor cultivada. Creio pois que para se obter uma moça que reuna as virtudes das duas flores, sem os seus deffeitos, é necessario dar-lhe ao mesmo tempo liberdade e cultivo, sol e sombra, ar e abrigo. Eis como eu penso ; portanto ambas tem razão, a senhora baroneza e minha mulher ; com uma ligeira modificação, o systhema de educação de cada uma me parece o melhor.

O conselheiro era realmente um talento notavel ; e as esperanças de seus amigos não podiam ser mais bem fundadas. Um deputado capaz de provar ao governo e á opposição que ambos se acham de perfeito accordo, estava talhado para ministro.

O vigario apoiara gravemente com a papada ; o subdelegado se erguera nas pontinhas dos pés, arrebatado como um balão pela eloquencia do deputado. Quanto ao Sr. Domingos Paes consultara previamente a physionomia da baroneza, e ficara impassivel; era um homem consciencioso;

os seus applausos, como os seus serviços, pertenciam de direito a quem o sustentava : foi sempre sua regra. Que excellente massa para um deputado governista !

XIII

CORAÇÃO DE MÃI.

A mãi de Mario que não cessara de mostrar por signaes bem visiveis sua inquietação, afinal não se podendo mais conter, aproximou-se da mesa onde conversavam as outras senhoras.

— Senhora baroneza, disse ella com timidez ; V. Ex. consente que mande alguma pessoa vêr onde está meu filho ?

— Mario foi passeiar com as meninas, com Alice e a Adelia ; acodiu D. Luiza com bondade. Eu vi-as quando sahiram ; iamos almoçar.

— Estou tão desasocegada ! Parece-me que alguma cousa lhe está acontecendo. Quem sabe, meu Deus ! Si a senhora baroneza me desse licença, eu mandaria...

Durante todo este tempo a baroneza entretida em folhear um album de gravuras não mostrara dar a menor attenção á D. Francisca, apezar do tom respeitoso com que esta lhe fallava.

— Não ha ahi ninguem desoccupado. Todos são precisos para o serviço da casa ! disse á final a baroneza na ponta dos beiços e voltando o rosto para o outro lado.

— Desculpe, V. Ex.. eu pensava...

D. Francisca fez uma reverencia, que terminou a sua phrase, cortada por uma ligeira oppressão. Retirando-se da sala, desceu ao jardim, com intenção de procurar seu filho.

Ella sabia que não teria forças para ir muito longe, com a cabeça exposta ao sol do meio dia ; mas o coração a arrastava. Do modo desdenhoso porque a baroneza a tratara, e da recusa que soffrera, já não se lembrava ; estava tão habituada á essas maneiras que não lhe causavam mais grande impressão.

O supplicio de viver da compaixão alheia, comendo o pão saturado com as lagrimas da humilhação ; esse martyrio , padecia-o ella á todas ás horas e á todos os instantes. Mas a dôr cruciante desse crivo d'alma já não lhe

deixava sensibilidade para soffrer com o pungir de cada espinho.

A baroneza, acompanhara com um olhar de travez a viuva quando esta sahia da sala.

— Dá-me vontade de rir!...

E seu labio desdenhoso soltou uma risadinha de escarneo.

— A tal senhora não contente de ter casa para si e seu filho, sustento, roupa e escravos; ainda não está contente. Quer pôr e dispôr de tudo. Não sou mais senhora em minha casa; não posso dar uma ordem que não a contrarie e disponha a sua vontade.

— Mas baroneza ella pediu licença!... observou D. Luiza.

— Agora; porque estavamos todos aqui na sala. Isso tambem era de mais! Porém outras vezes, não se dá a esse trabalho; vai mandando como si estivesse em sua casa.

— Essa gente é assim mesmo; acodiu D. Alina. Não se póde protege-los, que não abusem logo.

— Coitada! Ella está com cuidado no filho! disse D. Luiza approximando-se da janella,

— Qual! Não creia nisso, D. Luiza. São partes; quer se tornar interessante.

— Cuidado no filho!... repetiu D. Julia com o seu risinho desdenhoso. Sabe você o que é esse menino? E' um demoninho em corpo de gente. Ninguem póde imaginar as artes que elle faz. E' um desespero! Tem escapado não sei quantas vezes de torcer o pescoço e espedaçar-se de cima de uma arvore ou de um cavallo. Si fosse sómente isto? E os estragos que causa? Não posso ter uma flôr, uma fructa!...

— E' muito travesso; replicou D. Luiza na janella e sorrindo: eu já percebi!

— Pois quem tem um filho assim, anda com estas cousas? Não é ridiculo?...

— Muito! observou D. Alina.

— Parece que ella traz aquelle filho sempre cosido comsigo, e como hoje separou-se delle um momento já está cheia de cuidados, e precisa de um pagem para ir procurar o nenê! Um rapasinho que passa dias e dias ahi pelo campo, sem pôr o pé em casa mais do que para dormir.

— Olhe; disse D. Luiza apontando; lá vae D. Francisca em busca do filho. No fim de contas ella tem razão. Este passeio já está me dando cuidado!

— Deixe-se disso, D. Luiza. Aliçe não anda

passeiando tambem? E eu tenho algum cuidado? Foram bem acompanhadas. A tal senhora... E' por pirraça que ella faz isto; como não levou a sua avante, toma esses ares de victima... Eu bem sei para que!...

A baroneza procurava soffrear um assomo de ira que agitava a sua natureza apathica, mas beliosa e irritavel. As rosas das faces de ordinario desmaiadas se animaram; a pupilla frouxa de seus grandes olhos despediu uma chispa.

D. Alina porém ali estava para soprar naquellas brazas e levantar a labareda.

— Cuida que o barão sabendo que ella foi em busca do filho, ficará com pena e tomará seu partido. Não é? disse a viuva com a voz meliflua, relanceando entre as pestanas um olhar obliquo a baroneza.

Esta continuava á folhear, mas automaticamente, as folhas do album; ouvindo a ultima observação fechou com força o livro e atirou-o sobre a mesa arrebatadamente.

— Cuida; mas engana-se! Tudo tem um termo; estou cançada. Hoje mesmo vou fallar ao barão. E' preciso que esta mulher e seu filho deixem a minha casa; do contrario não respondo por mim.

— Está bem, baroneza, não se afflija ; deixe de pensar nisto ! disse D. Luiza chegando-se para a amiga e tomando-lhe a mão.

A alma de D. Alina se expandira vendo o primeiro fermento da cholera da baroneza. Ha naturezas assim, que se deleitam com a destruição ; especies de abutres moraes, vivendo da dissolução da familia é da sociedade. Aquelle caracter pertencia a esta classe ; tinha o instincto da intriga; regosijava-se com as recriminações e dissidencias.

Vendo a mulher do conselheiro serenar o espirito da baroneza, D. Alina incommodou-se mais do que si a privassem de um theatro ou de um baile ; e por isso lançou no coração da dona da casa outra gota de fel.

— Quer meu conselho, senhora baroneza. Guarde para depois ; hoje não é bom dia.

— Porque ? perguntou Julia com altivez.

— Não vê como o barão está carrancudo !

— Que tem isto ?

— Póde não lhe fazer a vontade.

— Veremos !... e a baroneza gorgeou um riso. orgulhoso

— Porque será mesmo que o barão está hoje com uma cara tão amarrada ? insistiu D. Alina.

— Ora não sabe?... E' a historia do marido da tal mulher. O que morreu ahi na lagôa.

— Ah! já sei!... E' verdade! Faz annos hoje; 15 de Janeiro!

— A senhora deve lembrar-se bem! Era seu enteado!

D. Alina suspirou:

— Si me lembro!... Então era eu senhora aqui!... Seriam onze horas da nòite quando vieram correndo dar a noticia. Meu marido ouviu, antes que se podesse evitar....

As recordações de D. Alina continuariam, si a baroneza evidentemente aborrecida não se erguesse para chegar á janella. Talvez o desejo de ver onde ia a mãi de Mario a impellisse maquinalmente.

O ruido da cadeira arrastada pela baroneza ao levantar-se e o ruge-ruge do vestido arrancaram o barão de seu profundo recolhimento; si, como parece mais natural, o espirito fatigado de tão longa concentração, não veio de si mesmo á superficie, para renovar o folego.

Como quer que fosse, o barão percorreu o aposento com os olhos ainda embotados; e passando por diversas vezes a mão na fronte para alisar

os cabellos ou desafogar o cerebro; recobrou-se da funda abstracção.

Nos homens robustos succede ás grandes contensões do espirito, a necessidade de fortes exercicios do corpo. E' o equilibrio do organismo que reclama essa compensação.

Lembrou-se o barão de dar um passeio; mas o exercicio corporeo não bastava para serenar seu espirito, ainda torvo e sombrio. Para estes momentos aziagos; para essas noites lugubres de sua alma; elle tinha um sorriso, uma estrella, que vertia em seu coração angustiado os orvalhos celestes.

Era Alice.

Si não fosse o lindo anjo louro, quem sabe quantas vezes sua alma atribulada não se houvera lançado n'alguma voragem, aberta para devora-la; n'uma dessas paixões indomitas que arrastam o homem, como o corsel de Mazeppa; ou talvez n'esse barathro insondavel onde se affoga a razão na loucura.

Mas quando o abysmo se abria diante de sua carreira desvairada, quando chegava á borda e ia precipitar-se, um elo invisivel o prendia. Era o anjo que lhe fallava ou lhe sorria; era a mão

dessa gentil menina que perpassando-lhe na fronte dissipava como por encanto as tempestades accumuladas ali dentro ; era a lembrança da filha, que illuminava como um raio de esperança a treva espessa de sua alma.

— Alice! disse elle chamando.

E como não visse a menina na varanda, perguntou dirigindo-se ao grupo das senhoras :

— Onde está Alice?

— Foi passeiar! respondeu a baroneza recostada á janella.

— Onde?

— Por ahi.

— Foi visitar a Chica... Não é assim que se chama a preta? disse D. Luiza para a baroneza.

— Foi?... exclamou o barão com sobresalto e interrogando a baroneza; Foi á cabana de Benedicto?

— Parece: respondeu a baroneza tranquillamente.

— Já prohibi que Alice fosse á esse lugar, a não ser em nossa companhia. Quem lhe deu licença?

— Eu, e aqui mesmo em sua presença. Não tenho culpa que estivesse distrahido.

— Mas, senhora ; não se lembra dos desastres que tem havido naquelle lugar?

— Ella foi bem acompanhada. Nem vai se meter lá no boqueirão.

— E no dia de hoje, meu Deus ! murmurou o barão sem escutar a mulher, e dirigindo os olhos para o lado do rio.

— Não hade acontecer nada, barão ; disse o conselheiro aproximando-se. Adelia tambem foi e eu estou tranquillo.

— Ha muito tempo que sahiram ? perguntou o barão soffrego.

— Ha mais de duas horas. Eu tambem estou inquieta, disse a mulher do conselheiro. D. Francisca já se foi atraz do filho.

— Mario ! murmurou o barão. Elle tambem ?

— Até o meu Lucio, que chegou tarde, lá anda em busca dos outros.

O barão tocou precipitadamente a campainha :

— Sella meu cavallo, já ! disse ao pagem que tinha acodido ao chamado.

— Vae até lá, barão ?

— Estou impaciente, contrariado ; este passeio me fará bem.

— Afflige-se, porque quer ! Não é a primeira

vez que Alice tem ido ver a Chica; e ainda não lhe succedeu cousa alguma. Hoje é que havia de acontecer todas as desgraças porque... Porque á onze annos um homem afogou-se na lagôa!

A baroneza proferiu estas palavras acompanhando com um olhar de indifferença os gestos do barão, o qual depois de procurar o chapéo, afivelava as esporas.

— Compadre!

— Que ordena, Exma? acodiu Domingos Paes açodado.

— Prepare o gamão! disse a baroneza com a maior paxorra.

Em um momento o compadre arranjou o taboleiro sobre a meza, e de pé, ao lado, com o copo de marfim em punho, chocalhando os dados, esperou que a baroneza lhe fizesse a honra de dar o costumado capote.

— As ordens de V. Ex.

Momentos depois corria o pai de Alice á todo o galope para a cabana de Benedicto.

— Vontade de passeiar! disse a baroneza com ironia.

— O barão é extremamente nervoso! observou o conselheiro Lopez em tom cathegorico.

O caminho que seguia o barão a cavallo corria ao lado do jardim e pomar, perlongando-os. A meia distancia, o cavalleiro ouviu um queixume.

— Quem está ahi ? perguntou.

— Viu Mario, senhor barão ?

— Ah ! D. Francisca !

— Meu filho !... Creio que succedeu-lhe alguma desgraça.

O barão fincou as esporas e o cavallo partiu de novo recuperando o tempo perdido.

De repente dous gritos soaram-lhe como o echo um do outro. Era o grito de Mario sobre o rochedo, e o da mãi que desmaiara no pomar.

Atirar-se do animal, galgar a cabana, seguir a direcção indicada pelas vozes, foi o primeiro impeto do barão chegando a falda do rochedo.

Elle passou rapido, mudo e hyrto por entre as pessoas que encontrava no seu caminho, e sem demorar-se para dirigir uma pergunta e ouvir uma palavra, só estacou na *Lapa*, transido ante o espectaculo que se apresentava á seus olhos.

XIV

MARIO

Quando Mario deixou Benedicto junto ao tronco do ipê, elle soltara estas palavras que revelavam no meio de suas tristes preoccupações a travessura infantil.

— Vou brincar sosinho.

Não era natural que o preto velho deixasse Mario ir-se delle, em disposições de espirito bem proprias para inquieta-lo. Si Benedicto obedecesse ao impulso de sua alma, sem duvida acompanharia o menino, para distrahi-lo de tão negros pensamentos, e evitar que absorvido como ia, fosse victima de algum desastre.

O negro porém sabia, desde muito o que signi-

ficava na boca do menino aquelle simples desejo expresso em breves palavras. Era uma vontade inabalavel, da qual não havia meio de demovê-lo. Esse joven espirito sentia já naquelles primeiros annos, de ordinario tão despreoccupados, a necessidade invencivel da solidão, que é para a alma a sombra depois do sol, o descanço depois da lucta, o abrigo depois do perigo.

Durante a maior parte do dia soffre o corpo a coacção que lhe impõe o trajo e a polidez; carece por fim de sentir-se a larga, de se espreguiçar no leito, e de estender os musculos por muito tempo contrahidos. A alma, igualmente tolhida pela pratica e attenção dos estranhos, carece tambem como o corpo desses espreguiçamentos intimos, de uma expansão franca. Para isso procura um refugio. A solidão é a alcova para a alma.

Não era comtudo esta necessidade moral o unico movel, que levava o menino á isolar-se nesses logares.

Fôra aquelle o theatro da catastrophe que arrebatara seu pai de uma maneira tão imprevista e para elle inexplicavel. O menino não comprehendia como um cavalleiro dirigindo-se á *Casa*

grande, podesse por engano, desviar-se do caminho e precipitar-se no boqueirão ; tanto mais quando esse cavalleiro era um homem nascido e criado, naquelles logares, conhecendo perfeitamente a lagôa e os arredores.

Alem de que na tradicção do facto havia muito de vago e incerto. Notavam-se lacunas, que de ordinario procuravam preencher com supposições e conjecturas mais ou menos inverosimeis. Mario por vezes havia insistido com as pessoas que se diziam mais informadas da catastrophe ; e nenhuma o satisfizera, nem mesmo Benedicto, talvez de todos o que mais sabia, porém o que mais reservado se mostrava.

Uma circumstancia occorreu, que deixou no espirito do menino terrivel suspeita.

Tempos depois da catastrophe, veio á fazenda um irmão de D. Francisca, morador na Estrella, onde era procurador de causas e meio rabula. A viuva lhe escrevêra por vezes insistindo sobre a necessidade que tinha de fallar-lhe. O Sr. Juvencio levara dois annos á resolver-se ; mas afinal sempre fez a prometida visita.

Mario tinha então sete annos, e assistiu a uma parte da conferencia dos dois irmãos, que ven-

do-o entretido a brincar com um carrinho de cuia não pensaram que lhe desse attenção.

— Donde lhe veio esta desconfiança? perguntou o rabula.

— Já lhe contei que meu marido foi chamado pelo pai e esteve com elle muitas noites seguidas sem que ninguem o soubesse, sinão Benedicto. Uma vez, quando voltava, achando-me á trabalhar, ralhou commigo; «porque não era preciso matar-me agora que a fortuna ia mudar e nós iamos ser ricos outra vez.» Está se vendo que o commendador tinha lhe promettido deixar tudo.

— Não digo o contrario.

— Na vespera meu marido levou todo o dia a fazer contas e até por signal deixou em cima da meza um papel que eu conservei. Olhe!...

D. Francisca tirou do seio uma folha de papel já amarellado, sobretudo nas dobras; e o deu ao procurador para examina-la.

— No dia seguinte amanheceu meu marido morto, de uma maneira que não se explica; e toda a riqueza do commendador passou para os estranhos.

— Para os credores!

A viuva sorriu amargamente:

— De que ninguem tinha noticia !

— Mana, disse o rabula com importancia ; tome o meu conselho ; esqueça-se disso. No fim de contas você ainda foi muito feliz em achar um homem caridoso como o barão que a proteje e a seu filho. Não tente a Deus !

D. Francisca tomou o conselho do irmão ; e nunca mais fallou de suas desconfianças. Quando mais tarde Mario a interrogou á esse respeito, ella espavorida procurou apagar a lembrança de suas palavras no espirito do menino.

Mas não o conseguiu. A suspeita filtrara profundamente naquella alma.

Cançado de inquirir os homens debalde, passou o soffrego menino já então na idade de doze annos, á interrogar a natureza inanimada, os objectos materiaes, que foram testemunhas da morte de seu pai. Começou desde então a luta heroica e admiravel da criança contra as asperezas do sitio agreste e rudo.

Debalde os rochedos irriçavam suas fragas e alcantis, como púas terriveis, ou abria suas gargantas profundas e medonhas para sumir o imprudente, cujo pé deslisasse a borda do precipicio. Debalde o lago sombrio, povoado dos phan-

tasmas que a tradicção fazia vagar por suas margens, envolvia-se, como em um sudario, na solidão fria e glacial, exhalando pelas fendas do penhasco o lugubre estertor do remoinho, a se estorcer em convulsões. Debalde pullulava ahi sob aquella vegetação limphatica, a geração abundante de medonhos reptis, que produz sempre nos climas tropicaes, o consorcio da agua profunda com o rochedo cavernoso.

Nenhuma dessas ameaças do ermo, nenhuma dessas choleras da natureza selvagem, fez recuar o menino.

Elle avançava, hesitando, é verdade: seu coração batia mais apressado ; seus olhos inquietos moviam-se com extrema mobilidade de um á outro lado ; frequentemente voltava a cabeça imaginando que um perigo qualquer o seguia passo á passo e estava prestes á cahir-lhe sobre. As vezes parava para escutar os rumores indefiniveis da floresta, essa voz estranha que toma quasi ao mesmo tempo todos os tons, desde o gemido até o grito humano, desde o zumbir do insecto até o rugir do tigre, desde a gota que borbulha até a catadupa que ribomba.

Mas á pouco e pouco, Mario foi se familiari-

sando com essas illusões do ermo, verdadeiras miragens da floresta : com a differença que as miragens dos desertos da Arabia são produzidas pela luz ; e as miragens de nossas mattas virgens são o effeito da sombra nas horas mais esplendidas deste clima brilhante.

Um perigo vencido é um degráo que sobe a alma do homem, e do alto do qual olha sobranceira as miserias que lhe vão ficando abaixo dos pés : é um apoio em que se firma para arrojar-se avante. A' medida que Mario affrontava a bruteza daquelle sitio escabroso, sentia-se mais forte ; a tempera de sua alma apurava-se no atrito daquellas penhas broncas e porventura tomava á seu contacto alguma cousa de rispido e aspero.

O desenvolvimento phisico de seu organismo apurava esse crysol do espirito. O corpo adquiria mais vigor e robustez que punha ao serviço das audacias de uma curiosidade infantil.

Mario conhecia todo o rochedo pelo direito como pelo avesso ; tinha subido aos mais altos e abruptos dos pincaros ; e descera ás profundas cavernas e escuras fendas abertas na rocha. Sabia a fórma e o tamanho de cada uma dessas

creaturas de pedras ; todas tinham para elle uma figura, uma attitude e um nome. Estudara até os seus costumes. Sabia a hora em que apanhavam sol, ou se cobriam de sombras ; o momento da sesta do cameleão, e da visita das andorinhas depois do banho.

O lago apezar do terror de que o cercava a tradicção, não escapou ás investigações de Mario. Para ali sobretudo, para a voragem medonha, o arrastava sua ardente curiosidade. Aquella agua, onde se tinha submergido o corpo de seu pai, talvez guardasse ainda o segredo da catastrophe.

O menino sabia nadar ; muitas vezes tinha experimentado suas forças no Parahyba, cortando-lhe a veia ; mas a correnteza do rio, ainda mesmo no tempo das enchentes, era suave em comparação com o torvelinho do lago. Aqui a agua tinha um eixo em torno da qual volvia com a velocidade do tufão.

A principio Mario arriscou-se unicamente nos lugares, onde o lago se espraiava, e a rotação das aguas era ainda lenta, embora pesada. Circulou essas orlas do abysmo, provando as forças, e habituando-se a resistir ao impeto da cor-

rente. Mais tarde, protegido por uma corda segura á margem do lago, sondou o remoinho. Da primeira vez pareceu-lhe que o rodavam vivo. A onda agarrou-o como uma folha secca, e ennovelando-lhe o corpo levou-o ao fundo do abysmo d'onde o vomitou atordoado.

Graças ao apoio da corda, e por um supremo esforço, pôde Mario ganhar a margem, onde se atirou extenuado: mas a luta se travara entre aquelle menino audaz e aquelle abysmo terrivel; um delles devia triumphar e vencer o outro, ou o abysmo havia de devorar o menino; ou o menino submetteria o abysmo e zombaria de sua cholera.

Mario triumphou. Como o rochedo, o lago recebeu seu jugo. Sondou elle as profundidades do boqueirão, e estudou a sua carcassa; com a continuação, chegou a conhecer todos os incidentes do abysmo. Sabia onde estava a raiz encravada no rochedo, a rampa natural da pedra, para em caso de necessidade servir-lhe de apoio contra a torrente.

Toda essa luta porém fôra inutil. O lago, o rochedo, a floresta, se conservaram mudos. Mario não encontrou o menor traço da catastrophe que

passara pela solidão sem deixar o menor vestigio. Si algum porventura havia ficado, os onze annos decorridos o tinham completamente desvanecido.

Comtudo o menino não desanimava; uma esperança vaga, que si as vezes amortecia, nunca extinguia-se de todo, o alimentava. Parecia-lhe que o mysterio ali estava palpitante no seio da solidão; as vezes julgava ouvir-lhe as pulsações; mas alguma cousa o subtrahia á sua curiosidade. O menino acreditava que avançando na idade, sua razão mais vigorosa descobriria ahi mesmo, o que tinha escapado ao seu espirito de quinze annos.

Durante as correrias pelo rochedo e as tentativas sobre o lago, Mario corria a cada instante mil perigos; por isso, desde principio evitou a companhia de Benedicto, que se opporia a qualquer travessura mais arriscada. O preto cuidadoso pelo menino, a quem amava com extrema dedicação, insistiu em segui-lo; mas só obteve irrita-lo.

Mario fingia mudar de proposito; e quando menos esperavam desapparecia. Peior era sahir Benedicto em sua procura; porque então com

o desejo de subtrahir-se as vistas que o buscavam, não havia imprudencia que não commettesse. Um dia o velho o viu por diversas vezes á despenhar-se das abas de um alcantil, ou dos galhos de um fragil arbusto, para esconder-se n'algum refugio inaccessivel.

O terror que teve então o velho, produziu o effeito desejado por Mario. Desde aquelle dia deixou de ser contrariado; bastava que o menino se affastasse, exprimindo o desejo de isolar-se, para que o preto se submettesse á sua vontade, humilde e resignado. Qual não seria a dor do pobre Benedicto, si acontecesse a Mario algum desastre, pela precipitação com que desejasse esconder-se?

Naquelle fatal dia 15 de janeiro, já marcado pelo sello da desgraça na historia de sua familia, e destinado ainda para tão tristes acontecimentos; naquelle dia, Mario, deixando seu bom e velho amigo, ganhou sob o peso das tristes preoccupações a margem do rio que lambia naquella paragem as faldas do rochedo.

— Benedicto diz que estou enganado. Si elle soubesse o que eu ouvi? Queria contar-lhe; mas para que? Não acreditará... Ou talvez acredite, e esconda de mim!...

Mario subindo authomaticamente pelo rochedo. foi ter á ponta que se projectava sobre o remoinho. Era o seu pouso favorito; d'ahi dominava elle todo o circuito. Via aos pés o lago adormecido, como um dragão resupino com as azas desdobradas; em torno os alcantis apinhados uns sobre outros; ao longe formando os horisontes do painel, a floresta, a varzea e o rio.

Algum tempo depois de ali chegado, lançando os olhos para o remoinho, viu uma sombra reflectir-se nelle; e reconheceu Alice.

A principio Mario não sentiu mais do que a sorpreza de ver a menina proxima daquelle logar, d'onde a deveriam affastar as ordens do barão, e os cuidados das pessoas que a acompanhavam. Reparando porém na insistencia com que Alice permanecia no logar; na tenacidade de seu olhar fixo no torvelinho das aguas; comprehendeu que a menina era naquelle momento preza da vertigem.

Outr'ora, quando mais criança, no começo de suas excursões, elle tambem soffrera esse encanto poderoso da sereia, que o fascinava e atrahia irresistivelmente ao fundo do abysmo. Para vencer a hallúcinação, o menino de proposito affrontou

a vertigem, uma e muitas vezes, até que se acostumou á domina-la.

Mario conhecendo a força de attracção do abysmo, imaginou que Alice ia precipitar-se: o seu primeiro impulso foi chamal-a e prevenil-a; mas elle tinha as vezes instinctiva repugnancia por essa menina, aquem envolvia na aversão que votava ao barão e á quanto lhe pertencia.

Nisto, por um phenomeno muito natural nos momentos de emoção, as impressões actuaes se travaram e confundiram com as recordações do passado; produzindo uma especie de nimbo moral, meio visão, meio realidade. Desenhou-se em sua imaginação como um lampejo, a scena da morte de seu pai, tragado pela voragem, emquanto o barão de pé, na margem, sorria com orgulho. No fundo desse quadro, como disputando-lhe a tella, e transparecendo atravez da primeira scena, a phantasia do menino via Alice por sua vez tragada pelo boqueirão; na margem, o barão succumbindo ao peso de tamanha desgraça e elle Mario, em pé, sobre o rochedo, sorrindo-se como o anjo da vingança.

Nesse momento ouviu-se o soluço profundo

da onda. Alice, attrahida pela vertigem, acabava de precipitar-se.

O abalo que soffreu Mario vendo desapparecer o corpo de Alice, espancou de seu espirito a visão, para mostrar-lhe a realidade. Havia nesse menino um coração precoce como seu espirito, já capaz dos grandes odios, como dos rasgos de heroismo.

Diante da catastrophe elle esqueceu quem era a victima, para só lembrar-se que uma vida corria perigo. A idéa de vingança, que affagara em um instante de scisma, agora o enchia de horror. Como podéra associar uma memoria querida á desgraça de outrem?

Por isso o nome do pai lhe viera aos labios, como um grito de perdão e ao mesmo tempo uma santa invocação, no momento em que elle se arrojava no remoinho para salvar Alice, ou talvez morrer.

XV.

O BOQUEIRÃO.

Com o arremesso do salto, o corpo de Mario retalhara a onda e submergira-se profundamente.

Houve um longo momento de anciedade para as pessoas que esperavam, tomados de espanto o resultado do terrivel sinistro. A agua fechara a voragem, polindo de novo a face muda e gelada. Parecia que o abysmo tinha dito sua ultima palavra; o *consumatum est* dos grandes desastres.

Afinal alguma cousa rompeu esfrolando a tona do lago. Seria um peixe que viera beijar a flor d'agua, ou algum silpho de azas transparentes que frisara no seu vôo a limpida veia?

A tremula ondulação foi-se estendendo; e deixou ver distincta a sombra do objecto que a produzia. Era o botim de Mario, cujo corpo verticalmente submergido, não se percebia ainda. A agitação constante do pé do menino, e os esforços violentos que fazia para subir a superficie, revelavam uma luta desesperada.

Com effeito o intrepido nadador, descendo a prumo ao fundo do abysmo tivera a felicidade de encontrar ao alcance da mão o corpo de Alice, arrebatada pelo tòrvellinho. Enlaçando-lhe com o braço o colo e a espadua e estreitando-a ao seio, procurou surdir; mas além do impeto do remoinho, o peso dos vestidos alagados e da propria roupa que não tivera tempo de tirar, tornavam a empreza talvez superior á suas forças.

Mario havia affrontado o abysmo; mas só, com os dois braços livres, sem roupa que o tolhesse. Era muito differente agora que só tinha um braço livre, e esse, unico, para esforço triplo.

Não obstante elle continuava a lutar. Achava-se justamente no logar mais estreito do remoinho; no que se poderia bem chamar a pharinge do abysmo. Era ahi o foco do turbilhão; era ahi

que a onda angustiada pela rocha, se precipitava com impetos medonhos nas profundezas da caverna.

Mario passara. Embora Alice quasi lhe escapasse do braço, arrebatada pela correnteza, conseguiu elle estreitar de novo ao seio a espadua da menina; quando porém tentou arrancar a victima do eixo do torvelinho para subir com ella á superficie, pareceu-lhe que jámais o alcançaria. Todos os seus esforços foram baldados; em vão procurou elle com um dos pés o apoio do rochedo, para arcar com o remoinho; o abysmo não largava a presa.

Entretanto a fadiga invadia o corpo do menino; o longo folego já por tanto tempo sustido, ia-se extinguindo; em pouco tempo seria asphixiado pela agua, a menos que não subisse á superficie para renovar o ar dos pulmões. Vir a tona, não o podia, sem largar o corpo de Alice, e abandona-la á morte, que a disputava.

O terrivel problema desenhou-se pois bem claro no espirito de Mario; ou restituir a victima ao abysmo, ou morrer com ella.

A solução não podia ser duvidosa. Si de um lado o instincto poderoso da conservação fallava

no coração do menino; do outro lado a antipathia que lhe inspirava a filha do barão, devia afastar-lhe a idéa de qualquer sacrificio; já não era pequeno o perigo corrido até aquelle momento.

Era essa a logica do coração; mas o orgulho de Mario e o seu desdem pela vida, apresentavam-lhe as cousas por outro prisma. Arrancar Alice ao rémoinho, não era para elle rasgo de generosidade ou acto de philantropia; não, era pura e simplesmente uma satisfação de amor proprio, uma questão de brio.

No seu pundonor infantil, elle se consideraria um covarde, cedendo ao remoinho; ficaria humilhado si não domasse dessa vez ainda o abysmo, arrancando-lhe do bojo a victima, já quasi devorada. Pouco lhe importava o nome da victima; no instante daquelle supremo tranze talvez nem se lembrou que objecto, que fardo, era esse tão estreitamente unido á seu peito. Fosse em vez da menina, um cão, lutaria da mesma fórma.

De quem se recordou de relance foi do barão; e recordou-se pensando no immenso prazer que teria si o esmagasse com seu triumpho e seu desprezo. Affigurava-se a Mario que o exemplo de heroismo e abnegação dado por elle havia de ser

para o rico fazendeiro um motivo de soffrimento e despeito. Porque motivo? Não o poderia explicar; era um vago presentimento.

Póde-se bem avaliar quanto deviam ser rapidas, quasi instantaneas, as resoluções e os movimentos do menino naquella crise extrema.

Agarrando as tranças louras de Alice e enrollando nellas a mão para mais segurança, o menino veio á tona d'agua, e respirou com força. As pessoas que rodeiavam o lago, viram surdir apenas um meio perfil e submergir-se immediatamente:

— Nhô Mario!.. exclamou a voz anciosa de Martinho.

Mario, renovado o ar dos pulmões, voltou a tempo de travar de novo da espadua de Alice. A evolução das aguas, depois de o aprofundar, elevara o corpo da menina para arremessa-lo á garganta que devia sorvel-o. Aproveitando-se do incidente, o menino pôde voltar á superficie, e elevar a cima della a parte superior do rosto.

— Benedicto! gritou elle.

O preto depois que tombara ferido pela dôr, rolando como um madeiro sobre as fragas do rochedo, ficara algum tempo alheio ao que se pas-

sava. Chamado a si pelos golpes que as farpas da pedra lhe abriram nas carnes ; e admirando-se de não estar ainda submergido pelo boqueirão, quiz atirar-se.

— Não ! murmurou dentro d'alma. Quem ha de enterrar á elles ?.. Depois, Benedicto !... Sempre é tempo para a gente deixar este captiveiro !

Quando ouviu a voz de Martinho, o preto velho ergueu a cabeça attonito. Seria possivel que o menino vivesse ainda ? Que o pagem o tivesse visto ?

Benedicto não o podia acreditar. Mas a voz de Mario, forte, clara e distincta, acabava de pronunciar seu nome ; não havia duvidar ; o menino vivia. Então o corpo robusto do africano vibrou estremecendo, como o canhão depois da descarga. Com as mãos seguras a dous ramos do arbusto, o seu talhe projectou-se fóra do rochedo sobre o lago; parecia o tóro de um crocodillo negro, arremessando o bote á presa.

Os olhos dilatados, saltando-lhe das orbitas, pareciam absorver em si a Mario, arrancando-o ás aguas do lago. Não tinha voz para fallar ; os borbotões desse immenso resfolego de um co-

ração quasi asphixiado pela angustia, e que emfim torna á vida, não davam passagem á palavra.

Entretanto quando seus labios se moveram, articulando sons, nada se ouviu é verdade, mas sentiu-se que uma alma se derramava pela superficie do lago , e que essa alma se prostava aos pés de Mario, como uma adoração e ao mesmo tempo uma abnegação. Adoração por vel-o vivo ainda ; abnegação para o salvar morrendo si preciso fosse.

— Uma corda, Benedicto ; um páu !..

A mão do menino sobrenadando completou seu pensamento. Os dedos crispados fortemente estavam reclamando um apoio á flôr d'agua, um ponto onde se firmasse a alavanca humana para suspender o corpo de Alice.

Mario mergulhara quatro vezes.

Benedicto, na posição em que estava, lançou um olhar de desespero ao lago, á rocha, ao céo. Ali, embutido como um tronco naquella penedia bronca, pairando sobre o abysmo no qual o menor movimento podia precipital-o ; cercado apenas de pedras e sarças encarquilhadas, como podia elle achar promptamente, ao alcance do

braço, o esteio de que necessitava o carajoso nadador, para salvar-se e á menina ?

O preto sentia a urgencia do soccorro. A lucta heroica de Mario não podia prolongar-se; naquelles transes, contam-se os acontecimentos por apices de instante. Si o mergulhador voltando á tona d'agua, não achasse ahi o ponto de apoio necessario, sumir-se-hia para sempre. E Mario não tardava ; o negro media o tempo pela sua respiração.

Martinho e Eufrosina tinham é verdade corrido á cata do objecto indicado. Mas onde o iriam buscar? E chegariam a tempo, sendo tão grande a distancia para a estreiteza da occasião ?

Não havia pois esperança alguma ?

Uma vida prompta a sacrificar-se; a cega dedicação, capaz de todos os sacrificios ; nada podia contra a fatalidade.

O impossivel, esse frio escarneo da natureza contra a arrogancia do homem ; esse epitaphio de todas as ambições, como de todas as esperanças ; ali estava sorrindo da angustia, como do heroismo, do coração.

A flôr d'água turbou-se. Mario voltava : era o momento supremo. Seu olhar limpido, que

já atravessava a onda transparente, si não fosse a primeira esperança do triumpho ; seria... o ultimo desengano e o ultimo adeus !

E nada !.. nem uma corda, nem um madeiro !..

Mas havia um corpo humano . Benedicto escorregando pelas abas do rochedo , chegara quasi ao nivel do lago ; e d'ahi estendendo-se por baixo da ramagem dos arbustos, foi prolongando-se sobre as aguas. Chegado á extremidade do folhagem, o negro não obstante, continuou a avançar; esticando os braços e forçando os galhos retorcidos a se dobrarem com o pezo de seu corpo.

Assim ajudado por sua grande estatura e pela elasticidade dos braços, como dos ramos do espinheiro ; conseguiu Benedicto manter-se horisontalmente suspenso sobre a bacia do lago, com a cabeça tão completamente derreada sobre os hombros que de longe se diria um corpo estrangulado. Nessa posição o negro quasi roçava com a nuca a flôr d'agua.

Era tempo. Mario remontara; sua mão convulsa enleiou-se nos cabellos grizalhos do negro ; e valendo-se desse ponto de apoio, esforçou para

attrahir o corpo da menina. Mas ainda essa vez o abysmo disputou a preza ; os vestidos de Alice pesavam como uma mortalha de chumbo.

Depois de repetidos arrancos, Mario reconheceu que não obteria resultado algum. Mudando então promptamente de plano, travou os pés no pescoço de Benedicto, e segurando com ambas as mãos os braços de Alice arcou de novo contra a correnteza.

O corpo do negro, inteiriçado sobre o abysmo, escorrendo sangue das feridas, brandia, aos repetidos abalos que lhe imprimiam as arremessas de Mario, como um vergão de ferro. Com o esforço, os artelhos do menino cerrando-se quasi estrangulavam o pescoço do velho africano, cujos olhos injectados e narinas dilatadas, indicavam asphixia iminente.

O menino estorcia-se dentro d'agua. Seu corpo parecia romper-se , como o dorso da serpe , quando se dilata para estringir a preza. A luta estava indecisa. A's vezes acreditava-se que Mario ia triumphar, arrebatando a victima ao boqueirão ; outras vezes o menino perdia a vantagem adquirida e submergia-se ainda mais.

Como era sublime essa cadeia humana que

se estendia desde a aba do rochedo até ás profundezas do lago, com uma ponta preza á vida, e outra já soldada á morte! Esses corações que se faziam élos de uma corrente, grilhados pelo heroismo, essa ancora animada, sustendo uma existencia prestes a naufragar, devia encher de admiração e orgulho a creatura.

Foi essa peripecia do horrivel drama que se desenhou aos olhos do barão, quando elle chegava á margem do lago. Não teve necessidade de interrogar, de ouvir alguma voz, nem de examinar a scena.

Do primeiro relance comprehendera tudo. A victima era Alice; o heroe, Mario; o instrumento, Benedicto.

Os joelhos curvaram-se; e aquelle homem forte cahiu succumbido e oppresso de encontro ao parapeito de pedra. Um brado de ancia rompeu-lhe do seio; mas com o offego da respiração, os labios não exhalaram mais do que um surdo gemido.

A esse gemido respondera um grito de triumpho. Mario acabava por um impulso desesperado de levantar ácima d'agua o corpo inanimado de Alice.

— A mão, Benedicto, a mão !.. exclamou o menino offegante.

Um dos braços do negro desprendeu-se dos ramos, e volvendo hirto e rijo como a verga de uma maquina sobre o gonzo de ferro, travou do corpo de Alice e descançou-o no largo peito. Já Mario á nado tinha galgado o rochedo e aliviava o negro daquelle peso.

Um instante mais e Benedicto soffocado pelos artelhos de Mario, se despenharia no precipicio, arrastando consigo a ultima esperança.

O barão depois que recebeu de Mario o corpo inanimado da filha, correu á cabana para prestar-lhe os primeiros e urgentes soccorros. Quem sabe si já são inuteis ? Si o que elle estreita ao seio, não é mais o corpo, porém unicamente o cadaver de Alice ?

As outras testemunhas da catastrophe acompanharam o barão ; só ficaram o negro e o menino.

Mario apenas conseguira por cima da pedra passar ao barão o corpo de Alice, recostou-se ao rochedo completamente extenuado : ali ficou alguns momentos recobrando o folego. Entretanto Benedicto retrahindo-se lentamente apro-

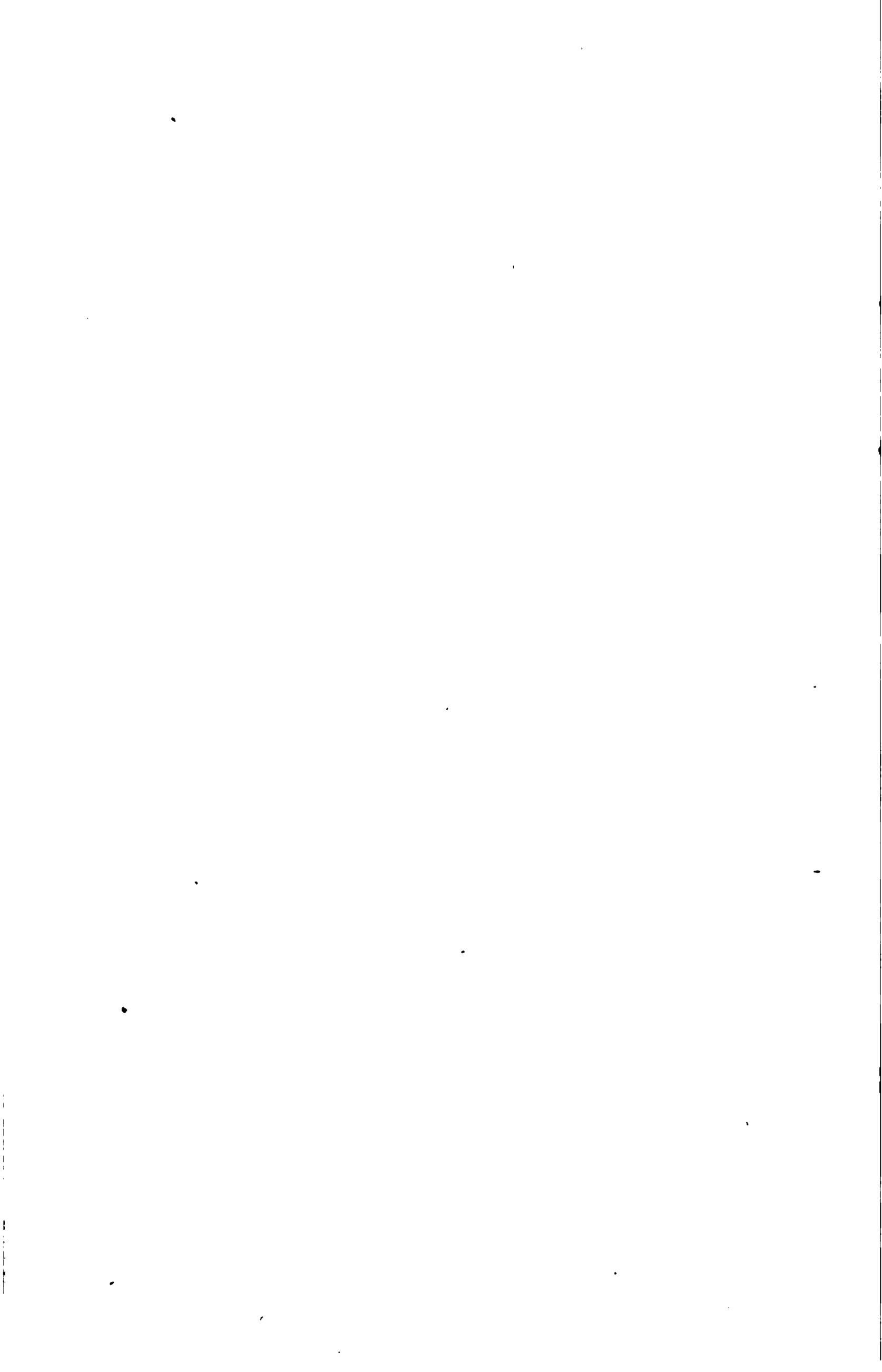
ximava-se da falda da penedia, até que afinal levantou direito o porte robusto.

Mario cingiu-lhe o pescoço com os braços e beijou-lhe as cans. O negro apertando-o ao peito soluçava como uma criança.

Ali ficaram absorvidos na ardente expansão dos sentimentos que lhes tumultuavam no seio. Os outros os tinham esquecido ; ninguem veio perturbar a transfusão de suas almas com uma sollicitude importuna.

Mas de repente foram despertados por um grande choro que sahia da cabana. Era facil advinhar o motivo dessas lamentações, tanto mais quando no meio do pranto se distinguiram perfeitamente estas palavras :

— Morta !.. Morreu !...

Mario subiu apressado á cabana ; Benedicto o seguiu.

XVI.

O BEIJO DA VIDA.

Correndo á cabana, Mario não era levado pela sollicitude que lhe devia inspirar a sorte de Alice, sua companheira de infancia; nem mesmo, cumpre confessal-o, pelo natural estimulo da compaixão.

Não hei de encobrir os defeitos desse caracter, como não pretendo exaltar suas qualidades.

O coração de Mario, desenvolvendo côm um vigor prematuro as fibras da energia, da perseverança, do heroismo, da amisade e do odio; ficára atrophiado a respeito da piedade, da sympathia, da ternura, de todos esses sentimen-

tos brandos e suaves que formam o bemol da clave humana.

Em qualquer outro momento, si viessem dizer a Mario que a filha do barão tinha morrido, elle sentiria apenas a sorpresa que produz um acontecimento imprevisto, e essa turbação do espirito diante do terrivel mysterio, todas as vezes que elle formula o seu inexoravel problema.

Passado esse primeiro assomo, si elle procurasse no intimo a recordação do acontecimento, não acharia sinão um pouco de lôdo entre a vaza que existe sempre em todo o coração; não acharia sinão sua antipathia por Alice, e a satisfação de ver-se livre de uma presença impertinente.

N'aquella occasião porém, a vida de Alice era precisa para Mario; pertencia-lhe como cousa sua; elle a disputara ao abysmo, á morte; e tinha-a afinal conquistado com uma coragem que o elevava perante a consciencia. Essa existencia arrancada ao boqueirão era o complemento de seu esforço; o remate de sua obra; a palma de seu triumpho. Sem ella sua acção ficava truncada, sua victoria mutilada: elle teria salvado, embora com risco de vida, um cadaver apenas, um despojo inutil.

Como os conquistadores antigos, de que fallava o seu Plutarco, elle carecia de um trophêo ; e esse trophêo era Alice viva, e o barão humilhado no auge mesmo de sua felicidade, na viva expansão de seu amor paterno.

Imagine-se pois qual devia ser o seu abalo e irritação, vendo a morte furtar-lhe perfidamente de uma maneira vil e indigna, essa existencia que elle havia arrebatado de suas garras em luta franca, rosto á rosto ! Que tropel de pensamentos lhe tumultuava no cerebro, luctando para arrojar-se em borbotões ! A's vezes eram impetos de indignação contra o acontecimento que o espoliava de seu triumpho. Outras vezes eram idéas loucas de resuscitar o cadaver , transmittindo-lhe metade da propria existencia.

Que inextrincaveis são os fios dessa urdidura moral, com que se tecem as paixões humanas ?

Esse menino inacessivel á compaixão, indifferente ao soffrimento alheio , encerrado no frio egoismo que formava um orgulho desmedido ; essa aberração da infancia ; acabava de expôr a vida, e daria sem hesitar metade dessa vida, para salvar uma creatura de sua aversão !

O corpo de Alice estava deitado na cama de

sua vóvó preta, que sentada aos pés e debulhada em pranto, não sentia o proprio mal. A's bordas do leito, Eufrosina e Felicia ajoelhadas seguravam as mãos inanimadas da menina; Adelia reclinada por cima d'ellas, pallida de commoção, não sabendo que fazer, si afastar-se ou ficar ali, devidia-se entre os dous movimentos.

Junto d'ella um menino de 16 annos, ultimamente chegado á cabana, acompanhava com attenção delicada seus movimentos, dirigindo-lhe palavras de animação ou consolo. Era Lucio, filho de D. Alina, e muito camarada de Mario, apezar da repugnancia que mostrava sua mãi por —*essa gente*. Chegado á fazenda quando os outros já tinham partido, apenas soube do passeio encaminhou-se para o logar, muito seu conhecido.

A' cabeceira estava o barão, sustendo no joelho a loura cabeça da filha. Sepultado no fatal desengano de seu infortunio, amparava o rosto em uma das mãos. Mas de repente um vislumbre desse crepitar da esperança, que bruxulea como a lampada ao apagar-se, atravessava aquella treva lugubre. Abaixava então a cabeça; interrogava anciosamente os olhos, a face, e os pulsos da filha.

O frio glacial e a immobilidade respondiam apenas á soffreguidão e os ancias daquelle coração de pai. Elle retrahia-se dolorosamente ; e sepultava-se de novo em um desespero mudo e estupido.

Alice era a imagem de um anjo em cêra. Seus cabellos louros, molduravam-lhe o rosto como um resplendor ; o vestido despedaçado, apparecendo por cima das coberturas junto ás espaduas, figurava as pontas de lindas azas azues. Seus labios entreabertos não sorriam, porque não tinham mais alma que os animasse, e o sorriso é uma flôr d'alma ; porém, essa flôr, ali ficára como a pallida bonina arrancada de sua haste. Os olhos abertos e completameute pasmos, coalhavam-se, como a luz na gota que se congela ; aquelles céos estavam ermos do anjo que os habitara.

A cutis alva tinha uma doce transparencia produzida pela polarisação da luz de sua alma que se refrangia para o céo.

Mario estacou em face dessa pura imagem, cobrindo-a com um olhar ardente. Não foram porém os toques suaves da belleza inanimada, nem a candura da linda menina, ceifada no alvorecer

da innocencia, que seus olhos viram n'aquelle corpo inanimado ; foi a preza por elle disputada ao abysmo, foi o premio de seu esforço, o despojo opimo do vencedor.

Assim tambem não viu elle na cabana em torno ao leito, pai, ama, escravos, affeições mais ou menos ardentes ; pessoas com melhor direito ou mais experiencia para se interessarem pela sorte da menina, e tentarem os ultimos, embora vãos esforços. Para elle não havia ali sinão testemunhas da lucta, que tendo assistido ao primeiro recontro, iam presenciar o outro. Alice não era á seus olhos uma filha, uma amiga, uma senhora; não passava de uma cousa, que lhe queriam usurpar.

Arredando bruscamente os escravos, Mario se inclinou sobre o leito e apoderou-se do corpo de Alice, retirando sua cabeça dos joelhos do pai.

Nas circumstancias supremas, as distincções sociaes, e até mesmo as que estabelece a norma commum da natureza, se apagam diante da superiodade real. Entre as pessoas ahi presentes, algumas encanecidas, a vontade firme e resoluta, o coração forte e sobranceiro, era o de Mario. Elle devia exercer sobre os espiritos abatidos, a influen-

cia que é o effeito da electricidade moral. Ninguem oppôz a seus movimentos o menor obstaculo. Completamente desanimados, não sabendo o que fazer, na expectativa illusoria do soccorro que Martinho montado no cavallo do senhor fôra buscar; permaneciam todos atados pela dôr e espanto.

No meio dessa indecisão, uma energia era a resurreição moral : era o exemplo. Todos submettendo-se espontaneamente áquelle coração capaz de querer, quando elles succumbiam, áquelle espirito que pensava no meio do torpor geral, puzeram-se ao seu serviço com uma obediencia passiva e timida.

O barão viu lhe retirarem dos joelhos a cabeça da filha, e não fez um movimento ; logo depois ergueu-se sem dizer palavra porque o menino lhe indicára que sahisse da cama. Seus olhos seguiam os gestos de Mario, sem os comprehender ; mas com essa vaga esperança, que se embebe de fé, como o menor vapor na athmosphera se embebe de luz. Mario não desesperára ainda, e o barão sentia em si o reflexo tenue d'essa crença.

Com os travesseiros, colxas e esteiras, que pôde

obter, arranjou Mario rapidamente e ajudado de Benedicto, um plano inclinado sobre o leito, e ahi collocou a menina. Depois, debruçado sobre ella, collou seus labios na mimosa boca desmaiada, e apertando com os dedos as cartilagens do nariz, insuflou-lhe fortemente o ar nos pulmões.

A pericia do menino na prestação de soccorros aos affogados, sendo para admirar, explicava-se comtudo muito naturalmente. Na barca de salvação, montada a expensas do barão, Mario tivera frequentes occasiões de ver applicadas pelo administrador da fazenda as instrucções de um habil medico da côrte, para combater a asphyxia por submersão conforme as indicações do Dr. Curry. Avido de tudo saber, aquella jovem intelligencia comprehendeu o mysterio da morte apparente pela falta do ar; e viu em alguns casos a efficacia d'esse meio supremo de restabelecer pela inflação do folego a vida já extincta no coração.

Elle sabia que no caso de asphyxia por submersão, havia completa cessação de vida: equivalendo a cura a uma ressurreição; e lembrava-se de ter lido no extracto da obra

do Dr. Curry, que embora a salvação dos affogados não fosse commum, quando a submersão durava um quarto de hora; comtudo havia exemplos de ressurreição depois de uma submersão por mais de meia hora e até de algumas horas. Alice estivera dentro d'agua apenas uns dez ou doze minutos ; e felizmente nenhuma lesão tinha soffrido.

Eis porque Mario em vez de assustar-se com a algidez que apresentava o corpo da menina, e a completa cessação da vida , emprehendera salva-la.

A operação repetiu-se muitas vezes successivas. Todos silenciosos e attentos, com os olhos cravados no leito, esperavam em uma anciedade indizivel os palpites de uma esperança que mal assomando, affogava-se para logo no receio de que Mario, exhausto de forças, não podesse continuar a operação. E quem teria a calma e destreza necessaria para substitui-lo ?

— Silencio ! disse Mario mais com o gesto do que com a voz.

Pousando a mão sobre o seio da menina e interrogando o coração ; parecia recolher toda sua alma, e concentra-la na ponta dos dedos que tacteavam uma pulsação imaginaria. O canto de

seu labio frisado pela contensão do espirito, foi-se distendendo, em um sorriso a principio quasi imperceptivel. Quando afinal seu rosto expandiu-se, a cabeça erguida ressumbrava a vehemencia do prazer que sentia.

Alice respirava.

Elle tinha duas vezes em menos de uma hora arrancado á morte sua preza. Tinha duas vezes esmagado com sua superioridade o homem á quem mais odiava no mundo, salvando-lhe a filha, e obrigando-a á dever-lhe a felicidade de sua vida. As esmolas que o barão fazia a sua mãi, esses sobejos de uma riqueza talvez bem mal adquirida, elle as pagava por esse preço.

— Tem café quénte ou esprito ?

A respiração da menina, quasi insensivel durante alguns instantes, afinal sublevou-lhe docemente o seio. Sentiu-se um raio tenuissimo de luz perpassar na pupilla immovel e crystalisada. A vida foi a pouco e pouco derramando-se pelo corpo, já cadaver. Quando o rosado das faces, a pulsação distincta e o movimento muscular, revelaram uma reação franca ; o menino conhecendo que Alice estava salva, eclipsou-se no

meio das effusões de contentamento do barão e das outras pessoas presentes.

A alguns passos do leito, encontrou-se com Lucio, que o olhava cheio de ardente admiração.

— Adeus, Lucio !

— Mario, você já é um homem !

— Hei de ser!

— Que homem era capaz de fazer isto ?

Mario sorriu com indifferença :

— Qnalquer pessoa que estivesse acostumada como eu. Não vale nada.

Um sorriso de Adelia attrahiu Lucio, em quanto Mario ganhava a porta.

Ninguem o viu affastar-se. Era natural. Esse jubilo do coração, ao ver dissipar-se a desgraça; essa festa da vida que torna, mais solemne sem duvida, do que a festa da vida que nasce : bastariam para occupar naquelle instante as testemunhas da scena. Alem disso porém havia ali um extremoso amor de pai, a ternura apaixonada da mãi de leite, e outras affeições sinceras.

Benedicto comtudo não tardou em reparar na ausencia de Mario. O velho africano, que já adorava aquelle menino e admirava sua destreza e coragem ; começou desde então a venerar

nelle alguma cousa de sobrenatural, incomprehensivel para seu espirito inculto. Um ente que participava do anjo, do feiticeiro e do homem, tal era a imagem que se gravou em sua alma.

Recobrando inteiramente os sentidos, entre os beijos ardentes do barão e as caricias de Chica, Alice correu o olhar ainda entorpecido pelas pessoas que cercavam o leito. Sorriu ao pai, á Adelia, á todos; mas faltava alguem que esperava achar ali e que debalde procurou.

Seu labio balbuciou um nome :

— Mario!...

No momento em que preza da voragem ella se debatia nas vascas da agonia, a derradeira impressão desse transe supremo fôra a do braço de Mario que luctava para arranca-la ao abysmo. Tambem tornando a vida, a primeira visão, embora confusa, de sua alma sopitada, fôra a do rosto do companheiro de infancia, que debruçado sobre ella, sorria-lhe.

Seria tudo isto um sonho?

— Elle estava aqui; disse o barão. Mario!

— Sahiu! respondeu Benedicto.

— Vão chama-lo. Ainda não o abracei.

Benedicto percorreu durante algum tempo os

arredores da cabana: d'ahi podia elle dominar toda a varzea e uma parte do pomar. Depois de algumas voltas inuteis, descobriu além, na baixa, alguma cousa alva, que excitou-lhe a attenção, porque destacava entre o verde da folhagem. Com uma vaga suspeita do que era, seguiu naquella direcção; verificou ser a roupa do menino estendida para enxugar, no lugar onde batia o sol.

Mario dormia profundamente, coberto com as folhas seccas das proximas bananeiras. Descançava a cabeça no braço direito dobrado sobre uma raiz que lhe servia de travesseiro. Extenuado de fadiga, o organismo reclamara imperiosamente aquelle somno profundo e reparador.

Sahira da cabana com intenção de voltar a casa para mudar a roupa molhada, que o estava resfriando; mas chegado aquelle lugar, os continuos arripios obrigaram-n'o a despir-se para seccar o corpo. Então cedendo á fadiga dormiu.

Benedicto o estava contemplando enternecido, quando ouviu um rumor de passos nas folhas seccas. Por entre as arvores avistou D. Francisca, arrastando o passo tropego em direcção á cabana. Benedicto correu á senhora e carregando-a nos

braços robustos, a trouxe para junto do filho, animando-a com a narração entrecortada do que havia passado.

— Deixa, minha sinhá, deixa elle dormir. Precisa bem.

D. Francisca ajoelhada rosçou a fronte de Mario com os labios, cobriu-lhe o corpo com o chale, e rendeu ao Senhor ferventes graças, por lhe haver conservado o filho querido.

Benedicto tambem ajoelhara aos pés do menino, mas em vez de rezar por elle, pôz-se a adora-lo, como á um idolo.

XVII.

O JURAMENTO.

Seriam oito horas da noite.

Reunidos na sala da *Casa grande*, os hospedes do barão, e sentados ao sofá, conversavam em tom moderado sobre o acontecimento do dia.

O conselheiro Lopez, tinha feito um discurso philosophico sobre o phenomeno das coincidencias, citando alguns factos historicos dos mais notaveis. Era esta a face porque o desastre acontecido á Alice o tinha mais impressionado; a intervenção de Mario e a data de 15 de janeiro prendiam esse acontecimento como dois élos de bronze á morte de José Figueira, occorrida havia onze annos.

D. Luiza além da parte que tomara na afflicção da familia de Alice, estremecia de horror, lembrando-se que podia ter Adelia corrido o mesmo ou maior perigo. D. Alina, essa as vezes desmerecia na acção de Mario, figurando-a como cousa facilima; outras vezes insinuava, embora de longe, que o culpado de tudo era o menino com sua travessura.

— Quem sabe? Talvez si Alice fosse sosinha com Adelia, ou com o meu Lucio, que é tão socegado, não lhe acontecesse nada. Esses rapazes traquinas deitam os outros a perder.

Junto á meza, onde ardia o candelabro, Lucio estava muito applicado em levantar castellos de cartas para entreter Adelia. Feliz idade em que a imaginação entre risos de prazer edifica palacios com essas figuras coloridas! Mais tarde em vez de castellos de carta, são os castellos de vento, edificados com as illusões e as esperanças de nossa alma. Vem um sopro de criança e arrasa o sumptuoso palacio. O menino reune as cartas e levanta novo castello. O homem debalde tenta colligir as illusões que tombaram: não encontra nem o pó; desfizeram-se em fumo.

O castello de Lucio era um pretexto. Cada carta precisa para a construcção, tinha de ser tomada a Adelia, senhora de quasi todo o baralho. Quanto mais se elevava o castello, mais tentações tinha a menina de abatel-o de um sopro, ou derrubal-o com a unha rosada, que disfarçadamente brincava sobre a verde cobertura da meza.

Dando taes assaltos direito á defeza, a mão de Lucio animava-se a interceptar nos labios da menina o sopro destruidor, á prender e conservar captivo o dedinho perfido, e finalmente a sentir esses rapidos toques da cutis assetinada, que lhe sabiam como raios da polpa deliciosa do cambucá.

De vez em quando D. Luiza erguia-se do sofá e penetrava no interior por uma porta lateral. Pouco depois voltava trazendo informações á respeito do estado de Alice.

Transportada para a casa nos braços do pai, a menina passara algumas horas sem grave alteração, embora muito abatida. A tarde porém se declarara febre com dôres lancinantes pelo corpo. O medico prevenido á primeira noticia do desastre já estava na fazenda. Seu prognostico

foi favoravel. A menina, em virtude do abalo por que passara e do longo resfriamento, soffria de um accesso nevralgico. Os calmantes receitados não tardariam a debellar o mal.

— Está na mesma. Agora chegaram os remedios que o doutor mandou buscar: disse D. Luiza voltando da alcova.

— O barão devia ter aqui uma botica sempre bem sortida! ponderou o conselheiro.

— O commendador, meu marido, tinha: acodiu D. Alina.

A porta do corredor abriu-se dando passagem á D. Francisca e seu filho. Este vinha manifestamente contrariado; sua physionomia e até seu passo o indicavam.

Depois de duas horas de somno; que sua mãi não se animou á interromper, Mario despertara á sombra das arvores onde se havia deitado. No primeiro momento admirou-se de ver a mãi ali perto delle; mas logo percebeu vagamente o que tinha passado, e com isso satisfez-se a sua curiosidade.

Vendo porém no rosto da senhora traços de fadiga e afflicção, Mario ficou de máu humor e contrariado. A vehemencia das cari-

cias maternas respondeu apenas com um frio abraço.

— Minha roupa já está enchuta? perguntou.

Benedicto tivera tempo de trazer outra roupa, e café para o menino tomar apenas accordasse. Um fogo vivo além de conservar a quentura da chaleira, derramava um doce calor sobre o menino adormecido.

Recolhidos á sua habitação, nem a mãi, nem o filho, tinham desejos de tornar á *Casa grande* naquelle dia. D. Francisca ficara prostada com as emoções: Mario queria fugir a impertinente curiosidade dos hospedes do barão. Repugnava-lhe contar sua acção á gente de quem não gostava. Todas as pessoas da amisade do rico fazendeiro, incorriam na antipathia do menino.

Ao cahir da noite porém o barão mandou segundo recado insistindo com D. Francisca para levar-lhe o Mario naquella mesma noite. Avaliando pelo seu coração do sentimento daquelle coração de pai, e desejando tambem mostrar seu interesse por Alice, de cuja febre acabava de saber, a viuva accedeu.

Muito custou-lhe persuadir a Mario. A seus rogos o menino respondia :

— Não tenho nada que fazer lá ! O Sr. barão póde guardar seus agradecimentos, que eu passarei muito bem sem elles! Si cuida que lhe prestei algum serviço, está enganado. Quiz mostrar-lhe que um pobresinho, ás vezes vale mais do que os ricos e barões.

D. Francisca amava cegamente o filho, e por isso em vez de o governar, era por elle governada. Ante a resistencia que Mario oppunha ao seu desejo, não se animou a formular uma ordem ; esgotados os rogos, soccorreu-se ao argumento supremo, que applicado á proposito dobrava a tenacidade do menino.

— Meu filho, lembra-te da recommendação que teu pai deixou em seu testamento. Deves obedecer ao barão como a elle.

Mario mordeu os beiços e acompanhou sua mãi á *Casa grande* ; mas cedendo embora, elle não podia esconder sua contrariedade. Já não era sómente a curiosidade importuna que o afastava, mas tambem a molestia de Alice. Incommodava-o a idéa de envolver-se na sollicitude affectuosa, que devia inspirar á familia e aos amigos o sof-

frimento de uma pessoa querida. Elle não podia associar-se á esse sentimento ; tambem não devia alegrar-se com elle.

Por outro lado o barão estava triste, abalado ainda com as emoções daquella manhã, afflicto com a enfermidade da filha. Não era assim abatido por outras causas, que o menino desejava affrontar seu inimigo. Era no apogeo da fortuna, do alto do seu orgulho, que elle pretendia humilha-lo.

Estes sentimentos possuiam Mario ao entrar na sala.

— Oh ! eis o nosso heroe ! Venha cá ! exclamou o conselheiro chamando-o com a mão.

— A senhora deve estar muito contente com seu filho, D. Francisca ; o que elle fez !.... disse D. Luiza.

Mario levantou os hombros, e respondeu d'uma vez aos dois, mulher e marido :

— Ora ! O que eu fiz !... Aqui na fazenda ha um cachorro, o *Trovão,* que nada e mergulha muito mais do que eu. Si quer ver um heróe, mande busca-lo ; ou então um dos marrecos ali do tanque, pois dentro d'agua nos vence á ambos.

O conselheiro era homem áquem nada pertur-

bava. Apezar da estranheza da resposta, elle replicou sorrindo com certa magnanimidade magistral :

— Ora, Sr. estudante, isto é pura e simplesmente um sophisma. O animal obra por instincto, emquanto o senhor arriscou a vida para salvar...

— Não ha tal ! Não corri nenhum perigo ; tenho feito isso tantas vezes !... Si me podesse succeder algum mal de certo que não ia me atirar n'agua ; não tinha necessidade disso.

Depois de ter assim amesquinhado com um remoque, e suffocado sob uma ostentação de egoismo, seu rasgo heroico ; o menino approximou-se da meza, onde estavam os dois camaradas. Adelia, desde a entrada de Mario, não cessava de olha-lo com um modo de ingenua admiração ; o que expremeu no coração de Lucio a primeira gota de fel ; o fel que exsuda o ciume.

—Mas então, Mario, disse a gentil menina com um sorriso faceiro ; si esta rosa que eu tenho no seio, cahisse no boqueirão ; você ia apanhala ?

— Ia ! respondeu o menino com vivacidade ; mas logo retrahindo-se, accrescentou : Si na occasião estivesse de veia para brincar.

— Lembra-se ? Foi você que me deu esta rosa ! Está aqui guardada.

— Pois dê ao Lucio, que está ali com uns olhos para ella !...

Lucio corou. O sorriso apagou-se nos labios de Adelia, como o vôo nas azas da borboleta, quando expira a luz que a enleva. Mario voltou-se á voz da mãi que o chamava da porta.

A baroneza, já tranquilla á respeito da filha entrara na sala acompanhada pelo medico. Recebeu a D. Francisca do mesmo modo, com fria altivez ; a Mario disse apenas estas palavras :

— Viu em que dão as travessuras ? Bom será que lhe fique de licção para emendar-se.

Mario retrucou arremedando o riso da baroneza :

— Eh ! eh !... emendado já estou. Mesmo que a senhora cahisse amanhã no boqueirão, não seria eu que a tirasse de lá.

— Já se viu !... exclamou D. Alina.

O conselheiro repremindo uma risada, pensou comsigo que si Mario algum dia fosse deputado, seria um rival do Aprigio, o maior apartista da camara ; gloria até hoje sem successor.

— E' patetinha, coitado! disse a baroneza a meia voz, voltando-se para o medico.

D. Francisca e seu filho seguiram o Martinho, que os introduziu no gabinete do fazendeiro.

O barão estava ainda na mesma agitação, que delle se apoderara desde a noticia do passeio, e que bem longe de acalmar-se com a salvação de Alice, parecia progredir em intensidade. A dôr de perder a filha, essa abrandara vendo-a livre de perigo ; mas o acontecimento produzira nelle um abalo profundo, uma crise que ainda não tivera remissão.

Antes de deixar a cabana, na occasião de transportar-se Alice, o barão descera só a *Lapa* ; e ali permanecera um momento com os olhos no remoinho. Seu rosto tinha nessa occasião uma expressão grave e solemne ; os labios balbuciaram palavras não ouvidas ; a mão pairou um momento sobre o abysmo. Dir-se-hia que prestava um juramento.

Tremulo, agarrando-se ás pedras para amparar os mal seguros passos, voltou á cabana, donde seguiu a rede que transportava a filha. O resto do dia até aquella hora, passara-o á cabeceira de Alice, ou debruçado na meza do ga-

binete, murmurando palavras surdas e entrecortadas.

Levantou-se para receber D. Francisca ; e abraçou tanto a mãi, como ao filho.

— Mario, eu lhe devo a vida de minha filha ; mais do que a minha propria vida, porque é ella, só ella que me prende á este mundo. São dividas que não se pagam. Foi sempre minha intenção protege-lo ; mas hoje fiz um juramento á memoria de seu pai, de... meu amigo, no lugar mesmo onde você salvou Alice. Encarrego-me de seu futuro.

— Não quero paga. Não servi a ninguem ! O que eu fiz foi por brincadeira : disse o menino arrebatadamente.

— Bem ; fallaremos depois á este respeito. Eu combinarei com D. Francisca ácerca dos seus estudos. Deve formar-se... em direito ou medecina !

— Que bondade, Sr. barão !... disse D. Francisca.

O barão despediu-os com um gesto.

— Vá vêr Alice, Mario. Ella tem perguntado muito por você.

A alcova estava em meia obscuridade, excla-

recida apenas pela luz opaca de uma lamparina. D. Francisca chegou-se subtilmente, e percebendo que Alice estava accordada e com os olhos abertos, chamou o filho.

Vendo Mario, os labios da menina se enfloraram com um sorriso.

— Ainda está zangado comigo, Mario? disse ella apertando-lhe a mão. Eu lhe prometto que não heide fazer mais travessuras. Não quero que você morra por minha causa.

O menino sentiu um movimento de piedade; nesse momento teve pena que Alice fosse filha do barão.

Mas a sua natural repugnancia o dominou:

— Não tenha susto!...

Essa palavra podia ser uma segurança que tranquilisasse seu espirito, e Alice comprehendeu-a, quiz comprehende-la, assim: mas ella cahira dos labios de Mario como uma ironia.

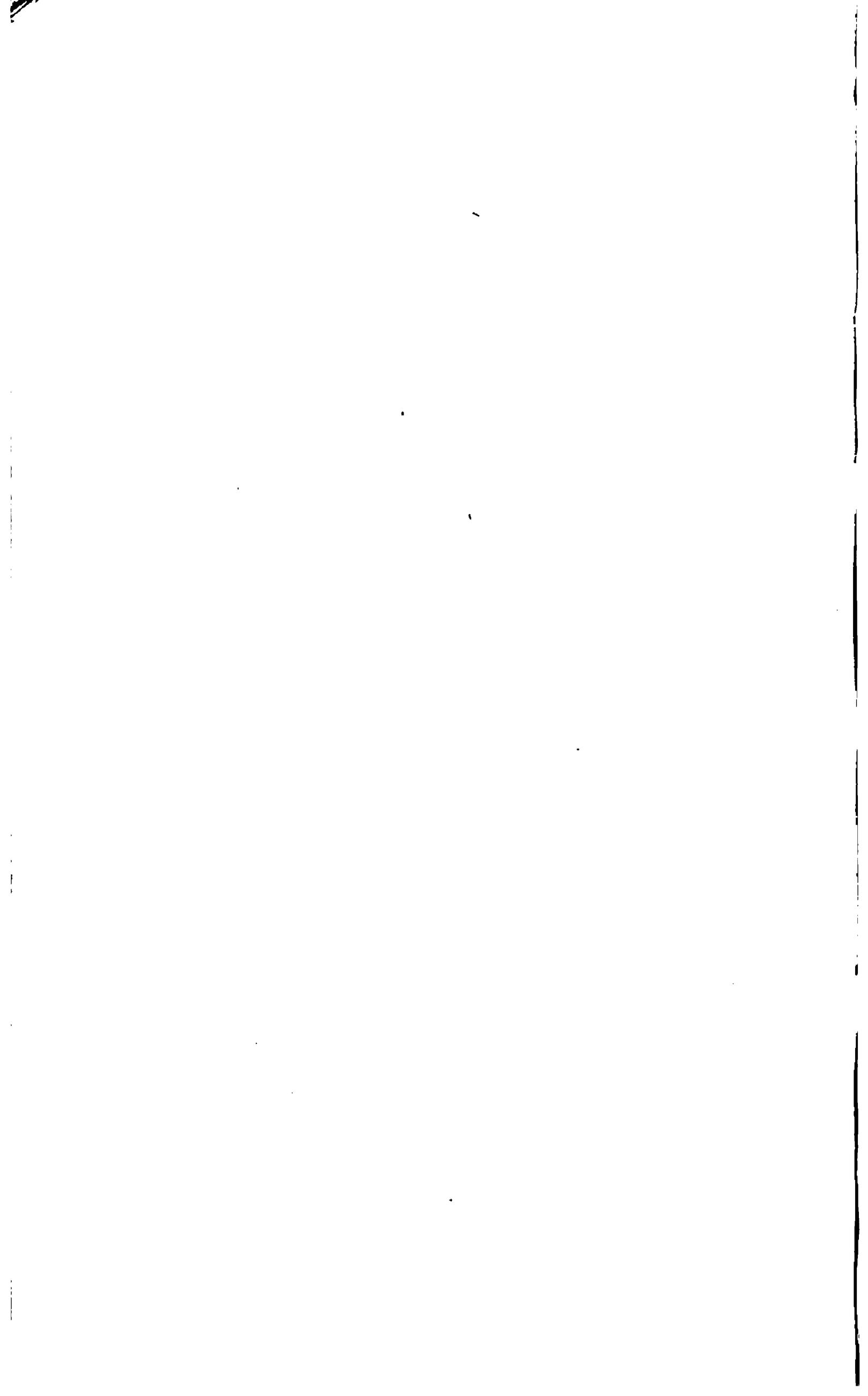
Horas depois toda a habitação estava entregue ao repouso. Alice dormia um somno prolongado, embora um tanto inquieto. Só o barão velava, crusando a passos lentos o seu gabinete:

— Fazem onze annos! Foi em uma noite como esta; talvez á mesma hora... Que horas

serão? Meia noite. Era mais cedo!... Eu o vi!... Meu Deus; o tempo não apaga esta imagem, ao contrario parece que a aviva!... Ha onze annos o vejo... assim... sempre assim!

O barão foi, abafando os passos, contemplar Alice adormecida. Mudo ante o vulto da menina, elle estremecia ao choque dos pensamentos que lhe tumultuavam dentro d'alma. Afinal seus labios murmuraram estas palavras:

— Serás o anjo do perdão, minha filha!

Defronte via-se a porta entreaberta do orotorio. O barão aproximou-se do altar e pousando a mão sobre a ara santa, repetiu o juramento solemne, cujo segredo ficou entre elle e Deus.

XVIII

O NOIVADO.

Tinha decorrido uma semana.

Alice estava completamente restabelecida. Naquella idade as impressões se apagam rapidamente. A gentil menina tinha recobrado sua graciosa e scintillante vivacidade.

Para dar expansão a seu regosijo, o barão improvisara um sumptuoso banquete; e convidara as familias dos fazendeiros da vizinhança.

Era meio dia. Já muitas senhoras e cavalleiros se tinham apeado no pateo da *Casa grande*; e achavam-se agora reunidos na sala e varanda.

O barão parecia outro homem; a alegria transbordava de sua alma, no rosto e nos movimentos.

Saudava a cada um dos convidados, com tanta effusão! Parecia agradecer-lhes o grande prazer que sentia.

A baroneza recebia os hospedes com a amabilidade que permittiam sua altivez e frieza. O apparato da riqueza e os rumores da festa reanimavam sua natureza apathica.

D. Luiza, sentada ao piano, misturava ao borborinho da conversação e aos rumores do campo, os brilhantes ritornellos de uma walsa então muito em voga. Ao trinado das teclas do instrumento, a graúna pousada na proxima aroeira suspendia um momento o gorgeio, para ouvir a extranha harmonia.

Aos moços, os sons do piano lembravam a quadrilha; aos velhos o canto, a dengosa modinha brasileira. Ambos os desejos foram submettidos á baroneza, que aprouve deferir a ambos com uma magnanimidade de rainha.

Entretanto D. Alina com duas ou tres roceiras criticava dos ares que tomava a baroneza; do desembaraço de D. Luiza, que sem a chamarem, tomara conta do piano; e do vestuario das senhoras mais elegantes.

O conselheiro Lopez, rodeado por algumas das

influencias da provincia, áquem desejava grangear, achava-se em uma situação difficil. Elle manifestara na camara uma opinião favoravel á extincção do trafico ; idéa então muito impopular entre os fazendeiros. Increpado á este respeito, fez o conselheiro largas e luminosas considerações sobre a opinião européa, o canhão inglez, o bill Aberdeen ; e concluiu affirmando que não havia realmente a menor divergencia entre o voto dos amigos que o ouviam e a sua opinião.

Nesse momento uma recommendação de silencio foi soffrear a eloquencia do conselheiro. D. Luiza cantava uma aria do *Dominó noir*, recordações da opera franceza que ultimamente havia feito as delicias da côrte.

Acabavam de chegar os ultimos convidados, o que augmentou a animação da festa. Depois do canto veio a dansà baralhar damas e cavalleiros, velhos e moços, nessa agradavel confusão que rompe durante algumas horas a monotonia das existencias calmas.

A' par da festa das senhoras e dos homens havia na *Casa grande* outra festa, por ventura mais interessante pela sua originalidade.

Proximo á varanda em uma saleta, onde cos-

tumava assistir a baroneza, estavam agrupados junto ao sofá alguns dos nossos conhecidos da semana anterior; e tão embebidos no seu divertimento que não ouviam as contradansas.

Enchia o tapete do sofá uma profusão de objectos, que aos olhos do menino homem são uma ninharia, mas aos olhos do homem-menino parecem um thesouro das mil e uma noite. Eram trastes, camas, berços, guarda-roupas, lavatorios, poltronas, apparelhos de louça, talheres; um oratorio com imagens e candelabros; jardins, com alamedas de flôres, repucho e estatuas; casas com repartimentos, carros puchados por parelhas de cavallos; uma fazenda cheia de arvores, de bois, carneiros e outros animaes; tudo isto em delicada miniatura.

Havia tambem cestas, caixinhas, e pequenos bahús, uns já vazios, e outras ainda cheios de vestidos de seda ou cassa, chapéos, sapatos, e toda a especie de roupa de um tamanho proporcional ás dimensões dos trastes.

Finalmente sobre o sofá gravemente enfileirados pelo braço do recosto, viam-se os donos dessas riquezas: bonecos e bonecas de todos os feitios e qualidades, uns já vestidos com o maior

apuro e elegancia, e outros ainda em fralda de camisa, mostrando muito sem ceremonia, as pernas de panno, de louça, de páu ou de cera.

Alice sentada em um banquinho de almofada, com o regaço cheio de mil cousas tiradas das cestas e bahús, estava occupada em fazer a distribuição e arranjo da festa, ajudada por Eufrosina e Felicia. Do outro lado, Adelia, acomodada em uma cadeira baixa de costura, acabava o trajo de noivado de uma formosa boneca de cera. De joelhos aos pés da menina, o Lucio com sua habitual galanteria, adivinhava os desejos da menina, para satisfaze-los: procurando no tapete já o véo de renda, já a grinalda de flôres, o lenço ou o leque.

A causa de todo esse alvoroto que ia pelo mundo das bonecas, talvez ninguem se lembre della. Pois não era outra sinão aquelle casamento de D. Elisa com o Dr. Oscar ; casamento sobre o qual as meninas tinham conversado no pomar, por occasião do fatal passeio á cabana de pai Benedicto.

Essa união, que estava projectada para outro domingo não póde ter lugar em virtude do desastre. Festejando-se porém n'aquelle dia a sua sal-

vação e restabelecimento, não quiz Alice demorar por mais tempo a felicidade dos dois noivos. Accresce que Mario, padrinho por ella escolhido, devia partir no dia seguinte para a côrte, afim de completar ali seus estudos preparatorios.

D. Elisa e o Dr. Oscar eram um lindo casal de bonecos, vindos directamente de Paris por encommenda do barão. Alice os tinha recebido havia alguns mezes; foi o presente do pai no dia de seus annos. D. Elisa era um anjo de bonita e o Dr. Oscar um seraphim, na opinião de Euphrosina; Felicia porém comparava-o á um cabelleiro francez, para ella o typo da suprema elegancia parisiense.

— A noiva está prompta! disse Adelia mirando a boneca enfeitada.

— O noivo tambem! acodiu a Felicia.

— Agora falta o oratorio; disse Lucio. Accendo as velas?

— Não; Mario ainda não chegou; respondeu Alice.

— Onde anda elle? perguntou Adelia.

— Foi se despedir de Benedicto.

— E' verdade elle vae amanhã. Tão depressa!

— Foi elle mesmo que pediu; não foi, nhanhã?

— Mario quer estudar depressa para se formar logo; disse Alice com um suspiro. Depois vem morar aqui na fazenda e não ha de sahir mais. Papai me prometteu.

— Gentes, quédê a colxa rica da cama dos noivos? perguntou a Eufrosina.

— Não é a de setim? Está ali no bahú de tartaruga.

— Deixe ver!... E' muito rica, observou Felicia; mas para meu gosto havia de ser côr de rosa, que significa amor.

— Azul quer dizer constancia e fidelidade. E' mais proprio; acodiu Lucio. Que elles se amam todos sabem, porque são noivos. Não é, Adelia?

— De certo! Eu hei de querer muito bem ao meu! respondeu a menina com a ingenuidade da infancia.

— Quem ha de ser?

— Isto é o que ninguem sabe.

Lucio corou:

— Mario não vem: disse elle disfarçando: depois fica tarde, e não se faz o casamento.

— Não tenha cuidado! replicou Alice.

— Si quizer que eu sirva de padrinho!..

— Pois não. E Mario?

— Elle não se importa.

— Mas importo-me eu! exclamou Alice, batendo com o pézinho no tapete.

Lucio de esperto queria substituir-se a Mario, porque a madrinha era Adelia; esse ponto de contacto com a menina lhe daria um prazer immenso; parecia-lhe que ficava unido á ella por algum laço, por uma recordação mutua.

Mario porém acabava de chegar. Alice o viu da janella e chamou-o.

O menino já não se lembrava do tal brinquedo de bonecas. A despedida de Benedicto o impressionara. Esse negro era o unico ente a quem sua alma se abria. Sem duvida amava elle mais á sua mãi; porém o coração, se recatava della, e diffundia-se no seio do velho africano. Ha caracteres assim, que se concentram para com as pessoas que mais amam, e entretanto affagam um cão ou um cavallo.

Além disso o negro dissera algumas palavras que excitaram a curiosidade do menino ao ultimo ponto; e alvoroçaram em seu espirito as suspeitas que ahi pullulavam á respeito da morte de seu pai.

Nestas condicções, estava elle pouco disposto

a brincar: e de certo não acodiria ao chamado da menina, si de repente não lhe occorresse a idéa de se distrahir com as zangas e contrariedades, que podia causar aos outros.

Foi chegar elle, e sentir-se immediatamente a perturbação produzida por sua presença. Elle entrou, como costuma entrar o tufão, a torrente, o raio; sem pedir licença, nem escolher caminho.

Todo o arranjo que tanto trabalho dera á Alice e ás mucamas desappareceu de relance; porque elle entendeu que não estavam os objectos collocados em regra. A unha da Eufrosina, a mesma unha da topada, fez conhecimento com o tacão do botim do menino; em quanto a Felicia chiava com um beliscão que elle lhe pespegava no braço em resposta á uma observação impertinente.

— Esta cadeira é para o padrinho? perguntou Mario mostrando uma poltrona de marfim, acolxoada de setim verde.

— E'; respondeu Alice.

— Então posso sentar-me!

— Mario!... exclamou Adelia.

O menino acabava de espedaçar o mimoso traste em miniatura pretendendo sentar-se nelle.

— Que graça! disse Lucio.

— Calle a bocca. Não bula comigo!

— Olhe, nhanhã; sua cadeirinha, tão bonita, em que estado ficou!

— Não faz mal; dizia Alice rindo.

Ella, a boa e gentil Alice, achava nas travessuras de Mario uma graça extrema. Em vez de zangar-se, applaudia.

Mario entretanto ia continuando a desordem começada, despindo umas bonecas e vestindo outras da maneira a mais grotesca e ridicula; o que suscitava observações da parte de Adelia e Felicia, deffensoras da moda e elegancia. Grande porém foi o alvoroço quando o menino armando-se de uma grande agulha de enfiar, perguntou:

— Onde está a noiva?

— Para que?

— Quero ver uma cousa.

— Eu não dou! disse Adelia.

— Nhanhã Alice, tome conta de D. Elisa; porque ninguem pode com este menino, não.

— E' melhor; disse Adelia restituindo a noiva a Alice.

— Tome, Mario.

E Alice entregou sorrindo a boneca a seu companheiro de infancia. Este porém perdeu o gosto da travessura, desde que a menina em vez de revoltar-se contra ella, parecia ao contrario associar-se de boa vontade.

— Está bom, era para abrir-lhe o coração; mas já vejo que é ouca.

— Ouca é a cabeça bem sei de quem; disse Lucio.

— A nossa!... Ah! esta é cama dos noivos?

Mario acabava de descobrir a cama á Luiz XV que Lucio estava arranjando com todo o esmero.

— Vamas á ver se está macia!

— Deixe-se disso, Mario; tire a cabeça.

— Espera, espera que eu te mostro.

Mario travou-se de luta com o camarada, e como apezar de mais moço, era mais agil e robusto, em breve o subjugou. Então levantando-o nos braços, gritou:

— Preparem o berço para o nenê!

Nesse momento felizmente appareceu o Sr. Frederico de Mattos, moço de vinte annos, filho de um fazendeiro da visinhança. A voz geral o appontava como o noivo de Alice, e affirmava que esse casamento já estava justo entre os

pais. O commendador Mattos era depois do barão o homem mais rico do logar; todos achavam pois muito natural que essas duas riquezas se attrahissem mutuamente por uma irresistivel paixão matrimonial.

Frederico era bonito moço, mas tinha um rosto de alfinim, redondo, sem a menor sombra de buço; o que lhe dava certo aspecto affeminado e ingenuo. Sem intenção de transtornar os futuros planos matrimoniaes de seu pai, si taes planos existiam, o rapaz tinha suas quédinhas por Adelia.

— Falta um par; disse elle entrando. Venha dançar comigo, Alice.

— Eu não! respondeu a menina com estouvamento.

— Então me rejeita? Muito obrigado. E a senhora, D. Adelia? perguntou corando.

O pedido á Alice não fôra mais do que uma tabella para dar no alvo. Adelia tambem enrubeceu ligeiramente, e hesitou:

— Não posso dançar agora! respondeu com ligeiro pezar.

— Temos cá um casamento; disse Mario.

— Ah! E não me convidaram!

— Está convidado; tornou Mario.

Frederico procurara com o pretexto da falta de par se aproximar de Adelia. Indeciso entre o desejo de participar do folguedo, e a vergonha de metter-se com as crianças, elle ia deixando-se ficar.

— Aqui não é logar para moço; disse Alice contrariada.

— Tambem acho! observou Lucio.

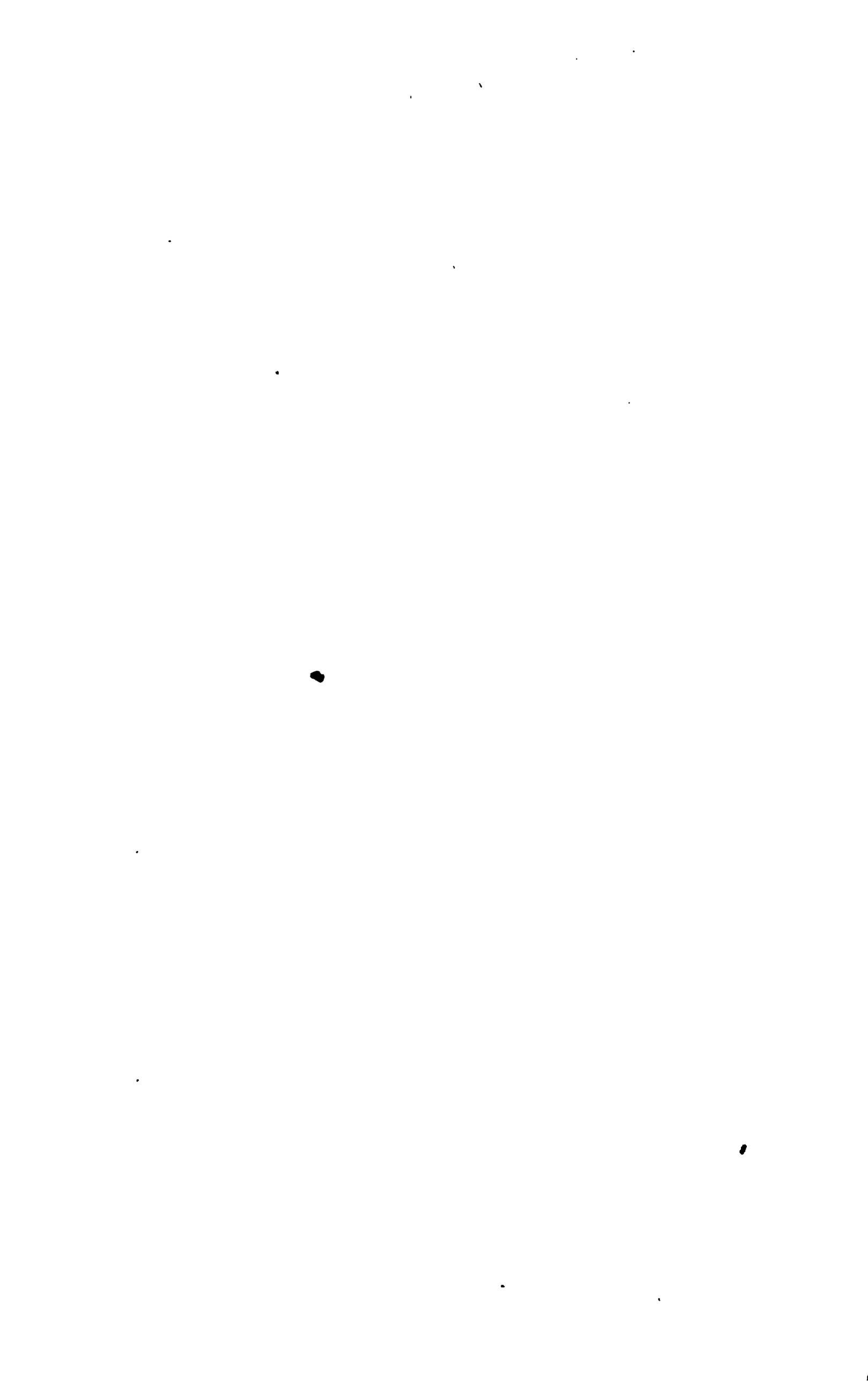
— Fique! atalhou Mario cathegoricamente. Carecemos de um padre para casar os noivos; e o senhor tem justamente cara disso.

— Está engraçado!

O riso geral que provocou o gracejo de Mario desconcertou Frederico. Foi-se pois o cupido da roça como tinha vindo, nas azas de um pretexto: a quadrilha estava á sua espera.

— E o casamento? disse Eufrosina. A noiva já está cançada de esperar.

— O ditado bem diz « Casamento demorado, com certeza é desmanchado. » Está me parecendo que é o que vae succeder.

— Vamos, vamos; disse Alice. Accenda o oratorio, Lucio.

XIX

PRIMEIRA SAUDAD

Emquanto se faziam os ultimos preparativos, Alice foi á sala buscar o Sr. Domingos Paes.

Este curioso personagem occupava na casa do barão da Espera o emprego de compadre. Muitas pessoas talvez ignorem a natureza e importancia deste cargo, que existe em quasi todas as casas de ricos fazendeiros.

Um compadre não é parente, nem hospede, nem creado; mas participa dessas tres posições; é um ente maleavel que se presta á todas as feições e toma o aspecto que apraz ao dono da casa; é um appendice da familia da qual elle se incumbe de supprir quaesquer lacunas, e de apregoar as grandezas.

Ha na casa outros compadres, mas são conhecidos por seu nome: o compadre por excellencia, o compadre da familia, aquelle que não precisa de outro qualificativo; é elle, o homem de todas as occasiões, o commensal effectivo, prompto sempre para conversar, andar, jogar e comer, conforme a veneta do protector a quem annexou-se.

O compadre alem da familia a que se aggrega, tem uma familia propria; mas esta só lhe serve para formar os pimpolhos que dão logar ao compadresco; e para exercitar a paciencia indispensavel ao bom desempenho de seu emprego. Como chefe da familia, sua missão pois não é crear filhos, mas unicamente fabricar afilhados.

Nenhum compadre accumulou jamais tão varias e importantes funcções como o Sr. Domingos Paes. Era recado vivo para os visinhos, e bilhete de convite para as festas ou banquetes. Servia de parceiro do solo, sendo preciso; fazia de carrancho no voltarete; jogava o gamão com a baroneza, e o burro com as crianças que não terminavam sem deitar-lhe duas orelhas de papel. Fazia dansar as velhas e feias que não achavam par; estava sempre disponivel para padrinho das

crias da fazenda; ajudava a missa; e finalmente, alem de muitas outras incumbencias, parochiava as bonecas de Alice; isto é, celebrava os baptisados e casamentos de brinquedo.

Fora para exercer esta ultima funcção, e unir em laços matrimoniaes D. Elisa e o Dr. Oscar, que Alice o foi buscar á sala. Quando voltava com elle pela mão, parou na porta empallidecendo.

O Martinho durante a ausencia da filha do barão tinha entrado na saleta:

— Eh! nhô Mario anda muito por cima hoje.

— Porque?

— Não sabe? Lá está seu logar na cabeceira da mesa, junto de nhanhã Alice, todo enfeitado. Flor muita; fita tambem. Não vê que nhô Mario é o rei da festa; e nhanhã Alice a rainha. Hih!... Banquete de estouro! Champanha está fervendo.

Foi por ouvir estas palavras e perceber a impressão estranha produzida no semblante de Mario, que Alice descorou:

— Martinho! exclamou ella com severidade.

— Não disse nada; não, nhanhã!

— Si papai soubesse!...

Alice conhecia instinctivamente o caracter de seu companheiro de infancia e receiava muito da influencia que teria a revelação do pagem no genio desconfiado e caprichoso de Mario. A ceremonia do casamento, cujos preliminares eram determinados com toda a gravidade pelo Sr. Domingos Paes, a distrahiu.

O illustre parocho das bonecas benzeu a agua, paramentou-se com uma toalha passada pelos hombros, e ia pronunciar o *conjungo vobis*, quando se deu pelo desapparecimento de Mario. Faltava o padrinho; procurou-se o menino por toda a casa: trabalho inutil.

Lucio de novo offereceu-se para padrinho: mas Alice zangada mandou tirar todas as bonecas e brinquedos; protestando que não queria mais saber delles.

Assim desfez-se o casamento do Dr. Oscar e D. Elisa com bastante magoa dos convidados.

A hora do jantar ainda não se tinha encontrado Mario, o que muito contrariou o barão, e entristeceu Alice. O fazendeiro desejava fazer uma publica e solemne consagração de seu reconhecimento. Na cabeceira da mesa do banquete, sob um estrado com docel forrado de sedas escarlates

e enfeitado com grinaldas de flôres, estavam collocadas as cadeiras destinadas aos dois meninos.

O conselheiro Lopes devia commemorar em um discurso arrebatador o acontecimento, que dera motivo á festa. O vigario preparara um soneto e umas quadrinhas, para recitar na sobremeza, quando se fizesse a saude do heroe. O Sr. Domingos Paes fôra incumbido de começar com força os *hips*, que de ordinario os convivas por acanhamento não se animavam á soltar, sinão depois de electrisados.

A ausencia de Mario diminuiu o prazer e alegria da festa; mas não transtornou o programma. Principiou o banquete e prolongou-se até a noite ao som da banda de musica dos pretos da fazenda, que tocava quadrilhas e valsas. Afinal chegou a occasião das saudes, discursos e versos: o enthusiasmo era tal que ninguem talvez, a excepção de D. Francisca e Alice, lembrou-se de Mario nessa occasião.

Só muito depois de terminado o banquete, é que Mario, ainda um tanto arisco foi-se aproximando da casa.

O menino desde que salvara Alice, achava se coacto com a gratidão do fazendeiro, e a consi

deração que adquirira na familia. Essa nova situação o incommodava; muitas vezes chegava ao ponto de irrita-lo. Preferia a má vontade ou indifferença com que o tratavam anteriormente. Essa luta incessante contra os que o cercavam, correspondia melhor á sua indole, ás tendencias de seu coração. Emquanto o reprehendiam á cada instante e o maltratavam, elle tinha o direito de odia-los com todas as forças de sua alma. Mas agora que se mostavam bons sentia-se constrangido.

Praticando o seu acto de heroismo, cuidara esmagar o barão sob o despeito de lhe dever, á elle um coitadinho, a vida de sua filha. Entretanto era o barão que o esmagava com sua nobre e sumptuosa generosidade.

Pesava tanto a Mario a gratidão creada pela salvação de Alice, que chegou a arrepender-se de seu impulso. Acceitou pois com fervor uma occasião que se offereceu para escapar á incommoda posição. Tratando-se do projecto de concluir os preparatorios na côrte; pediu elle para partir immediatamente, ao que a mãi e o barão accederam, enchergando nisso ardor pelo estudo.

Não se enganavam de todo; Mario era tambem

movido por esse estimulo nobre. Havia em seu espirito a ardente curiosidade de saber; que revela as energias de uma intelligencia precoce. O segredo das grandes vontades, como dos grandes talentos, não é outro senão a intuição da incognita. Quando o espirito, tem consciencia de sua ignorancia, elle sente a necessidade de a debellar.

Apenas duas pessoas se aperceberam do apparecimento de Mario; porque o esperavam com anciedade. Foram D. Francisca e Alice; nenhuma alludiu á sua ausencia durante o jantar; por uma delicadeza espontanea calaram-se á este respeito.

O baile começara. As quadrilha formadas se entrelaçavam. Lucio tinha alcançado um logar para elle e Adelia seu par; valeu-lhes o Sr. Domingos Paes que serviu de *vis à vis*, tendo por par a sogra do administrador. Dessa noite em diante o velho accumulou mais este importante emprego aos outros que já exercia na fazenda.

Alice aproveitando o momento em que a contradansa attrahia a attenção general, trocou algumas palavras em segredo com o pai, e tirando-lhe do bolso da casaca uma caixinha oval de tartaruga aproximou-se de Mario, que estava de pé apoiado no recosto da cadeira de D. Francisca.

Com os olhos baixos e a voz tremula de emoção, mas com um sorriso nos labios, a menina apresentou a caixinha a seu companheiro de infancia.

— Tome, Mario; quando olhar para elle lembre-se de mim. Para contar os instantes que você passará longe de nós, não preciso delle; tenho meu coração: basta pôr a mão aqui.

— Que é isto? perguntou Mario bruscamente.

— Veja; respondeu Alice.

O menino apertou a mola da caixa de tartaruga e vio dentro um lindo relogio de senhora, com tampa esmaltada de verde, e a firma de Alice—A. F.—cravada em diamantes. Ao aro estava preso um cordão feito dos cabellos da menina.

Não havendo tempo de mandarem ir da côrte um presente, que fosse do agrado de Alice, combinou ella com seu pai dar a Mario como lembrança, na vespera da sua partida, aquella joia. O barão accedeu, fazendo tenção de encommendar para a filha outro relogio mais rico.

Lançando um olhar rapido e cheio de prevenções ao interior da caixa, Mario exclamou com ar de mofa:

— Tinha que ver! Andar eu com um relojinho de mulher!

— Mario! exclamou D. Francisco penalisada em extremo.

A boa senhora disfarçou como pode o arrebatamento do filho. Tomando a caixa do collo, onde o haviam deixado as mãos dos dois meninos retrahindo-se; ella obrigou affectuosamente o filho á admirar a delicadeza do trabalho. A força de caricias e de ternuras conseguiu que Mario apertasse a mão de Alice em signal de agradecimento e de despedida.

Alice não proferiu uma queixa: mas seu coração fôra magoado pelo frio desdem.

Quando o toque d'alvorada, no sino da fazenda a derpertou, seu alvo travesseiro estava molhado de lagrimas. A menina ergueu-se de manso, e vestindo-se ligeiramente encostou a fronte ao caixilho da janella de sua alcova. Os primeiros albores da luz empallideciam as trevas do horisonte.

No pateo se distinguiam os rumores que annunciam o dispertar de um estabelecimento rural. Na estrebaria especialmente, o tropel dos cavallos ou mulas e o resmoer do milho nos embornaes, indicavam proxima jornada.

O primeiro arrebol dourava as nuvens quando Mario montou á cavallo em companhia do capataz que devia conduzil-o á corte.

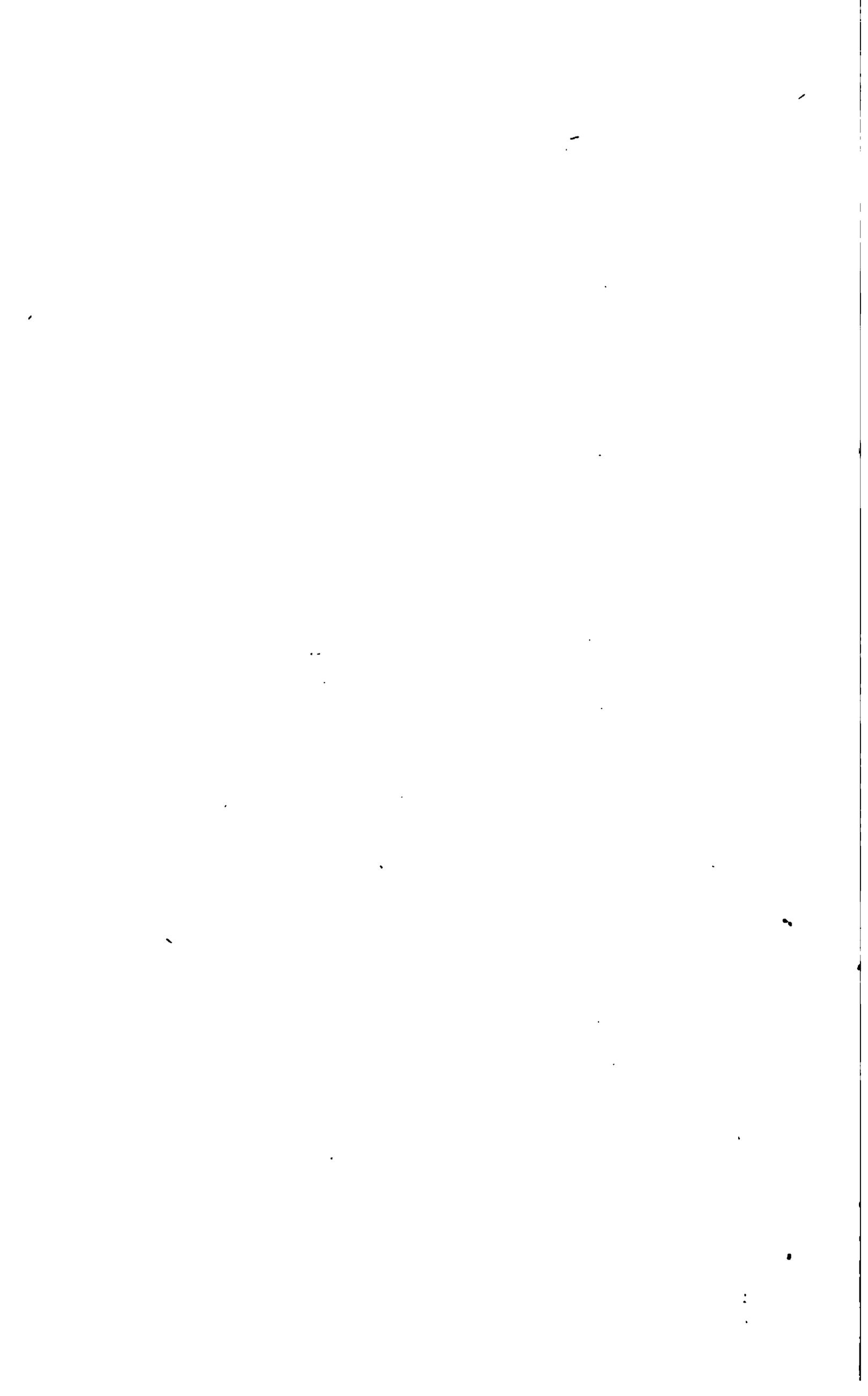
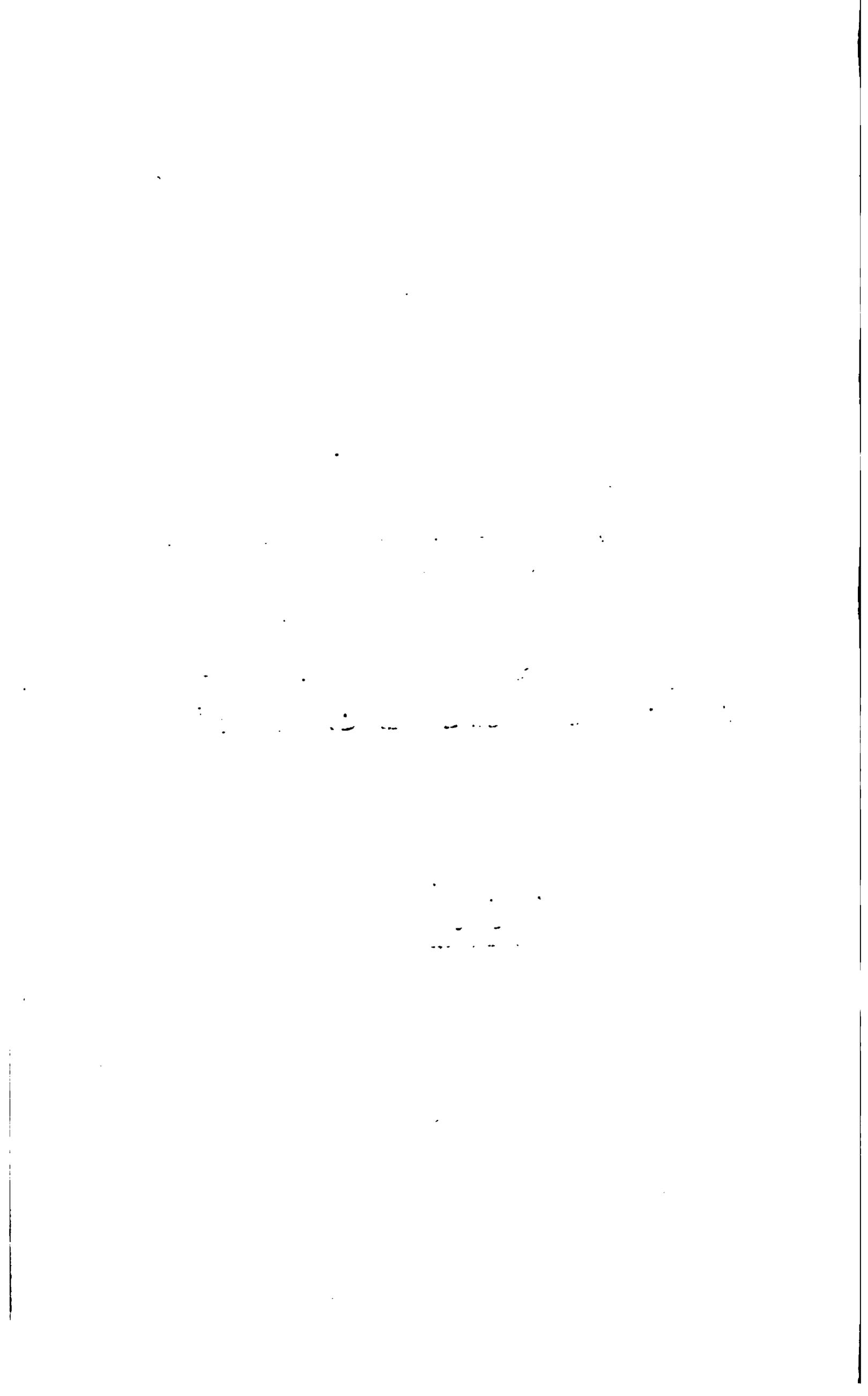
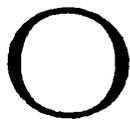
Vendo sumir-se na volta do caminho o vulto de seu companheiro de infancia, a menina levou a mão ao seio, que arfou com um longo suspiro.

Era o pungir da primeira saudade.

FIM DO 1° VOLUME.

INDICE

Erratas.

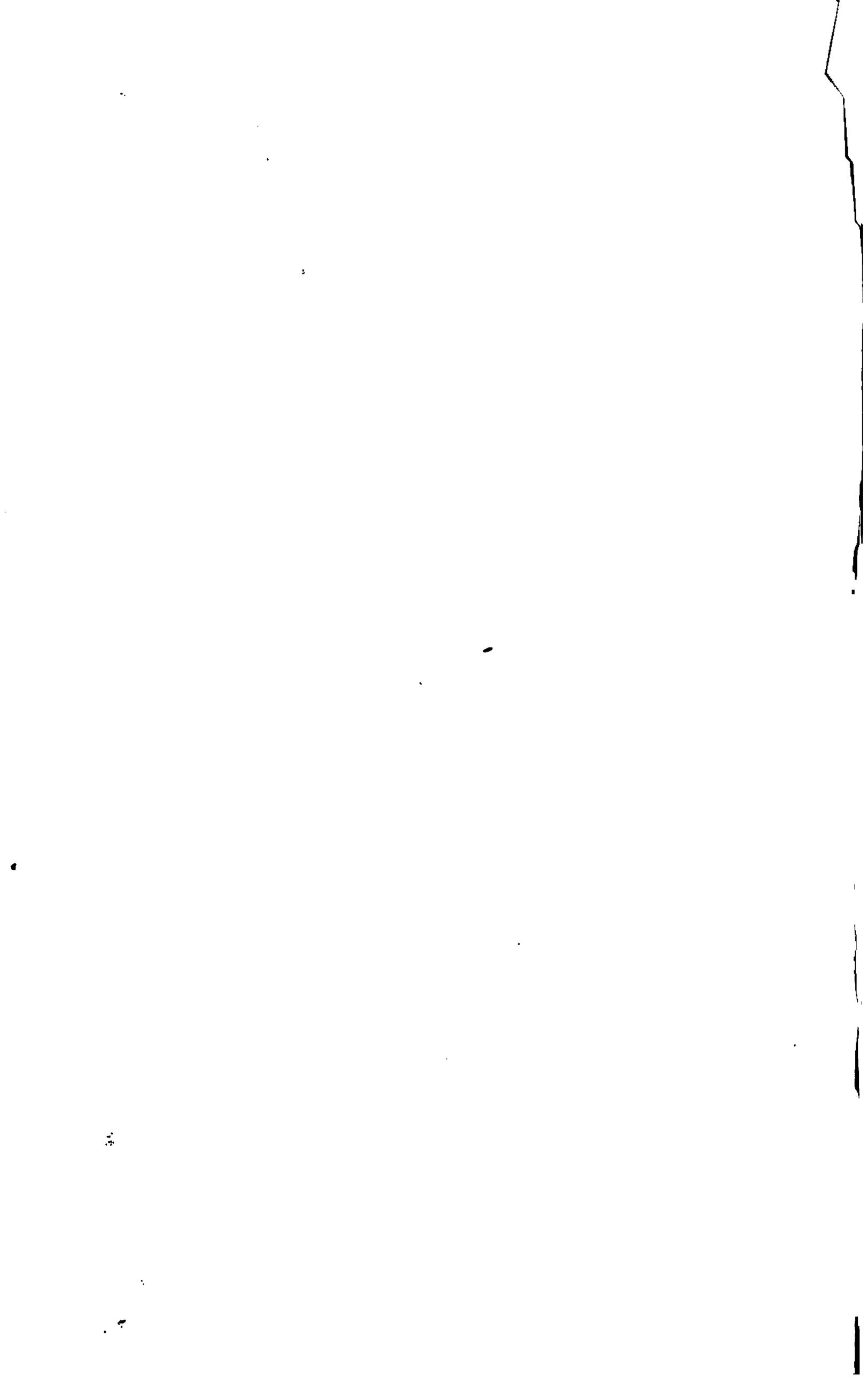
PAGINA	LINHA	ERRO	EMENDA
7	19	deducções	seducções
9	1	negro velho	preto velho
10	15	approximei-me	aproximei-me
11	6	só abriu	sôabriu
16	6	nonho	nhônhô
11	10	accodiu	acodiu
19	14	criola	crioula
27	13	estancalo	estanca-lo
33	7	geito	gesto
44	7	travessuras ?	travessuras !
48	9	preocupou	preoccupou
55	20	Benedito	Benedicto
55	24	da ca	dá cá
58	16	preocupação	preoccupação.
60	24	como o meu ?	como o meu !
63	1	carochinha	carouchinha
»	5	do cama	da cama
74	8	dez annos	onze annos
76	25	pessoa	a pessoa
79	4—5	não era outro senão	não era senão
94	25	facha	faxa
103	6	no peito	ao peito
122	7	molho de canna	molho de cannas
128	4	creou	estabeleceu
128	8	Não foi	Não foram
207	14	licção	lição
211	11	orotorio	oratorio
218	13	cabelleiro	cabellereiro
233	13	vamas	vamos
»	34	appontava	apontava

SENIO

O TRONCO DO IPÊ

ROMANCE BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO

EDITOR PROPRIETARIO

B. L. Garnier. — Rua do Ouvidor n. 69

1871

I.

A DOCEIRA.

Não tarda meio dia.

A uma das portas que dão para o quintal da *Casa grande* apparece uma linda moça de desoito annos.

O que logo se nota nella, não é tanto a gentileza das fórmas e o mimo de seu rostinho de camafeu, como o contraste do vulto gracioso com o logar. Lembra a doce virgem, que Murillo pintou sobre a tela de um guardanapo ou mantem de cozinha.

Realmente aquelles olhos azues de uma luz tão scintillante; os cabellos de ouro riçados

em diadema; o niveo collo, cuja nascença se debuxa sob o talho affogado de um vestido de seda côr de cinza; e sobretudo a mão pequenina, melindrosa e afilada; são para a janella da rica sala, e não para a porta da copa, onde nesse momento se desempenham os humildes serviços do trafego diario da casa.

A moça porém não se preocupa de certo com a impropriedade de sua presença naquelles logares; e muito senhora de si, move-se com o maior desembaraço attendendo á diversos objectos que a interessam. Si encontra no caminho uma gamella cheia de agua, refuga desapiedadamente a saia do bonito vestido de seda, já tão amarrotado que mette pena.

— Nhanhã, estão aqui os ovos; disse a Vicencia.

Alice voltou-se. A mãi do Martinho, que era uma das cosinheiras da casa, acabava de pôr sobre a mesa um açafate com algumas duzias de ovos.

— Trase o alguidar. Manda ver o forno, que esteja prompto.

As gemas d'ovos foram passando para o alguidar onde se mediu uma libra de manteiga, duas

de farinha de trigo, conforme recommenda o livro da *Perfeita Doceira*, que a menina consultara de vespera, e que ali estava á mão para tirar qualquer duvida.

Não fôra de certo para esses misteres caseiros que Alice aprompptara-se logo pela manhã de vestido de seda e trajo elegante; mas descendo á copa afim de ver o serviço das pretas, não lhe soffrera a paciencia; e ali estava ella emendando o que não achava bom, e fazendo por suas mãos o que não executavam com a desejada rapidez.

Em quanto se trasia a taboa onde estendesse a massa, aproveitou a menina para de novo chegar á porta e lançar como da primeira vez um olhar para a copa frondosa de uma arvore que apparecia á algumas braças por cima do muro do quintal. Era um alto jequitibá, reliquia da antiga mata virgem; tinham-n'o conservado para dar sombra ao curral do gado.

— Psio! Martinho! gritou a moça bastante alto para ser ouvida ao longe, mas com um sombreado na voz que indicava certo acanhamento.

—Ainda não, nhanhã! respondeu desconsolado

o pagem mostrando o focinho entre a folhagem da ultima grimpa do jequitibá.

Alice tinha nesse momento as mangas arregaçadas e as mãos até os pulsos cheias do bolo que estivera amaçando no alguidar para fazer os fartes de natal. Querendo ver a hora no relogினho de esmalte preso á cintura, lembrou-se que não podia, e chamou a mucama :

— Olha aqui, Eufrosina. Quasi meio dia!... Não vem mais hoje!

— Com certeza só chega de tarde, nhanhã.

— E porque não hade chegar agora? disse a moça agastada e batendo o pé com um gesto de impaciencia.

Mas esse arrufo de passarinho não durou um instante, desvanecendo-se logo na habitual jovialidade e garridice :

— Está se fazendo desejado, o tal Sr. Mario! acodiu ella com um sorriso faceiro.

— Xih! Hade estar um moço bonito, não é, nhanhã?

Um laivo de carmim roseou a face assetinada da menina, que respondeu rapidamente :

— Sempre foi.

— E' verdade, nhanhã; mas depois que esteve em Paris!

— Quem havia de estar agora bem contente era Sinhá D. Francisca; mas Deus não quiz; disse Paula.

— Mas tambem, tia Paula, ella era tão doente, coitadinha! Já antes de nhonhô Mario ir....

— Está bom, atalhou Alice; não vão fallar nisso quando elle chegar.

— Jesus! Só si a gente estivesse doida, nhanhã.

Era ante-vespera de natal.

Na *Casa grande* tudo estava em movimento e reboliço com os preparativos da festa. A' excepção da baroneza, a quem nada podia arrancar de sua fleugma desdenhosa, cada uma das pessoas da fazenda se occupava em qualquer dos varios arranjos para a funcção do natal que esse anno promettia ser ainda mais chibante do que de costume.

Alice que dirigia os aprestos distribuira á cada um sua tarefa, da qual não escaparam nem o dono da casa, nem os hospedes. O barão fôra encarregado de escrever nos rotulos de prata das

garrafas os nomes dos vinhos e fazer as encômmendas para a côrte. O conselheiro devia dar uns versos para a cantiga do natal. D. Luiza e Adelia recordavam ao piano as musicas de canto e dansa. D. Alina se incumbira do arranjo dos quartos para os convidados. Lucio e Frederico armados ambos de thesoura recortavam papel dourado, prateado e de varias côres, destinado á fazer rosetas para os castiçaes, ou mangas para os presuntos e pernas de carneiro.

O Sr. Domingos Paes, esse andava em uma dobadoura. Não tivera incumbencia especial; estava a mão para tudo que fosse preciso. Faltava uma fita para a fronha de um convidado; uma serrrilha para recortar biscoutos; pão de ouro para enfeitar o podim? Lá ia o Sr. Domingos Paes chotando para a villa no russinho, á cata do objecto. Havia necessidade de repor as cortinas de damasco nas janellas da sala; de alongar a mesa para caber todos os convidados; de preparar a capella e armar os arcos de palmeiras? O Sr. Domingos Paes era o homem talhado para esses misteres.

Todos os annos Alice gostava de festejar o

natal; e com antecedencia se occupava dos preparativos necessarios para receber as pessoas que estavam no costume de ouvir a missa do gallo na capella de N. Senhora do Boqueirão, e passar na fazenda em continua funcção os dias seguintes até Reis.

Nunca porém a menina se tinha esmerado nos preparativos, como agora; nunca achára tanto prazer nessa occupação, nem vira aproximar-se o natal com esse alvorotó de uma esperança risonha. Seria porque já tinha feito dezoito annos, e o coração da moça palpitava com a lembrança dos divertimentos, que para a menina eram apenas folguedo e travessura? Ou era porque Mario devia chegar naquelles dias, e ella ia afinal rever seu companheiro de infancia, depois de sete annos de ausencia?

A alegria que lhe causava a volta de Mario, Alice não a escondia; ao contrario estava á transbordar-lhe d'alma por todos os póros, no olhar soffrego, no sorriso cheio de esperança, como no gesto inquieto.

Da mesa, onde estendia a massa para recortar os folhos dos pasteis, ella applicava o ouvido ao

menor rumor de fóra, estremecendo quando suppunha escutar o tropel de animaes. A miude chegava á porta para ver si Martinho tinha alguma boa nova á dar-lhe.

Desde madrugada que o pagem se havia encarapitado no ultimo galho da arvore, d'onde só descera um momento para almoçar. Alice havia promettido festas dobradas aquem lhe pedisse as alviçaras da chegada de Mario; e o moleque resolvido a ganhar a gorda molhadura, escolhera aquelle posto, donde avistava o caminho da côrte até cerca de um quarto de legua.

Logo deram por falta do pagem em casa; e pensavam que andava peralteando pela senzala como de costume. A mãi prometteu-lhe um lembrete de cabo de vassoura quando tornasse; e a Eufrosina, cujo teiró continuava, mandou logo em nome da baroneza aviso ao administrador para fazer amarrar o fujão e rapar-lhe a cabeça.

Mas Alice desfez todas essas tempestades com um sopro:

— Fui eu que o mandei.

E acabou-se; ninguem perguntou para onde, nem á que.

— Já tomou ponto, nhanhã! Agora, si quer mais apertado!..

Estas palavras partiam da gorducha Florencia, a doceira famosa da casa. Incumbida de um tacho de cocada, que fervia na cozinha, ella assomara a porta da copa, com a colher de pau em uma mão e o pires cheio d'agua na outra.

Alice porém não se contentou com a prova e foi por si mesmo examinar o tacho de doce na cozinha.

Com a Eufrozina, ficaram na copa outras mucamas e pretas da cozinha occupadas em diversos misteres, como arear as caixas de manuês, bater pão de ló, ralar gengibre e cidra para os pasteis, e cortar as folhas de banana para as mãi-bentas.

No meio do ruido produzido pelos differentes serviços, e pela garrulice inexgotavel das raparigas que fallavam todas ao mesmo tempo, começou á destacar-se ao longe um surdo rumor, que de momento a momento se tornava mais distincto. Não era preciso bom ouvido para conhecer, na cadencia alternada desse longiquo ribombo, o galope de um cavalo.

Foi a Eufrosina a primeira que percebeu o

tropel; reprimindo seu primeiro movimento, calou-se e continuou sorrateiramente a escutar. Não lhe custou inventar um disfarce para sahir ao quintal, d'onde com mais facilidade podia, abrindo a porta que dava para o pateo, ver chegar o cavalleiro.

— Alviçaras, nhanhã, alviçaras! Fui eu!...

— Não foi! Eu disse primeiro!.

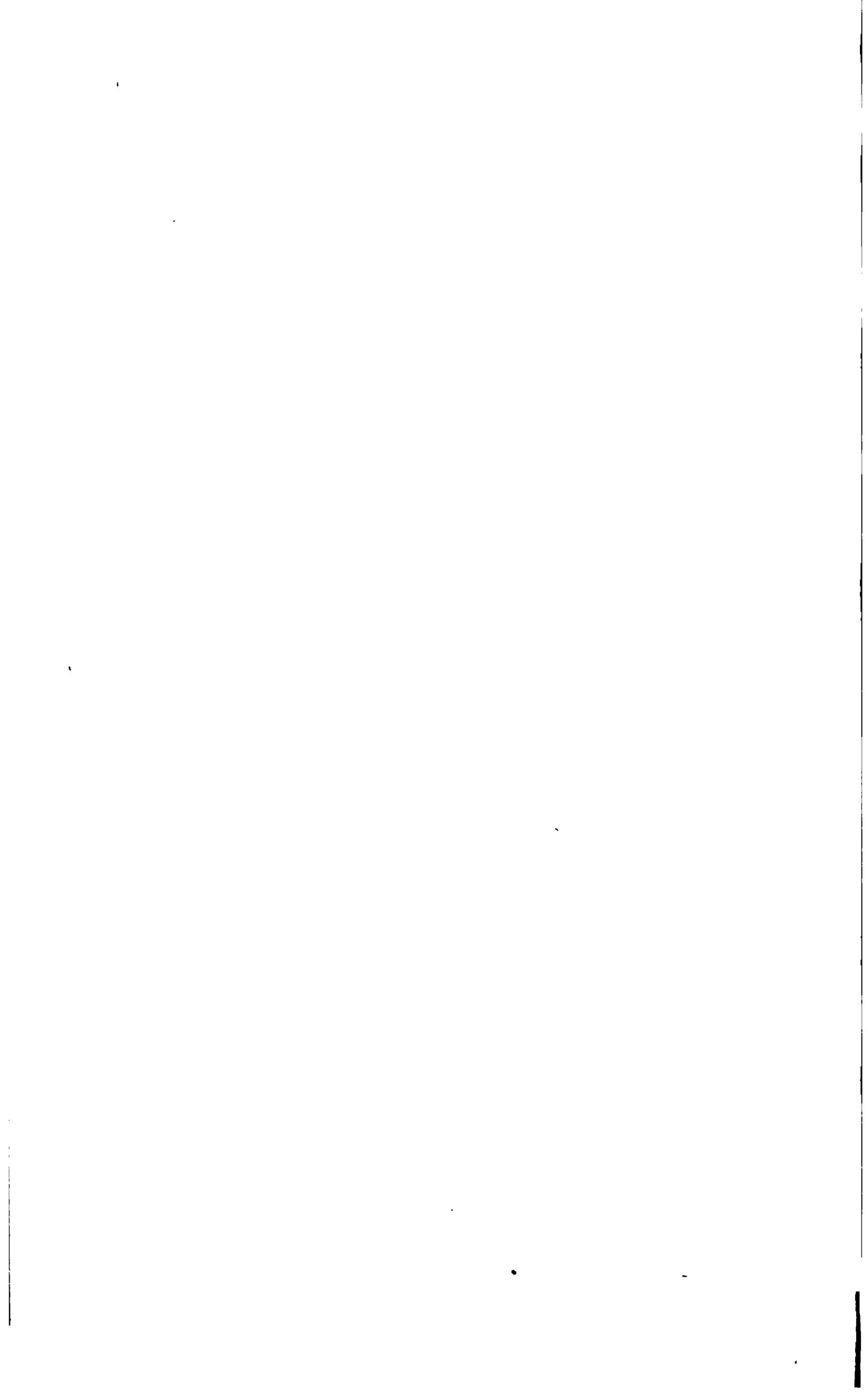
— E eu?

Escapou Alice de queimar-se com o sobresalto que sentiu, ouvindo de repente os gritos descompassados que vinham do quintal. Sem dar tempo a que Florencia limpasse-lhe a saia toda respingada de doce, a menina correu, alvoraçada pela esperança de ver Mario e de abraça-lo afinal.

As pretas corriam ás tontas; umas entravam, para pedir as alviçaras á Alice; outras espirravam pela porta do pateo para serem as primeiras a ver Mario apear-se; a Eufrosina não sabia como dividir-se, pois sua vontade era estar em um e outro ponto ao mesmo tempo.

No meio dessa algazarra ouvia-se a voz do Martinho que de seu posto, na grimpa do jequi-

tibá se esganiçava como um doguezinho de sobrado ladrando para a rua.

Do que elle guinchava não se percebia palavra, apezar da gesticulação formidavel com que fazia trabalhar os braços e a cabeça.

II.

ALVIÇARAS.

Chegava Alice ao quintal quando ali entrava pela porta do pateo o Sr. Domingos Paes.

Mas de que maneira entrava?

Horisontalmente, em postura de natação e com um arremeço que o levou até o meio do terreiro, onde estrebuxou um momento e esparramou-se.

O infatigavel compadre fôra por ordem de Alice buscar á toda a pressa na villa cravo e canella; chegava mui satisfeito da commissão, quando ouvindo alarido no quintal, botou o russinho para a porta. Era o momento em que as raparigas corriam julgando ser Mario.

O russinho, animal pacato, de uma paxorra inalteravel, parou logo; mas o Sr. Domingos Paes com o enthusiasmo em que vinha sahiu-lhe pelas orelhas e aboborou-se no chão. As pretas o rodearam pensando que estivesse morto, pois a trouxa não dava signal de si.

De repente porém o compadre poz-se em pé, mui fresco e lampeiro, como si nada lhe tivesse acontecido. Deu conta da incumbencia, e passou a provar dos bolinholos e doces arrumados nos taboleiros, emittindo sua opinião á respeito de cada especie. O homem tambem entendia de massas e era forte em receitas.

— Está bem, Sr. Domingos Paes; vá cuidar da capella. Os arcos ainda não estão promptos.

— Faltavam-me uns seis palmiteiros. Aquelle peralta do Martinho não sei onde se metteu!... Já disse ao feitor que mande corta-los. Agora mesmo no caminho vi uma touceira delles bem bonita.

— E o coreto da musica?

— Isso é lá com o carpinteiro.

— Não incumbi ao senhor de apressa-lo?

— Mas aquelle sujeito, D. Alice, é um malcriadão muito atrevido. Com elle não me metto.

— Eu lá vou d'aqui a pouco.

— Tudo o mais está prompto; as colchas pregadas; as galhetas cheias; as velas nos castiçaes... Ah! é verdade; ainda não recebi as rosetas e as palmas para enfeitar o bocal...

— O Lucio e o Frederico estão cortando.

— Então já sei que os castiçaes este anno ficam sem enfeite.

— Porque razão?

— Ora, rapazes. . Ainda mais quando vêm moça da côrte.

— Não seja fallador, Sr. Domingos Paes! Eu dei tarefa á cada um, e Adelia me prometteu que havia de puxar por elles.

— Veremos; disse o compadre lançando o olhar para uma bacia que tiravam do forno. Como estão cheirosos estes manoês! São feitos só com o leite do coco, sem o bagaço?... E' a minha receita. Devem estar excellentes.

Em acto continuo esvasiou cinco ou seis forminhas:

— Nhanhã, o Sr. Domingos Paes dá conta da bacia.

O compadre eclipsou-se antes que a menina acodisse ao chamado e visse a devastação feita por elle nos preparativos da festa.

— Que massante!

A mãi Paula, á cujo cargo estava a criação das aves e gado miudo, já a pedaço esperava encostada na hombreira da porta do quintal, que a moça reparasse na sua presença. Afinal, vendo que perdia seu tempo, resolveu-se á fallar.

— Nhanhã não vem apartar?... Depois fica tarde.

— Ah! é verdade, mãi Paula. Espere um instantinho, emquanto vou mudar a roupa. Está vendo! Deitei um vestido bonito para esperar o Sr. Mario, que vem de Paris acostumado a ver as moças do tom e fiquei neste estado!

— Que pena! Está perdido!

— Nhanhã tem tantos! observou a Eufrosina affagando o vestido já com olhar de successora.

— Agora Mario póde chegar quando quizer que me ha de achar como eu estiver. Sou roceira!... exclamou Alice a rir.

— Sae d'ahi, nhanhã! exclamou Paula atuando a menina com a familiaridade de preta velha. Não zomba da gente !

Alice subiu correndo os degráos da escada. Tinha a linda moça em seus movimentos aquella mesma gentileza e vivacidade, que em menina a faziam titillar de impaciencia e travessura. Aprompta va o seu trajo com a mesma rapidez e garridice do passarinho, que raza a agua e se espaneja.

Momentos depois sahia ella de seu toucador com um vestido de cassa de listras azues; seu chapéo a pastora ligeiramente pousado sobre os anneis soltos dos cabellos loiros; e uma bolsa de palha no braço.

Tirando uma chave na gaveta do toucador, foi Alice ainda uma vez examinar o aposento preparado para Mario, e de cujo arranjo não consentiu que ninguem mais se incumbisse sinão ella.

Tudo ahi estava em seu lugar; a cama de mogno emcommendada para a côrte, a secretaria franceza, o guarda roupa e as estantes. Ao lado do lavatorio pendia a toalha de rosto, aberta em labirintho, e na cabeceira do leito dous traves-

seiros de seda azul debuxavam o crivo das lindas fronhas e o—M— bordado no centro de um florão oval.

Algumas flores de jasmim espalhadas pela cobertura da cama e sobre o marmore do lavatorio tinham impregnado os moveis de um perfume natural e suavissimo.

Todos os dias Alice visitava o quarto que já estava prompto desde muito, e de cada vez tinha sempre, ou uma cousa a endireitar, ou um esquecimento a reparar. Naquelle dia levava uma almofadinha de alfinetes, que deixou sobre a commoda.

Antes de examinar os trabalhos rusticos, necessarios a festa, a menina lembrou-se de passar pela varanda, afim de ver o estado em que estavam os preparativos da sala, incumbidos aos hospedes. Não deixava de dar-lhe algum cuidado a falta dos recortes de papel para os castiçaes da capella e a prophecia que o Sr. Domingos Paes fizera a este respeito.

Na varanda talvez não se trabalhasse tanto, porém com certeza fallava-se mais do que em qnalquer outro ponto. Além dos hospedes, que

haviam almoçado na *Casa Grande*, estavam mais o vigario e o subdelegado. O primeiro viera como de costume na anti-vespera para examinar si os paramentos e necessarios da capella estavam completos e nada faltava para a missa. O segundo aproveitara a companhia do reverendo para fazer sua vizita especial ao conselheiro Lopes.

Proximo á janella em uma banquinha oval, Adelia enfeitiçava o Lucio e o Frederico sentados á um e outro lado. Os olhares dos dous moços pareciam abelhas em torno de um botão de rosa, guardado por manga de vidro. A elegante carioquinha descrevia com enthusiasmo os seus primeiros bailes, que tinham sido os daquelle inverno. Arrebatados pela melodia da voz tão meiga ; pelo gracioso deslace da boca mimosa, e pelo gesto faceiro que parecia gravar n'alma cada pensamento ; os moços estavam como enlevados. As mãos immoveis abandonavam as tesouras sobre as folhas de papel ainda intactas.

Junto ao piano, D. Luzia tinha com D. Alina uma conversação muito interessante para ambas; pois versava a respeito de Adelia e de Lucio. As duas mães suspeitavam que havia entre elles

uma affeição nascente que as contrariava, pois a viuva sonhava para seu filho a mão de Alice, assim como a mulher do conselheiro deitava os olhos sobre o Frederico, que achava um genro muito do seu gosto.

Sem confessarem,nem os receios, nem as esperanças que nutriam, as duas senhoras se advinhavam, e indirectamente dispunham o espirito uma da outra em seu favor. O conselheiro era amigo intimo do barão, e D. Alina, diziam que tinha seu condão sobre o commendador Monteiro, pai de Frederico.

No sofá discutiam o conselheiro, o vigario e o subdelegado ; tratavam de politica.

Os sete annos decorridos tinham arredondado a bonita calva do conselheiro, mas não tinham realisado as tão lisongeiras esperanças ministeriaes ; os amigos e collegas a quem já tocara a pasta alguma vez, diziam constantemente :

« Em vez de perder, ganhastes. Não imaginas a posição humilhante em que se acha collocado um homem de caracter, quando tem a desgraça de ser governo neste tempo e neste paiz. »

Mas o nosso conselheiro era homem pratico, e

gostava de conhecer as cousas por experiencia propria; sobretudo quando elle via frequentes exemplos de reincidirem uma e duas vezes na humilhação, os mesmos que lhe faziam tão feia descripção do ministerio.

O vigario e o subdelegado não tinham feito differença; a não ser que o primeiro esquecera metade de seu latim e creara mais algumas roscas na papada; e o segundo perdera completamente a ligeira tintura de codigo e lei de reforma, mas em compensação ganhara uma tal destreza eleitoral que seria capaz de empalmar uma chapa ao proprio Satanaz encarnado em votante.

O conselheiro perorava e para não perder os habitos e maneiras parlamentares, apoiava as mãos sobre o recosto de uma cadeira, onde nos momentos de enthusiamo estalava o lapis apertado entre o polegar e o indicador da mão direita.

Era esse o aspecto da varanda no momento em que Alice appareceu á porta.

—Muito bonito! exclamou a menina que se approximara subtilmente da banca. Assim é que se trabalha?

Lucio e Frederico apanhados em flagrante, lançaram mão das tesouras, e atrapalhados começaram a recortar uma tira de papel. Quanto a Adelia, sua confusão trahiu-se apenas por um ligeiro rubor, qne ella desvaneceu com um sorriso faceiro e um gracioso momo de desdem.

— Acaba-se n'um instante ! replicou Frederico mais senhor de si.

— Eu já tinha acabado, mas D. Adelia...

— Desculpe-se comigo, si lhe parece ! !

— Com licença ! Deste modo antes não fazer ! Ora vejam se isto tem figura de palma ! Parece mais um nariz...

— E' o do Lucio ? acudio Frederico rindo.

— Está engraçado !

— Pois basta de retratos. Onde está o molde que eu deixei. Aposto que já perderam. Si eu duvido !... Ora !... em baixo da meza, e rasgado. Quem fez isto ?

— Eu não fui ! dizia Adelia muito vermelhinha.

— Foi ella mesma ! exclamaram os dois a rir.

— Ah ! foi a senhora ? Pois por castigo ha de dar uma prenda.

Dizendo isto, Alice tirou um dos brincos da amiga e escondeu-o no bolso, ameaçando-a travessamente com o dedinho mimoso.

— Tenho muito que fazer! Os Srs., vejam lá!... Si vadiarem outra vez, não se queixem amanhã á noite, quando eu os deixar sem pares para a quadrilha. Vem muitas moças!

A ameaça aterrou os dois, com a lembrança do logro que soffreriam, ficando fóra das contradanças; pois era a filha do barão quem ordinariamente escolhia os cavalheiros para suas amigas e convidadas.

— Olhe, D. Alice, até o jantar dou conta da minha tarefa! disse o Lucio tesourando rijo no papel.

— Eu cá muito antes disso!

— Mas os recortes bem feitos, sinão é mesmo que esperdiçar papel. Uma cousa tão facil!...

Tomando a tesoura, a menina com a graciosa agilidade que tinha em todos os seus movimentos, recortou uma palma lindissima, toda rendada.

— Assim estragas as mãos, Alice! disse Adelia.

— Bem: logo volto. Quanto a V. Ex., Sra. monitora, faça favor de ter mais cuidado com sua classe, do contrario fica demittida e vai... vai passear comigo,

— E' verdade!... disse Adelia erguendo-se. Mas acredita, Alice. já não se uzam esses enfeites de papel; na côrte não se vê mais disso em uma sala do tom. Agora ha umas rosas de chrystal, que são lindas!...

— Não estamos na côrte, minha faceira, mas na fazenda; e tambem temos cá nossas modas.

— Ora!

— Serio!.. Quando eramos crianças, se enfeitavam os castiçaes com estes recortes; has de te lembrar que eramos nós e Mario quem ajudava ao Sr. Domingos Paes. Que annos fazem!... Pois essa é a minha moda, é a moda de meu tempo de menina, quando bricavamos tão contentes e felizes. Não quero outra!

— D. Alice!... Escute!

— O que?

— Não basta as palmas inteiras e assim enru-

gadas com o cabo da tesoura? Anda mais depressa!

— Não senhor; quero umas enrugadas e outras rendadas tambem.

— Pois sim, rendadas, com uma carreira de cortes.

— Ai! ai!... Tres carreiras! Tal e qual como o modelo.

Emquanto Adelia punha o chapelinho de tafetá cor de rosa, Alice chegou-se ao piano. Sua presença vexou D. Alina tambem apanhada em falta, pois devia estar presidindo ao arranjo dos quartos dos hospedes.

— Já está tudo prompto, D. Alina?

— Ainda não, minha flor, mas não tarda. Vim perguntar uma cousa á D. Luizinha, já vou... Ah! Qual ha de ser o do tal Mario?

— O Sr. Mario não é hospede; tem seu quarto proprio; respondeu Alice seccamente, e carregando na palavra *senhor*.

— Quando chega elle? perguntou D. Luizinha.

— A cada instante. E a nossa musica do natal acertou?

— Estava ensaiando.

— Mas os versos aposto que estão promptos. Não é verdade, Sr. Lopes ?

O conselheiro tinha desfraldado os pannos á eloquencia ; assim interpellado de chofre, engasgou-se como um deputado noviço quando recebe a queima roupa um aparte de escachar no meio do recitativo de um improviso annunciado com duas semanas de antecedencia.

— Os versos ?...

— Querem ver que já os esqueceu !

— Qual ! Estão promptos ; só falta escrever ; replicou o orador apontando para uma grande folha de papel ainda em branco, posta sobre a mesa.

Era Alice a primeira influencia do collegio eleitoral, que o barão trazia no bolço ; bastava esse titulo, quando não houvesse o de futura credora, para que o deputado condescendesse com todos os caprichos da moça. Todavia achou que era mais commodo esgravatar na memoria para lembrar-se de alguma cantiga de seu tempo de estudante. Estava nessa occuppação, quando o interromperam os dois visitantes.

— Bom dia, Sr. vigario, já vio a capella?

— Para lá vou agora.

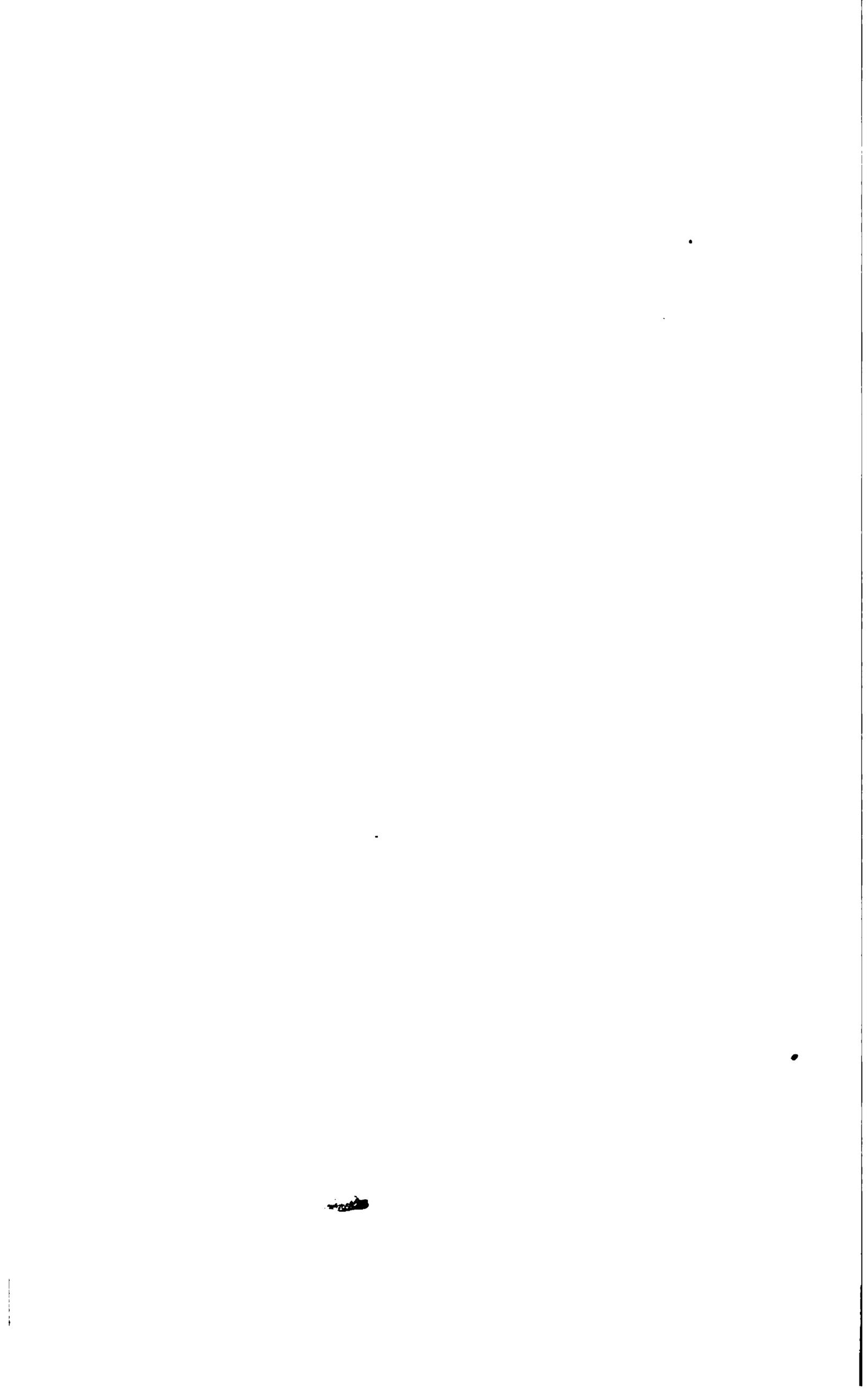
— O Sr. barão está melhor, D. Alice? perguntou o subdelegado.

— Melhor, obrigado.

— Queira recommendar-me a elle.

— O senhor não janta comnosco?

— Eu sei?

— Janta: pois então? disse o vigario. Voltaremos com a fresca.

III.

SORPREZA.

— Onde vai você, Alice? perguntava Adelia.

— Correr a lida; respondeu a menina descendo a escada da copa. Quero ver o que fizeram por ahi.

— Porque não manda alguem?

— Si eu tenho prazer nisso. Já tirou a cocada do fogo, Vicencia? Manda ver as compoteiras de chrystal, Eufrosina. E esta clara? E' preciso bater já para os suspiros. Olha lá, quero um suspiro bem alvo e bem doce, como os que saem desta boquinha. Ah! e a sua prenda, minha senhora? Hade cumpri-la; tome.

Dizendo estas palavras, Alice estalava um beijo na face da amiguinha, e prendia-lhe o brinco á orelha.

— Queres um manuê?

— Só para provar.

— São feitos por estas mãosinhas! Vamos, vamos, mãi Paula; cochilou bem, não foi?

— Pois então, nhanhã. A gente assim va diando... dá somno.

— Queres vir, Adelia?

— Aonde?

— Ao poleiro.

— Eu, Alice!... exclamou Adelia com um tom de sorpreza envolta de nojo.

— Pois espere passeiando no jardim, que eu já volto!

— Mas, Alice, eu não acho isso proprio de uma moça como você.

— Deixe-se disso, Adelia: eu fui criada assim, e não sei viver de outra fórma. Si algum dia for moça da côrte, então aprenderei com você, para não fazerem zombaria de mim.

As duas amiguinhas podiam servir de exemplos de duas educações que se observam em nossa

sociedade, bem distinctas uma da outra, embora pelo contacto da população, exerçam mutua e irresistivel influencia.

Alice era a menina brazileira, a moça criada no seio da familia, desde muito cedo habituada á lida domestica e preparada para ser uma perfeita dona de casa. A baroneza não se preoccupara com a educação da filha; mas tal é a força do costume, que a moça achou nas tradicções e habitos da casa o molde onde se formou a sua actividade.

A civilisação européa já tinha, é certo, polido esse typo nacional; mas não lhe desvanecêra a originalidade. Alice embora adquirisse todas as prendas de sala, que a teriam destinguido em uma sociedade elegante; não deixava porisso de apreciar em extremo o papel de doninha de casa, que a indifferença materna lhe permittiu exercer desde muito criança.

Adelia ao contrario era o typo, raro então e hoje muito commum, de certos costumes de importação; era a mocinha de maneiras arrebicadas á franceza, cuidando unicamente de modas e do toucador. Nisso a filha de D. Luiza não fizera

mais do quə apurar a lição e exemplo de sua mãi.

Mal sabem as meninas brasileiras que esse figurino parisiense tão copiado por ellas, está bem longe de ser um retrato. A donzella na Europa, quando não tem posses para viver á lei da grandeza, é laboriosa e sobretudo excellente caseira. Ella sabe conciliar sua formosura e elegancia com os pequenos misteres domesticos,que em vez de offuscarem suas maneiras, lhes dão realce.

Portanto o perfil verdadeiro e natural era o de Alice, que em uma scena diversa e com usos differentes, realisava o mesmo pensamento da educação util e solida da moça na Europa. Era preciso ver a gentileza com que a menina desempenhava todos os seus deveres de dona de casa, e se occupava dos mais humildes serviços sem nunca perder aquella graça maviosa, que sorria em toda sua pessoa. Dir-se-hia um colibri esvoaçando por uma cebe de flôres murchas e rasteiras.

— Vai esta, nhanhã?

Mãi Paula, tinha aberto a porta do gallinheiro e sessando o milho na cuia, reunia o

seu povo bipede, menos caprichoso e menos vario talvez, apezar das pennas, do que outro tambem bipede, que por menos de um punhado de milho se alvoroça tantas vezes.

Alice, rodeada do bando volatil que piava e cacarejava de alegria, tirava um punhado de milho da ceira e jogava no terreiro, permittindo ás favoritas que viessem comer-lhe na mão ou no collo. Os ciumes então andavam acesos, sobre tudo por causa dos pombos que, de vôo mais ligeiro, pousavam-lhe nos hombros e bicavam-lhe o milho entre os labios.

A pergunta da Paula fez levantar os olhos á menina, que estremeceu vendo a preta velha com uma gallinha suspensa pelas azas :

— A pintadinha ? Logo não vê, Paula ! Minha franguinha que eu criei ! Solta já.... Prr.... Esta velha feia queria te matar, coitadinha !

— E aquella ?

— Qual ?

— A pedrez.

— Pois já acabou de criar ?

— Xih ! que tempo ! Olha, nhanhã, o pinto della ; já está tamanhão.

— Ainda estão muito pequititos. Pobresinhos! Hão de ficar sem sua mãi.

— E' verdade!... A cochinchina que não põe?

— Não: a cochinchina foi vovó que me deu!

— Então a nanica!

— Está se vendo Paula? Pois a nanica tão bonitinha, eu hei de deixar que a matem.

— Desta maneira não ha gallinha para a festa.

Esta grave difficuldade surgia na *Casa grande* sempre em vesperas de banquetes. Alice não dispensava o exercicio da importante attribuição de indicar as aves e gado que deviam ser immoladas; mas na occasião entrava-lhe a pena dos innocentes animaes a quem ia apadrinhando; de modo que o cozinheiro achava-se em branco.

Alguma vez resolvia-se a questão mandando-se comprar fóra o necessario; e o barão dava-se por muito satisfeito com essa despeza que poupava uma lagrima a sua querida Alice. E' verdade que isso já não succedia desde muito tempo, porque a menina se compenetrava da necessidade de vencer a sua fraqueza. Desta vez, porém, era tão grande a matança e tantas

de suas favoritas iam ser sacrificadas, que o coração lhe desfalleceu.

— O cozinheiro desde hoje que está esperando as gallinhas para o jantar. Chega nhonhô Mario; ha de vir mais gente e...

— Está bom, está bom, mãi Paula. Basta de resingar; dê tudo que o cozinheiro quizer!

Suffocando um suspiro que sublevou-lhe o seio delicado, fugiu a correr do galinheiro, pensando que o prazer de festejar a chegada de Mario lhe pagava bem o sacrificio. Tambem lembrou-se ella que junto de seu amigo de infancia e quasi irmão, não teria mais tempo de folgar como dantes com aquelles companheiros de sua solidão e confidentes de suas saudades.

A mesma scena do poleiro se reproduziu successivamente no bardo dos carneiros, no curral das vitelas, no cercado dos bacorinhos e leitões.

A menina derramava em torno de si um fluido de affecto e ternura; o que vivia nessa atmosphera sentia sua irresistivel attração. Na fazenda, para qualquer ponto que se voltasse, via-se rodeada de entes que a amavam e a quem ella retribuia em sympathia. Onde chegava,

na roça ou no curral, havia festa e alegria. Os pretos batiam palmas; o gado mugia; as ovelhas balavam.

Concluida a penosa tarefa de prover a ucharia, Alice foi até o quadrado da senzala afim de examinar si já tinham arrumado os copinhos de barro para a illuminação do natal; e si já estava ali tudo caiado e bem aceiado conforme as ordens do barão.

Ao passar pela casa do administrador, viu este na porta.

— Aprompta-se tudo para hoje, Sr. Santos?

— Já está prompto!

— Ficará bonito?

— Pois que duvida!

— E a roupa dos pretos? Não falta nenhuma peça?

— Vou contar agora.

— Si faltar, mande-me dizer logo, que ainda ha tempo de aprompar.

Era costume na fazenda distribuir-se pelo natal a cada escravo, uma nova muda de roupa domingueira como presente de festa; á isso referia-se a pergunta da moça.

Voltando da senzala com intenção de ir ver a capella em companhia de Adelia, de quem se esquecera, Alice, que passava em frente á casa dos caens, aproximou-se para agradecer-lhes as festas que estavam fazendo de longe.

— Você está contente, hem, Trovão! disse ella amimando a enorme cabeça de um velho canzarrão que soltava latidos de prazer enroscando a cauda. Seu camarada vai chegar!...

— Já chegou!... disse uma voz abafada pela emoção.

A menina quiz voltar-se, mas sentiu dois braços que lhe cingiam o talhe e a suspendiam ao ar.

— Já chegou, minha nhanhã!

Era a tia Chica, a vovó preta quem abraçava a menina, dando-lhe as alviçaras da chegada de Mario.

— Aonde está?

— Na varanda.

O mancebo ao aproximar-se da fazenda tinha-se desviado do caminho para fazer uma sorpreza a seu velho amigo, pai Benedicto. Depois de o abraçar, se dirigira então a pé e seguido pelo

preto á *Casa grande* onde acabava de entrar pelo lado do jardim. Chica, porém, lhe tomára a dianteira para avisar a moça e fora tão feliz que a avistara de longe antes que alguem a visse.

O Martinho levara portanto um formidav logro. Attento para o caminho do lado opposto e esperando um cavalleiro, não se apercebera da chegada de Mario á pé; estava tão senhor de si, que vendo Alice a correr alvoroçada para casa gritou:

— Rebate falso, nhanhã!

A menina subiu as escadas voando, mas na porta da varanda parou tremula. O coração pulava, menos da corrida, do que da emoção.

Pela porta aberta ella via perto do barão, entre as outras pessoas presentes, um mancebo de talhe alto, ar grave e feições distinctas, trajado com a modesta simplicidade que realça os dotes naturaes do homem. Apezar da fina barba negra que lhe sombreava o rosto, e da reserva que a educação imprimira em suas maneiras polidas; Alice reconheceu os grandes olhos imperiosos de seu amigo de infancia e o gesto impregnado de uma altivez innata.

Recobrando a afouteza propria de seu caracter a menina entrou e correu ao encontro do mancebo :

— Mario !...

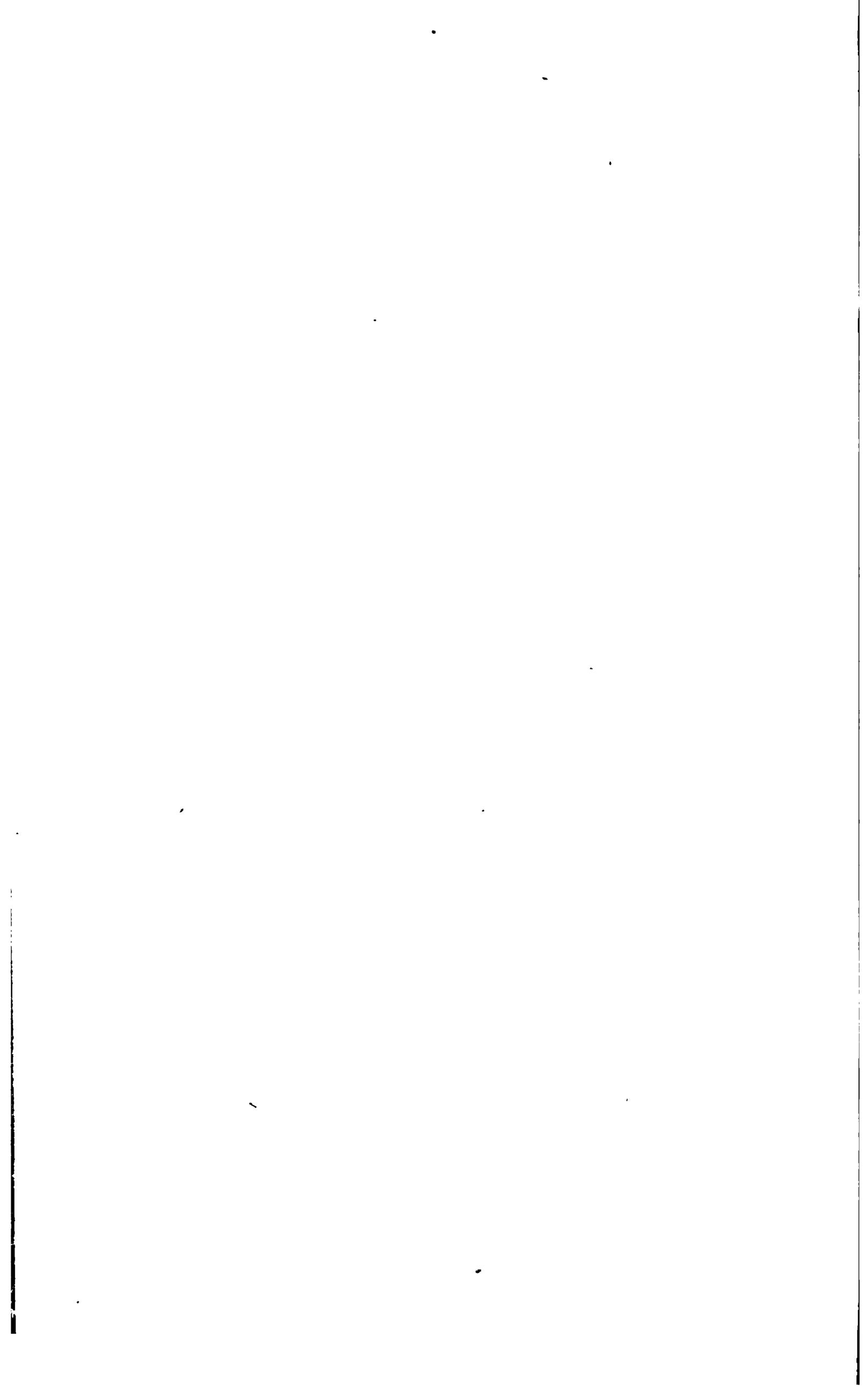
Este cortejou-a respeitosamente. Alice esperava que elle a abraçasse, e tinha se aproximado palpitante, incendida de rubores, com a esperança de receber e retribuir aquelle carinho que devia pagar-lhe tantas saudades, como curtira durante a longo ausencia.

Vendo Mario affastar-se, ella refugiou-se no seio do barão, e aquelle abraço que não se animava a dar ao amigo de infancia, foi confia-lo ao peito de seu pai como um segredo mutuo. Comprehendeu o barão o que passava n'alma da filha :

— E' Alice, Mario. Você não a conheceu ?

— Logo ! respondeu o moço com intenção.

— Pois então, supponham que ainda são os dois meninos que brincavam juntos. Abracem-se.

E o barão impelliu docemente a filha, cujo talhe de silphide Mario cingiu de leve com o braço tremulo.

IV

O NATAL.

Chegara emfim essa noite tão desejada da vespera de natal.

Já tinham resado trindades na fazenda do Boqueirão. Os escravos reunidos na frente do quadrado depois de repetirem as palavras da oração estropiada pelo feitor, foram salvar ao senhor, desfillando conforme o costume pelo terreiro da *Casa Grande*, onde o barão sentado em sua poltrona descançava do pequeno passeio.

Nos outros dias aproveitavam os escravos aquella hora de repouso e liberdade que medeia entre ave-maria e o recolher, para tratarem de

seus pequenos negocios, passarem uma vista de olhos a suas rocinhas, e tambem para fazerem suas queixas e pedidos á Alice, protectora de todos elles. Nessa noite, porém, como não se fechava o quadrado á hora de recolher, por causa da festa que devia começar ao cantar do gallo, tinham elles muito tempo de seu, e por isso deixaram-se ficar em grupos,conversando á respeito das novidades do dia, que eram a funcção do natal e a chegada de Mario.

Na *Casa Grande* as visitas, tendo-se levantado da mesa havia meia hora, passeiavam no jardim. O conselheiro Lopes fumava um charuto de havana, com espanto do vigario e do subdelegado, que nunca lhe tinham conhecido esse vicio, e o suppunham improprio de tão grave personagem politico. O vigario, mais cordato, não disse palavra; porém o subdelegado não se pode conter que não perguntasse:

—Pois V. Ex. tambem pita?

O conselheiro aproveitou o assumpto para improvisar ali um importante discurso a cerca dos effeitos do tabaco sobre a intelligencia, assegurando que as primeiras concepções do seculo

tinham nascido do fumo. Depois desenvolveu esta bella theze economica:

—Tendo eu a honra de ser o representante de uma classe tão importante como a lavoura, devo com o exemplo desenvolver o uso do tabaco; pois assim concorrerei para augmentar o consumo de um dos mais uteis entre os productos agricolas.

Mais longe, Lucio, Frederico e outros moços da visinhança bincavam com umas primas e camaradas de Alice o jogo dos cantos. Adelia torcendo o beiçinho recusara tomar parte no folguedo, e languidamente recostada em um divan de gramma, cheirava um molho de violetas, com os olhos engolfados no azul do céo, onde cintillava a primeira estrella.

—Romantica!...

Este remoque e o beijo em que ia evolto eram de Alice que voltava da capella onde fôra rezar.

—Ficas ahi, minha pensativa?

—Quero contemplar a minha estrella! respondeu Adelia com um tom poetico e uma inflexão melancolica.

Nisso divisou Alice o vulto de Mario que per-

passava entre a folhagem na direcção da capella; e suspeitando-lhe a intenção, acompanhou-o de longe.

No fundo da pequena hermida, via-se encostada na parede uma carneira que servia de jasigo a D. Francisca. Mario, tendo sahido poucas horas antes que ali repousavam as cinzas de sua mãe, vinha visitar aquelle sitio.

Saudades roxas e perpetuas cobriam o tumulo singelo sobre o qual a copa verde-negra dos ciprestres derramava uma sombra merencoria. O viço das flôres, a disposição regular das plantas, e o chão varrido, indicavam a sollicitude de uma mão terna e piedosa.

Mario teve o presentimento de que essa mão era de Alice. Colheu uma saudade, e depois de beijal-a, desfolhou-a sobre o tumulo de sua mãi.

Alice que vira de longe todos os movimentos do moço, occultou-se entre o arvoredo, quando elle voltava. Receiou perturbar o recolho daquella magoa, para a qual não havia consolo.

Terminava o breve crepusculo que precede as noites tropicaes.

As visitas acompanharam o barão á varanda,

onde se devia passar o serão, pois as salas estavam preparadas para a festa que tinha de começar a meia noite.

Alice, despira a sua gazil petulancia de menina da roça, e fazia com garbo encantador as honras da sala. Sentia-se ainda titillar aquella gentil mobilidade, que parecia dar-lhe azas de beija-flôr; mas o passarinho preso na gaiola dourada não tinha espaço para volutear. Faltava, na verdade, á filha do barão, certo modo correcto, ou para fallar a giria de salão, faltava-lhe o tom, que distinguia sua amiga Adelia; mas em compensação seus gestos, ainda os mais communs, embebiam-se da elegancia natural que a envolvia como um nimbo de graça.

Em um momento ella dispoz as cousas de maneira a dar a todos um passatempo para essa primeira parte da noite. Arrumou-se a meza de voltarete para o barão, o conselheiro e o vigario; e a do solo para a baroneza, D. Alina e o subdelegado. Os moços e moças arranjaram-se do outro lado da varanda para brincarem o jogo da palhinha.

Mario entrava do passeio que dera na fazenda

pela primeira vez depois de sua volta. Alice chamou-o para a roda.

A menina tinha na mão um molho de finas palhas de coqueiro, abertas como um leque. Umas dessas palhas eram dobradas, outras cortadas ao meio. Quem não brincou esse jogo na sua mocidade, e não se recorda das risadas gostosas que dava, quando alguma moça bonita sahia casada com um velho jarreta, e quando um rapaz gamenho ficava solteiro ou viuvo?

—E' o jogo da palhinha! dizia o Frederico muito satisfeito.

—Eu já sei que tiro a moça mais bonita! exclamou o Sr. Domingos Paes.

—A sorte é cega! observou Mario sorrindo.

—Como o amor! acodiu Lucio lançando um olhar terno a Adelia.

—Eu não acredito na sorte; disse Adelia; portanto me é indifferente sair com este ou com aquelle.

—Vamos; atalhou Alice misturando as palhinhas; nada de esperteza; eu estou reparando. Tire!...

—Quem? perguntou Adelia sorrindo.

Alice corou.

—Elle! respondeu.

E designou com um meneio da fronte a Mario a quem um gesto inperceptivel da unha rosada indicava a palhinha que devia escolher. Cada um dos outros segurou tambem a ponta da sua.

—Estão promptos? Deixe-me tirar a minha.

—Esta, Alice? disse Adelia.

—Que tem?

—Estava tão escondida!

—E' vergonhosa como eu, menina; por isso gostei della. Puxem!

—Oh!

—Não valeu; gritou o Frederico. Houve trapaça!

Mario tinha sahido com Alice; Lucio com Adelia, e o Domingos Paes com Frederico; do resto das moças, umas viuvas ou solteiras, outras casadas com os irmãos e primos.

—Bem feito; dizia Alice para o Frederico; foi castigo de sua vadiação de hontem.

Houve muita galhofa; Frederico dansou com seu par uma volta de polka e o jogo continuou no meio das risadas. Mas Alice deixou as ami-

gas brincando e foi para uma saleta proxima, onde Mario a seguiu com pequeno intervallo.

Achou elle a menina sentada a uma banquinha de costura, e muito occupada em dar os ultimos pontos á camisinha de cambraia que devia naquella noite vestir o menino Jesus de prata, alli collocado defronte della em seu berço de filigrana fingindo vime, e coberto com um manto de setim. Esse descuido de deixar para a ultima hora uma cousa que devia estar feita com antecedencia, era para reparar em Alice, tão cuidadosa e deligente, si não fossem as muitas lidas dos ultimos dias, mas sobre tudo a anciedade pela chegada de Mario, ou o contentamento de vê-lo.

E quem sabe? Não seria aquella tarefa improvisada apenas como innocente pretexto para isolar-se das outras moças, e dar occasião a que Mario se approximasse della?

Desde a chegada do moço, na vespera, os dois camaradas de infancia apenas se tinham fallado na presença de outras pessoas, tomando parte na conversação geral. A menina sentia, talvez sem o perceber, o desejo vago de uma expansão intima. Mario chegara ; mas para ella parecia-lhe

que não tinha ainda chegado de todo, pois não lhe ouvira as confidencias dos sete tão longos annos de saparação: nem começara aquella doce communhão que na infancia os unia, apesar das teimas e arrebatamentos do menino.

Vendo Mario apparecer na porta, a moça perguntou-lhe:

—Foi passeiar?

—Dei uma volta apenas; respondeu Mario admirando a agilidade dos dedos da gentil costureira.

—Que está reparando?...

Ia dizer Mario; porém conteve-se.

—Na ligeiresa de suas mãos.

—Que remedio? Si não fôr assim não tenho tempo de acabar; mas tambem sahe cada ponto!... Olhe.

Pela faceirice de mostrar o seu ponto miudinho, e tambem para esconder sob o linho as mãosinhas, ella approximou a costura dos olhos do moço.

—Realmente são immensos! Do mesmo tamanho eu os faço escrevendo.

—Que exageração!

—Não acredita? Deixe medir.

—Acredito, acredito ; respondeu Alice retirando a costura de repente, e escondendo-a sob a aba da meza.

A menina percebera que Mario em vez de examinar os pontos, estava, mas era a admirar-lhe a mãosinha de jasmim através da fina cambraia, e a aspirar a deliciosa fragrancia que exhalava dessa flôr animada.

O gesto da menina fez Mario cahir em si do enlevo que o tirara da gravidade habitual de seu caracter, e do modo ceremonioso por elle observado com as pessoas da casa desde sua chegada.

—Vim perturbal-a em seu trabalho ; disse erguendo-se.

—Não me perturba nada ! Eu gosto de coser conversando. Sente-se.

—Vou conversar com Lucio.

—A elle sim é que póde atrapalhar; disse a menina sorrindo. Adelia fica-lhe querendo mal.

—Então com o Frederico ; respondeu o moço caminhando para a porta.

—Mario !...

Era a primeira vez que Alice chamava o moço directamente.

Até então ambos valendo-se do nosso tratamento usual na terceira pessoa, evitavam, na conversa, pronunciar o nome um do outro. Alice não queria por fórma alguma usar do ceremonioso—senhor,—que tornaria seu companheiro de infancia um estranho a ella e a familia; também não se animava a dizer—você, — tão de repente, com receio de que elle não gostasse, mas sobretudo por um vexame natural. Debalde revoltava-se contra esse sentimento, pensando que Mario era como seu irmão; alguma cousa de suave lhe advertia que a affeição do sangue não tinha as azas da sua, essas azas auriverdes da esperança, que lhe estavam a affagar meigamente o coração.

O abalo de vêr nesse momento Mario affastar-se della agastado, rompeu-lhe o enleio. No impeto d'alma sahiu-lhe do seio o nome que tantas vezes ella atalhara nos labios, prestes a escapar-lhe. Tambem ahi rasgou-se aquella especie de cendal, que separava o coração de ambos.

— Mario! repetiu a menina como si uma

vez libada a doçura deste nome, ella se quizesse saciar delle. Você ficou serio comigo?

— Não ; porque ? disse o moço attrahido pela expressão ineffavel do semblante de Alice.

— Porque escondi a costura. Está, veja a seu gosto !

E estendeu as duas mãos mimosas e torneadas, que enrubeceram de pejo, emquanto a fronte não menos abrasada descahia sobre a espadua esquerda, como si procurasse ali a penumbra de uma aza para esconder-se.

— Que lembrança, Alice ! Pois eu me havia de agastar por uma cousa tão natural ? A minha curiosidade indiscreta merecia bem aquella lição ; mas você é boa de mais ; tão depressa castiga, como recompensa. Obrigado! disse apertando affectuosamente as mãos da moça. Mas assim, desde já lhe previno, não póde ser boa mestra.

— Nem tenho essas pretenções. Ser mestra de um doutor! Só em uma cousa.

— Qual ?

— Adivinhe!

— Ah! Si houvesse uma academia de adivinhação era nessa com certeza que eu me dotourava.

— Pois não era muito difficil acertar com aquillo em que eu podia ser sua mestra. E' em lembrar-me do nosso tempo de criança, das travessuras que faziamos ambos, das manhas que inventavamos para nos livrar da lição ; e das nossas brigas e zangas tão engraçadas,em que eu sempre acabava pedindo-lhe perdão, porque o senhor nunca cedia. Máo que era!

Que feiticeiro muxoxo acompanhou estas ultimas palavras em tom de queixa. As petalas de uma rosa, que abrochassem outra vez tornando-se botão, de flôr que eram, não teriam o gracioso enlace dos labios que se apinhavam. Um muxoxo é um beijo as avessas ; é um beijo que se esconde em seu ninho dentro d'alma, como um calibri arrufado que recolhe o bico, deixando ouvir um gritosinho de cholera.

— Mas olhe lá, continuou a menina ; agora si agastar-se comigo, eu não hei de ser assim não , como era em criança. Hão de me pedir perdão tambem.

—Agora, Alice ; não nos havemos de agastar, como antigamente.

—Estimo bem.

—Você está moça, e eu devo trata-la por todos os titulos com o respeito que não sabia ter quando menino. Mas desculpe aquelle roceirosinho atrevido e malcriado que lhe fez derramar tantas lagrimas. Era uma criança doentia!...

— Pois eu gostava bem delle, assim mesmo como era.

Mario ficára pensativo e como engolfado em uma idéa penosa que lhe surgira dos refolhos d'alma, onde jazia dormida desde muito tempo. Alice percèbendo a subita melancolia, cuja causa pensou adivinhar, quiz prender do novo o espirito do moço á sua jovial garrulice.

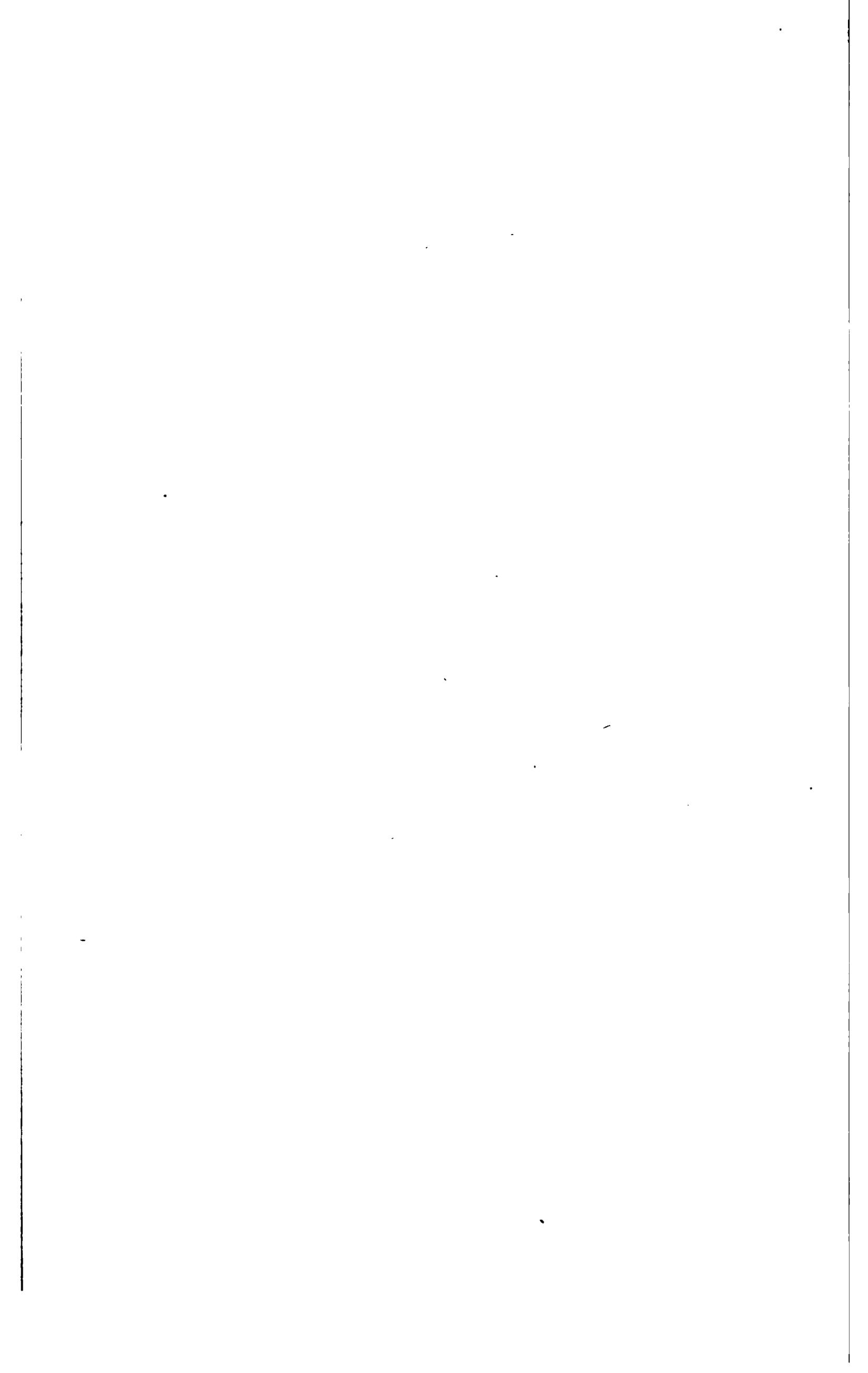
—Você naturalmente não gostará de nossa festa, Mario; acostumado aos divertimentos da Europa, que attractivo póde achar nesta funcção da roça?

— Mas o natal é uma festa campestre, Alice; e seu encanto está justamente nesse ar rustico e simples que costumamos dar-lhe. Não conheço nada mais ridiculo do que um natal nos salões, enluvado e perfumado como um baile de côrte.

—Pensamos da mesma maneira; exclamou a menina com um contentamento extremo.

—A sua festa, Alice, quanto posso julgar pelo

programma deve estar linda; é o natal como se festejava a trinta annos, com suas crenças ingenuas e suas puras alegrias. Não pense que por ter visto a Europa, perdi o gosto á estas cousas; ao contrario tenho sede disso que já não se encontra naquella sociedade velha e gasta, onde se aprende muito, porém se descrê ainda mais.

Alice foi a capella collocar o menino Jesus no seu presepio.

V

MISSA DO GALLO.

A noite vai escura, mas serena. O céo estofado de um azul profundo não venda a trepidação das estrellas, cuja luz filtra como através de um cristal fosco.

A viração, que annuncia o quarto d'alva, halito suave da manhã, começa de ramalhar enredando-se pela copa dos cafesaes em flôr. Como se os ares se adelgaçassem nessa hora purissima de conceição, em que a terra sempre virgem e sempre mãe, desabrocha flôres e fructos ; os murmurios do arroio,antes abafados pela calada da noite, rumorejam agora entre os gazeios da aragem.

A fazenda do Boqueirão jaz em completo so-

cego. Todos os fogos tanto na *Casa grande* como nas senzalas estão extinctos. Não se vê luz, a não ser um frouxo raio coado entre a folhagem do arvoredo. Talvez provenha da grande alampada de prata que ha na capella, e é costume accender dia e noite á Nossa Senhora em certas occasiões.

Desde alguns mezes se conservava ella accesa por ordem de Alice, que todas as tardes ao toque de ave-maria tinha por devoção ir a capella resar sua oração habitual e implorar á Virgem pelo restabelecimento de seu pai.

O primeiro gallo cantou e os outros responderam successivamente dos quintaes visinhos e das palhoças dos aggregados. Ouviram-se uns sussurros de vozes abafadas trazidos pela rajada.

Instantes depois soaram rufos de pandeiro com preludios de rabeca e frauta ao lado da *Casa grande*, onde acabava de apparecer á luz de archotes um rancho de romeiros, com seus chapéos desabados e capuses de penitentes. Sahindo do jardim onde estiveram esperando o cantar do gallo, foram collocar-se na frente do terreiro, soltando estas alvoradas ao toque da musica:

As ovelhas a dormirem
E os pastorinhos velando,
Quando o anjo do Senhor
Appareceu-lhes cantando.

A voz do anjo, muito parecida com a de Alice, acodiu:

Toma o bordão,
O' bom pastor;
Nasceu Jesus,
O Salvador.

Outro farrancho de festeiros appareceu do lado opposto que tomou a mão ao descante:

Meia noite era passada,
Já o céo a desmaiar ;
Mas a estrella do natal
Cada vez mais a brilhar.

Então de rumos diversos acodiram vozes que se alternaram concertando, como os dialagos de um auto. A primeira partira do poleiro, e as outras respondiam de pontos destacados :

O gallo cantou,
« Christo nasceu. »

O boi perguntou,
« Aonde? » E a ovelha
Logo respondeu ;
« Foi em Bethlem. »
« Para o nosso bem ; »
Disse o pastor.

Eis que no mirante da *Casa grande* surgem umas sombras alvas e tão buliçosas, que logo se percebem serem de moças. Mas o canto parece realmente angelico, pela doçura de que se repassa :

E os anjos no céo cantavam,
Que se ouviu além da serra :
« Gloria á Deus lá nas alturas
E paz aos homens na terra »

Um jacto de fogo de bengala esguichou, abrindo o globo de luz em que se debuxou um molho de rostos mimosos, como esses bandos de anjinhos que se vêm a voar nas redomas de Nossa Senhora. Entre todos, porém, nenhum era tão do céo como o de Alice, cujas tranças louras espargidas sobre os hombros e agitadas pela brisa, lembravam as plumas de ouro de umas azas de seraphim.

Entretanto o primeiro rancho de romeiros, proseguia no descante:

Já levantam-se os pastores
E tomando seus bordões,
No caminho de Bethlem
Vão soltando estes pregões:

Ahi entrou o bando dos pastores, formado de moças que não eram outras sinão os anjinhos do mirante, e de mancebos que deixando as capas de romeiros appareciam agora em novas figuras. Trajavam todos roupas de linho branco e chapéos de palha com fita escarlate; os mancebos levavam na mão seu cajado e as moças uma cestinha de flôres. Iam a dous e dous, cada pastor com sua pastorinha; os primeiros eram Mario e Alice.

O bando rodeou o terreiro, parando de tempo em tempo para lançar o seu descante:

Acordai: ó boa gente
Vinde vêr a maravilha;

Lá nas bandas do oriente
Como um sol, a estrella brilha.

E' a estrella de Jacob
E' a luz da redempção ;
Da rosa de Jerichó
Rebentou novo botão.

De dentro da casa, do lado do caminho, e de outros pontos destacados, por onde chegavam bandos de convidados da visinhança, surdia então esta requesta :

Que novas traseis, pastores,
Para tantas alegrias ?
A remir aos peccadores
E' vindo emfim o Messias ?

Depois que todos acabaram, tornou o côro dos pastores :

O anjo o disse : —« Maria
Esta noite deu a luz
Na palha da estrebaria
A seu menino Jesus. »

Eis rompem de todos os pontos grandes brados

e clamores de jubilo, acompanhados pela brimbalhada dos sinos, e cortados pelo mugir do gado, pelo ballido das ovelhas, e alvoroço que faziam os animaes subitamente dispertados com os clarões e alaridos da festa.

Multidão de lanternas do ar, e fogaréos, que agitavam os escravos da fazenda, derramou-se pelo vasto pateo, illuminado de repente. A banda de musica dos pretos, com suas roupas agaloadas, sahiu do saguão onde estivera occulta. Ao mesmo tempo abriam-se de par em par as janellas da *Casa grande*, cujas salas nadavam em luz : e nas sacadas appareciam o barão, a baronesa, o conselheiro, o vigario e outros hospedes que pela sua idade ou posição grave não tomavam parte directa nas folias dos moços.

Quando essa grande ebulição de enthusiasmo, chegada ao auge, começou á declinar, desprendeu-se dentre os rumores festivos, este canto que levantado successivamente por todos os diversos grupos, subiu ao céo, como a effusão de um grande fervor religioso :

Vamos, vamos adorar
Christo, nosso salvador,

Que ao mundo veio á salvar
O seu povo pecador.

Vamos, que a virgem Maria
Esta noite deu a luz
Na palha da estrebaria
Ao nosso bento Jesus.

Reunidos em um só, os differentes ranchos de romeiros, com os bandos de convidados que chegavam a cada momento, deram volta ao terreiro, e dirigíram-se á capella onde já estava o reverendo vigario em paramentos ricos, e seu acolyto o Sr. Domingos Paes, que a ninguem cedia a honra insigne de ajudar cada anno a missa de natal na capella de seu excellentissimo compadre, « o Commendador Barão da Espera. »

Durante as scenas anteriores, o Sr. Domingos Paes considerou-se obscurecido porque na representação do auto do natal, apenas lhe tocara o papel de gallo, quando elle sentia-se com força de accumular o do boi e da ovelha, accrescentando ainda o do jumento, que não figurava; omissão imperdoavel na opinião do eximio compadre, pois segundo elle, e era authoridade, o

jumento foi a trombeta que primeiro accordou a gente de Bethlem, com o zurro formidavel ; sem o que certamente passaria desapercebido o gallicinio.

Apezar da perfeição com que o compadre executara o seu *cocorocó*, essa parte, difficilima pela sua originalidade, não fora apreciada ; mas o compadre com a confiança dos grandes homens esperava a sua hora de triumpho. Era na occasião da missa, que elle ia despicar-se de toda essa gente, dando-lhe as costas, e fasendo-a levantar-se ou ajoelhar á sua feição.

O bando dos romeiros, passando por baixo dos arcos de coqueiros e luminarias, entrou na capella alvoriçando como uma chusma de abelhas dentro da colmeia. Apenas o barão dando braço á baroneza tomou com as visitas mais graduadas assento nas banquetas forradas de damasco ; o Domingos Paes, revestindo-se de um ar solemne e circulando o ambito do templo com um olhar sobranceiro, tangeu grave e pausadamente a campa, danda os tres dobres da etiqueta.

Pousando a campa ao pé do altar, tomou o gancho e accendeu as tres velas superiores do nicho

da custodia com o ar de importancia que assume um ministro em alguma ceremonia palaciana.

— A senhora tinha me promettido, D. Adelia, s erminha pastorinha? dizia emtanto o Lucio arrufado.

— Ora muito obrigado; queria que fosse procura-lo? respondeu a moça despeitada.

— Eu estava fallando com mamãi.

— Pois outra vez seja melhor cavalheiro.

D. Alina tinha arranjado de proposito aquelle desencontro; e delle aproveitou-se o Frederico para consolar-se do desengano cruel que deu a filha do barão á sua pretenção de servir-lhe de pastor naquella noite.

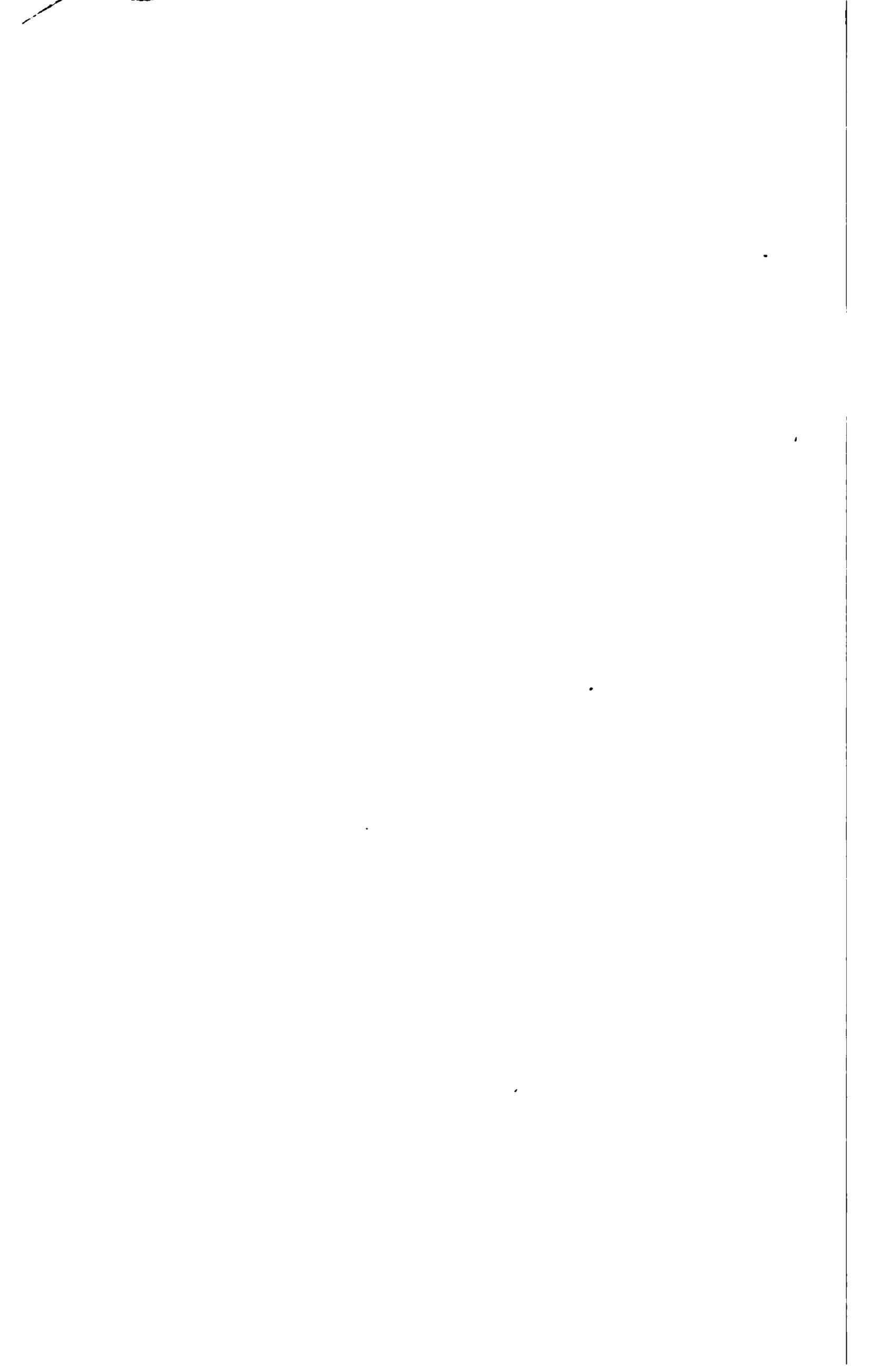
Do outro lado Alice sem deixar o braço de Mario sobre o qual se apoiava com um gesto de confiança e orgulho, disia commovida á seu companheiro:

— Não esteve bonito o nosso descante?

— Bonito e tocante, sobre tudo para mim. Depois de tão longa ausencia de nossa terra, ninguem faz idea do prazer que eu sinto em achar-me outra vez em seu seio, no meio destas festas singelas e destes costumes, que despertam em mim tantas recordações...

A palavra do mancebo vendou-se em uma reticencia melancholica. Alice vendo no semblante do amigo sombras de uma triste reminiscencia, que lhe pungira a alma, procurou distrail-o daquelle pensamento.

Mas o vigario de estola e casula subiu ao altar; a missa começava.

— Ajoelhemos! disse Alice a rir. O Sr. Domingos Paes já nos deitou uns olhos!

VI.

PRESEPIO

Ao lado do altar havia, um grande presepio, onde um habil artista de outras eras havia representado ao natural a lenda popular do nascimento de Christo.

Via-se ali no cimo de uma colina a palhoça da estrebaria ; na mangedoura sobre um molho de palha retraçada, o *Menino Jesus*, com suas roupas de cambraia. Aos lados Nossa Senhora e S. José contemplando o filho de Deus, concebido sem macula por graça do Espirito Santo.

A' parte, o jumento, dono da estrebaria em que pousara a Virgem com o seu esposo por não ter

outro abrigo; mais longe o poleiro onde cantava o gallo, o curral do gado, o bando das ovelhas e a choça dos pastores a quem o anjo annunciára o nascimento de Christo.

Pelas encostas da collina viam-se derramados os rebanhos de carneiros, e os bandos de peregrinos que subiam a colina para adorar o Salvador.

No ultimo plano o ceo, onde brilhava a estrella de natal, e uma nuvem resplandecente em cujo seio um grupo de anginhos cantava hosanna ao Senhor.

Ahi estava pois debuchada, a mesma tradicção, que os festeiros haviam copiado na especie de auto figurado no terreiro. Por ventura eram contemporaneos ali naquelle logar o antigo retabulo do presepio,e as cantigas com que todos os annos se festejava o natal. Um e outro, a auto e o retabulo, tinham certo cunho vetusto, que se imprime nos objectos ainda mesmo inertes, como a ruga na face humana.

Os dizeres do auto embora já bem alterados tinham um sabor de outros tempos, que destoava com o modo de fallar d'agora. Tambem as figu-

ras dos santos e pastores ainda que bem conservadas mostravam nas cores das roupas certa aspereza que provinha sem duvida do ressequido das tintas.

Como se conservaram na fazenda do Boqueirão essas reminiscencias dos usos de nossos pais cujo fervor religioso imprimia ás lendas catholicas certo cunho dramatico?

Essas mumias de um passado extincto são mais do que se pensa a obra da mulher. Emquanto o velho se encolhe na concha de seu egoismo valetudinario; vereis a velhinha, la no terreiro da fazenda ou na rotula da cidade, contando as historias de sua meninice as netinhas, que mais tarde, em sendo moças, levam para sua nova familia, aquelle santuario das lendas e tradicções de seus maiores.

Desde a fundação da fazenda que datava o costume de festejar-se o natal com aquellas cantigas e romarias. Durante muitos annos porém, talvez pelos desgostos que sobrivieram ao antigo dono, tinha cahido em esquecimento, até que Alice ficando moça o restaurou. A menina ouvia sempre pelo natal fallarem as pretas velhas das

bonitas festas que se faziam outrora na fazenda ; e arremedarem as cantigas e representações que se davam então.

Completando os seus quatorze annos, e sentindo-se já com força de querer, Alice tentou realisar aquelle capricho que alimentava desde menina, e no proximo natal fez o primeiro ensaio. Desde então, ficou em costume ; e cada anno a festa era mais arrojada e esplendida, até a ultima que promettia exceder em riqueza e enthusiasmo á todas as outras, sem excluir mesmo as mais antigas de que havia memoria na fazenda e suas visinhanças.

Terminada a missa, começou a adoração do presepio, diante do qual se repetiram as mesmas loas do natal, pela forma porque as tinham cantado no terreiro ; com a differença de serem então as figuras do retabulo que fallavam pela boca dos festeiros.

Desta vez o Sr. Domingos Paes desempenhando não no escuro, porém no claro, o seu favorito papel de gallo teve a satisfação de ser acolhido por uma estrepitosa gargalhada, que o lisongeou. Tomado de uma nobre emulação,

o compadre enfunou-se, batendo os braços a guiza de azas. Para elle era ponto de honra exceder no arrufo ao gallo do presepio, assim como no grito ao gallo do poleiro, ainda que arrebentasse. Os heroes devem morrer sobre os louros.

Chegou o momento das promessas.

Cada pessoa que tinha feito um voto, vinha por sua vez entregar a offerenda, e fazer a devota oração. Os objectos, si eram do uso da capella, como cirios, roquetes e toalhas, eram guardados para as occasiões solemnes; si constavam de milagres de cera ou registros, ficavam suspensos nas paredes da capella aos lados do altar.

— Nhanhan! nhanha!.. dizia a Eufrozina que á tempos se conservava atraz de Alice com uma salva coberta de toalha de linho.

A moça, voltando-se, fez á impaciente mucama um gesto de espera e continuou a assistir a scena curiosa que se representava então na capella. Os pretos da fazenda, uniformisados de calça e camisa de riscado azul com cinta de lã encarnada, passavam a um e um pela frente do presepio, ajoelhando para fazer breve oração, e cantando na sua meia lingua um louvor a Nossa Senhora.

N'essa occasião alguns depunham com devoção os objectos que traziam, para offerecer ao menino Jesus.

Quando o ultimo passou, Alice com um aceno chamou a Eufrozina, e tirou a toalha da salva, descobrindo o objecto occulto com tanto cuidado. Era um grande tapete de lã felpuda, bordado sobre talagarça em ponto de marca. Os frocos rofados ao calor davam-lhe a apparencia do veludo. O desenho era simples. Uma virgem, abraçada á cruz, e pondo no ceo os olhos cheios de fé e gratidão.

Ao descobrir a salva,a menina com um ligeiro rubor nas faces e uma doce commoção do seio, que se trahia na voz, murmurou ao ouvido de seucamarada de infancia algumas palavras mostrando-lhe o tapete dobrado ainda e pelo avesso.

— Foi uma promessa que fiz á Nossa Senhora, ha sete annos, Mario. Ajude-me a cumpril-a.

Os dois segurando as pontas oppostas do tapete o estenderam ao pé do altar da Virgem. Então Alice ajoelhando rendeu graças á sua divina proctetora pela volta de seu amigo e companheiro de infancia.

Mario viu o extase de felicidade que immergia o lindo rosto de Alice; e sentiu-se profundamente commovido, pensando que elle era o objecto daquella prece tão pura, como ardente. No meio da graciosa assumpção de sua alma, remontada ao ceo, a gentil menina volveu de relance ao mancebo um olhar supplice, repassado de ineffavel doçura.

Mesmo na prece ella sentia que estava só e separada de metade de sua alma. Mario comprehendeu o que passara no pensamento da menina; e vexou-se de sua ingratidão. Por sua vez ajoelhou aos pés do altar, ao lado de Alice; e rogou a Deus pela felicidade dessa formosa menina, que derramava em torno de si, um como perfume de santidade e innocencia.

Entretanto choviam os elogios ao tapete e as admirações pela delicadeza do trabalho:

— Podia dar um objecto mais rico, dizia Alice erguendo-se. Não é verdade, papai?

A menina abraçou o barão, que respondeu dando-lhe um beijo na face:

— O que tu quizesses.

— Mas eu prefiri este, que não lhe custou

nada. Fique sabendo, sim, senhor, acrescentou com um gesto faceiro dirigido ao pai. Não só foi todo bordado por minhas mãos, mas a talagarça e a lã, comprei-as com meu dinheiro.

— E esse dinheiro? perguntou Mario.

— Ah! Quer saber, Sr. curioso; pois ganhei-o com minhas rendas.

— E' verdade; acodio a baroneza descançadamente; só ella teria essa paxorra.

— E eu posso attestar, porque fui quem vendeu as rendas, por signal que o Sr. Frederico...

— Está bom, acodiu o moço vermelho como um bago de café.

— Acredita que foi ella que fez? murmurava D. Alina ao ouvido de D. Luiza. Qual senhora! Foram as mucamas.

— Na rua do Ouvidor, respondia a mulher do conselheiro, compram-se já feitas, faltando apenas encher alguma carreiras. Eu creio até que vi uma igual, sinão era a mesma.

— Mamãi pensa? disse Adelia.

A esse tempo já a illuminação da frente da *Casa-grande*, e dos outros edificios estava accesa, apresentando um aspecto encantador, com os

seus transparentes de papeis de côr e suas grinaldas de flores.

Uma ceia lauta, e sobretudo succulenta, como costumam ser os banquetes brasileiros, esperava os convidados que já enchiam as sallas de volta da capella. O barão os acompanhou a mesa unicamente para fazer as honras de sua casa, pois tendo comido apenas uma fatia de peito de perú, recolheu-se á seus aposentos de dormir.

O estado de saude do dono da casa não lhe permittia passar a noite em claro, fazendo companhia a seus hospedes, como costumava nos annos anteriores. Ja elle tinha desobedecido á prescripção do medico, interrompendo seu repouso para ouvir a missa do natal.

O barão porém receiava que sua ausencia aggravasse as inquietações de Alice, turvando o praser que ella esperava da festa preparada com tanto cuidado. Para não murchar as doces e innocentes alegrias da filha, não hesitaria elle deante de maiores sacrificios.

Alice tendo acompanhado o pai, quando este se recolheu, voltou a meza ; mas só depois que entrando de pontinha de pé no aposento do barão

certificou-se que elle resomnava, a menina desprendeu-se de sua preoccupação e outra vez se entregou aos divertimentos da noite do natal.

A ceia foi arrojada ; e terminou pelo brinde a Mario e a sua volta feliz. Era para esse brinde que Alice encommendara ao conselheiro os versos ; e este, depois de parafuzar na memoria alguma quadrinha que podesse servir, se desencarregou da tarefa no vigario.

VII.

RECORDAÇÕES.

No dia seguinte depois do almoço Alice e Adelia sahiram a passeiar. Iam vestidas de uma cassa mimosa e ligeira, com chapelinhos desabados feitos da mesma fazenda.

Era a cassa das roupas de Adelia de fino matiz escarlate, e a de Alice de um desenho verde, fingindo raminhos.

O vigario que tinha a balda de poeta anacreontico, vendo-as da janella, comparou-as ao cravo e alecrim passeiando entre as outras flores e logo fez tenção de aproveitar a idea para uma decima ou pelo menos uma sextilha.

O lyrismo do reverendo não era fóra de proposito. Realmente com aquellas roupagens frescas e transparentes, afflando ao sopro fagueiro da brisa, pareciam as duas amiguinhas entre os recortes da folhagem, duas flores do campo a se balançarem na haste delicada de um sipó.

As meninas garrulavam sobre a festa da vespera.

— Vas muito longe? perguntou Adelia.

— Quero passeiar! respondeu Alice como uma borboleta diria si fallasse « quero voar. »

— Não estás cançada?

— Não; nem um bocadinho.

— Pois eu estou! disse Adelia dando uma inflexão languida ao talhe.

— Brincamos muito! De manhã ainda se dançava.

— Ora! Os grandes bailes na côrte acabam sempre ao romper d'alva; já estou habituada; não sinto; o que me fatigou foram aquellas voltas pelo terreiro. Achas tanta graça nisso!

— E' o natal, Adelia.

— Não duvido; mas eu prefiro dansar na sala, a machucar os pés no chão duro; assim

como acho mais bonita uma aria italiana do que os taes descantes.

— São gostos. O teu deve ser melhor do que o meu, pois vives na côrte e eu sou apenas uma roceira; porem Mario, que veio de Pariz, pensa comigo. Ainda hontem m'o disse; e deu-me com isso um praser de que não fazes idea.

— Mario... disse a menina mastigando o nome do moço com uma reticencia ironica.

— Que tem Mario, Adelia?

— Nada.

— Porque então este dentinho mordeu o nome delle como se fora um espinho de rosa que te ferisse? Quero saber o que voce pensa a respeito delle, para defendel-o, Adelia.

— Ninguem o accusa, Alice; disse Adelia sorrindo.

— Mas emfim, o que era?

— Eu digo. Mario é um moço que não se apresenta mal: porem, si queres que eu seja franca, não parece que esteve em Pariz. Falta-lhe o *chique*.

— Não está bem á moda?

— Justamente ; não tem certas maneiras que só se aprendem em Pariz, e que dão logo a conhecer um moço do tom. Olha; neste ponto Lucio apezar de não ter la ido, capricha mais...

— Queres dizer que é mais adamado

— Ora é uma cousa que se conhece logo. Si já tivesses visto algum parisiense da gemma, como eu, havias de notar.

— Pois não vi ? Ha um anno chegaram os filhos do Borges, um fazendeiro nosso visinho; e eu confesso que apezar de querer muito bem a Mario, não o poderia supportar nos primeiros dias, si elle viesse feito um boneco de cheiro, como aquelles dous bobos, que la estão na côrte deitando fóra a herança do pai. Depois que remedio ?... Talvez achasse bonito, porque era em Mario ; mas havia de me custar muito.

Tinham chegado a um caramanchão sombrio coberto de jasmins e madresilvas.

— Vamos sentar-nos! disse Adelia.

— Já cançaste ?

— O sol está muito quente.

— Ah! tens medo que elle queime estas duas rosas? Pois descança ali no caramanchão emquanto eu vou até o pomar ver si acho uns figos para papai. Até logo; se tiveres medo de ficar sosinha, minha *cravina*, chama para te acompanhar algum *narciso*, porque o teu *alecrim* não volta cá nesta meia hora.

— Que *narciso*, Alice? perguntou ella perturbada.

Alice fingiu não ver o enleio da outra e respondeu com uma naturalidade que desvaneceu qualquer desconfiança de remoque.

— Um desses que ahi estão defronte de ti mirando-se no tanque, ou então si preferes os jacinthos... Olha!

E a moça affastou-se.

Tanto as faces de Adelia como os figos de Alice não eram senão pretextos. Com effeito a primeira tinha por sua cutis avelludada um cuidado excessivo; e a segunda, gostava de colher por suas proprias mãos as fructas innocentes e sasonadas que o medico permettia á seu pai. Mas nem o sol estava tão ardente naquella sésta, nem tão proxima a hora do

jantar, que exigissem a separação immediata das duas amigas.

Havia outra razão.

Quando ellas atravessaram a primeira alameda do jardim, Lucio disfarçadamente separou-se do grupo onde conversava e de volta em volta,occultando-se entre a folhagem, seguia as duas moças de longe. Notou Alice que Adelia de tempos a tempos voltava-se com rebuço, e vendo a amiga exagerar o cançaço, percebeu o que havia; procurou tambem pretexto para affastar-se e deixar toda liberdade ao dois namorados, que tinham, ella o sabia, bastante necessidade de trocarem algumas palavras á sós.

Demais, Alice vira Mario sahir pouco antes de casa, e ella que toda a noite antecedente o tivera quasi constantemente a seu lado, na mesa da cêa, como na sala da dansa, não se fartava de o ver, de fallar-lhe, e aproximar-se cada vez mais desse coração que por tanto tempo estivera longe della.

Perpassando subtilmente por entre o arvoredo, prescrutava aos lados do caminho os massi-

ços de verdura, com a esperança de descobrir atravez o vulto do moço, e tão preocupada ia que não o viu em frente, quasi a dez passos aproximando-se della pela mesma rua do pomar. Tambem elle vinha distrahido, e só apercebeu-se da presença da menina, pelo contentamento que ella mostrou:

— Até que o encontrei!

— Andava me procurando?

— Não; disse Alice retrahindo-se; mas vi-o sahir logo depois do almoço...

— Quiz livrar-me um momento dos discursos do conselheiro sobre colonisação, e das perguntas dessa outra gente que me reduz ao papel de guia do viajante ou almanack europeo.

— E agora para onde vai?

—Para a casa; respondeu Mario com hesitação.

Elle quiz offerecer-se para acompanhar Alice, e ella bem desejava pedir-lhe essa fineza; mas nem um, nem outro, se animou; sentiam ambos certo vexame e constrangimento, lembrando-se que estavam sós, em lugar onde ninguem os podia ver, nem escutar.

Foi no meio desse enleio, que Alice proferiu

com um tom que procurava simular indifferença:

— Pois eu vou ao pomar.

— Então até logo.

E passaram um pelo outro, mas lentamente:

— Não tem medo do sol, Alice; disse Mario voltando-se.

— Não. E você já perdeu o que tinha dos discursos?

—Ainda não; respondeu Mario retrocedendo; e agora justamente que é a hora da preamar daquella maré de eloquencia.

— Antes o sol, hem?

— E' verdade; vou ver a roça.

Alice outra vez sentira o mesmo acanhamento; mas seu genio, e tambem seu coração, reagiram.

— Venha commigo, Mario.

— Não; sua mãi não gostará.

—Papai não disse no dia em que você chegou que nós sommos os mesmos d'outro tempo, duas crianças como ha sete annos?

— Então não devo offerecer-lhe o braço? perguntou Mario fazendo o gesto.

— Não; como meninos, é que tem graça!

E Alice cerrando os folhos da saia do vestido,

deu uma carreira pela relva do pomar. Que havia de fazer seu companheiro, fosse elle serio e grave como era Mario? Um rheumatismo ministerial,o que é a quintessencia da seriedade, si ahi estivesse, apezar das calças asues, e da etiqueta imperial, jogava as canellas com toda a certeza.

— Oh! que vergonha! Não me apanhou!

— Você escondeu-se!

— Desculpas!... Estes figos são excellentes; eu sempre os apanho para papai! Elle gosta muito,coitado...Mario,você julga que elle ficará bom depressa? perguntou a menina com os olhos cheios de lagrimas.

Mario constrangido respondeu para a consolar:

— Acredito, Alice.

— Talvez com sua chegada.... Eu o acho muito melhor, desde hontem. O cuidado que tinha de você, por força que lhe havia de fazer mal. Deus permitta!

E Alice ergueu ao céo os bellos olhos azues, com uma espressão angelica de ternura e piedade, que deixou n'alma de Mario uma profunda commoção.

— Prove um... este que hade estar excellente. Como eu fazia quando era criança, que repartia sempre com você e lhe guardava metade de tudo quanto me davam. Lembra-se!... E assim me parecia mais gostoso... como agora! Nunca vi um figo tão saboroso; experimente!...Então?

Mario que ficara com a banda do figo na mão levou-a authomaticamente aos labios: mas o que lhe pareceu realmente saboroso, foi o veludo encarnado daquella face e o mel daquelle sorriso, muito mais fino do que não era o da polpa vermelha da fructa.

— Esta figueira não é de seu tempo: foi plantada muito depois.

—Mas havia outras, pois eu me lembro que me devirtia em rasgar os sacos, para deixar os passarinhos belliscarem os figos mais bonitos! Que perverso!

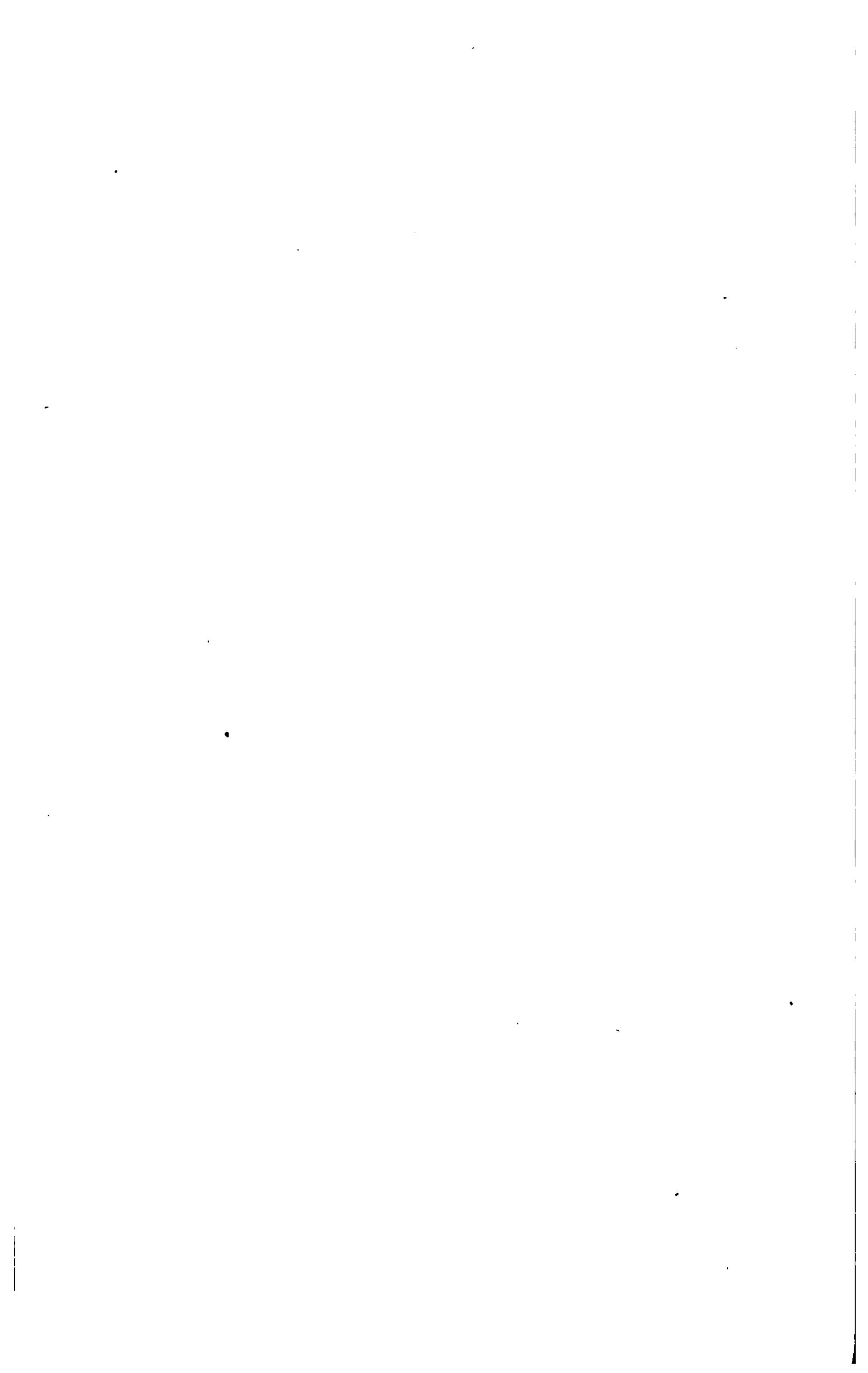
—E eu lhe ajudava para carregar com metade da culpa, acrescentou Alice rindo-se

A menina tinha acabado sua colheita; e estava com as duas mãos tão cheias, que para amparar as fructas as encostava graciosamente ao seio.

—Você me corta uma folha de taioba ?

Mario volveu os olhos em torno com uma expressão indecisa no olhar.

— Que vergonha! Não conhece mais as plantas de seu paiz. Olhe!

Rindo-se, Alice apontou com o bico da botina para a larga folha verde do nemphar que se debruçava sobre um fio d'agua. Mario ajoelhou-se para cortar a folha, si não foi para adorar a ponta daquelle pesinho que de envergonhado escondeu-se.

VIII.

A MERENDA.

O almoço fôra tarde naquelle dia. A ceia do natal acabara pela madrugada ; e depois tinha-se brincado e dançado até que a luz do sol entrando pelas janellas desmaiou a claridade das vellas.

Os convidados sentaram-se á mesa quasi que por mera formalidade, tão proximos ainda estavam da ceia ; mas o Sr. Domingos Paes julgando-se obrigado na sua qualidade de *compadre da casa*, á fazer as honras da cozinha do barão, desempenhou conscienciosamente esse dever, começando por um prato monumental de sarrabulho de porco

e terminando com uma enorme palangana de chocolate. A quantidade de solidos e liquidos que entraram na confecção desse almoço giboico outinanico, não direi ; porque é uma cousa inverosimil, apezar de succedida. Ha verdades assim, condemnadas por sua natureza a passarem por mentiras. O Sr. Domingos Paes, homem sisudo si já o houve, tinha esse caiporismo : ninguem o tomava ao serio ; nem mesmo o Martinho.

Ao erguer-se da mesa, emquanto se tiravam os pratos, o compadre devorou uma salva de cavacos e biscoutos—*para enxugar o estomago* ; dizia elle.

As pessoas da casa e os convidados entregaram-se conforme seu gosto as differentes distracções e passatempo ; uns sahiram a passeio ; outros jogavam a bagatella ou o vispora; a baroneza travou-se com o Sr. Domingos Paes no gamão, a mil réis a ganga,pagos pelo barão que no fim de contas era o caixa de ambos.

— Sennas para começar, Sr. Domingos Paes, não viu ? disse a baroneza cobrindo os dados.

— Não vi, mas é o mesmo. V. Ex. o diz !

— Nada ; assim não quero : jogo outra vez.

— Mas agora me lembro que vi.

— Está bem certo?

— Assim estivesse eu de tirar a sorte grande.

— Então veja como se jogam umas sennas em regra: observou o vigario que estava perúando a baroneza.

— E' capote com certeza!

— E' pena que venha tão tarde, já não serve para a missa do gallo; disse a baroneza a rir.

— Pois fez sua falta; o gallo esta noite me pareceu endefluxado.

— V. Reverendissima não entende disso; retorquiu o Sr. Domingos Paes formalisando-se.

Phidias, traçando a tunica para dizer ao critico sapateiro o famoso: — *Ne sutor ultra crepidam* —não tinha por certo um ar de tão sobranceiro desdem, como do nosso compadre olhando o vigario por cima do hombro.

O reverendo julgou prudente erguer-se; foi então que chegando á janella viu Adelia e Alice que sahiam a passeio; e comparou-as ao *cravo e alecrim* passeando entre as flôres. A musa estava fresca e lhe acodia sem que fosse preciso dar na testa a classica palmada; para aproveitar a ins-

piração, procurou o vigario á sombra de umas jaqueiras e ahi peripateticamente, á maneira dos pastores da Arcadia, começou o embroglio poetico donde devia sahir alguma cousa, que se chamasse madrigal.

Com o pollegar da mão esquerda escandindo as syllabas pelos outros dedos; com a dextra suspensa a bater no ar a cadencia do verso que sahia da forja; os olhos no Parnaso; a mente acceza, as faces afogueadas e o toutiço em bicas; o discipulo de Caldas, era naquelle momento uma caldeira poetica no mais alto gráo de fervura.

Emquanto o reverendo assim entrega-se ás influições da musa, as outras pessoas encurtavam as horas da sesta conversando na varanda.

Em um grupo que se ajuntara junto do barão, a conversa rolava sobre Mario.

— Que me dizem do nosso novo doutor? perguntou o fazendeiro com certa bonanchice que animava a franqueza.

— Ah! O parisiense! disse com um sorriso de ironia o conselheiro Lopes.

— Como o acha?

— Como todos os nossos moços que vão á Pariz

respondeu Lopes com manifesto desdem. As viagens á Europa, é minha opinião. só podem aproveitar á homens de experiencia, capazes de observar. Como nós, barão.

— Eu sempre disse! acodiu D. Alina.

— Assim julga que Mario perdeu seu tempo?

— Não digo isso; acredito que elle estudou suas mathematicas, e obteve realmente a carta de doutor que outros vão lá comprar. Mas tambem não se póde negar que na nossa Escola Militar essa carta custaria menos tempo e menos dinheiro.

— Lá isso é o menos! atalhou o barão com indiferença.

— Concordo com o Sr. conselheiro; disse um lavrador abastado. Filho meu não põe o pé em Pariz; o que elles vão lá aprender é a gastar dinheiro e não fazer caso dos pais.

— Isso é verdade!

— Eu bem vi um dos filhos aqui do Borges, quando chegou; fumava no nariz do pai; e na sala tinha o atrevimento de espichar-se em um sofá, deixando o velho de pé e embasbacado!

— Pois eu, observou o commendador Matios

lançando um olhar ao barão, faço tenção de mandar o meu Frederico passeiar lá por essas terras da estranja, mas depois que estiver casado!

— Isto é outra cousa! disse D. Luiza com um sorriso assucarado.

— Nada; é preciso primeiro cortar as azas do franguinho, antes de soltal-o do poleiro!

E o commendador accompanhou o seu gracejo com a surdina de um riso grosso e gutural.

— Si elle tivera a fortuna de achar uma moça bem educada, com habitos de sociedade... ia dizendo D. Alina.

— Pois eu penso diversamente dos senhores, atalhou o barão; entendo que o homem moço ou velho sempre lucra em ver paizes mais adiantados do que o seu. E' verdade que alguns rapazes por lá ficão perdidos; e o mesmo acontece tambem aos velhuscos e até aos conselheiros, que vão russos e voltam escuros.... Mas isso não é razão; ha muito fazendeiro que se arruina, sem que por isso os outros deixem de ir por diante.

— Não ha analogia! tornou Lopes.

— Em tudo ha o bom e o máo. Quanto ao

nosso Mario, penso que elle aproveitou e muito. Uma cousa logo observei nelle; e foi que não tinha essas affectações na roupa, nem os tregeitos e mongangos, que todos os rapazes costumam trazer de lá. Prova de que se occupou do que era serio; e deixou essas frioleiras para os cata-ventos.

— Ora, Sr. barão, mas é uma cousa tão bonita; um moço elegante, que se veste bem. Veja o Lucio! Eu queria ter um filho assim.

— Não é por me gabar; disse D. Alina com desvanecimento. Mas nesse ponto não tenho inveja de ninguem!

— O Lucio é um bello moço! observou o conselheiro avisado pelo movimento subtil do cotovello da mulher.

— Gosto muito delle; mas acho que devia esquecer-se menos do bigodinho e da gravata; redarguiu o barão com um sorriso benevolo.

— Esses talentos da minuciosidade, são muito aproveitaveis na diplomacia. O Lucio hade fazer uma carreira brilhante.

— E Mario? exclamou o barão com um enthusiasmo que se desvendou no olhar brilhante, como

se lobrigasse entre as nevoas do futuro, os triumphos que estavam reservados ao mancebo.

Mas retrahindo-se naquella expressão involuntaria, o barão disfarçou com um sorriso o seu pensamento, e affastou-se.

— As cousas se embrulham! cochixou D. Alina no ouvido de D. Luiza. O conselheiro que abra os olhos!

— Que hade elle fazer?

— Si podessemos conversar, que não ouvissem; porque a gente aqui anda espiada por todos os os cantos.

O barão se dirigira ao outro lado da varanda para ver o jogo da baroneza, que batia as tabulas do gamão com visivel máo humor.

O Sr. Domingos Paes estava em brazas; a fortuna o perseguia com uma impiedade cruel; as parelhas cahiam-lhe do copo em chorrilho; e elle, que tanto desejava perder para divertir a excellentissima comadre, elle, que fazia uns sobre outros os maiores estropiços, ancioso de levar uma serie de capotes, estava com uma veia de felicidade insultante. Já não havia mais tentos para marcar as gangas.

Nunca o modelo dos compadres se vira em tão critica posição. O seu nariz, baromethro d'alma, pensava do verde ao escarlate e ao côr de terra. De vez em quando o pescoço fazia aquelle nó que dão os gançós quando comem; eram os bagos vermelhos que o homem engolia a um e um para diminuir a conta dos tentos ganhos.

A baroneza fazia os maiores esforços para conter o despeito; mas o riso sarcastico esgarçado entre os labios, e o gesto nervoso com que chocalhava os dados no copo de marfim, arripiavam o parceiro.

— Então quem ganha? perguntou o barão.

— Ora quem hade ser?

O Sr. Domingos Paes levantou para o barão uns olhos de martyr.

— A excellentissima está jogando o perde-ganha; balbuciou elle.

— Arre! exclamou a baroneza indignada com um ultimo lance. Assim até esta cadeira ganha.

Livre d'aquelle supplicio, o Domingos Paes esgueirou-se até a sala de jantar, onde estavam de prosa a Felicia, a Eufrosina, o Martinho e a Vicencia, emquanto a ultima preparava a merenda de fructas e refrescos.

Mario era tambem ali naquelle parlatorio da copa, a ordem do dia.

— Pois gentes! Eu ca torno á dizer. O Mario não chega ao Lucio. Este sim, é moço papafina!

— Sai d'ahi, serigaita! disse o Martinho.

— Psio! Mais respeito, moleque!

— Martinho!... disse a Vicencia.

— Quem atura essas bobagens! resmungou o moleque.

— Olhe que você se arrepende! Eu não gosto de fazer enredos a sinhá!

— Vai, vai depressa, vai contar; eu tambem heide dizer a nanhã D. Alice que você chama a moço branco, assim como se chama um moleque: Mario!

— Está vendo, minha gente, como si levanta um falso testemunho. Cruzes!

— Deixa este tição! acodiu a Eufrozina. Como ganhou molhadura pela chegada do nonho Mario, que não devia ganhar....

— Tição!... ticção é seu pai de você, negro cambaio e bixento que veio lá d'Angola.... Cada beiço assim! hi! hi!

A Eufrosina, cega de raiva atirou-se ao pagem,

que fugia-lhe correndo ao redor da mesa e exasperando a mocama com as caretas que lhe fazia :

— Cada beiço, assim, como orelha de porco.... Tapurú era matto.... chegava a sahir pelos olhos.

— Eu te esgano; só si não te pegar.

A entrada do Sr. Domingos Paes suspendeu as hostilidades, não porque a sua presença inspirasse respeito; mas porque um signal do compadre indicara a approximação dos donos da casa.

Com effeito passaram o barão e a baroneza conversando.

— Então não ha hoje um copinho de cerveja ! Está um calor !

— Ah ! Sr. Domingos Paes agora mesmo almoçou ; e comeu uma ruma de biscoutos para enxugar o estomago.

— E' por isso mesmo, Martinho. Enxuguei demais; preciso molhar.

—A merenda já vae p'ra a mesa! disse a Vicencia.

Com essa esperança consoladora, o Sr. Domingos Paes foi esperar a cerveja, em uma janella do oitão, roendo as nozes e amendoas de que enchera as algibeiras do rodaque de merinó cor de garrafa. Distraido, estremecendo ainda á lembrar-se do gamão,

atirava as cascas nas folhas das jaqueiras proximas, quando uma voz irada o chamou á si :

—O senhor parece-me que está hoje fora de seus eixos, Sr. Domingos Paes !

Uma casca de noz tinha cahido em cheio na unha do reverendo indice, que batia a cadencia de um verso magnifico, ainda quente da forja. A dor, porém mais o susto, causados com aquelle incidente, alvoroçaram por tal forma os espiritos do arcade, que o verso varreu-se-lhe da memoria completamente.

— Queira desculpar, Reverendissimo ! Não vi !... Pois eu era capaz ?

—Perder uma inspiração destas ! E o consoante que me deu tanto trabalho !... E' realmente insuportavel este homem ; não sei o barão como o atura.

O Domingos Paes estava acabrunhado com a serie de caiporismos que lhe succediam nesse dia aziago ; e procurando a causa dessa fatalidade, lembrou-se que na vespera tinha visto uma tesoura voando em cruz por cima delle. Pelo sim, pelo não ; o homem benzeu-se para exorcisar o agouro.

Finalmente a sineta da sala de jantar deu signal da merenda, derramando uma consolação n'alma atribulada do compadre.

IX.

CREANÇAS

Alice para abrigar-se do sol e arrumar os figos, procurou a sombra de uma bonita jaboticabeira, que ficava quasi no centro do pomar.

Tinham rodeado de uma especie de mesa tosca o tronco da arvore, correndo um banco em volta. Era um sitio aprazivel para passar a sesta e merendar as bellas frutas que pendiam das arvores. Dahi se podia ver pelo cruzamento das alamedas uma grande extensão do pomar.

Covando a folha de tayoba, que Mario lhe trouxera, a moça occupada em arranjar os figos, continuou a garrular com a mesma graciosa volubilidade, que lhe servia para disfarçar o pejo de estar só com Mario:

— Esta meza tambem você a não conhecia? Papai mandou-a fazer ha dous annos, por minha causa...

— Que é tambem, si não me engano, a causa de tudo neste pequeno mundo; disse Mario sorrindo.

— Nem tanto assim! respondeu a menina com faceirice. Mas papai, esse, advinha meus desejos!... Como eu quasi sempre, todas as tardes, vinha me sentar aqui na raiz desta jaboticabeira, lembrou-se elle de fazer-me uma sorpreza, e um dia achei tudo prompto, a mesa e o banco!

« — Por artes de meu condão», como dizia a fada nas historias da tia Chica?

— Tal e qual. Fiquei tão contente! continuou a moça banhando-se em risos de prazer; ninguem imagina como eu gosto deste logar; e o senhor não advinha porque?... Esquecido!...

Mario volveu em torno um olhar profundo, interrogando a physionomia do sitio, desejoso de avivar as reminiscencias apagadas.

— Não me lembro!...

— Pois eu tinha chamado este lugar a—*arvore da lembrança*, agora ha de chamar-se—*do esque-*

cimento... para você, que para mim ainda está cheia de recordações; é um ninho... Vê aquella pimenteira? Ali armava você a arapuca para apanhar sabiás que as vezes me dava, e depois os soltava da gaiola por pirraça? Não se lembra?

—Esqueça esse peralta, Alice!

—E eu tambem não tinha as minhas birras?... Acolá embaixo daquella parreira passei uma manhã inteira chorando, porque você não queria passeiar commigo! Esta vereda sabe onde vai dar? Olhe, lá em baixo perto do cannavial; não vê o corrego? Um dia, eu por força queria passar para o outro lado, você me carregou nos braços...

— Ao menos desta vez fui cavalleiro!

— Espere; apenas me deitou da outra banda, fugiu, deixando-me sósinha a gritar!

—Recordo-me, disse Mario rindo a seu pezar.

— Ah! Já se lembra! E o jambeiro? lá, passando a parreira. Que estrepolias fez nhonhô Mario no dia em que eu cahi no boqueirão, donde elle me tirou com risco de sua vida! E você quer que eu o esqueça? disse Alice repousando no semblante do moço um olhar de inefavel doçura.

Mario se tornára de repente sério e constrangido. Por ventura aquellas recordações de sua infancia, resurgindo assim de tropel, lhe absorviam o espirito, e quem sabe si vexavam o mancebo, mostrando o estouvamento e rudeza do caracter do menino que elle fôra outr'ora.

Alice muito embebida no prazer de brincar com estas reminiscencias, continuou sem aperceber-se do que se passava n'alma de seu companheiro de infancia.

—Naquelle cambucazeiro, você me amarrou um dia com a sua gravata, para que eu não o acompanhasse até a casa de vovô. Mais adiante ha uma moita de pitangas... Olhe!... Está vendo?... Acolá?... Pois ahi você se escondia para me metter medo. Mas, neste mesmo lugar onde estamos, um dia que você trouxe do mato um sagui, eu vim por detrás do tronco, deste... devagarinho, e soltei o laço com pena do bichinho, para que o Boca-Negra não o comesse.

— E era para você! acodiu com rapidez Mario, que por um instante julgou-se transportado áquelles tempos de sua infancia agreste.

— Mas você nunca me disse?

— Para que?

— Eu teria tanto gosto!

— Criançadas!...

— Si era para mim, eu paguei bem a travessura, porque além de perder o sagui, você pregou-me um beliscão!... Ah! Que forte! Aqui, olhe!

E a moça transportada tambem pela vivacidade de suas recordações aos dias descuidosos da infancia, arregaçou estouvadamente a manga de cassa como fazia aos onze annos, para mostrar no braço alvo e torneado o lugar do beliscão.

— Metteu-me tanta raiva que fui contar a mamãi e mostrar a marca do braço. Ella o prendeu todo o dia de castigo na varanda; mas eu fiquei arrependida e com tanto dó quando o vi chorar de raiva por não poder sahir, que fui lhe pedir perdão: — « Mario, disse eu, não esteja zangado commigo; nunca mais conto nada; você quer, vingue-se; me dê tres beliscões bem fortes, que eu não me queixo.

— E eu dei! balbuciou Mario de sobrolho rugado.

— Deu o primeiro; e vendo que eu não tinha chorado, deu o segundo com tanta força que me fez saltar as lagrimas em bagas. Então você soltou o braço de repente, me abraçou chorando e... me deu um... Mas aqui na face!

O semblante da menina lavou-se em ondas de purpura: e seus labios não se animando a pronunciar a palavra, insensivelmente se tinham apinhado, dando a imagem dessa caricia, que ainda lhe accendia as faces de rubor.

— Nunca mais você me deu outro... Só quando me tirou do boqueirão, como morta, e que para me fazer voltar á vida, foi preciso soprar-me ar com sua boca. Meu Deos, que vergonha eu tive quando sube!...

Alice calou-se, tomada pelo sossobro destas recordações: meio arrependida do que dissera, querendo resgatar cada uma de suas palavras; e comtudo sentindo o coração ainda cheio a transbordar daquelle perfume de saudade que tinha destillado durante tantos annos de infancia para verter um dia no coração de seu amigo e camarada de infancia.

Mario, cada vez mais submergido no passado,

que a menina evocára, fitava nella um olhar triste e ao mesmo tempo severo, emquanto nos labios perpassava-lhe um desses pungentes sorrisos de ironia, com que a propria consciencia escarnece do coração do homem.

A menina, com a fronte baixa, temendo encontrar naquelle momento os olhos, que antes ella procurava e recebia com tanto carinho; mais uma vez soltou as azas ligeiras e subtis de sua palavra para fugir ao vexame do isolamento.

— Deixe estar; amanhã ou depois quando estivermos mais socegados de festas e mais sós, havemos de dar um passeio, bem comprido; e só para ver os lugares onde brincamos e os objectos que ainda guardam as lembranças de nossa infancia. Você já viu o Boca-negra? Está muito velho, mas ainda é o mesmo cão valente e destemido. O meu pequira em que você corria, o russinho, tambem ainda vive. Aquillo que nos lembrava de você, tudo se conservou, até o caminho do boqueirão que papai quiz mandar tapar depois daquelle dia, mas tanto eu pedi-lhe que deixou! Tambem havemos de ir lá; nunca, nunca mais ahi voltei depois daquella vez; mas lembro-me

de tudo como si fosse hoje. Agora posso ir; com você papai não tem medo; nada me succederá.

O sorriso desfolhou-se de repente, nos labios da menina, que tinha emfim reparado na singular expressão do rosto de Mario. O olhar sorpreso que lançou ao moço, fê-lo cahir em si e dominar-se:

— Alice, eu lhe peço! disse elle tomando-lhe a mão affectuosamente. Não desperte essas recordações; deixe-as dormir para sempre!

— Incommodam-lhe, Mario?

— Muito!

— Tão ruim foi para você esse tempo, que não póde supportar nem que se falle delle? exclamou Alice com uma queixa sentida. Que você não se lembrasse mais, era natural. Esteve na Europa!...

— Essas recordações, não se apagaram de meu espirito, como você pensa, Alice. Quantas vezes, na capital do mundo civilisado, emquanto as maiores celebridades passavam por diante de mim, e o borborinho da grande cidade aturdia uma população ebria de prazer; quantas vezes meu pensamento não atravessava o oceano, para refugiar-se nestes sitios, onde vivi minha infancia; para divagar pelas mattas e campos, onde eu tantas vezes

brinquei com a morte, como uma criança louca e imprudente?

— Sómente disso é que se lembrava!

— Tambem via a sua imagem suave, que me seguia quasi sempre como um anjo da guarda, contra quem eu, arrastado pela tentação me revoltava de uma maneira as vezes brutal. E apezar disso você não se agastava nunca; nas minhas scismas muitas vezes seu rosto sempre meigo apparecia-me ao mesmo tempo orvalhado de lagrimas e desfeito em risos; porque a cholera em sua alma, Alice, era apenas o raio de sol que abre a flôr.

Mario parou um instante como si hesitasse ainda.

— Mas essas recordações me faziam mal!

— Saudades? perguntou Alice com ternura.

— Oh! não! A saudade é uma doce tristeza, e a minha amargava. O que me deixavam aquellas scismas não era o enlevo do passado, mas um tedio inexprimivel desse tempo que desejava não ter vivido. Sempre, depois disso, ficava-me por muitos dias a alma toldada, como a agua daquelle corrego, quando agitam o lodo que está no fundo. A razão

do homem julgava as acções do menino, e condemnava-o como uma criança ingrata e perversa!

— Ah! Mario, que severidade!

— Mas, balbuciou o moço com a voz surda; o mais cruel era que esse menino louco se indignava contra o homem, chamava a razão de cobardia, a gratidão de cobiça!...

Observando a sombra que estas palavras lançavam no rosto da menina, elle soffreou o impulso de suas recordações

—Esse menino louco, eu o consegui enterrar bem longe d'aqui... felizmente. Esqueça estas palavras, Alice, e deixe-me esquecer o meu triste passado. Supponha que nos conhecemos de antes de hontem. Como si eu fosse um irmão nascido em terra estranha, que depois de tantos annos de exilio, voltando a patria encontra uma linda maninha, a quem não conhece, mas ama de todo o coração!

Alice abaixou a cabeça, com um sorriso; ella sentia que era impossivel desprender de seu passado a existencia, cujo fio se entrelaçara com a teia dourada de suas recordações de infancia.

— Si este enlevo em que tenho vivido desde que cheguei é um sonho, Alice, não me arranque á elle!..

— Não tocarei mais nisso, eu lhe prometto.

— Mas ficou triste ?

— Triste ?... Não: tenho saudade de minhas saudades !... Ai, bico !...

A linda menina, com as pontinhas rosadas do polegar e indice da mão esquerda cerrou os labios ; mas pelo ricto gracioso borbulhava um sorriso encantador.

— Pois olhe, si alguem tinha razão de queixa, era eu !

— Deveras !... Havia de ser curioso !

— Quem vive de recordações não prefere o passado ao presente ?

— Nem sempre ! Muitas vezes lembrar-se não é sinão desejar ! disse Alice rapidamente, e afastando-se com direcção á casa.

— Escute !

— São horas !

E a moça desappareceu.

X

O BATUQUE.

Adelia ficára só, abrigada á sombra do caramanchão de madresilvas, ouvindo borbulhar a fonte.

Recostada no gradil, com a cabeça descançando na mão, tomára uma posição sentimental e languida, que realçava a elegancia de seu talhe; de vez em quando um suspiro, exhalado com a mais pura expressão romantica, estufava a harmoniosa ondulação do seio coberto por fina renda.

Instantes depois ouviu crepitar uns passos nas folhas da alameda; e presentiu que Lucio estava perto della, sem comtudo dar o menor signal de aperceber-se de sua approximação.

Com effeito, o moço parára a dous passos, e hesitava :

— D. Adelia!

— Ah ! Sr. Lucio ! exclamou a menina fingindo espanto com uma perfeição admiravel. Não sei onde foi Alice.

Dizendo isto, a moça deu alguns passos para affastar-se :

— Desejava dizer-lhe uma cousa ! supplicou o mancebo animando-se.

— A mim ?

— Não sabe quanto tenho soffrido desde hontem ! Estão arranjando seu casamento com o Frederico...

— E o seu com Alice !

— Mas eu sou constante.

— E os outros não ?

— Pelo menos não parecem.

— Muito obrigada ! E' isso o que me queria dizer.

— Não se zangue, D. Adelia. Veja si eu tenho razão ou não. Ainda hontem á noite lhe offereci o braço na occasião da ceia, e a senhora preferiu de Mario.

— O de Mario não; o de Alice que estava com elle. Queria que aceitasse antes o do Frederico paro obedecer a mamãi.

— Mas na ceia elle sentou-se perto da senhora.

— Porque? O senhor ficou todo arrufado e não se apressou em tomar o lugar. E sou eu a inconstante!...

— Perdão, D. Adelia! murmurou Lucio.

A moça voltou o rosto para esconder uma lagrima que desfiava pela face; mas á tempo de permittir que o namorado a visse brilhar.

Lucio ajoelhou; e balbuciando palavras soffregas apertava aos labios a mãosinha covinhada que Adelia esquecêra entra as pregas do vestido.

Entretanto Alice que se approximára descuidosamente do caramanchão, sem lembrar-se de Adelia, descobriu o grupo dos dous moços e parou corando. Nesse momento Mario passava; a menina chamou-o com um aceno.

Mario chegou justamente na occasião em que Lucio cingindo o talhe esbelto de Adelia pousava-lhe na face um beijo timido.

Alice e seu companheiro trocaram um sorriso,

e enrubecêram ambos. Mario movido por uma intuição admiravel do que se passava n'alma daquella menina casta e innocente, segurou o louro annel de cabellos que se enroscava pela espadua de sua companheira, e roçou nos labios e as pontas da fina meada de seda e ouro.

Havia sem duvida naquelle gesto uma expressão de pureza e respeito; porque longe de perturbar Alice, ao contrario darramou em seu animo uma serenidade angelica.

Oe dous companheiros se affastáram discretamente do caramanchão. Momentos depois a voz de Alice chamou Adelia; e ambas chegáram á casa justamente quando tocava a sineta para a merenda.

O vigario, vendo-as chegar, teve impetos de excommungar o seu acolyto pelo peccado da gula, pois foram as cascas de noz a causa de fugir-lhe a inspiração e perder-se o consoante. Mas o nosso poeta mettêra-se em brios; e estava resolvido a não descançar emquanto não désse conta da mão.

Não merendou; jantou parcamente para não embotar a memoria; e lá por volta de Ave-

Maria conseguio afinal arranjar alguma cousa apresentavel, que elle decorou em tom declamatorio, preparado para fazer o improviso em regra quando as moças entrassem na sala do baile.

Já a claridade das luzes inundava as salas apinhadas de convidados, e o vigario afinava a garganta, quando as duas amigas apparecêram deslumbrante de formosura e mocidade. Mas... Que decepção para o nosso vate! O vestido de Alice era azul celeste; o de Adelia côr de ouro.

Como encaixar o madrigal do cravo e do alecrim?

Nesse momento, nem de proposito, o nome do Sr. Domingos Lopes soava nos quatro cantos da sala. Aqui reclamava-se o compadre para dansar com uma gorducha donzellona; lá para servir de *vis-à-vis*; além para parceiro do solo; e do outro lado para tirar duvidas ácerca de um facto succedido na villa.

O vigario metteu-se n'um canto; e desde esta noite começou a ruminar a idéa de bandear-se para a opposição, afim de derrocar a influencia do barão, protector do Domingos Paes.

Entretanto ao som da banda de musica da fa-

zenda e dos risos folgazões, os pares pulavam na sala entremeiando o ril e o miudinho ás monotonas quadrilhas francezas. Duas pessoas sobretudo apreciavam essa variedade das dansas : era Adelia e Lucio a quem as mãis haviam prohibido dansar juntos mais de uma quadrilha.

As dez horas da noite suspendeu-se a dansa, emquanto o barão e a familia acompanhadas pela conviva iam dar cumprimento á uma usança, estabelecida desde tempos remotos na fazenda do *Boqueirão*, e adoptada em outras com alguma differença.

Na noite do natal os pretos da roça tinham licença para fazer tambem seu folguedo, e os senhores estavam no costume de por esta occasião honrar os escravos, assistindo a abertura da festa que principiava pelo infallivel batuque.

No meio de archotes e precedido pela banda de musica, seguiu o rancho para a senzala, onde repercutia o som do jongo e os adufos do pandeiro. O barão ia adiante com a baroneza, e conversava com a filha, que as vezes enfiava-lhe o braço direito, dando o esquerdo a Mario.

Aproveitando-se da confusão, o conselheiro se

deixára ficar atraz com D. Alina que lhe disse algumas palavras entrecortadas de reticencias, e banalidades trazidas pelo receio de que a escutassem.

— Já reparou na Alice ?... E' preciso que o barão ponha cobro a isso ; elle faz todas as vontades a filha ; e quando menos pensar está a menina casada com o Mario.

— Acredita nisso, D. Alina?

— Pelo geito que vão tomando as cousas.

— Não tenha receio.

— Em todo caso a gente não se deve descuidar. O senhor é meu advogado...

— Sem duvida !

— Que prazer não teria eu si no mesmo dia se fizessem aqui dous casamentos, o de meu Lucio com a Alice, e o de sua Adelia com o Frederico. Mas si por infelicidade um desmanchar-se...

—Entendo D. Alina. ! disse o conselheiro com um sorriso.

Tinham chegado ao quadrado cuja frente illuminada esclarecia o terreiro. A um lado por baixo de um toldo vermelho estavam arrumadas as cadeiras trazidas da *Casa grande* para dar assento ao barão e seus convidados.

O geral dos escravos trajava suas roupas de festa; havia porém uma porção delles adornados com trajos de fantasia, uns á moda oriental e outros conforme os antigos usos européos; mas tudo isso de uma maneira extravagante, misturando roupas de classes e até de povos differentes. Assim não era raro ver-se um cavalleiro portuguez de turbante, e um mouro com chapéo de tres bicos.

Depois da algazarra formidavel com que foi saudada a chegada do Senhor, começou o samba, mas sem o enthusiasmo e frenezi que distingue essa dansa africana, e lhe dá uma semelhança do mal de S. Guido; tal é a velocidade dc remexido,e redobre das contracções e trejeitos, que executam os pretos ao som do jongo.

A presença dos brancos impunha certo recato: do qual se pretendiam desforrar apenas se retirasse o senhor, e se desarrolhasse o garrafão escondido debaixo do balcão de ramos.

O conselheiro que não perdia occasião de angariar as sympathias dos fazendeiros de quem dependia a sua reeleição fez um discurso a respeito do trafico.

— Eu queria, disse elle concluindo, que os philantropos inglezes assistissem a este espectaculo, para terem o desmentido formal de suas declamações, e verem que o proletario de Londres não tem os commodos e gozos do nosso escravo.

— E' exacto; disse Mario. A miseria das classes pobres na Europa é tal, que em comparação com ellas o escravo do Brasil deve considerar-se abastado. Mas isso não justifica o trafico, o repulsivo mercado da carne humana.

— Utopias sentimentaes !...

— Perdão ; eu comprehendo que nos primeiros tempos da colonisação o trafico fosse uma necessidade indeclinavel. A sociedade humana não é uma republica de Platão ; mas um ente movido pelos instinctos e paixões dos homens de que se compõe. Eram precisos braços para explorar a riqueza da colonia; o europêo não resistia ; o indio não sujeitára-se ; comprâram o negro : mais tarde o trafico tornou-se um luxo, e produziu um mal incalculavel porque radicou no paiz a instituição da escravatura.

O conselheiro ouviu desdenhosamente ao mancebo ; e longe de mostrar-se benevolo pelo joven

talento, ralava-se, vendo outrem disputar-lhe a attenção, que até então lhe pertencia exclusivamente. Pensando no que lhe dissera D. Alina ha poucos instantes, o nosso publicista considerou grave a situação.

—E' muito capaz de apresentar-se candidato na proxima eleiçao ! murmurou comsigo o Sr. Lopes.

Entretanto o barão retirava-se com os convidados no meio dos applausos e saudações dos escravos que formando alas os acompanhavam até a *Casa grande*. Na passagem as pretas mais idosas que tinham visto nascer Alice, e porisso usavam com a menina de certa familiaridade, dirigiam-lhe estas palavras:

— Agora sim, nhanhã está contente !

— E mesmo; nhô Mario já chegou !

— Festa grande não tarda !

— Batuque de tres dias !

— Benza-os Deos !.. Feitinhos um para o outro!

— E' um anjo com um serafim !

Alice enrubecendo sorriu-se para Mario; mas vendo a expressão de contrariedade que ressumbrava em sua physionomia, reprimiu os gracejos indiscretos levando o dedo á boca.

— Nem mais palavra, sinão fico zangada!

O barão que attendêra ao incidente voltou-se a meia voz para dizer á filha:

— Porque Alice? porque elles desejam que sejas feliz.

Duas pessoas empallidecêram ouvindo estas palavras; Mario e D. Alina. Quanto a Alice, commovida e tremula, estreitou-se ao flanco do pai e lhe murmurou baixinho.

— Que é isto agora, papai?

XI

A ROSA.

Alice e suas amigas brincavam no jardim, umas folgando o jogo dos cantos, outras escolhendo flôres para os remalhetes qne deviam ornar a capella e a ceia do anno bom.

Era dia de S. Silvestre; já tinha tocado uma hora da tarde no sino grande da fazenda.

Lucio de esperto se encaixara no jogo dos cantos, onde as corridinhas, os sustos e os logros lhe offereciam frequentes occasiões de apertar a mão de Adelia, roçar-lhe as espaduas, e cingir-lhe a mimosa cintura, sem que isso causasse o menor reparo. Semelhante confusão é o chiste do jogo.

Alice tendo transformado o Sr. Domingos Paes em nma especie de jarra ambulante, mergulhan-

do-o em um formidavel molho de flôres que elle mal abraçava ; deixou-o no meio do jardim, como um vaso de barro cosido ; e chamou para servir-lhe de parelha ao Frederico. Foi um meio de desembaraçar a amiga da presença do moço, que naturalmente acanhava a ella e ao Lucio.

As duas meninas traziam o mesmo trajo do dia de natal, com uma pequena modificação. Alice sobre o vestido de raminhos verdes deitara um cinto de flôr de alecrim, e Adelia ornara o seu vestido escarlate com laços de fita verde.

A chegada de Mario transtornou completamente o bem combinado plano. Alice contente por ver seu companheiro de infancia não occupou-se mais sinão delle. Frederico aproveitando-se da distracção da moça, accumulou sobre o Domingos Paes a sua carga de flôres, e voltou ao jogo, pelo que Lucio retirou-se, agastado com Adelia por não fazer outro tanto.

Desde alguns dias, Mario andava arredio da familia do barão e da sociedade reunida na *Casa Grande*.

Pretestanto o desejo de visitar os sitios que vira outrora, na infancia, e percorrer os arre-

dores, pouca ou nenhuma parte tomara nos folguedos e divertimentos em que se passara o intermedio do natal ao anno bom.

Imagine-se pois qual devia ser o contentamento de Alice vendo apparecer o moço no jardim. Correu a seu encontro desfeita em risos e tão alvoraçada de prazer, que não reparou na estranha phisionomia que tinha Marío naquelle momento. Sob a mascara polida que a educação impõe ao homem da boa sociedade; via-se bilhar em seus olhos o livido lampejo da tormenta, e borbulhar em seus labios a gota de fél.

— Já sei que vem me ajudar á fazer um ramalhete para esta noite! De que hade ser, de violetas ou de cravos brancos?

—O Sr. Frederico é mais proprio para essa tarefa. Não quero usurpar direitos alheios!

O tom, mais do que as palavras, feriu o coração de Alice, magoada pelo frio desdem com que Mario lhe respondia.

— Enfadou-se comigo?

— Enfadar-me por tão pouco.... Não senhora; era preciso que não tivesse outras cousas e bem serias para occupar-me o espirito.

Ditas estas palavras, o moço affastou-se de Alice com uma cortesia delicada mas glacial, e aproximou-se do lugar onde brincavam os quatro cantos. Recostado ao tronco de uma arvore, entreteve-se durante algum tempo em ver o folguedo, trocando algumas palavras, com Adelia e Frederico.

A filha de D. Luiza á pouco e pouco tomou interesse na conversa do moço e deixando o jogo veio sentar-se no banco de relva proximo á arvore onde elle se apoiava. Mario, até então sobrio na conversação e reservado no trato, revelou nesse dia a vivacidade de seu espirito e a distincção de suas maneiras. Contou impressões e curiosos incidentes de viagem com uma fraze singela e amena, que a todos encantava.

Adelia, sorpreza da preferencia que lhe dava o engenheiro, mostrava-se em principio acanhada ; mas a pouco e pouco attrahida pelo prazer da conversação, correspondeu ás delicadas attenções do moço ; pelo que Lucio e Frederico se afastaram arrufados.

Entretanto Alice continuava maquinalmente na sua colheita de ramos, observando de parte a conversação animada dos dois moços. Ainda possuida

pelo assombro que lhe causaram os modos extranhos de Mario; a menina perdia-se em conjecturas sobre a rasão dessa brusca mudança. Teria o moço levado á mal que ella chamasse o Frederico para segurar as flôres junto de si?

Na esperança de apagar do espirito do moço aquella sombra de ressentimento, qual fosse a causa, a menina fasendo uma volta pelos alegretes do jardim, aproximou-se hesitando do banco onde estava Adelia sentada.

A filha de D. Luiza que fazia os ultimos gastos da conversa animada que tivera com Mario, continuou sem interromper-se, ou porque não se apercebesse da presença da amiga, ou por não receiarse de ser ouvida.

— Já vae? perguntava ella com certa inflexão entre carinhosa e zombeteira, cheirando uma rosa que tirou do decote.

— Si me demorar mais tempo, póde haver alguma catastrophe: respondeu Mario sorrindo. Felizmente não está admittido entre nós o uso do duelo, o grande recurso dos romancistas, sinão podia gabar-me de ter neste quarto de hora arranjado uns dois pelo menos.

— Que pena ! E fico eu sem esse triumpho ?

— Não lhe faltarão outros mais explendidos.

— Nenhum vale este ! acodiu Adelia brincando com a flôr e roçando as petalas nas faces.

— Depois desta, vou-me decididamente embora.

— Pretende se eclipsar de novo deixando-nos ás escuras, como estes dias passados em que ninguem o viu á não ser no jantar e isso mesmo de relance ? Onde andou todo esse tempo ? Passeiando.... só ?.... perguntou Adelia com o mesmo tom de maliciosa affabilidade.

Mario ficara pensativo.

— Passeiando ; repetiu elle quasi maquinalmente.

— Tanto lhe aborrecem as nossas reuniões, que o senhor prefere ver os mattos ! Pela minha parte agradeço-lhe a fineza.

— Nem sempre, D. Adelia, é essa a causa de nos affastarmos.

Estas palavras foram ditas com uma entonação profunda.

— Qual é a outra ? inquiriu a moça reparando na expressão de Mario.

— Algumas vezes é ao contrario o terror de uma seducção funesta, que nos faria esquecer os mais santos deveres. E' preciso então fugir, abrigar-se no seio das florestas, no regaço das recordações da infancia, nesse berço de nossa alma, onde a natureza a acalentou nos primeiros annos da vida. E' preciso ver os sitios e os objectos que foram nossos camaradas de infancia, com quem brincamos, e que, amigos leaes, guardaram puras e intactas as nossas confidencias pueris, o segredo de nossas paixões de menino. Parece com o exilado quando volve a patria, esse homem que remontando o curso da vida se transporta aos dias de sua infancia e....

Subito, Mario que se deixara arrebatar pela expansão de um sentimento recalcado no intimo, soffreou a palavra e tornou a si daquellà emoção. Outra vez o toque do jovial galanteio se derramou pelo semblante do moço.

— Não procure pois outro motivo. Foi com medo da tentação que me escondi. E veja si não tinha razão? A' que tempo estou para ir-me embora e sem animo de afastar-me ?...

Adelia tomada pela expressão grave que ressum-

brava na phisionomia do mancebo, emquanto elle fallava de sua infancia, deixára inadvertidamente resvallar entre os dedos a rosa com que antes brincava. Despertada pelo novo gracejo, respondeu com um sorriso :

— Então sempre cahiu na tentação ?

— Como resistir, si estou preso por este condão. Veja ?

E Mario mostrou na gola do fraque, preza á casa do botão, a rosa que elle havia rapidamente apanhado do chão aos pés da moça.

Um som indeffinivel, como de um soluço ou gemido suffocado. escapou-se dos labios de Alice, envolto em um riso angustiado. A menina sentira trincar-lhe o coração o dente de um aspide, ao ouvir as ultimas palavras de Mario ; com a vista escura pela vertigem, foi obrigada a segurar-se ao ramo de um arbusto para não cahir.

Antes que os outros se apercebessem de seu abalo, a menina fazendo um esforço recuperou, não a calma, porém a resignação.

— Fica, Adelia ? perguntou á amiga com um timbre doce, mas triste.

— Não ; vamos todos.

— Com licença ; disse Mario indo-se

Alice vendo affastar-se Mario, sentiu um contentamento inexplicavel, no meio da tristeza que se tinha derramado em sua alma. Lembrou-se que separando-se della embora, o mancebo affastava-se de Adelia; e portanto naquelle momento ao menos não trocariam os olhares e sorrisos que ella observara.

XII

RESURREIÇÃO.

Era impossivel a Alice atinar com a causa da subita mudança de Mario.

O proprio mancebo, si o interrogassem, talvez não conseguisse explicar a revolução profunda, que durante os ultimos dias se tinha operado em seu moral.

Apartando-se na idade de 15 annos da fazenda do Boqueirão; era natural que a impressão dos lugares onde passara a infancia, fosse a pouco e pouco diminuindo em seu espirito adolescente; e com essa impressão as recordações das travessuras e despeitos de sua meninice.

O que a ausencia começara, completou a curiosidade soffrega de uma intelligencia vivaz, trans-

portada repentinamente da solidão de uma fazenda ao bulicio de uma grande cidade, como o Rio de Janeiro. O aspecto dessa aglomeração de casas e povo; o tumulto incessante das ruas; a exhuberaneia febril da vida á pullular em toda a parte, pelos mil poros da grande praça mercantil; aturdíram o menino, por modo que durante muitos mezes seu espirito sentiu um como azoamento.

Mal se ia habituando ao constante borborinho que o cercava e fervia dentro no proprio collegio frequentado por cerca de trezentos alumnos; quando occorreu o fallecimento de D. Francisca, victima da molestia de peito que padecia desde annos.

Apesar de seu genio secco e rispido, Mario amava estremosamente sua mãi. Sem estrepito, nem manifestações ruidosas, curtiu a dôr da perda que soffrera. Talvez não o vissem lamentar-se ou soluçar no dia da noticia; porém muito tempo depois, ainda o menino de vez em quando sentia os olhos molharem-se de repente, e um suspiro cortar-lhe a voz.

A morte de D. Francisca determinou uma resolução, que veio a influir na existencia de Mario.

Tendo-se incumbido do futuro do menino, o barão lembrou-se de manda-lo a Europa, afim de concluir seus estudos em um collegio francez. Por ventura esperava elle que a residencia por muitos annos em um paiz estrangeiro, e a influencia de idéas e costumes diversos, gastariam no caracter de Mario certas asperezas, e apagariam no seu espirito vagas suspeitas que lhe tinham imbuido em tenros annos.

Passando da capital do imperio á capital do mundo, teve o menino segundo e talvez maior aturdimento. A grande cidade, hoje manietada pelo inimigo e prestes a baqueiar, estava então na intensidade de seu fulgor. Nenhum estrangeiro penetrava nesse grande foco da civilisação, que não soffresse um deslumbramento.

Mario, adolescente ainda, tolhido não só pelo natural acanhamento da idade, como pela vigilancia dos correspondentes; não podia conhecer as delicias dessa voluptuosa Babylonia, cuja devassidão a cholera celeste se preparava á punir, suscitando o velho espirito germanico do pó daquella terra, donde sahiram outr'ora os demolidores de Roma.

Todavia a electricidade moral dessa athmosphera communicava-se a alma do menino e produzia nella choques e repercussões intimas que brandiam as fibras mais reconditas de seu organismo. Elle não via, mas pressentia, que em torno de si agitava-se o tropel de uma civilisação chegada ao apogeu.

Succedeu o que esperava o barão. Um espirito joven, ao despontar da juventude, não podia resistir a abalos, capazes de subverter uma alma já adulta e um caracter formado. Desprendendo-se da primeira quadra de sua infancia; talvez sopitando-a apenas; o menino foi se moldando pelo exemplo da nova sociedade em cujo seio vivia, e pelo influxo dos conhecimentos que rapidamente adquirira; porque sua intelligencia como a semente cheia de seve; cahindo na leiva na civilisação, começara logo a pulular com viço admiravel.

Mais tarde, já passados os dezoito annos, depois que a vida do homem transpõe esse breve limbo que separa a mocidade da adolescencia: quando o homem apenas surgido das illusões, attonito de si mesmo, coteja-se como o menino que era hontem, e a creança que foi outr'ora; nesses momentos de

ascultação d'alma, as reminicencias dos primeiros annos refluiam de chofre ao coração de Mario, e submergiam por instantes as impressões da vida parisiense e as preoccupações do moço estudante.

Essas evocações de um passado que parecia extincto vinham involuntariamente; e muitas vezes por um singular contraste em occasiões que pareciam mais proprias para impedi-las. Em uma festa; nos theatros e passeios mais frequentados; no meio dos ledos ruidos da multidão em jubilo; o pensamento isolava-se-lhe irresistivelmente desse mundo repleto de commoções e prazeres para ir em demanda daquelle canto obscuro, que fôra o ninho de sua alma implume.

Despertando afinal, Mario sentia sempre, como dissera a Alice, um desgosto profundo. Aquella introversão vascolejava-lhe o fel dentro d'alma. O mancebo de animo generoso e delicado revoltava-se contra o genio irritavel e rustico do menino que tinha sido. Muitas vezes corou de vergonha recordando alguma pirraça mais censuravel de seus primeiros annos.

Tinha elle o direito por simples e vagas suspeitas, de odiar o barão a quem devia a subsistencia

de sua mãi e sua? Não era indigno d'elle que aproveitava do beneficio, em vez de se ennobrecer pela gratidão, ao contrario se rebaixar por um despeito insultante? Fôra justo além disso estender a culpa, si culpa houvesse, á toda a familia desse homem, e até a uma innocente menina, a um anjo que o estremecia, como á irmão, e a quem elle proprio Mario apesar de sua arrogancia queria bem?

O estigma que o mancebo inflingia á sua infancia era nimiamente severo, mas elle achava-o justo. O que o dominara naquelles primeiros tempos, não fôra o respeito e amor á memoria paterna; mas inveja de ver possuida por outrem uma riqueza que elle acreditava pertencer á sua familia.

Entretanto não se deixava o passado condemnar sem reagir com energia. Uma voz intima, submissa, vaga, mas incessante como o estalido da filtração que mina gota a gota do coração do rochedo; voz de mofa, importuna e ironica, murmurava-lhe:

— Chamas inveja á repugnancia que a virtude experimenta pelo crime; grosseria, ás repulsas da dignidade ultrajada; loucura, ás angustias e tri-

bulações de uma criança, forçada pelo desamparo a acceitar a subsistencia da mão que talvez assassinou-lhe o pai e a receber como esmola humilhante as migalhas de uma riqueza que talvez lhe foi roubada! Não ha duvida! o Sr. Mario Figueira civilisou-se! Adquiriu essa admiravel sciencia que ensina a ir com o mundo; a acceita-lo como elle é realmente, e não como o sonham os moralistas. O barão, alma de tempera antiga, typo raro da amizade, lembrado dos beneficios que devia a José Figueira, se disvella em proteger o filho de seu amigo. E' essa a realidade da situação. Porque pois o Sr. Mario Figueira não hade affagar um tão nobre e generoso patrono, e tirar delle todo o proveito possivel emquanto não apparece causa melhor? Si no futuro se descobrir que o barão espoliou com effeito a seu amigo, melhor, porque restituirá o que roubou; si nada se descobrir, ao menos não se perdeu tudo!

Debalde porfiava Mario por suffocar essa voz sardonica, ou com as elocubrações do estudo ou com o torvelinho do baile; o latejo da consciencia batia dia e noite á todo o instante como a pulsação de uma arteria. Só depois de algum tempo quando se apla-

cava o tedio deixado pelas recordações da infancia, calava-se o echo do passado.

Semelhantes crises com o correr do tempo se tornaram mais raras e no ultimo anno da estada do mancebo em Pariz não se reproduziram; ou porque o tempo gastasse aquella corda d'alma; ou porque as preocupações de estudos mais graves e da proxima volta á patria, lhe tomassem todo espirito por forma que não deixava presa para outros cuidados.

Tendo obtido o bacharelado em engenharia, como tres annos antes o obtivera em lettras; Mario regressou a final ao Brazil depois de uma ausencia de cerca de sete annos.

O alvoroço de rever a patria, que alias era uma desconhecida para quem a deixára menino e vindo de uma fazenda do interior; o attrativo das festas do natal em que elle, quazi estrangeiro, farto dos bailes e divertimentos parisienses, achava o encanto da novidade e um perfume ingenuo e agreste que penetrava-lhe os seios d'alma; o acolhimento da familia que o recebeu como á um filho, e mais que tudo a affectuosa ternura de Alice, tratando-o com a meiguice respeitosa de uma irmã pelo irmão

mais velho ; essas doces emoções, absorveram tanto a existencia do moço nos primeiros dias, que seria impossivel ás recordações surdirem do jazigo do coração onde estavam acamadas desde tanto tempo.

Mas de repente começou Mario a sentir as vibrações do passado ; e era a voz carinhosa de Alice, que sem o saber feriu n'alma de seu camarada de infancia aquellas teclas dolorosas. A ingenua menina obedecia á necessidade de expansão, irrisistivel depois de tão longa ausencia. Todas as saudades que durante sete annos ella tinha escondido em seu coração de menina; agora desfraldavam as azas e borboleteavam em sua imaginação, affagadas pelo doce alumbre da esperança.

Mal sabia ella que essas recordações, si eram em seus meigos sonhos, sylphos de azas douradas, se transformavam para Mario, em vespas que pungiam-lhe os seios da alma. Por diversas vezes o mancebo soffreu aquelle intimo remordimento, e conseguiu abafa-lo, até que a insistencia de Alice no pomar arrancou-lhe, máo grado, a revelação da luta que desde muito se travara nelle, entre o presente e o passado ; entre o homem e a criança.

A gazil affabilidade de Alice e sua gentileza,

tinham já serenado o espirito de Mario, quando por occasião do batuque dos pretos, um incidente veio exacerbar todas as nobres susceptibilidades dessa alma. Foram as alluzões feitas pelas negras velhas ao casamento de Alice com elle; facto que ellas tinham como certo e proximo. Foi a tolerancia com que a familia desde seu chefe deixou passar aquella indiscreta liberdade. Mas sobretudo, impressionaram ao moço as palavas que o barão deixara escapar nessa occasião.

Affigurou-se á Mario que seu casamento com Alice era um projecto já resolvido pela familia, e divulgado entre os estranhos, ignorado unicamente por elle de cujo destino dispunham sem darem-se ao trabalho, não só de consultal-o, mas até de prevenil-o. Contavam com seu consentimento, como cousa infallivel. Um moço pobre, educado por caridade, sem arrimo nem futuro, podia nunca recusar o mais rico dote daquelle municipio quando lh'offerecia de mão beijada e com uma noiva tão bonita?

Esta supposição, alias em boa parte inexacta, trabalhou o espirito do mancebo durante o resto da noite. Por mais que fizesse para corresponder

ás effuzões de Alice, partilhando seu contentamento; embora se atirasse á dansa com o sentido de atordoar-se, não lhe sahiam da mente aquellas repugnancias, que ahi se tinham insinuado.

No dia seguinte Mario ergueu-se ao romper d'alva. A noite fora para elle de insomnia: passara-a revolvendo o corpo no leito, e o pensamento nas cinzas do passado. Devorava-lhe o seio uma sede immensa de luz, de espaço, de movimento.

Desceu no jardim; sem intenção formada, levado por um forte impulso, fez uma longa excursão pelos matos e campos, visitando os sitios de que tinha guardado a lembrança; reconhecendo outros que havia de todo esquecido; notando as mudanças operadas durante a ausencia nos objectos seus conhecidos. Aqui era um tronco morto que o fogo abrazara; ali um arbusto que se fizera arvore.

Deu-se então um phenomeno mais commum do que se pensa; uma especie de ressurreição moral. Quantas vezes a indole natural do individuo, sopitada pela educação, tolhida pelas circumstancias, não resurge mais tarde com extrema vehemencia?

Ao contacto daquellas devezas, no fundo desses campestres, Mario sentiu que outro ser, differente,

crescia dentro do seu, insinuava-se pelos refolhos d'alma, e tomava posse delle ; e este ser não era senão o do orphão que outr'ora ali vivera.

A alma desse menino ficara em hybernação no seio daquelle sermos; e dispertando agora depois de longos annos de entorpecimento, voltava á animar o corpo onde outr'ora habitara. Mario a bebia a tragos, no ambiente que inspirava, na fragancia das flores, nos estos da brisa, nos borbotões da luz que jorráva no espaço.

O dia inteiro, o mancebo passou-o no campo ; almoçou fructas do matto como tantas vezes fizera outr'ora ; e em vez de jantar merendou na cabana de Benedicto.

Quem nessa noite se recolheu á *Casa grande* não foi o joven doutor chegado ultimamente da Europa; mas o orphão de outr'ora com todas as suas paixões.

XIII.

O PATO.

Estavam todos reunidos á espera do jantar, quando entraram Alice e Adelia.

O vigario, que da janella espreitava essa occasião solemne, promoveu dois passos até o meio da sala; collocando-se em frente da porta onde assomavam as duas moças; ahi as fez parar com um gesto amplo, e bateu palmas para concitar o silencio e a attenção geral.

Afinada a garganta e preparada a posição pindarica, o vate fluminense, erguendo a mão rochonchunda, com o polegar e o indice apertados foi desfiando o seu verso:

Entre as florinhas mimosas
Que brilham neste jardim,
São tidas por mais formosas
Este cravo, este alecrim.

— Bravo! brsvo! gritaram de todos os lados.

O Sr. Domingos Paes que tinha preparado essa ovação para entrar nas boas graças do vigario, fez um barulho infernal, pois tanto batia palmas com as mãos, como pateava com os pés ; e por fim, não contente com o estrepito que produzia, tocava piano por um modo original. Sentava-se no teclado e erguia-se á similhança de nm deputado neutro, que desejando estar bem com o deus-governo, e com o diabo-opposição, procura resolver com as ancas o que não comporta a cachola; o difficil problema de votar por um e outro, a contento de ambas as partes.

Ao toque da si neta, que o Martinho tangia com verdadeiro *brio*, o rumor não se aplacou; mas rolando como o ribombo de uma salva foi perder-se na sala de jantar, onde os convidados já começavam a rodear uma longa mesa de cincoenta talheres carregada das iguarias mais finas da cozinha brazileira.

O vigario, infunado como um perú de roda foi-se repimpando na cadeira de honra á esquerda da baroneza que tinha á sua direita o conselheiro, eclipsado nesse dia pelo triumpho poetico do nosso reverendo. Mas o Cicero parahybano não se deixava abater com qualquer revez; e nesse momento mesmo ruminava o discurso de uma saude com que procurava desbancar em prosa o verso rançoso do arcade vassourense.

O lugar habitual de Mario era entre Alice e Adelia. Como porém elle a pretexto de passeio faltasse duas vezes nos ultimos dias, o Lucio e o Frederico, aproveitando-se daquella sinalepha encartavam-se á maneira de virgula.

Fazendo-se de desentendido o Frederico já se apoderava da cadeira reservada, quando Alice observou-lhe:

— Este lugar é de Mario.

— Ah! é verdade; como estava distrahido; acodiu o moço levantando-se.

— Mario!... disse Alice com uma doce exprobração no olhar.

Mario já se tinha sentado á esquerda de Adelia:

— E' uma ordem? perguntou o moço gracejando.

Mas dentro do sorriso que envolvia sua fineza. sentiu Alice o dardo de uma ironia cruel.

Não respondeu.

— Então!... disse o Frederico preparando-se para tomar a posse embargada.

— Perdão! atalhou Alice. Sr. Domingos Paes?

— Prompto! exclamou o compadre com a pontualidade da disciplina militar.

A voz porém era surda porque rompia a custo entre a massa compacta a que já estava reduzida na boca do cometa, uma meia duzia de azeitonas com duas colheres de farinha, e a moela torrada de um frango. O compadre conhecia o valor ao tempo, sobretudo na mesa; e por isso ia debicando nas proximas tarrinas para dissipar uns agastamentos de estomago produzidos por flatos, que se exacerbavam com o vacuo.

— Faça favor de sentar-se aqui para trinchar o pato! disse Alice. Esse lugar fica para o Sr. Frederico.

O pato a que se alludira estava bem distante; mas o Martinho á um aceno da nhanhã foi busca-lo e o substituiu á torta collocada em frente do lugar primeiramente destinado para Mario. Depois, por

uma evolução habil, Alice aproveitando-se da confuzão passou Adelia para sua direita, e collocou o Sr. Domingos Paes á sua esquerda. Assim não ficava ella ao lado de Mario; mas tambem não o deixava junto de Adelia.

O compadre sentou-se, lançando um olhar fulminante ao pato frito, que trescalava diante delle no prato de travessa. Condemnado a trinchar em todos os banquetes esse palmipede; o Sr. Domingos Paes suava pelo topete antes de acertar com as juntas da aza ou da coixa. Em sua opinião, mais adiantada que a Buffon e Cuvier o pato era um animal inteiriço, feito de um só osso.

Succedia quasi sempre algum desastre no trincho da ave; ou era o molho que se entornava pela toalha e salpicava o vestido de alguma senhora, ou eram copos e garrafas quebradas pelo safanão do garfo, ou finalmente alguma tremenda cotovelada no nariz do vizinho.

Provinha dahi o rancor profundo que o Sr. Domingos Paes votava á raça dos patos. Elle não via um desses malditos palmipedes que não se possuisse de furor; e sem duvida mataria o infeliz, si não o horrorisasse a só idéa de que seria talvez con-

demnado ao supplicio de trinchar o cadaver de sua victima.

Não deixava por isso o Sr. Domingos Paes de enterrar-se no pato, quando achava occasião; ao contrario tinha um prazer indizivel em devorar as carnes do inimigo e trincar-lhe as entranhas. O compadre começava sempre arrecadando como previlegio seu, o coração, a moela e o figado da ave, que o cozinheiro pregava na titella com um palito de rosetas, reunindo o util ao agradavel; bocado saboroso que era considerado pelo trinchante como uma especie de propina do officio.

Entretanto, os convivas depois da primeira investida ao banquete, começavam a moderar o ardor e denodo. Até então, entre o tinir dos pratos, o trincar dos garfos e facas e o resmoer dos dentes, não se ouvia mais do que a garrulice das moças, e as breves exclamações com que os gastronomos costumam adubar as iguarias. Agora porém a conversa já rolava ao redor da mesa, embora ainda lenta e mastigada de envolta com os ultimos bocados.

O assumpto geral em varios pontos da mesa, era o elogio posthumo das viandas já saboreadas;

e os louvores antecipados das mais lindas peças da segunda coberta. O conselheiro fez um discurso enciclopedico á respeito da arte culinaria, comparando entre si as maneiras de preparar os manjares uzados pelas diversas nações : e no meio de um frouxo de erudicção, que deixou embasbacados os roceiros, referiu diversos factos historicos, e entre outros o de D. João VI que durante a sua residencia na côrte no Rio de Janeiro gastava com a ucharia apenas a migalha de um conto de réis por dia.

Ouviu-se um suspiro abafado. Era do Sr. Domingos Paes, que lamentava não ter nascido vinte annos antes para ser compadre do mordomo-mór de um rei, que tão sabiamente comprehendia este mundo.

O juiz municipal sentado defronte de Mario, tinha travado conversação com elle ; e saltando de um a outro assumpto, dizia-lhe naquelle momento:

— O doutor naturalmente volta para a côrte?

— Não sei ainda ; respondeu Mario.

— Com seu talento e seus conhecimentos não deve enterrar-se na roça. Seria estragar um bello futuro.

— Então á saude do *futuro* ! exclamou o Sr. Domingos Paes erguendo a cabeça e virando o copo. E' aqui o da D. Adelia? Sr. vigario, ao bello futuro !

— Está muito sahido ! acodiu Adelia corando. Póde beber quantos copos quizer ; não precisa de pretexto....

— Desculpe ; eu cuidei... balbuciou o compadre percebendo que fizera um trocadilho, ou antes um disparate.

— Qual futuro? perguntou o vigario :

— O futuro passado ! disse Lucio apontando para o compadre, saudado com uma gargalhada geral dos rapazes.

— Na côrte, continuou o juiz, atando o fio ao dialogo ; não lhe faltarão empregos, sobretudo agora que o nosso governo está tratando seriamente dos melhoramentos materiaes.

— Os empregos são difficeis ; e além disso não os pretendo.

— O Sr. Mario gosta mais da fazenda ! insinuou Adelia com um sorriso malicioso.

— Não é esta a razão, D. Adelia. Aquelles que já não tem familia para lhes prender a alma á

algum canto de terra; vivem bem em qualquer parte que lhes determina o dever ou mesmo o interesse.

— Eu sou assim! observou o Domingos Paes, aproveitando o intervallo da mudança do talher. Passo tão bem aqui na fazenda, como na villa em casa do compadre barão!

Alice receiou que as interrupções do compadre lhe impedissem de ouvir as palavras de Mario.

— Faça favor de trinchar o pato, Sr. Domingos Paes, disse ella.

— Ah! é verdade. Mas falta o trinchante.

— O senhor naturalmente sem querer o escondeu em baixo da toalha! disse Adelia.

— Ora que distração!

O compadre, apunhando a faca e o garfo, de senho torvo e gesto fero ergueu-se na ponta dos pés, e traspassou de lado a lado o ventre recheado do gordo pato.

— Então, dizia o juiz admirado; não se pertence? Está gracejando!...

— Sua duvida é que me parece um gracejo. Pois ha neste lugar quem ignore isso? Um homem que desde o berço viveu e educou-se a custo de

outro, representa um capital alheio; é o titulo e a garentia de uma divida.

— Não diga isso, Mario! atalhou Alice ressentida.

— Si é a verdade! O dono do papel em que se escreveu póde julgar-se author do livro? Que sommos nós ao nascer, que era eu principalmente, eu pobre orphão, sinão uma pagina em branco? Algum valor que por ventura eu tenha hoje e que não teria si me abandonassem, pertence a quem me deu os meios de o adquirir.

— Mas ninguem de certo aqui pretende esse direito, Mario! exclamou Alice. Posso assegurar-lhe que todos ao contrario o respeitam.

Não impede essa generosidade que eu cumpra meu dever. Considero-me preso á esta casa e á vontade de seu dono, pelo vinculo de uma divida. Não poderia retirar-me d'aqui por meu alvitre sem expoliar a outrem de sua propriedade.

O moço fitou o olhar em Alice e continuou articulando friamente as palavras:

— O que me pertence, unicamente, exclusivamente, o que não contrahiu compromisso algum, e está livre ainda como Deus a creou, é aquella

parte do nosso ser, que não se submette nem á propria razão; é a alma com suas affeições. Esta sim, posso envia-la onde me approuver, embora o corpo permaneça aqui ou além.

Para todas pessoas que o ouviam, as palavras do mancebo não eram mais do que um thema da conversação, aproveitado por elle para mostrar o seu modo elegante de fallar. Mas para Alice essas palavras tinham um sentido bem claro; e não foi debalde que seu delicado seio sublevou-se, e as lagrimas lhe aljofraram os longos cilios.

Levou a menina rapidamente as mãos ao rosto para esconder as lagrimas e ao mesmo tempo suffocar o soluço.

Sem duvida esse movimento seria reparado, ao menos pelas pessoas mais proximas, si não interviesse bruscamente um dos lances habituaes da scena do trinchamento do palmipede. Desta vez o Sr. Domingos Paes, resolvido á espatifar o inimigo do primeiro assalto, mudou de tactica; tendo cravado o garfo no peito da ave, fez com a faca ponto de apoio na aza e começou á torcer desesperadamente o corpo do pato com esperança de esnocar a junta.

Succedeu que em um dos impetos, a aza escapou da faca, e a mão esquerda resvalando no ar com o impulso, atirou o cadaver do pato á cabeça do conselheiro. O subdelegado com a resolução prompta que pedia o caso, levantou-se, e com um guardanapo fez desapparecer os effeitos da catastrophe limpando das trunfas do orador o molho e as rodas de cebolas que tinham acompanhado o pato. Tão rapido foi o movimento, que o conselheiro não pôde impedi-lo; e quando levou as mãos á cabeça, só achou o craneo liso, pois o chinó lá ia para a cozinha no guardanapo, que o Martinho levava a correr, pensando que tinha dentro o pato.

Felizmente um primo do barão, que se considerava a lingua de prata do logar, tinha se levantado na outra ponta da mesa para propor a saude de seu nobre parente: e na fórma do costume desfiava imperturbavel a propria biographia, com exordio obrigado da apologia do chefe e protector de toda a parentela.

Foi um excellente pretexto para que os circumstantes fingissem não perceber o desastre do conselheiro, e sua retirada ou antes evasão.

XIV.

SOMBRAS.

A esquivança de Mario por Alice e a sua assiduidade com Adelia, continuou.

A menina soffria com isso; mas não era o ciume que a affligia. Passada a primeira impressão ella comprehendeu que da parte de Mario não havia affeição, nem mesmo capricho.

Na calma um tanto inflexivel de que se revestia o semblante do mancebo quando conversava com Adelia, percebia-se o esforço da vontade e não o impulso de um sentimento.

Alice acreditava que o procedimento de Mario era calculado para a desenganar. As illusões que deixara em seu coração a intimidade dos primeiros dias, o mancebo queria desvanece-las logo de todo,

afim de que nenhuma esperança viesse atea-las de novo.

Não se enganava ella nessas conjecturas; porém seu olhar não podia prescrutar todos os refolhos d'alma do amigo de infancia. Havia além daquelles motivos, um contra o qual a propria consciencia do mancebo se revoltava. Elle sentia um prazer cruel fazendo soffrer essa gentil menina.

Não era ella a fibra mais sensivel d'alma do barão, o unico ponto do coração em que elle podia ferir á esse homem rico, feliz e estimado?

Algumas vezes tão mesquinha vingança revelava-se ao espirito lucido do mancebo em toda sua odiosa nudez: e então elle indignava-se contra si mesmo. Mas um pensamento vinha attenuar a vergonha que essa revelação lhe inspirava. Tambem elle soffria, e mais do que ella; porque soffria por ambos.

— Eu não a amo de certo; dizia elle comsigo; mas sinto que a amaria, si não fosse esta horrivel suspeita!....

Entre aquellas duas almas jovens, ricas e generosas, que o amor attrahia e a fatalidade separava; não era de certo a de Alice a mais provada

pela desgraça. Ver murchar a esperança que nosso coração affagou desde a infancia, é triste sem duvida, mas não se compara com os transes da subversão que dilacera uma alma, como o terremoto revolve o solo.

Quando Mario se lembrava dos muitos beneficios que devia ao barão, tinha assomos de desespero; parecia-lhe que aceitando aquella generosidade elle se tornara cumplice do crime de que fôra victima seu pai. Que não daria então para repellir de si quanto recebera daquelle homem? Ficava reduzido a um labrego sem educação; e vingar-se-hia como costuma gente dessa condição, com um tiro ou uma facada.

Mas não era essa a unica, nem a maior humilhação. As palavras que na noite de anno bom o barão dirigira a Alice, constantemente soavam á seus ouvidos. Não fôra á elle Mario, que o fazendeiro se tinha esmerado em educar, e sim ao noivo de sua filha. Esse casamento ia ser uma expiação; e podia elle sugeitar-se á servir de pretexto ao delinquente para applacar-lhe o remorso de um crime?

Si porém não fosse verdadeira a terrivel sus-

peita que se infiltrava em seu espirito desde a infancia, devia recusar a esse homem a unica retribuição possivel de sua generosidade? Com que direito esmagaria o coração de um pai estremoso e de uma innocente menina que o amava á elle?

Um dia Alice vendo-o pensativo na sala; revestiu-se de coragem e aproximou-se.

— Anda tão triste, Mario?

Essa doce voz entrou n'alma do mancebo como um balsamo.

A linda menina esquecia-se de si, para occupar-se delle unicamente:

— Não sou eu só, Alice! disse o moço tomando-lhe a mão affectuosamente. Vim perturbar a serenidade de sua alma e fanar as flôres da existencia que lhe corria tão feliz aqui neste retiro, no seio de sua familia.

Duas vezes o mancebo passou a mão pela fronte, como si tentasse arrancar uma obsessão que lhe constrigia o cerebro e murmurou:

— Fatal destino o meu! Trazer comsigo o anathema de suas mais caras esperanças! Revoltar-se contra a felicidade que lhe sorri, como o anjo

decahido contra a luz que o cingia! Ser o espirito do mal para aquelles a quem se ama!...

— Porém, Mario!...

— Não, Alice; esqueça o que ouviu!

E o moço afastou-se precipitadamente; com receio de ceder á emoção que delle se apoderava: e á maga influencia do olhar terno e melancolico de Alicé.

Havia momentos em que elle se considerava presa de uma cruel hallucinação, e comparava o seu procedimento com a perversa maliguidade de um louco, deleitando-se em affligir uma creatura innocente, cujo crime unico era a muita affeição e disvello que por elle tivesse! Nèstas occasiões, Mario fugia da menina; não só por certo pejo, como pelo temor de cahir-lhe aos pés e pedir-lhe perdão.

Na manhã em que teve logar o incidente referido, Mario pretestou um incommodo para ficar no seu aposento. Queria evitar por essa fórma um segundo encontro, no qual elle bem sentia que lhe faltaria a coragem para resistir ás queixas da menina.

Vendo Mario fugir della, commovido e precipi-

tado, Alice tomada pela estranheza das palavras que ouvira, não cuidou logo em seguir o engenheiro para interroga-lo: quando se lembrou de o fazer já elle tinha entrado em seu quarto.

Aquella retirada subita, a menina bem a pressentiu; era uma reticencia, que talvez a voz não pudesse guardar. O mancebo, teme que sua palavra máo grado lhe rompesse dos labios, e revellasse o segredo que elle se esforçava por suffocar; apartara-se para não ser ouvido, nem mesmo pressentido. Sem duvida elle receiava-se até de sua phisionomia, que lhe trahisse o mysterio.

Mas esse mysterio lhe pertencia á ella tambem, porque pesava fatalmente sobre sua existencia e lhe arrebatavá a felicidade tão sonhada. Ella se julgava com direito de penetrar na consciencia de Mario; desvendar o arcano; e disputar a esse inimigo ignoto a affeição de seu companheiro de infancia, do escolhido de seu coração.

Para isso não recuaria diante de qualquer perigo, e comtudo parou indecisa ao limiar da porta, que não se animava a transpor. Si a morte guardasse aquella presa, não recuaria; mas era o pudor. A menina retrocedeu depois de longa

hesitação: contrariada pela idéa que mais tarde Mario restabelecido da commoção nada revelaria.

Nas horas que decorreram até o jantar, Alice inventou varios pretextos de arranjos domesticos para passar e repassar diante da porta de Mario. Uma vez parou tremula, como si quizesse entrar, mas fugio logo; outra chamou o mancebo, mas com a voz tão soturna que elle não podia ouvir; finalmente animou-se a bater devagarinho, mas correu assustada do que fizera,

O jantar foi triste.

A ausencia de Mario annuviou ainda mais o lindo semblante de Alice, que era a alegria daquellas reuniões de familia. O barão desde muitos dias que andava preoccupado, seu olhar ungido de profunda piedade e accendido no pranto derramado durante a insomnia; seu olhar inquieto interrogava á miude o semblante da filha querida: depois como si retrahia ao intimo, para derramar ahi nos seios d'alma a lagrima que a vergonha não lhe deixava cahir das palpebras, em face dos extranhos.

A baroneza apezar de sua habitual impassibilidade não se podia esquivar ao contagio da tristeza

que a cercava. Não conhecendo embora as causas da mudança; parecia-lhe que uma desgraça ameaçava a familia.

O conselheiro depois da catastrophe do chinó, andava acabrunhado, e resolvera recolher immediatamente á côrte; projecto que matou as esperanças de Adelia e de seus dois apaixonados, Lucio e Frederico. Quanto á D. Luiza e D. Alina, contrariadas pelo geito que iam tomando as cousas, e receiosas de ver gorados os seus projectos matrimoniaes, estavam de uma impertinencia que o proprio Sr. Domingos Paes, o mais paxorrento de todos os compadres feitos e por fazer, não supportava.

E' verdade que o homem tambem naquelle dia tinha posto as candeias ás avessas para ver se descobria lá por dentro algum expediente que o salvasse. Desde o dia do salto mortal do maldito pato, que o Sr. Domingos Paes não sabia onde se mettesse; é desses casos em que um homem desejaria applicar a si uma figura grammatical, e fazer uma elipse de sua pessoa, para não ser visto, ficando apenas subtendido no almoço, no jantar e na ceia. Todas as vezes que seus olhos cahiam

sobre o respeitavel chinó, este fazia-lhe o effeito da cabeça da Meduza; petrificava-o.

O compadre comia, e talvez mais do que de costume; porém isso mesmo era uma prova das tribulações porque havia passado. A tristeza produzia-lhe uma grande excitação nervosa.

— Sr. vigario; disse o compadre levantando a cabeça de repente: sabe V. Revm. uma coisa?

— Saberei.

— Estou quasi pedindo-lhe para me benzer.

— Porque, homem?

— Não ando bom, não. V. Revm.ª vê que tudo que eu faço sae torto; aqui andam artes do maligno!

Foi interrompido pela voz do barão:

— Estão todos tão calados? Que é isto, meus senhores. Compadre Domingos Paes; vamos lá, uma saude cantada!...

As palavras do barão, truncadas na pronuncia, sahiam-lhe dos labios por uma reacção nervosa. Percebendo uma lagrima que despontava nos olhos de Alice, fizera um esforço para arrancar a filha ás scismas dolorosas em que se absorvia, e suffocando a propria tristeza procurou despertar o rumor e a alegria nos convivas.

O Sr. Domingos Paes, apezar da sua hypocondria, encheu até as bordas de vinho do porto um copo d'agua, e começou com um denodo admiravel:

Nossa carne secca
Que vem do sertão,
Os paios, presuntos
Melhores não são !

Depois de repetir duas ou tres vezes essa cantiga nacional que lhe ensinara um paulista, o compadre proclamou o brinde :

— A saude do Sr. major Tavares e do Sr. commendador Mattos, illustres pais de seus filhos !...

Estrondosa gargalhada acolheu o brinde. O desejo do barão não podia ser melhor satisfeito, ninguem se pôde conter; só o Sr. Domingos Paes ficou imperturbavel no meio daquella hilaridade prolongada, procurando lembrar-se dos nomes dos filhos dos dois personagens.

Entretanto o major e o commendador cada um de seu lado riam-se para não parecerem que davam o cavaco; mas estavam furiosos porque entendiam lá de si para si que o brejeiro do compadre quizera por aquelle meio alcunhar a um de *carne secca* e ao outro de *paio*.

Os cochichos, os risinhos sumidos, os olhares trccados, puzeram as orelhas dos dois personagens e de seus filhos a arder; de modo que o Sr. Domingos Paes levantou-se da mesa com quatro inimigos.

O compadre decidiu fazer-se exorcizar essa mesma noite; e caso o vigario não se prestasse a ceremonia punha-se de molho na pia da capella.

XV.

A CAIXINHA.

Do jardim, onde passavam a tarde a familia e seus hospedes, Alice afastando-se com o pretexto de ver uma muda de flôr, ganhou o fim da cerca.

Dahi avistava-se por entre as arvores uma das janellas do quarto de Mario. Nesse momento o moço recostado, com os braços deitados no parapeito e a cabeça vergada, pareceria adormecido, si de vez em quando não erguesse o rosto para olhar o céo, onde cintilavam já as primeiras estrellas. Nessa occasião notavam-se em sua phisionomia traços de angustia, que elle buscava dissipar com a contemplação do céo, essa fonte inexhaurivel da luz e orvalhos d'alma.

Alice desta vez sentiu-se arrebatada por uma

attracção irresistivel. Era forçoso que fallasse a Mario ; que lhe arrancasse o segredo d'aquella angustia ; e o consolasse, embora tivesse para isso de renunciar á elle. Custar-lhe-ia a vida o sacrificio; mas sentia-se com a coragem de tenta-lo. Si teria forças para realisa-lo, só Deus o podia saber ; ella receiava que não.

Já tinha um pretexto para aproximar-se de Mario; desde o jantar que o achara. Correu á alcova ; tirou uma caixinha, e chamando a Eufrosina para que a acompanhasse dirigiu-se ao quarto do moço.

Mario ouvindo a voz da menina que o chamava correu a porta :

— E' vôce, Alice ?

— Está melhor, Mario ? perguntou a menina fitando um olhar ancioso no semblante do engenheiro.

— Ficou inquieta por meu respeito ? Obrigado Alice. Não tenho mais nada ; já passou.

— De todo ?

— De todo ; respondeu o moço comprehendendo o pensamento da menina.

— Mas pode voltar !

Um triste sorriso fugiu pelos labios do mancebo, cujo olhos se abaixaram para não verem o semblante inquieto da menina.

Estava aberta á dois passos a porta de uma saleta desoccupada : era um terreno neutro onde ella podia entrar sem o vexame que a inpedira de transpor o liminar do quarto de Mario, depois que o moço o habitava.

— Escute, Mario : disse a menina conduzindo-o para a saleta. Desde sua chegada estou para restituir-lhe o deposito que me foi confiado, e faltava-me o animo. Hoje não sei porque, pareceu-me que não devia conservar por mais tempo este objecto em meu poder. Talvez seja um consolo !... Tome.

A mão tremula de Alice apresentou a Mario uma caixinha que trouxera occulta sob o mantelete de seu vestido de cassa.

O mancebo em extremo commovido não viu o signal de uma lagrima que humedecera a capa de maroquim verde. Elle tinha reconhecido logo uma especie de estojo, onde sua mãi nos ultimos annos costumava guardar seus objectos de maior valor ; os poucos e mesquinhos que lhe permittia a pobreza.

Havia dentro da caixa um cordão de ouro com um coração de coralina, primeiro presente de José Figueira á noiva ; umas argolas esmaltadas, o relogio que Alice dera a Mario havia sete annos ; brincos e collar de vidrilho preto ; finalmente um annel de cabellos.

Foi este ultimo, que primeiro feriu os olhos do mancebo. Levando-o aos labios e beijando-o com respeitosa ternura, Mario fitou um olhar repassado de gratidão no semblante de Alice, cuja mão advinhara nessa delicada lembrança.

— Ella lhe queria muito bem, Mario ; disse a menina com voz doce como um canto celeste. E á mim tambem !...

Mario não disse palavra ; mas seus olhos embebidos nos labios da menina pareciam-lhe pedir-lhe que fallasse, que lhe derramasse n'alma suavidade angelica de suas palavras.

— Ella chamava-me sua filha ; e beijava-me e abraçava-me para matar as saudades que tinha de vôce. Quando recebia cartas suas, lia-as uma e muitas vezes para que eu as ouvisse ; e por uma semana não se fallava em outra cousa, até chegar outra carta, que era a unica novidade da nossa

solidão. Como ficava orgulhosa, quando vinham noticia dos progressos que vôce fazia nos estudos! Então achava um praser extraordinario em descrever o que seu querido Mario havia de ser; e não se enganava!...

— Ella lhe chamava sua filha Alice? disse Mario repetindo como um echo as primeiras palavras da moça. Pobre mãi!

E o moço fitou os olhos na penumbra do aposento, como si ali vira surgir a imagem daquella que nesse momento elle evocava do fundo do coração.

— Nos ultimos tempos, continuou Alice tremula e com a voz balba; nos ultimos tempos, Mario, quando ella presentia que não havia de o ver mais neste mundo, quantas vezes não dizia abraçaudo-me: — Eu morreria feliz, e iria contente encontrar no céo meu marido, si tivesse a certeza de uma cousa. E como eu lhe perguntava...

— Acabe, Alice; instou Mario commovido pelo tremor que embargara a voz da menina.

— Ella me respondia « E' um segredo » E m'o dizia baixinho ao ouvido. Coitada! Depois arrependia-se tanto vendo que me affligia essa idéa

de que ella não havia de ver sua volta e nos abraçar á ambos como fazia antigamente ; E tinha razão; o coração lhe advinhava !

— Mas o segredo, Alice ?... o segredo que ella dizia-lhe no ouvido e que a faria morrer feliz !

Alice hesitou um momento ; depois tornou-se livida como uma estatua de alabastro e sua voz pulsou como um arquejo :

— Era que vôce, Mario, me quizesse tanto bem como ella sabia que eu lhe...

A voz estalou como a corda de um instrumento, vibrada com demasiada força, e a menina apoiou-se para não cahir no borda do consolo, de frente ao qual passava a scena.

— Bôa mãi !.. exclamou o mancebo erguendo ao céo as mãos trançadas. Como ella deve ser feliz então no seio de Deus !....

Alice involuntariamente reunira as mãos supplices no seio, sem comprehender o sentimento que a levava a imitar o gesto do mancebo. Um effluvio de bemaventurança derramou-se por sua phisionomia, que lembrava naquelle momento a face do anjo do amor banhada pelo olhar de Deus.

Quando ella e elle voltaram desse enlevo, seus

olhos timidos se encontraram um momento e fugiram; tinham-se queimado no rubor que abrasava o rosto de ambos. O amor, o verdadeiro e puro amor, é sempre assim, cheio de recato e pudor. O outro, o fagueiro cupido da mythologia, que nasceu de Venus, a deosa da belleza e da seducção, chama-se desejo.

Involuntariamente, Alice, procurando um disfarce para seu enleio, começou a examinar os objectos contidos na caixa. Mario acompanhou-lhe o movimento; e seus dedos tocaram-se muitas vezes. Sentiam nisso um encanto indefinivel; parecia-lhe que a alma da terna mãi, despedida deste mundo os envolvia á ambos, e unia suas mãos pelo vinculo daquellas reliquias.

Nesse brinquedo, Mario descobriu um papel dobrado, que parecia servir de calço ao cordão de ouro. As lettras cercadas de uma orla amarella, indicavam que o escripto era antigo, e apagado em alguns lugares por nodoas lividas que talvez fossem traços de lagrimas.

O olhar de Mario fitando-se no papel desdobrado, tornou-se fulvo. Cobria-lhe o rosto a mascara do escarneo que elle costumava trazer nos ultimos

tempos. Mas desta vez, o odio borbulhava de seus labios com o assomo da ira.

Tranzido com a rapida e incomprehensivel transformação, Alice lançou um olhar ancioso sobre o escripto que encerrava sem duvida algum terrivel mysterio. Mas o mancebo prevenindo seu movimento fechara o papel na mão, e dirigia-se á porta.

— Mario ! exclamou a menina querendo impedir-lhe a sahida.

— Deixe-me ! disse o mancebo com um timbre de voz surda. Neste momento não me pertenço mas aquelles que já não são deste mundo !

Alice que não se animara a rete-lo, ouviu-lhe os passos precipitados que resoavam pelo corredor. Quando o ruido cessou de todo no fim da escada, a menina levou a mão ao seio, que uma dôr lancinante traspassava. Era um presentimento de que desta vez Mario separava-se della para sempre. A fatalidade, essa fatalidade misteriosa de que fallava o mancebo, acaba de romper o elo que os prendia a ambos: suas almas estavam decepadas uma da outra.

Desde esse dia com effeito Mario isolou-se ainda mais; as raras vezes que tomava parte nas reuniões

da *Casa grande*; era para dar expansão ao sarcasmo, e ostentar indifferença, frio desdem pela filha do barão.

Parecia que elle achava exquisito praser em provocar da parte da menina os signaes da affeição mais dedicada, para responder com as provas de um despreso esmagador.

Felizmente para Alice, os hospedes começaram á retirar-se. Restituida ao socego da familia, mas não á placidez de sua vida de outros tempos, a menina sentia-se mais forte contra a desventura e queria habituar-se á ella. Ver Mario, ou quando o não visse, te-lo perto de si; era uma consolação.

Não escapavam ao barão as vicicitudes porque passara a alma da filha na ultima semana. Elle rastreava em seu rosto com ardente sollicitude o traço das lagrimas que fanava-lhe o brilho dos olhos azues, e a pallidez que a vigilia deixava inpressa nas faces tão frescas sempre e tão rosadas.

Talvez porisso o barão esperava com impaciencia que os hospedes se retirassem. Nos annos anteriores era elle quem instava para ficarem o mais tempo possivel; naquella occasião porém a companhia o incommodava; e cada dia de demora traria-lhe uma contrariedade.

Imagine-se pois quanto devia impacienta-lo a chuva torrencial que durante dois dias cahiu em todo aquella zona da Serra do Mar. A innundação do Parahyba que é sempre a consequencia desses alluviões, impediu a partida dos hospedes.

Para distrahir a soffregidão, apenas esteou, sahiu o barão a cavallo acompanhado do administrador, para ver os estragos da innundação. Eram como de costume arvores arrancadas, fossos obstruidos pelo enxurro, e regos profundos cavados pela torrente das aguas.

Proximo a cabana do pai Benedicto, o barão estremeceu, avistando de repente ao longe a sombria face do Boqueirão.

— Que é isto ? perguntou com a voz tropega e o rosto livido.

— A euxurrada levou o muro. Era um poder d'agua, como V. Ex. não imagina !...

— D'agua !... murmurou o barão com um sorriso estranho.

— Agora hade ser preciso levantar outra vez o muro ?

— Sim... sim... respondeu com inpaciencia, fustigando o animal para affastar-se mais depressa.

XVI.

O IMPOSSIVEL.

Um raio de esperança veio brilhar no coração de Alice.

Eram dez horas da manhã. Com a fronte apoiada na quina interior do portal de uma janella, acompanhava com os olhos o vulto de Mario qne atravessava o jardim. Seu lindo seio sublevou-se com o esto da magoa que enchia-lhe a alma; e lagrimas silenciosas orvalharam-lhe as faces.

A *Casa grande* estava emfim viuva de seus hospedes: a festa despedindo-se deixara nella a prostracção e cansaço de prazer. Havia um recolho intimo n'alma dessa habitação, tão cheia sempre de bulicio e movimento.

Mas, além do desmaio, natural depois de tanta

exaltação, percebia-se nessa athmosphera domestica a morna atonia, que prepara a tormenta. Entretanto nenhum dos habitantes da casa, si o interrogassem, poderia dizer o que sentia, pois de facto nada sentia ainda. O que lhes nublava o espirito era essa impressão fugitiva, especie de reflexo de uma luz recondita á refranger-se na consciencia, mas de leve, tão subtil, como os fogos fatuos que rajam as nuvens.

Em sua melancholica attenção não ouviu a menina os passos do pai que se approximara. Um momento esteve o barão commovido a contemplar o bello semblante aljofrado pelo pranto.

— Como tu o amas, minha Alice! murmurou elle enternecido, passando o braço pela cintura da filha para estreita-la ao peito.

A menina soltou um pequeno grito de susto, que suffocou reconhecendo quem lhe fallava; e escondeu envergonhada o rosto escarlate no seio do pai.

— E aquelle ingrato não vê estas lagrimas! continuou o barão com ternura. Mas eu te prometto que muito breve, hoje mesmo, elle virá pedir-te perdão.

Erguendo rapidamente a cabeça, Alice fitou no pai um olhar de muda, mas anciosa interrogação.

— Serás feliz, minha filha !

A menina agitou a cabeça em ar de duvida.

— Não acreditas em teu pai ?

— Como em Deus.

— Pois espera.

O Sr. Domingos Paes, entrava nesse momento um tanto sarapantado conforme seu costume.

— Compadre, disse o barão ; faça-me o favor de dizer a Mario que eu preciso fallar-lhe já, no meu gabinete.

— Estará no quarto ?

— Vi á pouco no jardim.

O compadre sahiu :

— Sabes para que o mandei chamar, Alice ? perguntou o barão sorrindo para a filha.

— Não papai ! respondeu ella palpitante.

— Pois adivinha !

Soltando estas ultimas palavras embebidas no mesmo sorriso carinhoso, o barão depoz um beijo na face da filha, e foi encerrar-se em seu gabinete á espera de Mario.

Entretanto o mancebo, que atravessara o jardim

poucos momentos antes, dirigia-se a mesa do pomar onde na semana passada conversara a sós com Alice. Quasi ao mesmo tempo chegou D. Alina, que viera as occultas e por diverso caminho.

A trefega senhora andava desde a vespera em um alvoroto que apezar da sua astucia lhe era impossivel disfarçar. Com o nariz ao vento parecia farejar um perigo que a fazia estremeçer, e causava-lhe frenezis de raiva.

D. Alina suspeitava pelos modos do barão e por algumas palavras ambiguas da baroneza, que uma novidade estava iminente, e essa novidade não era outra sinão o casamento de Alice com Mario, o que vinha anniquillar o projecto por ella tão afagado de alcançar a riqueza do barão para seu filho Lucio, como uma compensação da herança de que elle fôra escolhido.

Pressentindo esse desfecho, a viuva se entendera com Lopes sobre os meios de conjurar o malogro de suas esperanças, predispondo o barão em favor de Lucio. Confiava ella do conselheiro, que estimulado pelo interesse do casamento de Adelia com o Frederico, se empenharia em ganhar a causa,

que era de ambos; para o que dispunha o deputado de grande influencia no animo do barão.

Mas o Sr. Domingos Paes, com seu desaso desmanchou o plano tão bem combinado. A scena grotesca do pato produziu no conselheiro um abalo terrivel. O novo estadista succumbiu ante as consequencias incalculaveis que daquelle incidente podiam resultar para a sua carreira. Viu seu futuro esmagado pelo ridiculo, esse corrosivo moral a que não resistem as mais solidas reputações; e da qual nem o talento, nem a virtude preservam os caracteres. O ministerio parecia-lhe agora uma rocha inaccessivel; do proprio parlamento, quem sabe si não o expulsariam os sarcasmos dos candidatos rivaes. Para qualquer horisonte que se voltasse, surgia-lhe em face de sua ambição, o demonio do escarneo, e soltava uma gargalhada estridente, que o arripiava até a medula.

Si vivesse actualmente, é natural que o accidente do pato longe de desanimar o homem, ao contrario lhe enchesse a alma de abundancias. O ridiculo hoje em dia é um meio de subir; pois o ridiculo habitua o homem á humilhação, e a humilhação fórma o capitel dessa columna de virtude

politicas que nas altas regiões se chama um estadista. Um ministro que não sabe affrontar o ridiculo, e desconjuntar-se como um manequin, descobre a corôa: é a regra do governo constitucional.

Mas o conselheiro estava em 1857, no tempo em que ainda se guardavam as apparencias; e por isso não é para admirar que pensasse daquella forma. Acabrunhado ao peso do infortunio, enervou-se-lhe a ambição; e a prespectiva de um casamento rico para a filha não teve força para arranca-lo a atonia. Só nutria um desejo, retirar-se daquella sociedade e daquelle sitio que foram testemunhas do desastre.

D. Alina vendo-o partir, conheceu que só devia contar comsigo, e ficou de espreita. Naquella manhã, entendeu que era chegado o momento de dar o golpe; e depois do almoço passando por Mario no corredor, atirou-lhe rapidamente estas palavras.

— Quer saber o segredo de seu pai?

Mario voltou-se de chofre, mas ella afastava-se dizendo:

— Na mesa do pomar!

O mancebo um instante irresoluto, dirigiu-se ao

lugar indicado. Desde que achara o mysterioso papel na caixinha de sua mãi; um só pensamento, uma idéa fixa o dominava. Elle daria tudo para obter a chave do enigma que tinha diante dos olhos, nas poucas palavras escriptas do punho de seu pai, na vespera da catastrophe.

Com effeito o papel apenas continha a seguinte nota:

Commendador Alves Ferreira .	120:000$000
Major Mendonça.	85:000$000
Luiz Vieira.	79:000$000
Capitão Felix.	66:000$000
	350:000$000

Nesse rascunho de um calculo arithmetico trazia Mario o seu espirito concentrado desde a tarde em que pela primeira vez o vira. Aquelle pedaço de papel encerrava sem duvida o segredo, que elle debalde prescruptava desde a infancia. Mas que significação tinham esses algarismos e os nomes collocados em face?

Grande devia ser pois a soffreguidão de Mario, quando elle comprehendeu que ninguem melhor do que D. Alina podia revelar o misterio da ines-

perada pobreza de seu avô, e talvez da morte de seu pai. Desde menino, elle sentia uma invencivel repugnancia por essa mulher; com a razão essa repugnancia transformou-se em desprezo; advinhara que nesse corpo secco morava uma alma ethica e mirrada.

Superando um movimento de repulsão, Mario resolvera aproximar-se dessa mulher e ouvi-la, com o mesmo esforço do medico dedicado, que revolve a sanie de uma chaga para conhecer a natureza do mal e cura-lo.

Quando D. Alina chegava ao pomar, ouvia-se um susurro de vozes, que talvez ainda estivessem longe, mas soavam perto. E' um phenomeno, que se observa commumente no campo, e sobretudo em terreno accidentado, onde o som adquire uma grande expansão e elasticidade.

Julgando destinguir entre o murmurio seu nome estremeceu a viuva com receio de que a sorprehendessem. Não havia perder tempo, si não queria perder tambem a occasião:

— Jura que ninguem saberá?...

— O que? perguntou Mario.

— Que fui eu que lhe contei.

— Juro por Deus e pela memoria do meu pai!

Nesse momento soou destinctamente o nome de Mario, á pequena distancia. D. Alina, suspensa ao ouvido do mancebo que reclinara a fronte, soltou com soffreguidão nervosa, uma torrente de palavras, que borbotava-lhe dos labios, como o esguicho de um repucho.

Uma só vez o mancebo descerrou o labio frisado pelo desprezo e foi para perguntar:

— Quem eram os primeiros credores?

— Alves Ferreira, o commendador major Mendonça, Luiz Vieira e o capitão Felix.

Eram os nomes escriptos no papel. Mario curvou de novo a cabeça e continuou a ouvir. Mas D. Alina, que fallando tinha o ouvido á escuta, fugiu de chofre, para não ser vista pelas pessoas cujas pisadas ouvira crepitar nas folhas.

Erguendo os olhos, Mario deu com o Sr. Domingos Paes acompanhado pelo Martinho. Alice appareceu tambem como quem vinha a passeio e circulou com os olhos o sitio; em seu rosto assomava uma vaga inquietação e desconfiança.

Da sala a moça descera ao jardim, talvez na esperança de encontrar Mario e ve-lo antes da con-

ferencia que ia ter com seu pai. Logo apoz chegou o Domingos Paes que procurava o moço, guiado pelo Martinho.

— Da janella da cozinha dizia o pagem, eu vi elle passar para o pomar, e por signal que sinhá D. Alina tambem foi para lá.

Essa coincidencia causou reparo a Alice. Que ia D. Alina fazer no pomar? Pretendia encontrar-se com Mario? E para que fim? Eis os motivos da inquietação da moça.

— O Sr. barão o chama: disse o Sr. Domingos Paes.

— A mim? perguntou Mario sorpreso. Para que?

— Deseja fallar-lhe.

O mancebo fitou um olhar sorpreso e interrogador em Alice, que sentiu uma nuvem de rubor offuscar-lhe a vista. Pallida e tremula, mal poude suster-se em pé, amparando-se aos ramos da jaqueira.

Instantes depois Mario entrava no gabinete onde o barão o esperava com impaciencia e ao mesmo tempo certa inquietação; si por um lado anciava fallar ao mancebo, por outro não se podia esquivar ao receio vago que lhe incutia a idéa dessa conversa.

— O Sr. barão deseja fallar-me? disse Mario.

A entrada do mancebo causara no fazendeiro uma perturbação, que elle apezar do grande esforço não pode recalcar. Sua voz ainda ressentia-se desse abalo quando respondeu depois de uma pausa:

— Sim, Mario; sente-se.

Alguns momentos decorreram em um silencio incommodo para o barão, e fatigante para Mario, que não se recobrara ainda da primeira sorpreza. Afinal o fazendeiro fallou; mas bastante commovido, e divagando a vista pelo valle para evitar o encontro do olhar do mancebo:

— Quando seu pai e eu tinhamos sua idade, Mario, faziamos nossos castellos, como todos os moços costumam. Uma vez, no meio daquelles sonhos do futuro, elle disse-me gracejando que pedia a Deus um filho para casar com a filha que eu devia ter, conforme seu desejo. « Assim, ficaremos ainda mais unidos; acrescentava elle.

O barão pronunciou estas palavras com um tymbre vendado, como se temesse que alguem o estivesse escutando. Mario em quem á sorpreza succedera um recolhimento profundo, ouvia com uma placidez fria e quasi rigida.

— Mais tarde, quando succedeu a desgraça que o privou de seu pai e a mim do unico amigo, quasi irmão; esse gracejo de nossa mocidade tornou-se um voto. Fiz á memoria de Figueira a promessa de cumprir seu desejo; e no dia em que você, Mario, salvou Alice, eu sellei aquella promessa com um juramento. Fazem agora sete annos que eu espero com anciedade o momento de realisar esse voto; tinha medo de morrer sem cumprir meu juramento. O momento chegou....

Pela primeira vez o barão poz os olhos no semblante do mancebo:

— Alice o ama; ella é sua, Mario!

Ouvindo estas palavras, que elle pressentira antes de pronunciadas, um choque rapido percutiu o mancebo. Suas palpebras cerradas occultaram por um instante o abrasado olhar; nas faces subitamente incrustadas em uma lividez marmorea ardia e se apagava uma nodoa rubida, que mostrava o impeto do fluxo e refluxo do sangue no coração.

Ninguem imaginaria a luta violenta que se travou n'alma de Mario, sob a mascara de uma phisionomia embotada.

— Si Alice me ama, Sr. barão; disse o moço em tom austero; é uma desgraça....

— Porque? atalhou o barão assustado. O senhor não retribue essa affeição?

— Eu?... Tambem a amo, senhor; porém Deus é testemunha que esse amor puro e innocente não fui eu que o inspirei á sua filha. Ao contrario, tudo fiz para evita-lo; e era minha intenção afastar-me desta casa, aonde talvez não devera ter voltado, depois que della sahi.

— Não o comprehendo. Si ambos si amam, o que se oppõe a sua felicidade quando todos a desejam?

— O céo!... murmurou Mario engolfando os olhos no ether azul.

O barão vergou a cabeça ao peito; e o moço com a face apoiada no revez da mão direita, permaneceu na mesma posição com os olhos embebidos no firmamento. Afinal comprehendeu elle o perigo da situação, e estremecido pelo desejo ardente de defender a ventura de sua filha querida, sacodiu o torpor.

O pai estremoso empregou todos os recursos para destruir no animo do mancebo os escrupu-

los da pobreza orgulhosa que suppunha ser o obstaculo serio ao projecto. Representou o casamento de Alice não como um favor ou beneficio para Mario; mas ao contrario como um sacrificio que fazia á felicidade da innocente menina, e ao socego dos pais. Invocou a amisade de José Figueira, como titulo para merecer do filho tão grande serviço, e ao mesmo tempo como testemunho da obrigação em que estava, elle barão, de confundir em uma as duas familias.

Foi eloquente e sublime; fallava pelo coração, e com o vocabulo das paixões nobres e generosas; com a abnegação, o amor paterno, a amizade; e talvez mais algum sentimento occulto, e igualmente poderoso.

Mario não o interrompera; mudo e immovel escutara.

— Sr. barão, esse casamento é impossivel.

— Porque, Mario?

— E' impossivel, Sr. barão; e eu lhe peço; não me pergunte porque.

O olhar limpido de Mario traspassou alma do barão, que afastou-se pallido. O mancebo cortejou e sahiu.

Momentos decorridos, Alice, entrando no gabinete achou o barão de bruços com a cabeça vergada sobre os braços que tinha crusados em cima da banca. Ao toque da mão da filha estremeceu. Custou a levantar a fronte e quando o fez, pareceu á Alice que tinha os olhos humidos ; mas elle se afastara ao erguer-se, de modo que não pôde a moça verificar o reparo.

— Mario é orgulhoso, minha filha, tem os prejuizos de certos moços pobres. Mostrou difficuldades ; mas havemos de vencer os seus escrupulos ; fica socegada. Até logo. Quero examinar umas contas.

Alice moveu a cabeça com ar de duvida.

— Si Mario fosse muito rico e eu muito pobre, acredito que seria elle o primeiro a pedir. Como pois recusaria aquillo que esperava de mim, e que eu não hesitaria em fazer? Não ; ha outra razão, meu pai! murmurou a menina com um accento profundo.

O barão estremeceu.

— Qual?... disse elle pallido e balbuciante.

— Ah! Si eu soubesse! exclamou ella levando a mão ao seio e erguendo ao céo os bellos olhos.

Mas Deus hade permittir qne eu penetre esse misterio !

O pai cingiu a cabeça da filha e estreitou-a ao coração. Esse movimento subtrahiu aos olhos da menina a expressão pavida do semblante do barão, que se demudara por um modo assombroso.

Quando Alice deixou-o só, o infeliz como si lhe faltasse de subito o alento vital cahiu fulminado sobre o pavimento.

XVII.

PARA SEMPRE.

O resto desse dia 14 de Jeneiro foi mais triste ainda.

Era o prefacio do anniversario da catastrophe do Boqueirão e da morte do pai de Mario.

Ao retirar-se do gabinete do barão, Alice procurou Mario,resolvida a arrancar-lhe a todo o transe o segredo fatal que os separava. O que lhe inspirava essa força e coragem, não era sómente seu amor; ella tinha a convicção que defendia, além da sua, a felicidade dos dois entes que mais a queriam neste mundo, e que uma fatalidade separava.

Mario tinha sahido; e só voltou á casa, tarde da noite, quando todos já se tinham recolhido. Alice porem ouviu seus passos, quando elle en-

trava, e a certeza de o ter sobre o mesmo tecto a consolou em sua afflicção.

Dormiu porém um somno agitado. O receio indefinivel, que durante aquella tarde a inquietava, persistiu apezar do lethargo; e a sobresaltava de momento a momento. Despertava então com a idéa fixa de que nunca mais veria Mario.

De uma vez, pareceu-lhe ouvir o rumor de portas que se abriam. O primeiro arrebol franjava as nuvens do horisonte, que ella entrevia pelos vidros da janella.

Ergueu-se tomada de um pressentimento; e occulta entre as cortinas, descobriu o vulto de Mario que sahia de casa, levando na mão uma pequena mala de viagem. A alguns passos de distancia, o mancebo parou para fitar na janella um breve, mas profnndo olhar.

Curvando a cabeça ao jugo de uma resolução inabalavel, afastou-se rapidamente na direcção da capella. Ia ver o tumulo de sua mãi, antes de separar-se talvez para sempre desses lugares.

Sabia elle onde o levaria o seu destino? Partia; a direcção pouco lhe importava; comtanto que fosse longe, bem longe, para interpor entre si e aquella

casa uma distancia immensa, um mundo si fosse possivel.

Sentado á beira do jazigo, ficou um instante absorvido nas reflexões que lhe acodiam de tropel; com a cabeça pendida ao peito e as mãos enlaçadas aos joelhos.

— Si não me tivesses deixado tão cedo, boa mãi, talvez que teu carinho me houvesse arrrancado esta horrivel suspeita. Quando menino, não sube amar-te. E' hoje que te comprehendo, e adevinho o que serias si ainda vivesses! Quem sabe se tuas lagrimas não teriam orvalhado essa avidez de minha alma! Quem sabe?

Emmudeceu um instante, como esperando a resposta do tnmulo, a quem interrogava.

— Mas não! Foste tu mesma, que me enviaste do seio da eternidade, como tua ultima lembrança, a prova do crime!...

O crepitar do folhedo sob um passo ligeiro fe-lo voltar-se. Era Alice que vinha para elle, soffregamente, com os cabellos ainda em tranças e o semblante demudado. Na mão trazia uma carta que tomara do Martinho, a quem Mario a confiara para mais tarde entregar ao barão.

— Que é isto, Mario? Você vai deixar-nos?

— Assim é preciso: respondeu o mancebo com o tom grave de uma resolução fatal.

— Mas porque, meu Deus?

— Depois do que houve, minha presença aqui seria um martirio para nós ambos; e um desgosto, senão fosse uma humilhação, para seu pai.

— Meu pai desejava esse casamento; era seu sonho. Mas desde que não lhe agrada, ninguem mais lhe fallará nisso. Não me importa ficar solteira toda minha vida!

— Que tenho eu sido no seio de sua familia e de sua existencia, Alice? Um germen de contrariedades e desgostos. Quando creança, as lagrimas que derramou fui eu que as arranquei; quando moça, foi a minha chegada que veio perturbar a alegria de sua feliz primavera. Minha alma é como um desses lagos sinistros, que envenenam com seus miasmas; desgraçado de quem os respira! Quando eu estiver longe, e me esquecerem de todo nesta casa, a calma e o socego voltarão a ella. Ha de ser feliz, Alice, e todos os seus!

— A felicidade que eu pedia a Deus, elle não me julgou digna de a possuir. Restava-me uma,

era a de viver sempre junto daquelles a quem estimo. Esta você ainda podia dar-me; porém não quer.

— Não quero?.. repetiu o moço meneando a cabeça. Não posso!

— Que segredo é esse?

— Oh! não me interrogue! En lhe peço! Nada sei; não tenho segredos! O motivo que me prende só diz respeito a mim, e a ninguem mais. E' uma fatalidade!

Um sorriso triste fugiu dos labios de Alice.

— Sei qual é!

— Sabe! exclamou Mario recuando. Não; é impossivel!

— Nada sente por mim.... nem amisade. Eis a razão.

— Creia-me. Si eu não a amasse como a amo, Alice, talvez tivesse aceitado sua mão; e quando a recusasse, não duvidaria ficar aqui.

Estas palavras foram proferidas com estranha e profunda entonação. Alice fitou no semblante do mancebo seus bellos olhos azues, para prescrutar o pensamento que não entendera.

— Não póde comprehender estas palavras, nem

procure jámais comprehende-las! Ellas matam. Bem vê que não devo ficar aqui; meus labios destillam veneno: um olhar meu póde assassina-la!

Mario affastara-se rapidamente; a alguns passos voltou-se:

— Adeus, Alice, e para sempre! Esqueça-me!...

De joelhos junto ao tumulo. a que se amparava para não cahir, a menina ergueu a custo a fronte:

— Si algum dia voltar, nos achará aqui, a ambas! murmurou ella com resignação angelica.

Mario não pôde resistir. Suspendeu-a nos braços e cingindo-lhe o talhe, estreitou-a ao seio convulso.

Assim ficaram unidos e immoveis por algum tempo:

— Alice, acredite. Si ha um meio de unir-nos algum dia,é essa ausencia. Minha vida aqui é uma vertigem, uma allucinação; cada pensamento é um desespero, sinão uma loucura; cada instante um perigo. E se fosse só para mim? Mas para aquelles a quem amo. Longe d'aqui, talvez que eu possa esquecer; talvez que a fatalidade cance... e... eu volte um dia. Sinão....

— Nunca mais nos veremos! murmurou Alice.

— Não; havemos de nos ver, Alice.

— Quando ?

— No céo !

— Sim, no céo ; mas como dois estranhos e desconhecidos ; soluçou a doce voz da menina.

Mario comprehendeu seu pensamento :

— Eu lhe juro ! Sobre esta sepultura que é para mim o altar mais sagrado, eu lhe juro. Minha alma lhe pertencerá exclusivamente,ninguem terá o direito de reclama-la.

Uma serenidade celestial diffundiu-se pelo rosto de Alice, e deu á sua tristeza o toque suave dessa maviosa melancholia que é uma especie de nostalgia d'alma pela sua mansão etherea.

Mario tomou entre as mãos a loura cabeça do anjo tranfigurada pela visão da bemaventurança ; e beijou-a santamente, murmurando a palavra— *adeus* !

Por fim arrancando-se a esse beijo onde lhe ficara a alma devulsa, partiu. Immovel, como elle a deixara, permaneceu Alice, com a fronte levemente pendida e as mãos no seio onde as cruzara o pudor. Seu talhe oscillava, como a canna que o vento parte pela raiz ; e os olhos acompanhavam a Mario que se affastava rapidamente. Parecia que

esse olhar longo, fixo e intenso, era o fio invisivel que retinha suspensa sua alma. Quando o mancebo desappareceu, ao longe, entre o arvoredo, o corpo exanime dobrou-se, primeiro os joelhos, depois a fronte, e resvallou ao chão.

Ali a veio achar pouco depois, seu pai, chamado pelos gritos das mucamas.

Foi um terrivel momento para o barão. Embora acostumado desde muito ás graves commoções, e provado pela adversidade; pouco faltou que não succumbisse a esse golpe profundo.

A carta de Mario ficara casualmente sobre a lousa negra do tumulo de D. Francisca, onde Alice a puzera em um momento de perturbação. No sobrescripto lia-se o nome do barão. Ali em face do corpo inanimado da filha e daquella carta agoureira que ia receber de um tumulo, cuidou perder a razão. No cerebro allucinado cahiam-lhe como gotas de chnmbo, idéas horriveis. Fôra Alice assassinada? Mario estaria morto tambem? E aquella carta? Era o sarcasmo de uma vingança cruel?

Afinal recobrou Alice os espiritos; e sua pupilla azul, ainda nublada pelo torpor da vertigem, per-

passou em torno um vago olhar que repouzou no semblante livido do pai. Foi uma resurreição para a mente já vacillante do barão

Entretanto Mario desviando-se do caminho, que seguira, penetrava na mata. Elle conservara de sua infancia, esse amor da floresta, que se parece com o amor do oceano. A alma do homem carece para expandir-se do elemento de que se creou: salsugem do mar; ou aroma agreste.

Sentado sobre um comoro de relva, com as costas apoiadas a um tronco de jequitibá, o mancebo reflectiu sobre sua vida.

Está morto o passado; o homem que fui, lancei-o ao nada, como um despojo inutil. Renasço agora outra vez; e como a primeira para a pobreza e para a luta; porém levo de mais a razão, e de menos o remorso. Sim o remorso; a flagellação da victima obrigada a receber o beneficio da mão assassina!

« Que nome tem isso que eu fiz? Será uma virtude, um capricho, uma loucura, ou uma imbecilidade?

« A sorte me enviou uma riqueza, que em toda minha vida não poderei adquirir, e para partilhar essa riqueza destinou-me uma esposa, como eu não

ousava sonhar, antes de a conhecer. O futuro era a estrada semeada de flôres, illuminada pelos raios da felicidade. E esse dote que o destino me offerecia, eu o arremessei no abysmo do impossivel!

« O mundo chamará a isso uma tolice, e eu mesmo as vezes duvido que tivesse direito de recusar a ventura que Deus me concedia! Mas ella trazia no seio um verme que a havia de devorar. Poderia eu jamais arrancar de meu coração esta suspeita que o contamina como uma lepra? A todo o instante, entre os enlevos do amor de Alice, no meio dos gozos da riqueza, não ouviria o riso estridente e sarcastico da consciencia, a escarnecer felicidade, que fora o salario pago pelo crime á vil impiedade do filho?...

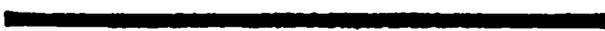
« Eu pudera esquecer, e talvez mesmo perdoar, si o perdão fosse generoso, de mim para elle; mas delle para mim, nunca! »

Por muito tempo essas idéas trabalharam o espirito do mancebo.

—Pensemos no futuro, disse por fim; aonde irei? Os felizes tem uma estrella que os guia. Os desgraçados... Esses tem a fatalidade que os impelle.

e os arroja a seu cruel destino. Pois bem ; entrego-me a ella ; sou um de seus predilectos !...

Ergueu-se e tomou atravez da floresta o caminho da cabana do pai Benedicto. Tinha um ultimo dever a cumprir naquelle sitio, antes de o deixar para sempre; ia despedir-se desse amigo de infancia.

Estava ausente o preto velho ; tinham vindo chamal-o horas antes, por mandado do barão. Mario tirou da mala um livro, e foi esperal-o á sombra do tronco do ipé.

XVIII.

O MISTERIO.

Cahira a noite.

Um luar baço, coado pelos vapores que deixara o dia mormacento, lastrava de branco as escarpas do rochedo, e ruçava a coma das arvores.

Essa lua mortiça é triste como o pallido clarão de um cirio, e reflecte n'alma a sua lividez.

Caminhando para a cabana, com o passo rapido e impaciente, Benedicto pensava naquella noite fatal de 15 de Janeiro de 1839, em que José Figueira se affogara no boqueirão ; e lembrava-se que fazia então um luar semelhante á esse que os roceiros chamam—*lua de queimadas*.

Pela manhã, chegando a *Casa grande* ahi achou a noticia da partida de Mario. Nem Alice nem o

barão haviam dito palavra a este respeito; mas o escravo tem o instincto do cão de caça para farejar o segredo do senhor e as novidades da familia. Ainda a baroneza e D. Alina ignoravam o acontecimento, que já elle era discutido na cosinha e corria a senzala.

Depois de ter fallado com o senhor no gabinete, Benedicto sahiu com uma lata a tiracollo, e pôz-se a caminho. Alcançar Mario, fallar-lhe e persuadi-lo a voltar, era seu unico pensamento. O mancebo partira á pé e na direcção da villa; não podia ir longe.

Sua deligencia porém foi inutil; e sabe-se a rasão. Emquanto elle procurava pela villa e arredores, Mario cançava de espera-lo na cabana. Desenganado de encontrar o moço na visinhança, o preto preparava-se a ir longe, até o Rio de Janeiro si preciso fosse, quando lhe acodiu uma idéa.

Talvez Mario tivesse, mudando de resolução, voltado á *Casa grande*, e talvez que sempre decidido a deixar a fazenda, se fosse despedir dos sitios tão queridos na infancia, e resar ahi por alma de seu pai, no dia anniversario de sua morte.

Foi então que o preto se dirigiu para a cabana. Ao entrar no valle, avistou elle por entre os juncos, a agua tranquilla e dormente do lago, que ao palido reflexo da lua parecia a alva candida e pura de um leito, prestes a transformar-se em sudario.

A innundação dos dias passados varrera o muro que o barão fisera construir em torno ; e do qual só restavam destroços na parte contigua ao rochedo. Ficara portanto o boqueirão inteiramente a descoberto do lado da estrada.

Vendo aquelle quadro, ao morno pallor da lua, o preto sentiu percutir-lhe o corpo um frio terror, e voltando o rosto apressou ainda mais o passo.

Na cabana havia luz. Sentada na sua tarimba com a almofada ao collo Chica tangia os birlos á luz da candeia, impaciente por acabar a tarefa. Pelo natal começara uma renda larga de dois palmos, que destinava para a anagua do casamento de sua nhanhã ; o qual não podia tardar.

Naquelle momento, a preta embora ignorasse o que tinha occorrido, scismava na tristeza de Mario e no seu afastamento da *Casa grande* para onde elle não se dispunha a voltar.

Nisso Benedicto assomou á porta e abrangendo a casa de um olhar perguntou :

— Elle está aqui ?...

— Nhonhô Mario ?... Sahiu agora mesmo ; parece que foi lá dentro.

A preta levantou-se para ir em procura do moço. Benedicto a deteve com a palavra e o gesto :

— Deixa !

Advertido por misterioso presentimento, o preto penetrou no interior, e sem hesitação desceu á *Lapa*, onde elle esperava encontrar Mario. A claridade da lua cobria de um branco lençol a superficie do lago, deixando immerso na sombra o recanto da penha coberto pela abobada do rochedo.

Apesar da obscuridade, Benedicto percebeu, debruçado sobre o respaldo da rocha, em attitude pensativa, o vulto de Mario, que voltou-se com o rumor de passos.

— Eu te esperava ; disse o mancebo pouzando-lhe a mão no hombro. Não quiz deixar estes lugares... talvez para sempre, sem dizer-te adeus, sem abraçar-te !...

Hirto e inmovel, o negro velho deixou-se abraçar por Mario, que o estreitou ao peito com effusão.

— Não ! não ! balbuciaram os labios tremulos do velho.

— Não queres que te abrace ?..

— Não quero que você va embora !

— E' preciso, Benedicto !

— E nhanhã D. Alice ?

— Não me falles della ! disse Mario recalcando o peito snblevado por um soluço.

— Mas Deus quer !

— Benedicto ! exclamou o mancebo com severidade. Tu blasphemas ! Deus amaldiçoaria semelhante união ! Podia eu nunca amar a filha do assassino de meu pai ?

— Assassino !... Quem disse ?

— Eu o sei !

— Não é verdade I

— Pertendes negar ainda ?

— Não : não é verdade ! Eu conto tudo. Vi com estes olhos ! Por alma de meu defuncto senhor, juro que não lhe engano.

— Falla : quero saber tudo ; não me occultes a menor circunstancia : dizia Mario palpitante de esperança, mas ainda traspassado de duvida.

— A ultima noite que o meu defunto senhor

moço veio ver o velho, seu amigo delle Sr. Joaquim de Freitas, que nem pensava ainda de ser barão e meu senhor, ficou esperando á elle aqui na Lapa onde nos estamos.

« Agora carece saber porque Sr. Joaquim de Freitas ficou aqui esperando ; e a historia é muito comprida porque o velho levou uma noite inteira contando ; mas a gente já não se lembra de muita cousa.

« Essa D. Alina, que sempre foi uma branca arrenegada, fez que o velho ficasse mal com o filho ; e então o velho para lhe fazer a vontade, que era não deixar nem um fiapo a meu senhor moço, começou a dever mundos e fundos á seus amigos delle...

— O commendador Alves Ferreira, o major Mendonça.:..

— Isso mesmo ! Mas era de mentira e só no papel ; para tomarem o que o velho deixasse, e depois darem as escondidas á tal mulhersinha da carepa, que tinha arranjado toda a tramoia ; mas sahiu a cousa as avessas, porque o velho arrependeu-se, fazendo as pazes com meu senhor moço, e tomou tanta birra da espivitada que até

desconfiou que o filho della, esse boneço do Lucio. não era filha delle ; e não houve quem lhe tirasse m ais isso do juiso.

« Foi então que se lembrou de passar todos aquelles papeis das dividas de mentira... E passau todos, dos outros para Sr. Joaquim de Freitas, porque como elle era muito amigo, unha com carne, de meu senhor moço, a cousa ficava segura. Mas o velho que não cochilava quiz sempre que elle escrevesse no papel, para a todo o tempo se saber.

« Tudo isto foi naquella noite, no quarto do velho, quando chegou Sr. Joaquim de Freitas que depois sahiu commigo para vir esperar aqui meu defunto senhor moço José Figueira ; e eu me lembro bem que já estava na porta, da banda de fóra, quando enxerguei o velho entregar a elle o papel e Sr. Joaquim de Freitas, que tambem enxergou.

« Já estava tarde muito; e eu que queria ver meu senhor moço quando voltasse para lhe tomar a benção, e fazer festa a elle como costumava, deitei-me ali emcima na pedra do quintal, donde se avista o caminho ; e estava assim pescando, como quaudo a gente nem accorda nem dorme e vae

cahindo no somno, mas fica que nem anzol em cima d'agua.

« Era á modo de prezepe. A gente via o boqueirão como uma pintura, e a lua assim cinzenta como está agora.

« Então enxerguei meu senhor moço, que vinha a cavallo, e o cavallo entrou n'agua, e caminhava, caminhava, e elle com a cabeça baixa, pensando, não dava fé! De repente cavallo sumiu-se; e corpo de meu senhor moço rodou no remoinho. Eu estava em pé la emcima, arrancando as pedras com as mãos, de desespero, e não podia gritar. O Sr. Joaquim de Freitas estava aqui e viu quando passava o corpo e estendeu o braço para segurar. Meu senhor então agarrou a mão delle, e babatou para alcançar esta pedra. Mas elle...

Um soluço afogara a voz tremula do negro velho.

— Que fez, Benedicto? exclamou o mancebo com angustia. Não me occultes.

— Elle arrancou a mão!

— Miseravel!...

— Aquelle dedo que elle tem quebrado...

— Comprehendo. Ficou-lhe como o estigma de seu crime,

— Então elle desappareceu para sempre lá, no fundo ; e o grito que estava preso aqui no peito sahiu.

Calou-se o preto horrisado ante aquella recordação, e espavorido pelo effeito que ella produsiria no moço.

Submergido nas profundezas de sua alma revolta, Mario repassava toda sua existencia, para deleitar-se no desprezo que tantas vezes sentira pelo barão. Parecia-lhe que só nesses momentes de odio, tinha elle vivido ; o resto de sua vida fôra um pesadello.

Emtanto o negro velho continuara :

— Tudo que o boqueirão engole vomita depois... Tem uma grota lá da outra banda... foi pai Ignacio que ensinou. Eu esperei meu senhor até que no outro dia appareceu ; ainda tinha o papel no bolso, mas todo apagado.

— Eu não me enganei ! E' elle que está enterrado no tronco do ipé ?

O velho travou as mãos supplices :

—Mas não o leve d'ahi? Meu senhor era elle... só.

Mario abraçou o negro ; e durante alguns instantes confundiram ambos suas lagrimas. Depois o mancebo arredou-se para outra vez submergir-se em seus pensamentos,

— Sr. Freitas... dizia Benedicto ; nunca elle soube que eu tinha visto, mas desconfiava, até que um dia...

« Era de tarde ; nhanhã Alice estava brincando com seu carrinho della, e veio nonhô e tomou o carrinho. Nhanhã poz-se a chorar e foi fazer queixa ao pai. Então eu disse : « E ella não tomou tudo que tinha de ser delle ? » Senhor entendeu : « O que é de um é de outro : eu prometti a Deus fazer esse casamento, Benedicto ! »

Mario interrompeu arrebatamente o preto :

— Lembra-te bem ; interroga tua memoria !... Cuidas tu que elle safou a mão, por fraquesa... só. ou pelo... dinheiro ?... Falla ! Foi uma cobardia ou um roubo ?

— Quem póde saber ? Mas parece que elle teve medo...

— Medo !... repetiu Mario com um riso estridente. Não ; elle é valente.

Ouviu-se um grito, que parecia articular o nome

de Benedicto ; mas o preto velho não o escutou ; com os cabellos irriçados, os olhos pasmos, e o corpo hirto, contemplava uma visão que o arrastava e espavoria ao mesmo tempo.

De feito a estatua elevada de um homem á cavallo assomara la da outra banda, na margem do lago. Sembreava-lhe o rosto um chapéo desabado ; e uma capa escura descia-lhe dos hombros até os joelhos.

— E' elle... elle mesmo...

Os labios tremulos do negro estertoravam de pavor.

— Elle quem ? perguntou Mario.

— Seu pai !... Fazem hoje 18 annos. Foi a essa mesma hora ! Elle vem ver o filho !...

Avançava o cavalheiro lentamente pela agua á dentro. O animal refugava ; mas ferido pelas esporas movia o passo, retrahindo o corpo, espetando as orelhas, e bufando de terror.

Tomado pelo primeiro espanto dessa apparição, Mario não tivera tempo de reflectir; quando cavallo e cavalleiro submergiram-se de repente á seus olhos.

— Foi assim !... soluçou Benedicto cahindo de joelhos.

XIX

O BALANÇO.

Depois que Alice voltara a si do desmaio, o barão tomou-a nos braços, e levou-a para a casa.

A menina estava ainda muito fraca e pallida do abalo que soffrera; mas em seu lindo semblante ressumbrava uma resignação meiga e serena, como si um reflexo do ceo já illuminasse-lhe a alma.

— Que te disse elle? perguntou o pai a filha.

Tudo que passara entre ella e Mario, poucos momentos antes, Alice referiu ao pai minuciosamente, não só pela necessidade de expansão, como pela esperança de que elle a ajudasse a penetrar o misterio.

— Está bem; não fiques triste; disse o barão com uma caricia. Elle voltará, e muito breve!

A menina abaixou a cabeça:

— Queres apostar? disse o barão gracejando.

Esse tom a sorprehendera: fitou os olhos no semblante do pai; elle não a enganava. O contentamento brilhava-lhe no semblante; si elle se alegrava, quando a via triste e abatida, é porque tinha realmente o meio de faze-la feliz.

— Então?... exclamou ella cheia de esperança.

— Hade ser teu marido!

— Mas esse misterio!...

— Idéas de moço!... Não te preccupes com isto; á esta hora já está arrependido!

Alice duvidava ainda.

— Socega; procura dormir um pouco. Quando menos esperares.... Sou eu que te heide pedir as alviçaras!

Ao despedir-se, o barão abraçou com effusão a filha, e cobriu-a de beijos; dizendo-lhe meiguices e gracejos. Quando porém transpoz o limiar da porta, a emoção, que por muito tempo recalcara, irrompeu-lhe em soluços e pranto.

Felizmente estava deserto o corredor, e elle pode ganhar seu gabinete sem que o vissem naquelle estado de perturbação.

Apenas conseguiu vencer a emoção, o primeiro cuidado do barão foi ler a carta de Mario, que ainda conservava intacta. O que ali estava escripto, elle o advinhava, ou pelo menos pressentia. Eis o theor da carta :

Illm.º Exm.º Sr. Barão da Espera.

Minha resolução não o deve sorprehender ; foi V. Ex.ª quem a dictou.

Collocando-me na posição de rejeitar seu ultimo beneficio, obrigou-me V. Ex.ª a romper o vinculo que me prendia ao bemfeitor e restituiu-me a liberdade.

Retiro-me pois de sua casa.

Não o devia fazer, sem pagar a divida de minha subsistencia e educação ; mas sabe V. Ex.ª, e ninguem melhor, qual a herança que me tocou.

De V. Ex.ª

Attento venerador e criado

MARIO FIGUEIRA.

13 *de Janeiro de* 1850.

Chegado ás ultimas palavras, o rosto já desmaiado do barão contrahiu-se. Embora já esperasse a allusão, e talvez mais ferina, essa prevenção longe de mbotar, ao contrario exacerbou-lhe a consciencia.

Quando vieram chama-lo para almoçar, já estava inteiramente calmo. Em toda sua pessoa transpirava a placidez, que incute a confiança de si mesmo.

Na meza conversou alegremente, e conseguiu distrahir Alice, que sorria sem querer, e sentia-se reanimar ao influxo daquella jovialidade expansiva. As vezes porém o pai esquecia-se dentro de si, e la ficava absorto em profunda meditação ; de seu lado a filha, desprendida da attenção que lhe prestava, recolhia-se em sua magoa, como a flôr que fecha, mal se apaga o calor do dia.

Terminado o almoço, voltou o barão ao gabinete, onde encerrou-se para trabalhar. Não passou muito tempo porém, que o não o interrompessem ; bateu á porta o Martinho com recado do commendador Mattos, que lhe queria fallar á todo o custo.

— Manda-o entrar ; disse o barão.

E continuou a trabalhar sobre os livros de sua escripturação mercantil, abertos em cima da vasta carteira de vinhatico.

— Já sei que está occupado! gritou o commendador entrando. Mas a demora é pouca.

— Estou fazendo meu balanço! respondeu o barão com um sorriso.

— Ah! Boa saffra, já se sabe?

— Soffrivel.

— Ahi uns cincoenta contos, hem?...

— Não chega á tanto.

— Pois, meu amigo, ja que tocamos no ponto, vou dizer-lhe o que me trouxe hoje aqui. O Frederico parece que está cahido pela filha do conselheiro; portanto é preciso que decida sobre a Alice. Eu ca prefiro o solido; mas isso de rapazes....

— Eu pensava que era cousa ja decidida.

— O que, homem?

— O noivo de Alice é Mario.

— Hanh!... Bem me dizia a D. Alina. Leva um bom dote o maganão; mas emfim....

— Acabe! exigiu o barão franzindo o sobrôlho.

Perturbado, o commendador buscou disfarçar a sua malicia com uma pilheria, affogada como de costume em um gargarejo de riso grosso e guttural:

— Mas emfim.... tocou-me o conselheiro, que

me hade fazer visconde na primeira fornada: e antes disso não me pilha a legitima do rapaz.

Ficando só outravez, concluiu o barão seu trabalho, acrescentando algumas parcellas a um livro menor, que fechou em uma capa de papel com enderesso a Mario. Feito o que, sentou-se á secretaria e escreveu uma carta ao moço.

Bateram de novo a porta. Era Benedicto que o barão mandara chamar.

— Ja sabes que Mario nos deixou!

O preto ficou succumbido.

— Quando?

— Esta manhã. Mas é preciso que elle volte.

— E' preciso; repetiu o preto como um echo.

— Segue-o por toda a parte; e onde o achares, entrega-lhe os papeis que vou confiar a tua fidelidade. Elle voltará e seremos todos felizes... todos.

— Deus queira!

Abriu o barão no cofre de bronze, um segredo onde havia um masso lacrado com sobrescripto a Mario, e fechando-o com a carta e o livro em uma lata de trazer á tiracollo, deu-a ao preto:

— Aqui tens. Tu lhe entregarás, quando elle estiver só. Juras?

— Por alma de meu senhor!

— Vae.

O preto hesitava:

— E si elle perguntar?

— Diz-lhe a verdade; mas pede-lhe que lembre-se de Alice!

Com o coração angustiado, Benedicto dobrou o joelho, para pedir a benção do senhor, e partiu com os olhos cheios de lagrimas.

Eram horas de jantar.

O resto da tarde, o barão consagrou-o todo a familia, porém especialmente a Alice, com quem estéve por largas horas conversando no jardim, enchendo-a de esperanças e de caricias.

Quando o sino tocou trindades elle ergueu-se:

— Não queres rezar por Mario?

— Quero! respondeu a menina agradecendo-lhe com um olhar aquella terna lembrança.

Ambos dirigiram-se a capella e fizeram uma oração.

O Martinho veiu annunciar que os animaes estavam promptos, e como a baroneza que chegava se mostrasse admirada daquelle passeio á tal hora, disse-lhe o barão:

— Quero aproveitar o luar para concluir com o Mattos um negocio que elle veiu hoje propor. Até logo!

E abraçou a mulher. Esse affago não era habitual; assim a baroneza o tomou por gracejo.

— Vou tratar de tua felicidade! murmurou o pai ao ouvido da filha, apertando-a ao coração com um affogo de ternura.

Um instante depois, no ponto ao caminho em que se perdia a vista da casa occulta pela collina, o barão voltou-se e acenou com a mão por muitas vezes, dizendo adeus á Alice que o acompanhara de longe com a vista. Nesse momento foi preciso um supremo esforço, para suffocar as ancias que lhe transbordaram d'alma; ainda assim o peito lhe estalava de dor.

— Senhor tem alguma cousa? perguntou o Martinho.

Não respondeu o barão que, fustigando o animal, tossia para suffocar a vasca do peito.

Demorou-se o barão em casa do commendador Mattos até dez horas; discutindo a proposta que lhe fizera de comprar certa porção de terras contiguas á fazenda do Boqueirão. Fora o pretexto in-

ventado para essa vizita, que entrava em seu plano occulto.

De volta para a *Casa grande*, o barão deixou ir o animal á passo, como quem não tinha pressa de chegar. Ao menor rumor do vento nas folhas, elle voltava-se agitado, pensando que alguem se approximava; e não vendo sinão o Martinho que o seguia a cochilar na sella, interrogava o relogio ao clarão do luar, para saber a hora.

Parecia esperar alguem; talvez um incidente, um obstaculo, que viesse impedir a sua resolução.

Avistando de longe a cabana de Benedicto e o lago que se alisava, como uma louza alvacenta, entre o verde escuro da folhagem, o barão estremeceu. Era chegado o momento. O relogio marcava onze horas; justamente aquella em que José Figueira fôra victima da catastrophe.

— Deus condemnou-me! murmurou o barão. Si elle me permittisse viver, Benedicto teria encontrado Mario; e o perdão do filho chegaria á tempo!... Comtanto que minha Alice não maldiga a memoria de seu pai e seja feliz!...

Esbarrando de encontro ao cavallo do barão, a mula em que vinha o Martinho o dispertou.

— Passa adiante e vae a cabana chamar Benedicto. Que me venha fallar!

O pagem obedeceu; mas apenas avistou o tronco do ipê, começou a tremer em cima da sella. Mais depressa se deixaria fazer em postas do que passar pela arvore mal assombrada. Tomou um expediente; poz-se a gritar pelo preto.

Entretanto o barão, que de proposito affastara o pagem, mal este encobriu-se, lançou o cavallo para o lago; e quando o animal espantado empinou arrojando-se fora do remoinho, elle pronunciando uma ultima vez o nome de Alice, precipitou-se.

No arremesso, o chapéo saltou-lhe da cabeça, e á claridade da lua Mario o reconhecera.

O mancebo não hesitou um momento. São assim feitas as organisações generosas; os actos de heroismo e abnegação as reclamam imperiosamente; não pensam, não reflectem. Esquecem tudo ante o perigo: não se lembram, nem indagam, por quem se esforçam. Dedicar-se é para ellas um impulso, um instincto; prodigalidade sublime!

Antes que Benedicto se recobrasse do espanto, Mario se arremessou da Lapa a tempo de agarrar o corpo do barão. Foi renhida a luta; porém o

mancebo tinha dessa vez a vantagem de um ponto de apoio, que desde principio elle conservara, travando com a mão esquerda a raiz de um arbusto encravada entre as fendas do rochedo.

Afinal, ajudado pelo preto, conseguiu tirar d'agoa o corpo do fazendeiro, e conduzi-lo a cabana, onde o deitaram no mesmo catre, que sete annos antes recebera Alice. O barão perdera os sentidos; mas os signaes da vida se manifestaram, apenas lhe foram prestados os primeiros soccorros.

Deixando á Chica velar sobre o enfermo, Benedicto chamou á parte Mario para entregar-lhe os papeis que o senhor lhe confiára, referindo o modo porque fôra incumbido dessa commissão.

— Bem meu coração estava adevinhando quando elle me entregou; disse o preto.

A carta do barão que Mario leu ao frouxo bruxulear da candeia continha estas palavras.

« Mario.

« Sou menos culpado, do que talvez me supponha.

« Meu crime foi a paixão por uma mulher que me fez cobarde e ambicioso. Por causa della tive

medo de morrer, e não me sacrifiquei por um amigo, ou antes um irmão. Para não perde-la, callei-me, conservando o que não me pertencia.

« A vergonha do crime fez o resto.

« A morte de seu pai, tenho-a expiado severamente durante estes longos annos que são passados. Sua riqueza, quando Deus me concedeu uma filha, eu jurei restituir-lh'a pela mão innocente e pura de Alice.

« Esse casamento, que foi o meu sonho de esperança e era a promessa de perdão : minha vida tornava-o impossivel.

« Destrua-se o obstaculo.

« O crime vae ser reparado e o réo punido. Envio-lhe com esta meu testamento feito ha 16 annos, e a minha escripturação particular ; com esses documentos poderá reclamar sem contestação a riqueza que lhe pertence.

« E agora não é um homem rico e poderoso quem offerece ao moço desprotegido a mão de sua filha ; é o infeliz, que do seio da eternidade, implora de seu juiz, a felicidade de uma pobre orphã desvalida. »

. . . .

Quando o moço acabou de ler, sua emoção era profunda. Prestes a succumbir, elle se lançou fora da cabana como si quizesse fugir á impressão produzida pelas ultimas palavras da carta.

— Mario! murmurou o barão erguendo-se no leito.

O moço fez um gesto de desespero; e parou indeciso. Voltando rapidamente, apanhou a carta que atirou com os outros papeis ao fogo, accendido pouco antes para aquecer o corpo e as roupas do affogado.

XX.

SANTA MENTIRA.

Poz-se a lua, deixando o ermo na densa escuridão de uma noite vaporenta.

A labareda, alimentada pelos papeis que Mario lançara no brazido, estirava-se pela porta da cabana afora, como a lingua na fauce de uma serpente de fogo, e ia lamber com o vermelho reflexo, lá embaixo. a varzea derramada ao sopé do rochedo.

De cima, ao rapido lampejo, descobria Benedicto á sombra do tronco do ipé o vulto de Mario, com os braços cruzados e a cabeça derrubada ao peito, diante da sepultura do pai. Embora não podesse comprehender com o espirito o que pensava o mancebo, o negro velho tinha uma vaga intuição.

Terrivel luta se dava então n'alma de Mario.

Justamente naquella hora da revelação; quando ouvira pela primeira vez a historia da catastrophe que lhe arrebatara seu pai; quando as suspeitas que desde a infancia haviam tortnrado seu espirito, de chofre se transformavam em certeza para sopitar os escrupulos da consciencia; quando todo seu pensamento devia concentrar-se na memoria querida; pois justamente nessa hora uma voz sollicitava seu coração para a compaixão e o esquecimento.

A supplica final da carta do barão tinha vergado a inflexivel rijeza desse caracter. Sua alma nobre que suffocara um tamanho amor para ter o direito de responder com desprezo á protecção generosa do rico bemfeitor, sentiu-se fraca ante a humildade do réo que lhe entregava as provas de seu crime, e submettia-se resignado á punição.

Elevando-se ao nivel dessa abnegação, o mancebo consumira, lançando-as ao fogo, as provas do crime. Repellia a vingança, e absolvia o crime, não só da pena corporal, como dessa outra pena mais cruel, a infamia.

Mas entre o perdão e a rehabilitação do infeliz, havia uma barreira. Abandonar ao remorso o cul-

pado; esquecer o mal que lhe fizera; não custava a um caracter magnanimo como o seu. O difficil, para não dizer impossivel, era suspender o infeliz do abysmo onde cahira, colloca-lo a seu lado, em contacto com sua alma, no seio de suas affeições.

Ante essa perspectiva, a consciencia do mancebo recuava horrorisada, como si a affrontasse a mascara cynica da corrupção. Para as susceptibilidades de seu caracter, o casamento com Alice era uma consagração da cobardia ou do crime de que fôra victima seu pai.

Cada vez pois mais perseverava em sua primeira resolução de abandonar para sempre aquelle sitio, e romper com a fatalidade que pezava sôbre sua existencia. A preoccupação da luta que ia travar com o mundo para conquistar um nome, apagaria de seu espirito a lembrança de Alice, ou pelo menos a vendaria com a suave melancolia da saudade eterna.

No meio de suas cogitações, percebeu o moço que se approximava alguem.

Era o barão. Ainda fraco e alquebrado, mas impellido por grande esforço da vontade, insistira, apezar das reclamações de Benedicto e da mulher,

em levantar-se para fallar a Mario. Vestindo as roupas mal enxutas, desceu até a rocha arrimado ao braço do preto, a quem despediu antes de ir ao encontro do mancebo.

Pressentira o negro velho que naquella entrevista solemne entre o barão e Mario ia decidir-se da sorte de ambos, e da ventura de Alice. Com o coração confrangido pela previsão de uma nova desgraça, em vez de tornar á cabana onde a Chica ficara rezando, ganhou o rochedo.

Havia alli uma gruta, que pai Ignacio, antigo dono da choupana, ensinara a Benedicto com os outros segredos de sua bruxaria. Era d'ahi que o feiticeiro fallava as almas, e mettia medo aos curiosos que se animavam a visitar a noite o tronco do ipé.

Benedicto recebera todas essas abusões, e as conservava; embora só as empregasse para o bem, pois era como dissemos um feiticeiro de bom agouro. Naquelle momento, impressionado com a scena que ia passar, tinha necessidade de « fallar á alma de seu senhor » e pedir-lhe que evitasse tantas desgraças.

Entretanto o barão, arrastando o passo, se appro-

ximara do tronco do ipê e achava-se em face de Mario. Quanto não dera este para evitar a penosa entrevista.

— Não seja inflexivel, Mario!

— E' o destino, Sr. barão; não sou eu.

— Ao contrario. O destino ordena, e a prova é estarmos ambos aqui, neste momento.

— Tem razão; já devia estar longe.

— O senhor não póde partir; disse o barão collocando-se em face do moço.

— E quem m'o veda? replicou Mario com altivez.

— Leu minha carta; nella supplicava lhe como uma graça, a felicidade de Alice. O que então implorei, o senhor deu-me agora o direito de exigil-o.

— Eu?...

— Salvando-me a vida!

— Ah! Livrar seu semelhante do perigo que o ameaça é um dever banal, Sr. barão; e para cumpri-lo basta a coragem commum, essa coragem que todos tem. Mas para vencer certos escrupulos, certas repugnancias, é preciso um heroismo de que não sou capaz, confesso.

A voz do moço se repassara de pungente ironia ao pronunciar as ultimas palavras.

— Pois bem! replicou o fazendeiro com um riso acerbo. O senhor pode se divertir em salvar os outros; mas cada um dispõe de si como lhe appraz, e não tem que dar contas sinão a Deus.

— Si eu conhecesse a sua intenção, a teria respeitado; respondeu Mario com uma frieza glacial.

— Ainda está em tempo de o fazer. Só reclamo uma cousa, que espero de sua lealdade; é o segillo sobre um segredo que não lhe pertence, o segredo de minha morte. Que Alice ignore sempre....

— Juro.

— Adeus, senhor.

Affastou-se o barão. Nesse momento. Mario revoltou-se contra a fria impassibilidade com que elle consentia naquelle suicidio de um pai, resolvido a immolar-se pela felicidade da filha.

— E' um sacrificio inutil; disse elle.

— Acredito que não. O senhor ama Alice, e não teria hesitado um instante si eu não existisse. Quando esquecer-me, e será breve, não terá mais para resistir a esse amor nobre e puro, o apoio da aversão que lhe inspiro. Mas seja embora inutil, é necessario; cumpro o meu destino; Deus se

compadecerá de mim, pois deste mundo nada mais posso esperar!

E o barão de novo arredou-se.

— Não! Não consinto! exclamou o mancebo adiantando-se.

— Só o marido de Alice tem o direito de impedir-me.

Mario curvou a cabeça, dominado pela implacavel tenacidade desse coração de pai, contra o qual se chocava a inflexibilidade de seu caracter.

— Siga o impulso de sua alma; não se condemne á desgraça pela culpa de outro, Mario, não sacrifique esterilmente seu futuro! Seu pai... si estivesse aqui neste momento, lhe ordenaria... eu acredito... que seja feliz e faça a felicidade daquella que o ama!

Não terminou o barão. Uma voz surda e cavernosa, que reboou no seio da terra, cortou-lhe a palavra, e derramou em sua alma, como na de Mario, um espanto repassado do respeito que infundem os mysterios de além tumulo.

— Perdoa!... Perdoa!... repetia o echo subterraneo.

Em principio dominado pela impressão pro-

funda, e possuido da crença do sobrenatural que tantas vezes invade até a razão mais robusta, Mario chegou um instante a acreditar que ouvira uma voz sepulcral, a voz de seu pai. Mas seu espirito, revoltou-se immediatamente contra essa fraqueza; e desabafou em um sorriso de desprezo.

— Esta comedia tem durado de mais, e indigna-me que façam representar nella a memoria veneranda de meu pai, e no lugar mesmo em que repousam suas cinzas.

— A prevenção o torna injusto, Mario. Para fazer-me tão duras exprobrações, não valia a pena de prolongar por alguns instantes uma vida condemnada.

Nesse momento subito clarão feriu as vistas dos dois; voltando-se viram á alguma distancia um grupo de gente, que se approximava allumiado por archotes. Não foi possivel logo, pela confusão dos vultos, e pelo tremulo da luz fumarenta, distinguir as pessoas; mas em pouco desenhou-se na esphera luminosa, o talhe esbelto de Alice, que vinha ligeira e precipite, com a perturbação pintada no rosto e no gesto.

Desde a partida do pai, sentiu-se a menina

inquieta, sem motivo. Muitas vezes o barão recolhia-se a noite; por aquelles sitios não havia exemplo de um assalto nos caminhos. Donde vinha pois esse vago receio, e as idéas tristes que a assaltavam ?

Ouvindo já tarde rumor de animaes e de escravos no pateo, ella foi á janella cuidando ser o pai que chegava. Era o Martinho que referia o occorrido.

Quando o cavallo do barão disparara pela varzea afóra, o pagem pensando que era o senhor, não esperou mais, e acoçado pelo medo das almas do outro mundo metteu as esporas na mula, e seguiu para a *Casa grande*. Ao chegar, os pretos da cavallarice que tinham segurado o cavallo, perguntaram-lhe pelo senhor.

Grande foi o espanto do Martinho, que pensara acompanhar o barão, e grande o alvoroço que produziu a noticia do triste acontecimento. O animal estava molhado até os arreios, pelo que a lembrança do boqueirão acudiu logo a todos.

Angustiada pelo presagio de um desastre, que seus pressentimentos lhe haviam annunciado, tirou a menina de seu desespero uma energia de que ella propria nunca se julgaria capaz. Sem hesitar

partiu acompanhada pelos pretos para certificar-se por si mesma da desgraça que a feria.

Ambos, o barão e Mario, tiveram um primeiro impulso de correr ao encontro de Alice, e comtudo ficaram immoveis; um pelo desespero de não ter morrido, o outro pelo desespero de não ter partido.

— Meu pai !... exclamou Alice precipitando-se nos braços do barão.

Na primeira effusão a menina só lembrou-se que tinha junto ao coração aquelle que julgava perdido para sempre; e abraçou-o soffregamente como receiosa de que lh'o arrebatassem.

Foi depois, que ella sentiu molhadas as roupas do barão. Então o seu olhar desconfiado interrogou a phisionomia do pai e a de Mario:

— Não foi nada; disse o barão. Tiveste um susto á toa. Vamos! Tua mãi deve estar inquieta.

Ditas estas palavras com esforço incrivel, o fazendeiro não podendo supportar o limpido olhar de Alice que prescrutava-lhe os seios d'alma, affastou-se a pretexto de fazer partir um escravo á carreira para tranquillisar a baroneza.

Aproveitando esse momento Alice approximou-se rapidamente do moço :

— Mario, porque meu pai quiz morrer?

Mario estremeceu.

— Que idéa!

— Pretendem esconder de mim!...

— Calle-se, Alice!

— Então é verdade?... Bem o coração me adevinhava.

O barão voltara.

— Eu lhe supplico! murmurou o mancebo abafando a voz.

— Ha aqui um mysterio!... exclamou Alice que não via o pai approximar-se. A fatalidade qne nos separou....

Todo o horror da situação de Alice debuchou-se na imaginação de Mario. Pelo que elle soffrera, aquilatou do supplicio atroz de uma filha suspeitando da honra do pai.

O que nesse transe solemne se passou em sua alma, o que viveu no rapido momento, só o pode avaliar quem já viu seu destino suspenso de um gesto, ou de uma palavra.

Travando as mãos de Alice com um movimento arrebatado, Mario fallou-lhe com tal vehemencia

que a voz se lhe cortava; o barão o escutava immovel de sorpreza.

— Tem razão, Alice. Ha aqui um mysterio.... um segredo cruel.... que eu lhe queria occultar... que devia morrer entre mim e seu pai... Mas já que exige... Elle lhe pertence... Soffra eu embora com esta confissão.

— O que fez o senhor, meu Deus? exclamou a menina, em cujo espirito passou uma idéa medonha.

Mario concentrou-se um instante:

— Depois que nos separamos, e que eu lhe disse um adeus eterno, foi quando comprehendi todo meu infortunio! Orgulho de pobre me fizera regeitar a felicidade, que tinha a desgraça de ser rica!... E achei-me em um deserto. A vida era para mim um destroço; o futuro um precipicio. Que me restava? Lançar-me nelle. Foi o que fiz.

— Ah!

—Passava seu pai a cavallo... Atirou-se a agua, lutou.... e salvou-me!

O barão fez um gesto de repulsa que o olhar de Mario atalhou. Não o percebera Alice porque de novo se lançara nos braços do pai, cheia da effusão

de seu reconhecimento, e fallando-lhe com uma doce exprobração que aliás se dirigia ao moço :

— Quiz morrer por mim, e não quer viver para mim !

Mario sorriu :

— Cuidado, Alice ! Este segredo eu só o confiei a minha mulher !...

A estas palavras escondeu a menina as faces inundadas de pejo no seio do barão, que apertava silenciosamente a mão de Mario com os olhos no céo.

Um mez depois casaram-se Mario e Alice na capella de Nossa Senhora do Boqueirão, e dentro em poucos dias partiram para a côrte.

Mandara o barão com antecedencia e a pedido da filha, alugar uma linda chacara para os lados do Jardim Botanico. Ali passaram os dois noivos sua primavera conjugal, que não foi sómente lua de mel, mas astro perenne de sorrisos e flôres.

Com o tacto do coração, Alice comprehendera qne Mario nunca poderia ser completamente feliz no logar, onde passara os primeiros annos. Envolvesse-o ella embora em uma athmosphera de amor, seu marido no seio mesmo da ventura, havia de sentir a repercussão das reminicencias que dormiam ali ao redor, em cada sitio, em cada objecto.

Como a lava de bronze que o estatuario vasa no molde, é nossa alma na infancia. Esculpe-se á feição da natureza que a cerca ; e quando chega a mocidade, e funde-se a estatua, não é mais possivel dar-lhe varia fórma.

Em seu disvello porém, Alice contava crear para Mario outra infancia melhor que lhe substituisse

a dos annos, uma infancia do amor, á encher-lhe a alma e tanto, que não coubesse ali mais recordação de tempos ingratos.

O barão da Espera dotou em cincoenta contos de réis a Adelia, sua afilhada, para que ella se cazasse com Lucio. Foi um pedido de Alice, a quem Mario inspirara essa idéa, como compensação da herança de que o velho commendador Figueira privara o filho de D. Alina.

Ainda existe esta senhora e ainda conserva as duas paixões de sua vida, que foram sempre, as fitas e as intrigas. Deve em todos os armarinhos; e quando não tem que fazer enreda o filho com a nora.

O nosso conselheiro provou afinal das uvas imperiaes que por muitos annos estiveram verdes. Conseguiu uma pasta, que durante dois mezes fôra engeitada por diversos, emquanto elle namorava com paixão a ingrata! O casamento da filha não podia vir mais á proposito, para dar-lhe um genro que servisse de official de gabinete em falta de um filho.

No ministerio do Lopes foi emfim demittido o subdelegado que já se tinha em conta de vitalicio.

panga de um potentado, o qual exigiu essa demissão por desabafo; e como elle fallava em nome de setenta votos, e o Lopes ainda não era senador, foi logo obedecido.

Mirando-se nesse espelho, tratou o vigario de mudar de partido. O bom do padre, que tanto ganhava em banha, como perdia na tinta do latim, tinha lá de si para si, que deve cada um adquirir experiencia das cousas; e pois já tendo e longa, a de conservador, quiz tambem a de liberal, quites de tornar atrás.

Como o barão se mudasse de vez para a côrte afim de estar junto da filha, ficou o insigne compadre, o Sr. Domingos Paes, avulso por algum tempo. Mas descobriu que ainda tinha um filho por chrismar, embora já lhe apontasse a barba; e por meio delle se uniu espiritualmente ao Mattos.

Os dois se consolavam mutuamente; o Mattos do logro que soffrera perdendo um genro conselheiro que devia fazel-o visconde; o Domingos Paes do descredito do seu honroso titulo, rebaixado de compadre de um barão á compadre de um simples commendador.

Do Frederico sabemos que veio a casar-se com

Parece que o homem se atrevera a prender o caruma prima roceira; e foi a Pariz para dispicar-se de Adelia.

Da indifferença do barão pela fazenda do Boqueirão, proveiu a sua decadencia e ruina. Benedicto e a mulher, forros desde o dia do casamento de Mario, viviam ainda na cabana, quando a Chica em um accesso de delirio, causado pela febre do rheumatismo, atirou-se no boqueirão.

Foi a ultima victima que o negro velho sepultou junto ao tronco do ipé.

ERRATAS.

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
10	7	thesoura	tesoura
12	8	aquem	a quem
13	9	mesmo	mesma
27	18	sinão é	sinão é o
30	17	bolço	bolso
57	15	calibri	colibri
63	18	dialagas	dialogos
69	21	danda	dando
70	6	obrigado	obrigada
75	21	sobrivieram	sobrevieram
77	14	nanha	nhanhan
88	13	ao	aos
90	19	sommos	somos
92	16	divertia	divirtia
97	17	como do nosso	como o do nosso
99	24	Matios	Mattos
101	18	menos	mais
103	3	pensava	passavas

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
104	13	nanhã	nhãnhã
»	19	nonhõ	nhônhô
»	21	ticção	tição
120	3	paro	para
121	6	e as pontas	as pontas
131	10	bilhar	brilhar
154	12	a Buffon	Buffon
159	2	garentia	garantia
160	5	todas pessoas	todas as pessoas
»	6	de conuersação	de conversação
161	19	com	como
164	11	Ticava	Ficara
165	21	constrigia	constringia
167	7	teme	temendo
»	23	preza	porta
168	19	si	se
175	2	cujo olhos	cujos olhos
176	16	pareciam-lhe	pareciam
»	17	suavidade	a suavidade
178	2	antigamente ;	antigamente
»	5	no ouvido	ao ouvido
»	13	no borda	na borda

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
179	5	fagueira	fragueira
181	2	indifferença;	. . . .
»	24	traria-lhe	trazia-lhe
182	6	esteou	estiou
183	11	prostracção	prostração
185	14	Vi	Vio-o
»	17	para a filha	á filha
186	18	escolhido	esbulhado
187	11	da qual	do qual
»	24	virtude	virtudes
189	18	prescruptava	perscrutar
192	4	cosinha	cosinha,
»	11	o Sr. Domingos	o Domingos
»	13	sorpreso	admirado

INDICE